Tradução de Ana Catarina Brasil

NANCY FREUND

As Cores da Verdade

As Cores da Verdade

Nancy Freund

Traduzido por Ana Catarina Brasil

Índice Analítico

“Divertido, cativante e dolorosamente verdadeiro.”

– Meg Gardiner, autora de The Shadow Tracer e vencedora do Edgar Award

“As Cores da Verdade é um romance comovente e evocativo sobre a natureza enganadora da ideia de lar e de herança, uma análise resoluta mas definitivamente otimista das ardilosas distâncias que se criam entre vizinhos, irmãs, maridos e mulheres, filhos e pais. Nancy Freund escreve com autoridade e charme.”

– Nick Dybek, autor de When Captain Flint Was Still a Good Man

“No seu romance de estreia, As Cores da Verdade, Nancy Freund explora o fenómeno da sinestesia, deliciando todos os nossos sentidos com a sua prosa vibrante. Ao tecer e destrinçar os segredos de uma família americana a viver em Inglaterra, Freund tem o cuidado de examinar as muitas formas como os pais podem não só prejudicar, mas também salvar os seus filhos. As Cores da Verdade é um romance sobre resiliência e amor, sobre as indiscrições da adolescência e o descontentamento de um casal. Com humor e reverência, as personagens de Freund esforçam-se por conciliar os seus traumas de infância com os seus anseios de adultos. Este retrato comovente de uma família em crise demonstra que Nancy Freund é uma escritora de compaixão sem limites.”

– Amber Dermont, autora de The Starboard Sea, bestseller do New York Times

“O primeiro romance de Nancy Freund, As Cores da Verdade, é uma obra resplandecente que procura responder a velhas questões: o que significa ser uma família? As circunstâncias do nosso nascimento ditam aquilo que somos? O que a autora descobre ao longo do seu exame meticuloso e, por vezes, destroçador de uma família americana a viver em Inglaterra é que a nossa verdadeira família é composta por aqueles que nos amam, independentemente dos nossos defeitos. E que, de facto, o nosso lar é onde está o nosso coração.”

– Myfanwy Collins, autora de Echolocation

“As Cores da Verdade, de Nancy Freund, é um poderoso retrato de uma família americana assolada por uma mudança – pela história, pela geografia e pela psicologia, pelos familiares, pelos países e pelas suas próprias mentes. Na sua luta para se manter fiel ao lugar de onde vem, tirando máximo partido do lugar onde está, a família Cooper é, em muitos sentidos, um reflexo de todos nós. Temos sorte por receber o seu exemplo sob a forma deste romance de estreia inteligente e mordaz.”

– Steve Himmer, autor de The Bee-Loud Glade

“As Cores da Verdade evidencia a influência dos primeiros anos de vida de um indivíduo na sua versão adulta. Nancy Freund escreve de forma clara e impecavelmente competente em termos de técnica e de lógica. A sua escrita incorpora sempre um tom irreverente ou um narrador com um brilho malicioso nos olhos. O seu trabalho ecoa o de romancistas americanos como Richard Russo e Joyce Carol Oates, bem como o da romancista inglesa

Barbara Pym, autora de obras de ficção feminina que contêm algumas das sátiras mais negras e pesadas do seu tempo."

– Michelle Bailat Jones, autora de Fog Island Mountains

Marcus de Nancy Freund vence Prémio de Ficção de Genebra 2013

“Do que mais gostei em Marcus foi o tom e a textura como que desarticulados e fragmentados daquele relato severo e vaticinante. Um jovem que procura perceber o mundo que o rodeia e a melhor forma de contar a sua história. Um jovem que faz o melhor que pode e que, mesmo assim, erra. Uma história plena, rica e surpreendente.”

– Bret Lott, autor da obra Jewel, Clube do Livro de Oprah Winfrey

As Cores da Verdade

Um romance de

Nancy Freund

Gobreau Press

Este livro é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança a eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. O editor não detém qualquer controlo sobre as páginas web, e respetivo conteúdo, do autor ou de terceiros, nem assume qualquer responsabilidade pelas mesmas.

Reservados todos os direitos. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado. Para mais informações, contactar Gobreau Press, LLC.

Freund, Nancy.

Rapeseed: a novel/by Nancy Freund.
p. cm.
Paperback ISBN 978-0-9887084-0-2
Ebook ISBN 978-0-9887084-1-9
I. Title
CIP

Gobreau Press orgulha-se de apoiar a literacia a nível mundial.

Para o John

Capítulo 1

Carolann deu um nó ao cordel e bateu levemente no comedouro dos pássaros. Seguro e protegido sob as últimas rosas avermelhadas da estação, o comedouro estava no sítio ideal. Olhou para o relógio. Teria sido a hora perfeita para acabar o trabalho e o trabalho perfeito para uma tarde livre. Se não tivesse passado a manhã no *pub*, não teria de se concentrar em tanta perfeição. Mas sabia que os *pubs* locais iriam fortificar o seu casamento. Perfeito.

O comedouro contorceu-se com a brisa. Carolann não sabia quais os pássaros nativos do Sul de Inglaterra. Aliás, no Kansas, nunca dera sequer atenção a pássaros, a menos que se tratasse do cardeal vermelho e do seu canto tão bonito. Mas não haveria cardeais em Inglaterra com certeza. Pena. Um pássaro vermelho ficaria tão bem numa casa verde cinza.

Havia mais de cem mil americanos na Grande Londres. Provavelmente, todos eles concordariam com a ideia de que Londres é verde cinza e de que àquela casa assentaria muito bem o canto áureo de um pássaro vermelho. Mas talvez nem todos concordassem com a ideia de que o canto do cardeal cheirava a alfazema. Carolann já sabia que não deveria debater esse tipo de assuntos com outras pessoas.

“Uh, uh!”, chamou, à distância, a voz de uma mulher. Uma brisa desordenou as folhas das rosas na treliça. Carolann afastou-se da sebe alta e espreitou, através de um arco, para o seu jardim da frente. Talvez a sua corpulenta vizinha estivesse a ter um caso com o carteiro. Mas não estava lá ninguém. Que sossego de país. O manto de nuvens parecia tudo emudecer.

Por pouco não viu passar o carteiro, na sua carrinha vermelha com uma coroa amarela de afiliação régia. Teria provavelmente estacionado em frente à casa da vizinha. Longe andava a carrinha dos correios americanos, o jipe branco com o seu familiar logótipo vermelho, branco e azul e a elegante águia, percorrendo o pacato bairro de Carolann no Kansas. A carrinha dos correios ingleses mais parecia um brinquedo em tamanho real ou uma atração de um parque temático.

Quase lamentava não ver a sua vizinha arrastar-se para a traseira da pequena carrinha vermelha. Carolann poderia correr para a estrada com um largo rolo de fita adesiva e um marcador para criar um autocolante: *Se a carrinha estiver a mexer, não venham cá bater*. Evidentemente, se fosse apanhada a vandalizar propriedade do Estado, seria deportada. Bateu levemente no comedouro, testando o seu peso no cordel. Perguntou-se se teria trazido consigo a fita adesiva.

"Está alguém em casa?"

Carolann ficou paralisada. Instaurou-se o silêncio.

Longe estavam os correios americanos que, dignos da sua confiança, só entregavam a correspondência uma vez ao dia. Em Inglaterra, por vezes, o correio chegava duas vezes ao dia. Era impossível fazer planos. E longe estava também a recolha de correspondência ao domicílio, a menos que, segundo lera num guia, o remetente fosse o Bispo de Canterbury ou a Rainha. E ainda diziam que a sociedade britânica já não era uma sociedade de classes.

"Uh-uh..." A sebe cambaleou para a esquerda e para a direita e a vizinha irrompeu pelo meio dela, partindo os ramos à medida que avançava.

Carolann recuou em sobressalto. "Sim?"

O colete da mulher, claramente tricotado em casa, rasgou-se num dos ramos e ela teve de arrancar à força o ombro dos arbustos. A própria mulher parecia inacabada, como se o tricoteiro tivesse ficado sem novelo azul para fazer as mangas. Aquela deselegância não seria, com certeza, o estilo pretendido.

"Ó, estas sebes arrastaram-me lá para trás", disse a mulher com uma barulhenta gargalhada, esfregando os largos braços cor de rosa. "Ou cá para a frente! Sou a Rowan."

Carolann limpou as mãos ao avental. "Posso ajudá-la?"

"É difícil apanhá-la. Já está nesta casa há quase um mês, mas, sempre que cá venho, você não está."

"Sim", Carolann olhou a mulher de cima a baixo. "Três semanas."

"Que bonito comedouro!" Rowan achatou o cabelo descolorado e crespo contra a cabeça. "Vem de onde?"

Outra vez a mesma pergunta, até a mesma formulação. Aquela pergunta perseguia Carolann desde que começara a atravessar a América em direção ao Atlântico. *Vem de onde a menina?* Mas obviamente esta senhora da vizinhança não tinha qualquer segunda intenção. “Dos Estados Unidos”, disse ela. “Kansas.”

“Americana! Ouvi o sotaque do seu filho e pensei... pode ser canadiano. Mas que maravilha! É americana.” Rowan inclinou-se para a frente, como se para abraçar Carolann, mas, em vez disso, envolveu com os braços o seu próprio torso, turquesa e fepuldo, embalando os ombros. “Vivi em Austin, Texas, durante algum tempo, por isso sou membro da Liga de Mulheres Americanas. Hei de levá-la a uma reunião.”

“Não, obrigada.” Carolann tocou com a ponta dos dedos nas asas de borracha da tesoura de podar que trazia no bolso. Se não tivesse cuidado, aquela vizinha ainda cavava o seu lugar na terra e criava raízes no quintal. “O nosso agente de imigração quer que eu me inscreva, mas não estou interessada numa liga de mulheres.”

“Olhe que não é aborrecido. Não é como o Instituto Feminino ou como é mesmo que se chama? Liga Júnior? Ann dos Rotários? Fico maravilhada com vocês americanos. Se pudesse reencarnar, queria voltar texana. Embora o meu ex-marido, o sacana, ainda viva no Texas. Talvez não então.” Fez uma careta. “Sacana filho da puta cara de cu punheteiro.”

Carolann acenou lentamente com a cabeça, as sobrancelhas levantadas.

“Se o conhecesse, ia perceber.”

“Compreendo.” Sem sequer se dar conta, Carolann esboçou um sorriso.

“Mata-me que ele tenha ficado com o Texas para si. Mas quero saber mais sobre a minha vizinha.”

Rowan agarrou os ombros de Carolann.

“Não há muito a dizer”, afastou-se Carolann. Rowan iria plantar-se ali à espera que a vida pessoal de Carolann se lhe despejasse por cima como a água de um regador. “Lamento, mas ando um bocado ocupada.”

“Mas fale-me do Kansas.” A vizinha bateu palmas com as suas mãos onduladas por covinhas. “Como a Dorothy de *O Feiticeiro de*

Oz. Diga-me lá: a vizinha e a Dorothy e todas as pessoas no Kansas gostam de uma churrascada de marisco?"

"Não", suspirou. "Somos mais conhecidos pelo trigo. Milho também e alguns produtos alternativos." Pensou na velha senhora que ainda vivia ao lado da casa dos seus pais e no laboratório que tinha na sua cave escura. "Biodiesel e óleos alimentares, acho eu."

"Pobre Kansas", amuou Rowan. "Não há marisco."

Carolann limpou o suor das mãos no interior do bolso do seu avental de jardinagem. O verniz das unhas castanho avermelhado deveria parecer preto sob o tecido escuro, laminado. Como as unhas das bruxas. Se estalasse os dedos, talvez Rowan e os seus braços nus e enodoados desaparecessem.

Mas Rowan sorriu. Uma raridade fulgurante entre pessoas chuvosas e acinzentadas.

"Nós criamos porcos e gado", disse. "No Kansas há carne excelente. E não há a doença das vacas loucas, claro. Mas também não há marisco... bom, então sábado será uma aventura para nós as duas, porque eu também nunca fui a uma festa em que fizessem um churrasco com marisco. Vamos descobrir que temos muito em comum, tenho a certeza. Está tudo planeado para vos dar as boas-vindas ao bairro. Não é neste sábado, é no seguinte. Vocês americanos dizem 'no sábado seguinte', mas pode ser já no próximo. Aprendi isso da pior forma, no Texas."

"Não gostamos de festas", disse Carolann.

"O quê?"

"Para nós, esse tipo de convívio é stressante."

"O seu filho já me disse que estão livres", rematou Rowan.

"O Lyn tende a... vimos de uma comunidade fechada. Falou com o Chip?"

Rowan continuou: "Os últimos Americanos que viveram nesta casa – grandes amigos! – eram de Long Island e adoravam uma boa churrascada de marisco. 'Lon-Gisland'". Rowan riu-se do seu sotaque. "Por isso, mergulhei uma banheira velha no jardim para fazer a churrascada; mas depois eles mudaram-se para o Brasil, já viu isto? Desde então, tenho rezado por mais americanos. A sua casa está arrendada há *qu'anos*. A família que aqui estava antes era alemã. Deutsche Bank. Esses só se dão mesmo com alemães.

Antes deles, *vikings*. Finlandeses ou dinamarqueses – não sei – mas também não eram gente de grandes mariscadas. E agora estão cá vocês – americanos!”

Carolann olhou para o relógio outra vez. Deveria ter ficado menos tempo no *pub*. Não era perfeita, afinal. Era mais fácil organizar os seus dias quando trabalhava a tempo inteiro. “*Canos*?”, perguntou.

“Anos. Há que anos. Afinal percebe tanto disto como os Krauts!”, riu-se Rowan. “Não sou xenófoba. Não me interprete mal. Adoro expatriados, exilados, imigrantes de todos os tipos. Especialmente americanos.”

“Peço desculpa, mas tenho de ir ao centro de jardinagem.”

“Que belo sítio. Adoro ajudar os estrangeiros a encontrarem o seu caminho. Hei de mostrar-lhe o Palácio de Hampton Court e o Castelo de Windsor. Podemos dar um passeio até às fábricas de porcelana em Stoke-on-Trent, se quiser. Ah, o que rezei por vizinhos americanos! Sabe que pode comprar porcelana com padrões que continuam a ser fabricados pelo preço de um prato de papel? Depois de comer, pode atirar com o prato para a lareira. Decadente, não? Não que eu alguma vez o tenha feito.”

“Que desperdício.” Para não falar dos cacos de porcelana, que são um perigo.

“Stonehenge! Vou levá-la ao Stonehenge. Acredita em Deus?”

“O Stonehenge é para culto pagão?

Rowan deu-se uma leve bofetada. “Tem de me mandar calar. Os americanos são pessoas tão abertas que eu me deixo levar.” Olhou cautelosamente para Carolann. “Talvez a leve à montanha de Glastonbury Tor.”

“Parece-me uma viagem longa.”

“Mas eu adoro conduzir”, disse Rowan. “Adoro a liberdade. E sei reparar o carro. Mudar um pneu, substituir os faróis. Escova de para-brisas. Nem todas as mulheres sabem o que é uma vela ou onde despejar o líquido de refrigeração. Glastonbury é... bem... é especial.” Respirou fundo. “Vou lá todos os anos na primavera.”

Talvez Rowan a levasse a algumas das obrigatórias lojas de antiguidades que a sua irmã gémea exigia que visitasse. Ou aos

locais protegidos pelo National Trust. Talvez Rowan a levasse ao centro de jardinagem.

Rowan expirou. “Talvez goste de Glastonbury.”

“Talvez”, disse Carolann.

“Entre as seis e meia e as sete está bem para a mariscada?”

“Não me parece. Sábado? Tenho de falar com o Lyn. O meu marido é muito reservado.”

“Podemos marcar para outro dia em que lhe dê mais jeito.” Rowan atirou as mãos para dentro do colete, extraindo do decote um enorme cartão de visita. “O meu número de telefone. Se precisar de alguma coisa, é só ligar. Qualquer coisa. Esquentador avariado. Cheiro a queimado. Ciganos com mau aspeto a tentarem vender-lhe esponjas para a cozinha. Qualquer coisa.”

Carolann sabia que o cartão cheiraria a pó de talco e que estaria quente. Não queria tocar-lhe. Hoyt, Kansas, era certamente a cidade mais antiquada do mundo e as mulheres de lá já não usavam o sutiã como carteira há décadas. Abriu a palma da mão e Rowan pousou nela o cartão, virado para cima.

“As vogais!”, Carolann olhou fixamente para o cartão, zonza. O “a” era vermelho, o que estava correto. Mas muitas das outras vogais estavam erradas. “As letras do seu cartão estão impressas a cores.”

“Paguei mais por isso.” Rowan bateu levemente na sua cabeça. “Porque é assim que eu as vejo.”

Carolann estava abismada. “E diz isso às pessoas?”

“Bem, não quero que me invejem”, disse Rowan. “É uma questão de sorte. De genética talvez. Raramente falo nisso, mas como perguntou...”

Será que Rowan nunca ficara trancada num carro enquanto a família comia num restaurante? Ou será que nunca fora espancada com um cinto por ouvir buzinas quando mais ninguém as ouvia? Será que Rowan nunca ficara fechada em casa durante uma festa na piscina por ver os números a azul? Será que Rowan via as conversas a cores? Seria Rowan uma felizarda?

“Sinestesia”, disse Carolann. Nunca proferira tal palavra a quem quer que fosse, por muitas vezes que aquelas familiares sílabas tivessem deambulado na sua mente. Aquela palavra brincava com

os seus sentidos, em todas as ocasiões, a todo o momento, mas nunca a dizia em voz alta.

“Sabe o que é?”, perguntou Rowan. “Você é..?”

Carolann acenou, automaticamente. A mais pessoal das suas características revelada.

“Letras e números? As suas cores coincidem com as minhas? Quais são as suas formas? Textura? É mais forte quando está cansada? Chega a ser perturbador? Também lhe acontece com a comida e a música e os dias da semana e...”

“Experiências”, disse Carolann. Respirou fundo. A própria admissão trazia todas aquelas sensações de volta. “Recordações.”

Rowan acenou lentamente. “A minha irmã também tinha. A minha irmã gémea.”

Carolann ficou paralisada. “Tem uma irmã gémea.”

“Tinha.” A face de Rowan ensombrou-se. “Cancro.”

Num instante, Carolann esqueceu a alegria do anonimato, a liberdade de saber-se desconhecida e longe do Kansas. “Também tenho uma irmã gémea”, disse. “A Maryann não sofre de sinestesia. Não somos gémeas idênticas. Aliás, temos pouco em comum.” Carolann engoliu em seco. Mas também tinham muito em comum.

Rapidamente, acrescentou: “Qual é a probabilidade de ambas termos irmãs gémeas e de ambas sermos sinestésicas?” A palavra saiu-lhe como se sempre se tivesse sentido confortável com ela. Talvez a tricoteira louca da casa ao lado se tornasse uma boa amiga. “Não quer entrar para tomar um chá?”

Rowan abanou rapidamente a cabeça. “Não.”

“Café?” Mas afinal não era chá que os ingleses tomavam?

“Não, não, não. Fica para outra vez.” Rowan recuou em direção à sua casa e desapareceu.

Carolann olhou fixamente para o buraco na sebe. Rowan era sinestésica e, mesmo ela, parecia reagir como todos os outros. A porta da casa ao lado bateu violentamente e o único som que agora se ouvia era o suave ranger do cordel que prendia o comedouro.

Capítulo 2

Vou-t'a dizer uma cena.

Uma cena?

Uma coisa.

Chip era um normal e saudável rapaz de catorze anos, suficientemente esperto (ou suficientemente conhecedor de si mesmo) para saber que, quando se sentia só ou como uma pessoa estranha que queria coisas que mais ninguém queria, era apenas mais um de montões de miúdos de catorze anos que pensavam da mesma forma. Em qualquer parte do mundo. No entanto, a população de Hoyt, Kansas, era de seis pessoas e nenhuma parecia pensar do mesmo modo que Chip Cooper. Mas talvez agora, em Inglaterra, ele encontrasse alguém como ele. Até os seus pais haviam feito mudanças inesperadas. As regras familiares eram as mesmas, mas ambos os seus pais pareciam mais relaxados do que nunca – especialmente a sua mãe.

Deveria ser o efeito de Inglaterra. Se Carolann Cooper conseguia relaxar, então Chip poderia fazer o que quisesse. Ser o que quisesse. Usar a linguagem que quisesse. De repente, naquele novo lugar, Chip tinha aquilo que toda a vida desejara: possibilidades.

Segurou no ar a caneta de tinta permanente, por cima do bloco de notas, e olhou fixamente para as suas palavras. Olhou ainda para o espelho, o lábio levantado, o queixo bem lançado para a frente, o olhar frio. A expressão dura e mordaz encaixava-se na perfeição, como um puzzle acabado. À superfície, Chip gostava do que via, da imagem que criara – mas também conseguia ver através dela, até à agoniante verdade.

Que palavra melhor descreveria aquilo que mais o incomodava? Fraude? Fracasso? Angústia? Por ter estudado Milan Kundera, julgava sofrer de *litost*. Uma palavra checa que traduz o tormento de aperceber-se da sua própria infelicidade. Palavra perfeita, embora evidentemente não o fizesse sentir-se melhor.

Mesmo com o cabelo molhado puxado para trás, não passava de um miúdo bem comportado do Kansas. Acabado de sair do duche.

Que diferença fazia que se lembrasse de cada uma das palavras de *A Insustentável Leveza do Ser*? Que diferença fazia que tivesse sempre a melhor nota a Literatura Inglesa e a todas as outras disciplinas? No seu espelho, não via o reflexo de um *rapper*, de um tipo duro de Nova Iorque, Los Angeles ou Detroit. No seu espelho, via um rapaz bem comportado, um rapaz por todos considerado perfeito e, sob essa imagem, num lugar aonde ninguém conseguia chegar senão ele, via sofrimento.

Mas era um bom começo. Chip gostava da tinta britânica que nascia da sua caneta. Partilhava agora a geografia com Shakespeare e Byron e Chaucer. George Bernard Shaw. The Beatles. Como se novas palavras estivessem agora disponíveis para ele, mesmo que não fossem as palavras de rua usadas pelos *rappers*. Na terra natal, a sua identidade estava bem definida. Raines Charles Lynwood Cooper, Jr., filho único de Carolann e Lyn Cooper Senior, membros ativos da Igreja de Deus Coração da América. No Kansas, bastava que Chip pensasse em usar o cabelo puxado para trás para haver burburinho.

Como é óbvio, Inglaterra não era a terra natal do *rap*, mas o *rap* também mais não era do que palavras e Inglaterra era a fonte de onde brotara a língua inglesa. Chip até já escrevia como se estivesse em contacto com os grandes poetas mortos. Andava a beber da mesma água que esses ingleses importantes haviam bebido e, se seguisse os ciclos através das nuvens e da chuva e dos rios vezes suficientes, até poderia ser que, ainda nessa manhã, tivesse bebido da mesma água que Shakespeare costumava beber.

Em Inglaterra, falava-se a mesma língua, mas tudo o resto era diferente. Desde o marco do correio vermelho ao fim da rua aos autocarros vermelhos de dois andares na cidade. Então, porque não? Aquilo que colocasse no marco do correio vermelho poderia até chegar a alguém que o apreciasse. Chip poderia até vender uma canção, fazer um amigo, arranjar uma ou duas namoradas.

Livrara-se do Kansas e todos diziam que isso *nunca* iria acontecer. As pessoas diziam que a sua mãe era impulsiva, não que Chip soubesse porquê. E era ela, aparentemente, a razão por que nunca poderiam sair de Hoyt. Porém, lá estavam eles em Inglaterra.

O pai arranjara trabalho num país estrangeiro e, ao contrário do esperado, a mãe de Chip fizera as malas.

Ao espelho, Chip fez um aceno aprovador ao seu cabelo puxado para trás. Que se foda o *litost*! Engoliu e a maçã de Adão sacudiu-se em tom de repreensão. Aquela palavra era desnecessária e pronunciá-la não fazia o género de Chip Cooper. Era capaz de escrever as suas rimas sem esse tipo de linguagem, mantendo-se fiel a si próprio. Virou costas ao espelho, o cabelo a secar, a caneta na mão.

A ferida da mãe é tão funda que um dia ela vai ficar louca.

Não sei o que fazia se ouvisse o som que sai da minha boca.

Mas tenho um ano pela frente – vou rebentar com a corrente.

Adeus à velha vida de merda. Já cumpri o meu tempo de criatura lerda.

Fartei-me dos problemas dos outros, de tentar definir o passado.

Mas afinal quem é neste mundo não vive conformado?

Capítulo 3

Carolann foi até ao Lloyd's of London, na rua principal, com o intuito de finalmente abrir uma conta corrente. Era ridículo que a nova secretária de Lyn continuasse a tratar dos pormenores da sua recente mudança. Além disso, usar o cartão de débito americano para levantar dinheiro inglês deveria estar a custar uma fortuna. Era certo que o seu pai, mesmo distante, sentia palpitações cardíacas sempre que ela usava o cartão.

Carolann não podia continuar a fingir que os Coopers estavam só de visita. Precisavam de uma conta bancária. E ela precisava de encontrar uma forma de compreender o sotaque britânico. Afinal, a língua era a mesma, por amor de Deus.

A funcionária do banco inclinou-se contra o vidro à prova de bala e disse "Lamento, mas, para abrir uma conta bancária conjunta, o seu marido tem de vir consigo."

Carolann tinha mil libras esterlinas na mala e não queria andar na rua com tanto dinheiro. Se o seu pai soubesse o que levava na mala naquela tarde, sofreria mais do que palpitações – teria um ataque cardíaco. Cyrus Field na necrologia – anúncio gratuito.

"Posso abrir uma conta no meu nome e, mais tarde, acrescentar o nome do Lyn? Alteramos o tipo de conta para conta conjunta mal ele tenha uma manhã livre e possa vir comigo ao banco."

A funcionária olhou Carolann de cima a baixo, sem responder.

Talvez não se tivesse feito ouvir através do vidro. "É assim que funciona nos EUA", acrescentou.

"Mas aqui não", disse a funcionária ao microfone. "Se for casada, é preciso que o seu marido também esteja presente."

"Então não posso sequer..."

"Lamento, mas não. Está bem assim?"

Carolann ficou perplexa com a pergunta. *Não, não está bem assim* era o que lhe apetecia responder. *Deixe-me preencher a papelada e resolver isto agora, já que pergunta. Decidi fazer isto hoje, por isso deixe-me fazê-lo, caraças.*

Carolann respirou fundo e olhou para a funcionária através do vidro à prova de bala. Viu uma névoa à volta da mulher: laranja

temperado de roxo. Normalmente, as conversas com cores misturadas apresentavam uma gradação estática, não bolhas roxas em movimento, como num candeeiro de lava. Aquela conversa, aquele esquema de cores, era algo novo.

Depois de tão destemida recusa ao educado pedido de Carolann, porque seria, naquele país, uma resposta tão perentória seguida de uma pergunta formulada em tom dócil? *Está bem assim?* O eco da pergunta da mulher tornou-se lilás. Talvez, em Inglaterra, Carolann nunca viesse a conseguir movimentar-se nas conversas. Saiu calmamente do banco, o ofensivo e inquietante dinheiro ainda na mala.

Caminhou tão depressa quanto se permitiu até ao banco mais próximo. Se fosse demasiado depressa poderia atrair as atenções ou, pior, tropeçar e cair, fazendo deslizar o dinheiro da sua mala para longe do seu alcance. Inglaterra era um país traiçoeiro.

No Kansas, onde as armas eram adoradas, era possível falar cara-a-cara com os bancários, mas naquele país, onde até a polícia andava só com cassetetes, em vez de andar com armas, os bancários escondiam-se atrás de vidros à prova de bala. Talvez fosse só no Lloyd's. Carolann dirigiu-se para o Barclays, a mala bem apertada debaixo do braço.

"Não, lamento", disse outra funcionária ao microfone. Mais uma vez, a névoa laranja, passando a lilás.

No Abby National, Carolann reconheceu os lábios cerrados antes mesmo de o funcionário pronunciar as já familiares palavras "Não, lamento."

Nos EUA, era Carolann quem tratava das finanças da família. Lyn não pagava uma conta ou descontava um cheque ou comparava os juros das suas contas-poupança desde que casara. Quando era jovem, Carolann ouvira da boca do pai muitos sermões sobre gestão financeira, o que a colocara numa boa posição para, já adulta, lidar com essas questões. Mas, em Inglaterra, parecia que o que se esperava dela era apenas a preparação do jantar, ficando de fora dos assuntos importantes. Não que a boa nutrição não fosse importante. Talvez a boa nutrição fosse o mais importante de todos os assuntos.

Quando Carolann se aproximou do mais pequeno banco da rua, o HSBC, viu a vizinha Rowan perto do supermercado com o seu carrinho de compras laranja. Carolann acenou, mas Rowan não pareceu tê-la visto. Ainda assim, talvez Rowan fosse para casa em breve e aparecesse para pôr a conversa em dia. Carolann já ligara quatro vezes para casa de Rowan. Se voltasse a ligar, deixaria uma mensagem, prometera a si própria.

Estava desejosa de perguntar a Rowan sobre a sua sinestesia. Mesmo na sua mente, a palavra era tabu. Mas Carolann queria saber que idade tinha Rowan quando percebera, pela primeira vez, que era diferente. Queria saber se a sua descoberta fora gradual e de que forma reagira a sua família. Teriam os pais de Rowan ficado receosos? Tê-la-iam levado secretamente à igreja? Haviam pedido a todas as pessoas com quem falavam para não contarem a mais ninguém? Pela primeira vez, queria mesmo falar sobre o assunto. No entanto, a sua vizinha desapareceu antes que conseguisse chegar até ela, deixando Carolann a sós com os seus pensamentos.

Uma baforada de calor perfumado irrompeu do forno da mãe das gémeas. Tinham sete anos. Escaparam para a pequena cozinha vestígios invisíveis de refeições passadas, quentes e aromáticos. Barbara Ann esfregava o forno todas as noites, mas alguns pingos deveriam ter ficado por limpar, espalhando o seu odor. A mãe das gémeas fez deslizar uma caçarola de vidro para dentro do forno e fechou-o. Mesmo assim, Carolann sentiu-lhe o cheiro. Violinos. Já nessa época sabia que ninguém a compreenderia.

Maryann apareceu na cozinha a puxar num dos seus rabos de cavalo, esticando a espiral negra e deixando-a depois pular como uma mola solta. “Porque temos de ir a casa da maluquinha?”

“Não lhe chames isso. Ela passou um mau bocado.”

“Que mau bocado?”, perguntou Maryann. “Ela é rica. Toda a gente sabe que a maluquinha é rica.”

“Aquilo que todos sabem nem sempre corresponde à verdade.” Barbara Ann observou a caçarola através da porta do forno, esfregando os polegares um no outro. Só tinha uma caçarola, apesar de já ter tido duas, uma grande e uma média. Já a mãe de

Buck tinha as três caçarolas do catálogo do Sears – grande, média e pequena. Carolann várias vezes ouvira a sua mãe falar nessas louças – quando Cyrus não estava lá para escutar a conversa. Todas as cozinhas de todas as mulheres deveriam ter as três caçarolas.

Barbara Ann só tinha uma, pois um dia colocara a sua caçarola média com demasiada força em cima da mesa e partira-a. Massa com atum e bolachas de água e sal. Barbara Ann não estava a dar atenção ao jantar de família, por isso o raio da culpa fora mesmo dela.

A Carolann não acredita em Deus, tagarelou Maryann, denunciando a sua irmã.

Eu nunca disse isso. Não foi isso que eu disse.

Disseste, sim. Foi isso que disseste.

Não, não disse. Carolann mal conseguia ver a família através do enevoado véu azul que, subitamente, envolvia o cenário. Sete anos. Foi com certeza aos sete anos que começou a perceber que era diferente. *Eu disse o que o papá disse, que os seres humanos O inventaram, porque as pessoas são más e Deus é como um grande polícia.*

O Cyrus? Barbara Ann voltava do forno com o jantar entre as suas luvas cobertas de joaninhas. Cyrus não dissera nada.

Eu não disse que O inventaram. Ele sempre existiu. O que aconteceu foi que as pessoas O compreenderam – compreenderam que Ele existia. Foi isso que eu disse. Ele já existia antes de as pessoas virem para o planeta Terra vindas do espaço ou lá de onde foi.

As joaninhas cerravam os punhos na caçarola de vidro. *O teu pai disse o quê? O Cyrus?*

A Carolann é que disse. Ela não...

Eu acredito em Deus, sim! O azul tremeluziu e Carolann tentou não chorar... e Jesus e o pecado e... eu sei que as pessoas fazem coisas más, mas Deus perdoa-as. A polícia não. Os polícias são pessoas como tu e o papá e o papá do Buck e... são só pessoas.

Maryann interrompeu a irmã. *Deus é estúpido*, disse ela.

Barbara Ann bateu com a caçarola em cima da mesa, partindo-a mesmo a meio. Ambas as crianças gritaram para logo se calarem como pequenos túmulos. Cyrus pegou na colher de servir e colocou massa nos pratos delas.

Vidro partido, sussurrou Barbara Ann. *Sistemas digestivos. Elas são crianças.* Aliás, na altura, tinham apenas cinco anos.

É um corte limpo. Vamos comer na mesma. Meu Deus, abençoa esta refeição. Cyrus obrigou-as a ficarem quietas. *Imploramos-Te que abençoes esta maldita refeição.*

Comeram até não haver mais. Ninguém teve problemas digestivos. Deus existia.

“Não vos quero ouvir chamar a Sr.ª Heaney de maluquinha. Ela teve um passado difícil”, disse Barbara Ann. “E a sensação desagradável ficou com ela. Ela já sofre muito e não quero que vocês sejam cruéis com ela.”

Então, Maryann respondeu “O Joey-Scott Landsdowne diz que a Sr.ª Heaney tem duas cabeças: uma está vazia e, todas as noites, os miolos dela passam para essa cabeça vazia, para ela pôr a secar o outro lado. Como as cascas de ovos e a gema. Ela é uma bruxa.”

A palavra “bruxa” era afiada e verde escura, embora o “b” e o “r” fossem roxos. O som “uxa” dava-lhe a parte verde. Carolann não o dizia a ninguém. Já o havia mencionado uma vez – apenas a Maryann – e aprendera a não o repetir.

“Isso é uma tolice”, disse Barbara Ann. “Ela é uma senhora muito simpática. E vocês têm de perceber que, se fizerem alguma maldade, isso vai ficar convosco para sempre, mesmo que se mudem para longe, mesmo para outro país, e mesmo que peçam desculpa.” Barbara Ann fixou o olhar nas suas filhas. “E passa-se o mesmo se vos acontecer alguma coisa má. Às vezes, fazem com que aconteçam coisas más às raparigas e até a vítima se sente culpada.”

“Mesmo que ela não seja uma bruxa, pode fazer-nos mal.” Maryann enfiou o dedo do pé no chão e Carolann sabia que ela se julgava adorável quando o fazia.

“Ela não vos vai fazer mal, nem a vocês nem a ninguém.” Barbara Ann esticou-se para pegar no batom que deixava na prateleira das especiarias, entre a pimenta preta e a mostarda em pó. A cor chamava-se *Algodão Doce*. Pintou os lábios, rosa choque, e Carolann sentiu um horrível cheiro rosa. Sabia que não era real, que mais ninguém conseguia senti-lo.

Quando se teria ela apercebido disso? Se ela não tivesse visto o batom, se tivesse fechado os olhos, não teria sentido qualquer odor. Mas, mal viu a cor, cheirou-lhe a leite queimado. A visão daquele batom, dos lábios cerrados da sua mãe, e aquele cheiro rosa acre fizeram Carolann sentir-se desesperadamente só.

Ao longo dos anos, à medida que as cores e as formas e as letras foram conquistando o seu lugar, Carolann foi aprendendo a aceitá-las e aquela sensação de desespero desapareceu. Mas a tendência oculta para a solidão não. Carolann queria saber se o mesmo se passava com Rowan. Mas Rowan já não estava na rua e não voltara a casa dos Coopers desde a sua última visita. Carolann iria ligar-lhe outra vez.

Quando chegou ao banco seguinte – o último da rua – decidiu antes entrar na porta ao lado e gastar algum dinheiro onde ele fosse bem-vindo. Aparentemente, a presença de Lyn seria obrigatória em qualquer banco e ele não ficaria incomodado se soubesse que ela havia ido ao *pub* – mesmo que ele a admoestasse à sua maneira.

Carolann sabia que seria a única mulher naquele *pub* em particular, que apenas parecia servir homens que trabalhavam na construção. Mas isso não interessava. Em Inglaterra, mesmo as pessoas com o aspeto mais rude tinham um sotaque maravilhoso e polido, além de ótimas maneiras. Não era por isso de surpreender que nunca tivesse tido qualquer problema num *pub*. E já fora a quase todos pelo menos uma vez. Era tudo o que tinha como garantido, até então. Nos *pubs*, independentemente do que as pessoas trouxessem vestido, da forma como falassem ou do que tivessem a dizer-lhe a ela ou uns aos outros, as suas cores eram exatamente as que Carolann esperava.

Capítulo 4

Chip foi o primeiro a chegar à sala onde decorreria a aula de História e, na beleza da solidão, as rimas começaram a fluir. Franziu o rosto já carrancudo, durão que era nessa sua nova *persona*, e bateu levemente com a caneta na secretária. Era difícil escrever como queria, pensar em todas as nuances e ainda fazer os devidos ajustes para que as rimas fluíssem como genuínas. Talvez por isso todos os escritores famosos fossem alcoólicos. Tinham de afogar a vigilância interna para se conseguir libertar e escrever de forma autêntica.

É aqui que acabo aonde quer que vá.
A casa, quanto mais longe, mais perto está.
Corro atrás daquilo que mais tenho desejado.
Mas e se o que mais quero é o que já me foi dado?
Tento fugir para um outro lugar, mas já não chego lá.
É aqui que acabo aonde quer que vá.

Pousou a caneta. A nova vida de Chip em Inglaterra bem podia começar com o sueco grandalhão que apanhava o mesmo autocarro. Henrik não sabia nada sobre a vida de Chip. Ninguém sabia. Ninguém sabia que ensinara catequese. Ninguém sabia dos dentes do seu avô, arruinados pelo tabaco, nem da sua pasta assustadora cheia de números. Ninguém sabia das loucas negociatas do seu Tio Buck, nem das histórias sobre os seus gloriosos jogos de futebol no secundário. Ninguém sabia da irmã gémea da sua mãe, a Tia Maryann. Ninguém sabia das idiossincrasias de Carolann Cooper.

Chip podia engatar miúdas. Uma multidão delas. Miúdas que gritassem, miúdas que desmaiassem, miúdas que vestissem tops. Primeiro passo: estabelecer objetivos, como o seu pai ensinava às suas equipas de vendas. Visualização criativa. Chip sabia tudo sobre diálogo interno. Pegou novamente na caneta.

Tenho doze meses e todos os dias são a doer
Não há passado, não há problemas, não há rumores a vencer.
Bora lá conhecer quem não saiba népia sobre mim
Nem a cor do cabelo, nem o tamanho dos sapatos,
Nem cada passo que dou, nem nenhum dos meus atos.
Eu sei que já cresci, mas agora é até ao fim.

A porta da sala de aula abriu-se e entraram alguns alunos. Chip virou o bloco de notas, fechando-o. Aquele bloco de notas continha obscenidades. *Caraças*. Chip tinha de se certificar de que ninguém as veria.

Os alunos sentaram-se, desinteressados de Chip e da sua escrita. Uma rapariga asiática alta, envergando um equipamento branco de ténis, e dois rapazes. O Sr. Neame, o professor de História, entrou logo a seguir. Trazia o cabelo castanho encaracolado preso num rabo de cavalo desleixado. Um maço de papéis e blocos de notas balançavam nos seus braços. Acenou a Chip e aos outros. "Boas."

Chip balbuciou um "olá" e fez deslizar o bloco de notas para dentro da mochila. Felizmente, Carolann Cooper respeitava a sua privacidade. Chip não queria conter-se na sua escrita. Às vezes, a tal letra "F" era necessária. Na sua terra natal, todos diziam f-isto e f-aquilo. Mesmo os miúdos inteligentes. Provavelmente até o faziam. Fornicar. A miúda do ténis ajustou as cortinas para afastar a luz ofuscante da sua secretária. Eram magras as suas pernas morenas. Provavelmente até ela o fazia. Seria possível, perguntou-se Chip, que quem o fizesse passasse a pertencer a uma espécie de clube, em que toda a gente sabia?

Entraram outras duas raparigas, que deslizaram para as suas cadeiras, ignorando Chip. Calças de ganga e cabelo comprido. As miúdas do centro comercial faziam compras e bebiam café gelado com açúcar e sabiam que toda a gente no mundo as considerava bonitas. As suas tangas trepavam pelas calças acima, bem visíveis, o que significava que o faziam. Ou que faziam tudo menos isso. Chip suspirou.

Tirou novamente o bloco de notas e reclinou-se na cadeira. Atirou os seus volumosos pés de basquetebol para além da secretária... enfiou-os no corredor central da sala de aula, tal qual fizera Henrik todos os dias da primeira semana, todo grandalhão e sueco com as suas t-shirts de *skater*, o seu cabelo louro cortado à navalha e as suas maçãs do rosto. Chip ficou a pensar se Henrik iria ou não à aula.

Vou rebentar com a corrente desta vida que por aí vou arrastando

Doze meses para assentar os pés na terra e parar de ir parando.

A campainha tocou e o Sr. Neame sentou-se na borda da sua secretária para fazer a chamada. O nome de Henrik vinha cinco nomes depois do de Chip. Era melhor que se apressasse.

"Cooper." Presente.

"D'Onghia." Presente.

O pai de Chip prometera-lhe uma ida de carro até Liverpool, para uma visita à terra natal dos The Beatles. Chip sabia que o *rock and roll* nascera na América negra de Big Mama Thornton e que, mais tarde, Elvis o moldara. Mas, segundo o seu pai, foram os The Beatles que o definiram. O *rock and roll* começara, portanto, nos EUA e amadurecera em Inglaterra. Tal como aconteceria com Chip.

E se o pai de Chip prometia, o pai de Chip cumpria. *Caraças*, dentro de um ano, Chip seria um *rapper*.

"Kruidenier." Presente.

Com o seu sotaque estrangeiro, Chip pertencia subitamente a uma minoria. Isso não fazia dele um *rapper*, mas já era alguma coisa. O tom de pele mais escuro que Chip alguma vez vira era castanho e, na verdade, acabara de conhecer essas pessoas. Indianos, cubanos e paquistaneses.

"Olague." Presente.

"Patel." Presente.

Evidentemente, o facto de um dos seus pais ter sido acusado de um crime também não fazia de Chip um mafioso. Os filhos punem-se a si mesmos pelos crimes dos seus pais, mas não era a mesma coisa. Ainda assim, tinha todo o direito de escrever *caraças* no seu bloco de notas. Escreveu-o de novo, em letras bem espessas e bem pressionadas, para que a impressão incolor pudesse ser lida nas seis ou sete páginas seguintes. *Caraças*.

Ela diz que só quer o melhor para mim.

Deixa-me estar, Mãezinha, deixa-me estar assim.

Como posso ser mais claro? Liberta-me por fim.

Neame chamou pelo nome de Henrik e, nem de propósito, lá se passeou ele sala dentro. Havia um cheiro acre e penetrante, a marcadores coloridos, bebidas energéticas e água de colónia, o qual Henrik atravessou calmamente, como que separando as águas, com

o seu passo lento e os seus ombros largos. Todos deram pela presença dele.

Henrik olhou para Chip e acenou.

Chip puxou os seus grandes pés ansiosos para debaixo da secretária. O diálogo que discorria na sua cabeça ameaçava rolar descontroladamente para o exterior, como a fétida aragem química que exalavam as bebidas energéticas. *Olá, Henrik, tudo fixe, coisa e tal*, *como correu o râguebi*? *Joga-se râguebi na Suécia?* Chip mal levantava as pálpebras.

Henrik deixou cair a mochila no chão e deslizou para a sua cadeira.

Neame olhou fixamente para os alunos e acenou-lhes com um maço de testes. “Menina Olague, quer fazer as honras?”

Levantou-se uma rapariga de cabelo preto e top roxo. Estava cheia de tranças, das quais brotavam pequenos pedaços de cabelo que pareciam fugir. Trazia o casaco de ganga amarrado à volta da cintura. Pegou nos papéis de Neame e baralhou-os. Chip passou os dedos nas páginas do seu bloco de notas e conseguiu ler a impressão, como se fosse Braille. *Caraças*.

A escola começara na semana anterior, mas a menina Olague já parecia saber o nome de toda a gente. Chip observou-a enquanto ela entregava o teste a Henrik, atirando as tranças para cima do seu ombro nu. “Impressionante”, disse.

Henrik revirou os olhos.

Chip viu a tinta vermelha, mas não conseguiu perceber se Henrik tivera 20 ou 0. Ou seja, se a menina Olague estava a ser sarcástica, no fundo.

20 ou 0. 20 ou 0.

O sucesso, porque não o venero?

Eu tive 20, mas não o quero.

Aos 14, como me supero?

“Mano.” A menina Olague esmurrou um papel contra o peito de Chip. A nota perfeita.

Chip pegou na folha, olhando fixamente para os crachás presos no casaco de ganga da rapariga, pressionados contra a secretária dele ao nível das ancas. *Eu “coração” Macedónia*. E um mais pequeno. *Habituada a ser usada*. “É porreiro esse pin”, disse ele.

Ela olhou para a sua anca. “Dia Nacional da Macedónia. O hastear da bandeira é ao meio-dia.”

“Estava a falar do outro.”

Ela fitou-o. “É uma ironia.”

“Calculei que sim.”

“Nem todos percebem”, disse, levantando uma sobrancelha.

Chip observou-a, enquanto o silêncio implorava por mais uma inteligente resposta de três palavras. Os olhos dela eram azuis, como os de Henrik, cor da água das piscinas, mas os dela eram orlados de preto, da cor do seu cabelo. Se Chip levasse aquela miúda para casa, a sua mãe falaria sem sequer pensar e teria de entregar todos os seus trocos ao frasco das obscenidades.

Carolann não iria gostar nem um pouco da menina Olague. Ela nunca gostava de ninguém novo, rapariga ou rapaz, adulto ou criança. Colega de trabalho. Ninguém.

No Kansas, todos se conheciam e Chip apercebeu-se subitamente de que não sabia como fazer novos amigos. Já para não falar da questão da idade. Olhou fixamente para as tranças da menina Olague e ali ficou de boca aberta, como um peixe ou um autêntico pacóvio.

“Pensam que ando a publicitar-me.” Tocou levemente no pin. *Habituada a ser usada*.

“As pessoas são lerdas”, disse Chip, utilizando a explicação favorita do seu pai para o que quer que fosse.

Ela riu-se numa gargalhada cintilante, resplandecente, como um guizo. “Ficas cá quanto tempo?”, perguntou ela. “Os típicos dois a cinco?”

Chip observava-a.

“A missão. O contrato do teu pai no estrangeiro. Toca e foge? Ou é para a vida? Vocês são de cá? O contrato é a tua mãe?”

“Eu... uhm...”, gaguejou Chip.

“Não me digas que és virgem.”

Chip começou a arfar. Evidentemente, ela não queria dizer virgem-virgem, mas e se quisesse? Seria assim tão óbvio?

“Não há problema nenhum. Eu adoro virgens.” A rapariga deu um aperto de mão a Chip. “Sou a Ticia Olague”. E repetiu: “Ti-ci-a.”

Chip sentiu a mão dela. Quente e pequena e forte. O sorriso era um verdadeiro feixe de luz.

Então, Ticia, radiante, disse: “Não te preocupes, virgem. Eu vou ajudar-te.”

Capítulo 5

Carolann levou os guardanapos de Lyn e Chip para a sala de jantar. Acabara por preparar a refeição com alguma facilidade quando percebera que os ingleses chamavam “courgette” ao que ela conhecia como “zucchini” e que as beringelas eram, afinal, “aubergines”. Por mais que se tentassem distanciar de França, os ingleses não conseguiam deixar de ser um pouco afrancesados. De qualquer modo, Carolann nada tinha contra os franceses. Apesar da quantidade de manteiga que usavam nos seus cozinhados.

Lyn pegou numa grande tigela de massa. “Sinto que posso respirar neste país.”

“O comboio que vem de Surrey não é claustrofóbico?”, perguntou Carolann. “De certeza que eu não conseguia respirar.”

“Está sempre cheio. Mas eu não conheço ninguém. Aliás, ninguém nos conhece. É ótimo. Não é, Chip?”

Chip encolheu os ombros. “Não me importava de conhecer algumas pessoas.”

“Mas o congestionamento, os edifícios altos. Toda a gente aos empurrões, numa correria, cheia de pressa para ser importante.” Carolann suspirou. “Enfim, não gosto de cidades grandes.”

“Londres é uma cidade com vida”, disse Lyn. “Está sempre a fervilhar. Samuel Johnson disse: ‘Pois bem, caro Senhor, jamais encontrará, entre os intelectuais, quem queira deixar Londres.’”

Ao que Chip acrescentou: “‘Quando um homem está cansado de Londres, está cansado da vida.’ O diretor da escola começou o seu discurso de boas-vindas com essa citação.”

Lyn olhou para Chip e acenou com a cabeça. “Muito bem. E lembras-te de outras frases de Johnson?”

“A favorita do pai: ‘Ninguém pode ser grande que deixe de ser virtuoso.’”

“Essa mesmo.” Lyn sorriu.

“Bem, num ano, não tenho a certeza de me habituar a Londres antes de me cansar dela.” Carolann riu a custo.

Lyn encheu o copo de vinho da sua esposa e piscou-lhe o olho. Quase quinze anos de casamento e ele ainda lhe piscava o olho. As amigas de Carolann lá do hospital diziam que os seus maridos e namorados nunca o faziam. Alguns nem se preocupavam em fazê-lo no início da relação. Mas quem eram essas mulheres a quem chamava amigas? Os nomes delas já começavam a misturar-se, as marcas e as cores dos carros que conduziam tornavam-se vagas. Duas delas tinham maridos chamados Jim, um deles talvez tivesse um bigode e o outro talvez fosse careca. Carolann só se lembrava de que nenhum desses homens chamados Jim piscava o olho. E se, ao fim de um ano, ela já nem conseguisse reconhecer as pessoas que, um dia, conhecera? Trabalhara com essas pessoas 40 horas por semana, às vezes mais, durante anos, e não encontrava um único fio de ligação que a aproximasse delas.

“Este ano vai ser ótimo para ti”, disse Lyn. “Até podes decidir não voltar a exercer enfermagem. Aqui, podes vir a descobrir uma Carolann Cooper completamente nova, com novos interesses.”

“Espero que não estejas farto da velha Carolann”, disse bebericando o vinho. Era de uma vinha biodinâmica na Alemanha. Carolann nunca havia visto vinho biodinâmico lá em casa, embora já tivesse lido sobre agricultura biodinâmica. Mas o vinho era caro, por isso, até os seus benefícios estarem plenamente comprovados, ela não o poderia recomendar aos seus pacientes. Além disso, sabia ao vinho que se comprava em embalagens de cartão.

Lyn sorriu. “Quero com isto dizer que é agradável não ter obrigações familiares – exceto as visitas às lojas de antiguidades impostas pela tua irmã, claro.”

“Pensei que ia sentir falta da igreja”, disse Chip. “Mas não sinto. Isso é mau?”

“Concentra-te antes na escola”, disse Carolann. “Independentemente da mudança, do stress da mudança e de tudo isso, não esperamos menos do que 20 a todas as disciplinas.” Carolann olhou de soslaio para o seu copo de vinho. Estava vazio. Franziu o sobrolho. Deveria ter cuidado, talvez gostasse mesmo daquilo.

“De certeza que não queres juntar-te a uma congregação cá?” Lyn voltou a encher-lhe o copo, olhando fixamente para o rótulo. “Soube de fonte segura que a Igreja de Inglaterra é chapa cinco do Protestantismo Americano.”

“É só um ano”, interrompeu-o Carolann. “Depois voltamos à Igreja de Deus Coração da América, que é adequada para a nossa família e que serve o nosso propósito. Durante este ano, gosto de pensar que podemos falar diretamente com Deus. Senão, que tipo de Cristãos somos nós?”

“Não tens de me convencer a mim.” Lyn pôs sal na “courgette” e Carolann fez uma careta. Além dos problemas de tensão arterial e de retenção de líquidos, o sal só fazia com que as pessoas comessem demais. À americana.

“Têm a certeza de que é só um ano?”, perguntou Chip. “Parece que, na escola, já todos mudaram de planos e de país – há um miúdo que até tinha todas as suas tralhas num barco para voltar para Chicago, desde Singapura, e tiveram de enviá-las para cá. A família dele vive no estrangeiro há 13 anos.”

“Temos a certeza absoluta”, afirmou Carolann. “Vamos viver no estrangeiro por um ano. Agora, de que falamos primeiro, da escola ou do *Telegraph* de hoje?”

“Podíamos falar sobre prorrogar o contrato, se tudo correr bem”, pressionou Lyn.

Carolann cravou os olhos nele.

“Eu li o *The Mail* na biblioteca”, disse Chip.

“Por acaso, ando de olho numa vaga para Milão”, riu-se Lyn. “Consultoria em cuidados de saúde poderia vir a ser interessante. Queres que proponha uma transferência daqui para Itália?”

“Mas é que nem pensar. *The Daily Mail?*”, perguntou Carolann a Chip, abanando a cabeça.

Chip lembrou “Não somos católicos e não falamos italiano. O inglês que aqui se fala já é estrangeiro que chegue. Vamos mas é encontrar aquela jarra com o apicultor para a Tia Maryann e vamos para casa.” Olhou para a mãe.

“Há onze jornais diários nesta cidade e o rapaz encontra-me um para analfabetos. Agora precisas de fotografias a cores para

compreender uma história? Desporto? Celebridades? Senhoras nuas?”, perguntou Carolann.

“Mãe, o *The Mail* não é assim tão mau. Mas também leio o *The Times*. A mãe é que me disse para alargar os meus horizontes.”

“Certo”, assentiu Lyn. “Carolann, não temos uma congregação; exploremos, pelo menos, os jornais para descobrir o que é mais adequado à nossa família.”

Estaria ele a gozá-la? A frequência irrepreensível com que a família ia à igreja devia-se tanto à influência de Carolann, como de Lyn. Ela fitou-o. “Querem encontrar uma igreja? Ótimo, vamos encontrar uma igreja.”

Lyn riu-se. “Estás a brincar? Temos onze jornais diários para ler. Não vamos ter tempo para igrejas.”

Capítulo 6

Chip conseguia ver, ao longe, um pequeno grupo de pessoas no pátio onde estavam hasteadas as bandeiras. Ticia Olague liderava os cânticos do hino nacional do México, tão alto que Chip conseguia distinguir a voz dela entre as restantes.

Ticia era uma miúda de ascendência mexicana, filha de um professor, e parecia mesmo gostar daquela história de amar todas as nações e enriquecer pelo multiculturalismo. Chip, por outro lado, não sabia nada sobre o México e ainda estava a aprender a diferença entre multiculturalismo e diversidade. Se ele se dirigisse, no seu jeito desengonçado, até à bandeira mexicana para participar na cerimónia, iria parecer uma sanguessuga.

Sentou-se então sozinho na parede de pedra ao lado da escultura “Paz para Todos”, o bloco de notas aberto perto de si. Comeu uma sandes e ouviu música. Eminem. O rei das letras autodepreciativas, das rimas sobre vómito e medo e gaguez súbita durante os concertos. Como teria Eminem ultrapassado a idiotice que o fazia balbuciar e vomitar?

Chip julgou que Ticia o vira do outro lado do campo de râguebi e levantou o braço para lhe acenar, mas ela não acenou de volta. Virou o bloco de notas para o fechar e depois abriu-o novamente.

Ticia ligara para casa de Chip duas noites antes para saber se o colega que deveria acolhê-lo e dar-lhe as boas-vindas já telefonara, mas não. Ficaram ao telefone durante vinte minutos. Assim sendo, Chip deveria acenar-lhe caso a visse a olhar na sua direção. Tinha esperança de que ela abandonasse os cantores e viesse ter com ele. A solo.

Ticia abraçou uma amiga perto de uma bandeira hasteada e caminhou na direção de Chip. Ele pegou no seu bloco de notas, para parecer ocupado, e escreveu a única palavra que se repetia na sua cabeça enquanto ela se aproximava. Escreveu por cima do seu contorno vezes sem conta. *Sim*.

“Olá, chavalo”, disse Ticia, pontapeando-lhe a sapatilha. “Posso fazer-te uma pergunta?”

Chip tirou os auscultadores.

“Achas-me gira?”, perguntou ela.

Chip tossiu. “Essa pergunta é um bocado direta.”

“Mas achas? O meu namorado não me diz nada há quase duas semanas.”

“Andas à procura de substituto?”, perguntou Chip com um sorriso.

“Estás a oferecer-te?” Ela mexeu no cabelo. Já não tinha tranças. Agora usava o cabelo longo e encaracolado. “Não. Ele mudou-se para a Áustria, mas tínhamos feito planos, sabes. Todos os dias um email. Não tínhamos de estar em contacto todo o dia. Era um email. Não me parece que fosse pedir muito.”

“Não sei que queres que te diga.”

“A verdade. Sou suficientemente gira para estar numa relação à distância? Namorámos durante todo o 10.º ano.”

“Bem, analisa a tua própria pergunta.” Chip pigarreou. “Se ele só está interessado no teu aspeto, então não, a relação à distância está condenada. Mas provavelmente não é só nisso que ele está interessado. Talvez tenha um vírus no computador. Liga-lhe.”

“Bem pensado.”

“E, sim...” Chip engoliu. “És gira.”

Ticia sorriu e olhou Chip de cima a baixo. “E gorda?”

“Claro que não.” Chip deu uma volta à caneta por cima do bloco de notas. “O que dizia ele no último email? Parecia estranho?”

“O Andrew é estranho. É por isso que eu o amo.”

Amor. Ticia amava esse tal Andrew e Chip sentiu um aperto no coração. As imagens do manual de biologia estavam corretas. Aquela coisa era definitivamente um músculo e, de repente, o músculo cardíaco de Chip era demasiado grande para o espaço que tinha. Estava a projetar-se contra os seus pulmões, a batalhar com as suas costelas.

“Talvez ande a ter problemas com a mãe outra vez. Ela é instável.”

“Sei o que isso é”, disse Chip. Teria dito aquilo em voz alta? A palavra olhava-o fixamente. *Sim*.

“A mãe do Andrew estava em negação”, disse Ticia. “Lixaram-lhe a porra dos planos quando tiveram de mudar-se para outro país, em vez de regressarem a casa, e ela ficou meio louca.”

“O quê?”, perguntou Chip.

“Ela tinha tudo planeado. Enviar a bagagem em meados de junho e fazer um cruzeiro na Europa durante umas semanas. Depois, regressar a Nova Jérsia e reencontrar-se com as suas tralhas. Típica estratégia de retirada, sabes?”

“Mmm”, Chip acenou. “Se o envio fosse feito a partir do Kansas, demorava seis semanas a chegar cá, suponho.”

“O material que vem do Midwest é o que demora mais tempo a chegar dos EUA. Quer dizer, não contando com as ilhas. As vossas coisas passaram por camião, comboio e navio, não?”

“Penso que sim. Devem chegar dentro de uma semana, depois de passarem na alfândega.”

“*Se*, meu amigo. Nunca *depois*”, respondeu Ticia. “A mãe do Andrew queria apanhar o *Queen Elizabeth 2* para Nova Iorque. Ela não queria ir viver para a Áustria. Nem ele, claro.” Fez uma vénia. “Até pensámos que o pai dele podia continuar a viver em Londres e ir só lá trabalhar, mas as empresas nunca deixam fazer isso. A Coca-Cola. A Kraft. A Procter & Gamble. O pessoal importante dos RH vem todas as primaveras ao Dia das Profissões e todos dizem ‘Vamos manter as famílias unidas’”. Ticia bateu palmas com cada palavra. “A porra da mantra desses RH arruinou o meu futuro com o amor da minha vida.”

“Mas que idade tens? Dezassete? És um bocado jovem para estares a pensar no *futuro*.” Além disso, talvez esses tipos dos RH tivessem feito um favor a Chip.

“Obviamente, nunca estiveste apaixonado.” Ticia abanou a cabeça.

Chip voltou a colocar os auscultadores e ficou a olhar para o bloco de notas. A única palavra que escrevera parecia agora uma palavra estrangeira. *Sim, sim, sim*.

Ticia tirou-lhe os auscultadores. “Ouve, estou só... frustrada.” Encostou o pé à parede, ao lado de Chip, e esticou a perna. Calçava botas da Converse. Tinha desenhado um padrão quadriculado na biqueira branca.

“Provavelmente, as tuas coisas até vão aparecer dentro de uma semana, como dizem.”

“A minha mãe detesta o sofá alugado”, acenou Chip com a cabeça. “Por isso espero que sim.”

Ticia trocou o pé e esticou a outra perna. “Sabes, às vezes é a mãe que vai trabalhar para o estrangeiro e o pai vai atrás, como fez o meu pai antes de se tornar professor cá. São os MAUS. Maridos Arrastados por Um Salário. Hás de aprender a gíria.”

A caneta de Chip bateu-lhe levemente no joelho enquanto fitava Ticia.

“Meu, esta é a minha especialidade”, disse ela levantando a voz. “Estou condenada a esta vida, ok? É tudo o que sei. Ainda cá estamos, há 14 anos, num apartamento arrendado por uma empresa, o que deixa o meu pai maluco. Já nem podemos falar sobre regressar a casa. A minha tia é psiquiatra e é assim que ela nos define. Cientificamente. Loucos.”

Chip abriu a boca e Ticia tocou-lhe nos lábios, fechando-os. Chip sentiu uma espécie de eletricidade a percorrer-lhe a boca, uma pequena flor a desabrochar sob as impressões digitais de Ticia. Queria lamber o sítio onde ela havia tocado e ver se a carga elétrica se transferiria para a sua língua.

“Os expatriados que andam de país em país, em vez de regressarem, falam de uma casa-casa, a pátria da sua língua mãe. Eu nem isso tenho. Os meus pais falam quase sempre espanhol, como se fossem da porra do leste de L.A., e eu não os percebo. *Comprende?*”

“Compreendo.” Seria possível que, naquela escola, todas as brigas começassem numa língua estrangeira?

“Já me despedi de mais amigos do que tu mudaste de camisas. Não tenho continuidade na minha vida e tenho um namorado incomunicável. Mas tenho isto.” Abriu bem os braços. “Sou a rainha da Aldeia Global, foda-se.”

“Ok.”

“Pergunta ao Jed Foster qual é a nacionalidade dele. Ele vai responder ‘Americana. Mas nunca vivi lá.’ O mesmo com o Hansl Soderholm, que é finlandês supostamente. A embaixada tem um livro excelente sobre o regresso ao país de origem, chama-se *Segundo o meu passaporte, vou para casa*. Há outro ainda – *Filhos de uma Terceira Cultura*.”

“Talvez devesse comprar esse do regresso ao país para a minha mãe.” Chip tinha a sensação de que Ticia estava a falar francês de nível avançado, enquanto ele ainda estava no básico. Os olhos dela eram mesmo azuis.

“Não tens de comprar, cara de cu. É grátis.” Ticia sorriu. É uma edição do governo dos EUA.”

“Acho que prefiro *chavalo* a *cara de cu*... estás a ver...”, disse Chip.

Ela sentou-se e descansou as mãos sobre as pernas. Verniz preto.

Chip olhou para a coxa dela, que por pouco não tocava a dele, e o seu coração começou a bater a toda a força. Músculo. Músculo. Músculo. Queria escrever a palavra numa frase perfeita, que nunca diria. Afinal de onde vinha o seu mutismo seletivo?

“Porque não foste hastear a bandeira mexicana comigo?”

“Tenho cara de mexicano?” Chip encolheu os ombros. O problema dele não era medo de falar em público ou ansiedade em relação ao seu desempenho, porque isso só aconteceria se tivesse sido ele a escrever as palavras que iria proferir. E ele não era, por natureza, um rapaz nervoso. Os seus pais haviam feito por o garantir.

“Foda-se, mano. Todos são bem-vindos. E não falo só de ti, meu, porque és do meu país. Falo de toda a gente. Tens de te juntar ao Comité da Celebração Nacional. Ajudar a planear os eventos de verão. Dia da Bastilha.”

“Dia da Bastilha? A minha família não é grande fã de França.”

“O Dia da Suíça é em agosto. Sabes que a bandeira deles é quadrada? Neutralidade. É a única. Claro que a do Nepal também não é retangular. Mais parece que um animal a roeu. Mas é fixe na mesma.”

“Não, obrigado. Não sou gajo para comités.” A coxa de Ticia tocava agora na de Chip. As calças de ganga de ambos eram do mesmo azul. Chip gostara da sua resposta perentória. Os fracos é que vacilavam.

“Nós fizemos isso no ano passado”, disse ela ao fim de uns minutos. “Eu e o Andrew.”

Chip olhou-a fixamente.

“Isso também.” Atirou a cabeça para trás e riu-se. “Cinco vezes.” Levantou a mão e contou os dedos, começando com o polegar. “Missionário, missionário, eu em cima, canzana no carro e... página 42 do Kama Sutra.” Agarrou no dedo mindinho e sacudiu-o.

“Dispenso os pormenores”, sorriu Chip. Ou talvez, pensou ele, até agradeço os pormenores.

“Ele provavelmente nem se lembra de que hoje é a porra do dia do México”, disse Ticia.

“Talvez ele não goste que digas tantas obscenidades”, ripostou Chip.

“O Andrew?” Ticia desatou à gargalhada. “Ele é de Nova Iorque. Eu sou de L.A.”

“Então nasceste a dizer palavrões? O teu vocabulário faz parte da tua arquitetura?” Chip encolheu os ombros.

“Quem nasce na costa é diferente de quem nasce no Kansas. O problema não é a minha linguagem.”

“Expatriado, expatriado”, disse Chip subitamente, “gostei deste nosso bocado, mas vou ali ao lado.”

“Não faças isso”, disse Ticia.

“Ir ali ao lado? Sentei-me num prado a falar com um homem zangado.”

Ela levantou-se, pondo a mão na anca. “Mas que idade é que tens?”

Ele não era um *rapper*. Era um falhado. “Sou precoce”, disse ele. “E alto para a minha idade.” Ela era incrivelmente bonita à luz do sol. “Catorze”, disse ele quase num murmúrio.

“Foda-se! Jesus!” Ticia deu um passo atrás. “Um miúdo de catorze anos.”

“Não sei o que tem Ele a ver com isto”, disse Chip.

“Um conselho.” Ticia debruçou-se e olhou Chip nos olhos. “Ainda bem que és alto. Não digas às pessoas que tens catorze anos.”

A verdade acima de tudo. Chip ouvia as palavras do seu pai. *A verdade está acima de tudo*. “Mas eu tenho catorze anos”, disse ele. Sentiu-se traído por Ticia Olague e pelo seu pai também. “E tu perguntaste.”

“Estás errado, meu querido, ingénuo, rapaz.” Ela tocou-lhe na face antes de virar costas. “Estás errado. Ser excêntrico é fixe. Ser

uma porra de uma aberração não.”

Capítulo 7

Carolann examinou os rabiscos que enchiam a folha amarela à sua frente. Passara a última semana a cruzar informações na lista que a irmã lhe preparara e começava a revelar-se difícil acompanhar todas as setas e notas de rodapé. Mesmo que fosse a uma loja de antiguidades diferente todos os dias, levaria uma eternidade para ir a todas.

"Há sete lojas na zona da estação de metro de Angel. Talvez oito, ou uma dúzia, segundo a lista da Maryann. Ela julga que conseguimos facilmente encontrar a jarra num desses sítios."

"Espero que sim", disse Lyn. "Ou a coisa ainda descamba."

"Temos de a encontrar. A Maryann diz que deve haver jarras dessas um pouco por todo o lado, aqui em Inglaterra. Nos EUA é que já não fabricam. Sabes que também faziam pequenos jarros? Pareciam uma molheira e as mulheres usavam-nos como retrete. Aparentemente as saias em arco eram bastante práticas."

"E a Maryann sabe para que serviam? Se encontrarmos um, faço questão de lho comprar para pôr na mesa", disse Lyn sorrindo.

"Deve saber. Li isso no livro sobre porcelana inglesa que ela me ofereceu." Carolann deu uma palmadinha no mapa de Londres A-Z. "Um livro que, espero, já esteja a caminho, juntamente com tudo o resto. O tempo está a mudar e precisamos da nossa roupa de inverno. E não gosto desta mobília alugada. Não gosto de cozinhar nos tachos dos outros. E os lençóis..."

"As nossas coisas já estão cá. Devem estar quase a sair da alfândega. Uma coisa de cada vez."

Carolann suspirou. "Só quero pôr fim a esta dívida. Encontrar a jarra e voltar a casa como uma heroína."

Lyn respondeu: "Quando voltarmos, já a tua irmã terá arranjado outra coisa qualquer para te atormentar, mesmo que tenhas a sorte de encontrar a jarra."

Carolann olhou cautelosamente para o seu marido. O que estaria ele a insinuar? O outro assunto com que a irmã a poderia atormentar nunca fora um verdadeiro tema de conversa. Mas, a quilómetros de distância, talvez as regras fossem outras. Carolann

estava tão ansiosa por ver novamente a sua esquiva vizinha Rowan que teria de admitir para si mesma que algo estava, de facto, a mudar.

“Carolann, eu quero muito ajudar a tua família, mas e se não conseguirmos encontrar essa coisa?”

“Vamos encontrar. Talvez no próximo sítio aonde formos.”

“Claro que podíamos escolher nem voltar para os EUA.” Lyn olhou para Carolann. “Quero dizer, hoje é a jarra que vocês partiram, amanhã é – sei lá – um monte de mesas Pembroke ou alguma coisa para a loja dela. Ela vai levar-te à exaustão, se tu o permitires.” Tirou gentilmente o mapa da mão da sua mulher e fechou-o. Empurrou para o lado a correspondência que estava na mesa da entrada e pousou o livro. “Já para não falar do facto de que talvez nunca consigas pagar a tua parte.”

Carolann olhou para o livro. “Não tenho escolha.” A carpete bege por baixo dos seus pés parecia subitamente gasta e fragmentada. Pisada por milhões de expatriados antes dela, tinham-na desgastado de forma desigual, com as suas confiantes idas e vindas. Pensou que iria perder o equilíbrio. Respirou fundo.

“Estás bem?”, perguntou Lyn.

“Até arranjar amigas que queiram explorar as lojas de antiguidades comigo, preciso que tu o faças.” Carolann nunca tivera amigas próximas por sua própria iniciativa, então porque sentiria agora necessidade de culpar o marido pelo seu défice social?

“Pensei que fosses muito amiga da nossa vizinha...” O tom de Lyn era de sarcasmo. “Não vamos a uma festa em casa dela?”

“Devia ter sido sábado passado, agora diz que é no próximo. Ela veio cá duas vezes para marcar outra data, mas, fora isso, raramente a vejo. Portanto, não, não diria que somos grandes amigas.” Carolann sentiu-se como uma criança, desesperada pela atenção de uma “miúda popular”. Só que, naquele momento, a miúda popular era uma inglesa de meia-idade, mal vestida, que desaparecera por completo, em vez de simplesmente ter virado as costas a Carolann para se tornar amiga de Maryann. “Mas a questão não é essa, Lyn. Não vou apanhar o comboio para Londres sem ti. Não sei como interpretar os horários dos comboios. Se for sozinha, vou acabar num... nem sei onde. Se eu realmente

encontrar a peça daquele impagável apicultor, vou levar com um taco na cabeça ou vou ser raptada e tu nunca mais me vês." Carolann ouviu a sua voz esganiçada.

"Não me interpretes mal. É ótimo levar a família à cidade. Mas gostava que, por uma vez, não fosse a tua irmã a comandar." Lyn pegou na mão de Carolann.

O coração dela bombeou, não sangue, mas veneno e angústia. Seria um ataque de pânico? Carolann realmente não gostava de álcool, mas, teria de admitir, uma bebida iria acalmá-la. Bebê-la-ia depressa. E, daquela vez, não seria por influência do seu marido.

"Lyn", disse ela, "pensei que tu, mais do que todas as outras pessoas, compreendesses esta história com a minha irmã."

"Não." Lyn bateu com a mão no mapa A-Z. "Eu disse que te levava e, por isso, até encontrarmos essa maldita jarra azul e branca, vou contigo aonde quiseres."

A fenda que a sua mão abriu no mapa ecoou. Carolann anuiu.

"Chip!", gritou Lyn escadas acima. "Anda aqui já. Vamos comprar antiguidades. A tua mãe está pronta."

Capítulo 8

Do mesmo modo que originara o problema quando as gémeas tinham sete anos, a jarra azul e branca transtornava a vida de Carolann em Inglaterra. Evidentemente, se a jarra azul e branca não existisse, nunca teria havido tamanho desentendimento entre a família das raparigas e a sua vizinha, Edith Heaney. E hoje as dificuldades seriam menores. Carolann não tinha dúvidas quanto à relação causa/efeito.

A Sr.ª Heaney adorava a sua porcelana inglesa. Tinha todos os padrões: flores e pássaros e chineses a atravessarem pequenas pontes azuis. Mas a peça que mais estimava era aquela jarra, no padrão mais raro que havia em sua casa, uma oferta especial da sua mãe. Exibia um adorável e pequeno apicultor azul e branco a recolher mel, um sujeito inglês, em vez de um casal francês de namorados ou dos comuns chineses. A jarra estava imaculada, o que Carolann e Maryann entenderam como “em perfeitas condições”. Tão perfeitas que não esperavam que alguém utilizasse a jarra para pôr flores.

A primeira vez que as gémeas deram narcisos a Edith Heaney, ela colocou-os na jarra azul e branca, mas começou imediatamente a chorar. Esfregando os olhos com as suas mãos repletas de veias salientes, tentou explicar-se. Qualquer coisa sobre Inglaterra e a sua infância, a sua mãe, flores amarelas, campos de flores amarelas e o seu pai. Era difícil percebê-la entre as fungadas e os soluços. Além disso, as raparigas estavam mais intrigadas com o facto de verem uma mulher adulta a chorar do que com a explicação. Edith Heaney falou ainda em soldados americanos em Devon. Sedgewick Heaney trabalhava na quinta do pai dela. Fazia chá a Sedgewick Heaney. O Sr. Heaney estava morto e Carolann presumiu que a Sr.ª Heaney chorasse porque ele estava morto. E, se o pai dela estava morto, Carolann presumiu que a mãe dela também chorasse muito. As gémeas nunca haviam visto um adulto a chorar e Carolann estremeceu, em parte com medo, em parte com uma gargalhada silenciada.

A Sr.ª Heaney observou os narcisos amarelos como que num desafio a si própria, como se gostasse da dor que lhe traziam as suas memórias. Limpou as lágrimas com um lenço ensopado, em vez de usar lenços de papel. As gémeas observaram cuidadosamente o lenço, enquanto a velhota o enrolava na sua mão e, aos poucos, parava de fungar.

A mulher falou em derivados de plantas em Inglaterra, na Europa e nos EUA. Um futuro repleto de possibilidades. De tudo o que deixara para trás por causa do homem com quem casara. As gémeas não perceberam quase nada. Carolann percebeu um pouco mais quando, posteriormente, lhe foi explicada a situação, mas, naquele momento, as gémeas só percebiam as lágrimas. Haviam-nas causado e Maryann queria mais. Porém, quando lá voltaram, as flores já não puseram a Sr.ª Heaney a chorar.

Como todos os momentos emocionantes, a própria experiência e a sua manifestação podem ser desencadeadas por um aspeto em particular, mas suavizadas (ou mesmo aguçadas) por inúmeras outras influências. Maryann teria de subir a parada no que tocava a flores.

Da vez seguinte que levaram flores a Edith Heaney, Maryann inclinou a cabeça para a jarra azul e branca e Carolann soube logo o que ela queria dizer. Deu um pequeno empurrão à jarra na direção da sua irmã e, num instante, Maryann pôs-se de pé, com um grande sorriso na cara, o seu *sorriso de menina bonita*. Então, agarrou na jarra e deixou-a cair no chão duro, onde se despedaçou.

Edith não chorou – gritou. O seu rosto cobriu-se de vermelho e nele se formaram grandes linhas salientes que iam da testa ao pescoço, como se a mulher fosse feita de borracha roxa e cinza e rosa e não fosse sequer um ser humano. Maryann teve um acesso de risinhos amedrontados, enquanto Carolann sentiu, nos gritos, um cheiro a metal e a óleo de motor. Era tão forte o cheiro que Carolann julgou impossível a sua irmã não o ter sentido também, mas Maryann ali ficou, a rir.

Carolann atirou-se ao chão para juntar as flores e os pedaços da jarra. Estendeu um guardanapo de papel na água derramada, esticando as suas rugas no líquido que lá ia absorvendo. Mas Edith continuava a gritar. De seguida, puxou Carolann de debaixo da

mesa e pegou nas gémeas, uma em cada braço, como pesadas bonecas de trapos, e levou-as escadas abaixo para a cave. A sua voz era áspera. Carolann jamais esqueceria aquela voz, ou o eco do odor a óleo, e o momento em que a Sr.ª Heaney levou as gémeas para o laboratório escuro. “Fiquem aí.”

A Sr.ª Heaney voltou a subir as escadas, entre soluços e arquejos, e bateu com a porta. As raparigas ouviram-na trancar a porta da cave e, depois, silêncio. Ouviram o ranger da porta de entrada, que se fechou bruscamente. Carolann fizera chichi nas cuecas. Perguntava-se se Maryann também. Na verdade, todo o seu vestido estava encharcado, da água e das flores. As gémeas não se mexeram.

Uma luz sombria atravessou a escuridão e os olhos das raparigas ajustaram-se de modo a assimilar o que se encontrava à sua frente: material de laboratório. Quadros e fios e tubos de ensaio e placas de Petri e pinças de metal com grandes cabos. Carolann vira, na escola, um livro sobre Frankenstein e, sem mexer outro músculo que não as pálpebras, semicerrou os olhos na luz suave à procura de uma prancha e de um monstro com uma bandolete de parafusos no pescoço.

“Ela não é uma bruxa”, disse Maryann numa lamúria. “É uma cientista louca.”

“Será que ela volta?”, perguntou Carolann em voz baixa. “Ela vai matar-nos.”

“A mamã é que nos vai matar”, respondeu Maryann. “Ela vai matar-te. A ti.”

“A mim?”, Carolann engoliu em seco. “Fomos nós que partimos a jarra.” A Sr.ª Heaney iria alimentá-las à força, como Hansel e Gretel, para depois as devorar. Talvez fosse melhor do morrerem às mãos da mãe. Ou do pai. Ele matá-las-ia de modo doloroso. Aquela jarra era muito valiosa.

“Tu é que a agarraste. Enviaste-a para o outro lado da mesa”, insistiu Maryann. “E depois a maluquinha tentou matar-te. Eu salvei-te.”

“Não enviei nada.”

“Assim, todos vão detestar a maluquinha em vez de nos detestarem a nós”, disse Maryann. “Somos só crianças. E tu atiraste

a jarra ao chão.”

“Não foi isso que aconteceu. A mamã vai acreditar em ti?”

“A mamã acredita em tudo o que eu lhe digo.” O tom de Maryann era firme.

“Foi um acidente”, disse Carolann. “Diz-lhe isso. Diz-lhe que deixaste cair a jarra sem querer.”

“Não, tu é que deixaste”, disse Maryann. “És desastrada. Deixas cair coisas e vês coisas e cheiras coisas. Foste tu.”

Carolann olhou para a luz vaga e azul. A janela junto ao teto fora reforçada com malha de arame. “Mas não fui eu”, disse ela.

“Estamos juntas nisto”, disse Maryann. “É assim que nos safamos.”

Carolann acenou. A sua irmã gémea nascera primeiro, por isso era mais velha e mais esperta. Maryann sabia tudo.

Só não sabia que as chamadas telefónicas e as acusações de Barbara Ann levariam a que a casa de Edith Heaney fosse revistada e profanada, a que a sua privacidade fosse violada e a que o seu laboratório fosse alvo de tudo menos de destruição. As suas revistas científicas confiscadas e o seu discernimento questionado. Maryann não o saberia durante meses, mesmo que na igreja se murmurasse sobre os motivos que haviam levado Edith Heaney a fugir com um soldado americano, em vez de se casar com um dos seus. De que estaria ela a fugir? O que teria acontecido em Inglaterra? O que teria acontecido nos campos por trás da quinta do seu pai? Porque não casara ela com um homem da sua terra? Porque não tivera filhos? Qual seria afinal o problema daquela mulher?

As miúdas não poderiam nunca adivinhar que, quando o seu pai soubesse da jarra partida e do seu valor, as notícias o atingiriam como uma bala, uma bala que carregava a palavra *dívida*. As suas filhas haviam valido àquela mulher algo que ela considerava insubstituível. Tratava-se de uma dívida que Cyrus não viria a ser capaz de saldar.

Cyrus era um homem que vivia categoricamente no negro. A sua reputação, a sua empresa, a sua ideia de si mesmo eram negras. E agora que as suas filhas haviam partido aquela porcaria daquela jarra, velha e ridiculamente cara, Cyrus só via vermelho. Um vermelho que o devorava vivo, um vermelho implacável e eterno.

Mesmo em criança, Carolann já sabia bem o que era viver na cor errada.

Mas, como habitualmente, Maryann parecia tudo controlar, pelo que Carolann concordou com o plano. E uma vez lançada a mentira, não havia como voltar atrás. Mais tarde, a revelação das várias inverdades faria de cada uma delas uma nova traição por si só. Parecia mais fácil, ano após ano, encarar a casa da vizinha, procurar um substituto para aquela jarra nas lojas de antiguidades, tentar compensar a perda, se possível, e pôr um ponto final no assunto.

A decisão havia sido tomada quando as gémeas eram ainda crianças. Tratava-se de um erro que estavam ainda a tentar remediar. Mas a jarra estava a revelar-se quase impossível de descobrir. Mesmo em Inglaterra, vinte anos mais tarde, Carolann começava a aperceber-se de que a tão especial jarra de Edith Heaney talvez fosse mesmo insubstituível.

Capítulo 9

"Não sei o que lhe deu." Ticia fez girar a cadeira da biblioteca no sentido contrário e sentou-se de pernas abertas em frente a Chip.

"A quem o dizes", Chip fechou o livro com força. "Não percebo o Sr. Neame."

"Não é o Neame, parvo. Estou a falar do Andrew, o meu namorado, supostamente."

"Pois eu estou a falar do Neame. O homem acabou de me tirar os auscultadores das orelhas e disse 'Tenho o teu número, meu menino. Não me enganas.'" Chip deu a Neame a voz particularmente grave de um fantoche.

"Deve ser um elogio", disse Ticia. "Tiveste outra nota perfeita no teste, não?"

"Teste diagnóstico." Chip abanou a cabeça. "Ponto de partida para um novo módulo."

"Não interessa. Testa o conhecimento de base e então? Também conta para nota e tiveste 20 em 20, o que não é normal. Ele só quer que saibas que está de olho em ti."

"Há anos que, em minha casa, o Apartheid tem sido tema de conversa à hora de jantar. Não vejo qual é o problema." Neame olhara Chip de cima a baixo, o seu longo e encaracolado rabo de cavalo acompanhando o movimento da cabeça, e dissera: '*Há anos que faço isto, meu jovem. Tem cuidado. Estou de olho em ti*.'

"Vê só se não fazes merda, querido. De resto, tudo bem." Ticia encolheu os ombros. "Agora podemos voltar ao meu problema?"

"Pensei que tivesses ligado ao Andrew e que já estivesse tudo bem", disse Chip.

"Sim, mas já passou uma semana e ainda não recebi nenhum email."

Chip cravou o dedo do pé na alcatifa de traça apertada. Estaria Neame a insinuar que Chip copiara num teste diagnóstico? Não seria isso impossível? Chip nunca havia sido acusado de nada, nem na escola, nem na igreja. Não sabia como reagir. E nem se tratava de uma acusação. Mas sim de uma ameaça.

"A minha mãe mata-me se ligar para Viena todos os dias", disse Ticia. "Estás a ouvir-me sequer?"

"Sim", Chip olhou para cima. "Tu ligas-*me* todos os dias."

"Não percebes."

Chip encolheu os ombros. Talvez Neame chamasse os seus pais para uma reunião. Seria a primeira vez. Bem que ele gostaria de experimentar algumas coisas pela primeira vez. Mas só Deus sabia como reagiria a sua mãe. Três bilhetes só de ida para o Kansas e logo no primeiro voo.

"Aquele filho da puta do Henrik diz que o Andrew é muito tímido para acabar comigo, mas que é isso que vai acontecer."

"Isso é uma estupidez."

"Ya." Ticia fitou Chip. "Tu tens catorze anos, és virgem e vens lá do cu de Judas. Escreves umas coisas porreiras, letras ou lá o que é, e és espero. Mas também podes estar enganado."

"Tu não sabes nada sobre mim", disse Chip. Ninguém em Inglaterra sabia o que quer que fosse sobre ele. Ninguém. Nem Ticia Olague, nem, muito menos, Stewart Neame. Ninguém sabia que, às vezes, a garganta de Chip se fechava e a sua língua tropeçava. Ninguém sabia que ele era capaz de responder a qualquer pergunta e de contribuir para qualquer debate na sala de aula, quase de improviso, mas que, se escrevesse as suas rimas com antecedência, se cuidasse delas, se as alimentasse até obterem significado, então não seria capaz de as ler para toda a gente ouvir. Ninguém conhecia os seus pais. Ninguém conhecia os seus problemas.

"É como disseste", afirmou Ticia estalando os dedos. "Sou muito gira. O Andrew tem é de me ver. Tenho de tirar umas fotos provocadoras."

"Vais vestir-te com a alta-costura do K-Mart? Como uma vagabunda?" Chip imaginou-a num top de *nylon* decotado e com o cabelo solto. "Talvez funcione."

"Preciso de uma transformação", disse ela.

"Não, não precisas. Tira umas fotos bonitas e chega. Não queiras parecer completamente falsa."

Ticia piscou os seus olhos azuis. "A Alannah publicou o livro de fotografias que fez para o seu projeto pessoal. Talvez ela me

fotografasse. Ela é incrível.”

“Ora bem. Vais ficar bonita, como és naturalmente. Foi por isso que ele se apaixonou. Pela tua confiança.”

“Ai, Chip, adoro-*te*!” Ticia levantou-se e rodou a cadeira de volta para o seu lugar. “És muito maduro para a tua idade. Catorze anos cheios de surpresas.”

Chip viu-a partir. Não conseguia controlar-se quando Ticia saía da sala, especialmente quando usava aquelas calças de ganga. Talvez tivesse sido essa a descoberta de Neame: Chip era um pervertido.

Ticia parou à frente das grandes portas de vidro da biblioteca e enviou um beijo a Chip. Claro que os seus verdadeiros beijos ficavam para Andrew, o não-comunicador, enquanto os beijos dirigidos a Chip eram intangíveis.

O seu pai não lhe chamaria *pervertido*, usaria antes a palavra *normal*. Um normal homem americano de sangue quente (risinhos). Neame não poderia culpar Chip por isso.

Numa encenação perfeitamente aceitável, Chip fingiu apanhar o beijo de Ticia com a mão e colocou-o na sua face, enquanto perdia de vista as calças de ganga dela. A porta murmurou ao fechar-se e as rimas polissilábicas de Chip começaram a transbordar da sua cabeça, da sua mão, da tinta preta da sua caneta para a folha branca do seu bloco de notas. Frases com que brincar mais tarde.

Adorável, deplorável.

Desespero. Mais do que quero.

Euforia.

Trágica agonia.

Frustração dolorosa. Exaspero.

Capítulo 10

A carreira de Lyn atingira o seu auge. Estava a fazer bom dinheiro e sabia que, no Kansas, o invejavam por ter conseguido o cargo no estrangeiro que tantos queriam. Sabia que estava a fazer um trabalho importante, ao ajudar o Serviço Nacional de Saúde a estar à altura das suas intenções iniciais, aquando da sua formação após a Segunda Guerra Mundial. De facto, a ideia inicial era maravilhosa e, no seu apogeu, o SNS fora um farol a iluminar a saúde mundial. No entanto, no presente, precisavam de ajuda. Da ajuda de Lyn Cooper.

Num ano, sabia que poderia contribuir para um bom começo. Apenas seis semanas após o início do trabalho, já sabia que poderia fazer a diferença – ainda para mais se os seus superiores se apercebessem dos benefícios da sua assistência e lhe oferecessem uma renovação de contrato. Em breve, Carolann teria as suas próprias roupas e livros e mobílias e utensílios de cozinha e começaria a sentir-se em casa. Pelo menos, estaria bem instalada durante o ano de contrato. Mesmo assim, convencê-la a ficar a em Inglaterra mais tempo representaria um desafio maior.

Evidentemente, os avanços da medicina foram sendo alcançados de forma cada vez mais rápida durante a segunda metade do último século. Lyn tinha de ser cuidadoso ao assinalar que os sucessos da investigação não vinham apenas dos EUA, mas também da Europa e do Reino Unido. Aliás, o Reino Unido sempre fora um dos pioneiros. Ainda o era. Nos seus discursos, depois de tal afirmação, Lyn tinha o cuidado de fazer uma pausa suficientemente longa, de modo a enfatizar a ideia. Já estava a aprender a ler os sinais silenciosos da desaprovação britânica, bem como as dicas ainda mais subtis de quem concordava com ele. As emissões do parlamento britânico na TV poderiam facilmente levar a audiência a acreditar, erradamente, que os ingleses eram apenas resmungões barulhentos.

Na verdade, Lyn aprendeu rapidamente que muito do que era "dito" era afinal silêncio. E se alguém, Deus nos livre, congratulasse o seu opositor numa discussão ou num debate aceso, então isso

mais não seria do que um golpe. *Com todo o respeito pelo honroso senhor à direita...* Quem tal iria entender como um insulto? Lyn Cooper, pelos vistos. Todos os dias, Lyn tentava perceber qual a melhor forma de discutir as questões mais sensíveis ao nível dos cuidados de saúde com a sua audiência britânica.

As máquinas especializadas para diagnóstico e tratamento eram cada vez mais caras. Os novos medicamentos disponíveis (destinados à prevenção, a deter a progressão de uma doença ou a curá-la) eram também eles caros. Mesmo os tratamentos alternativos a que as pessoas poderiam recorrer seriam um terrível encargo para um sistema de saúde já em sofrimento. A despesa era um obstáculo universal, ainda que as abordagens de ambos os países face a esses obstáculos diferissem.

Além disso, o acesso à informação (e consequente procura médica) estava a ultrapassar em muito a capacidade do SNS de fornecer cuidados médicos. Não admirava que os britânicos se sentissem frustrados. A primeira visita de Lyn aos hospitais britânicos revelara-lhe o mesmo em todos os casos: pacientes abatidos sentados em salas de espera imundas. Mesmo os melhores hospitais do país se assemelhavam a alguns dos piores que vira nos EUA. Os relatórios que recebia também evidenciavam problemas similares, especialmente longos atrasos mesmo em casos de vida ou de morte. As pessoas morriam, muitos pacientes morriam, só e apenas por uma questão de tempo. Nos EUA, isso seria imperdoável. Uma atrocidade (embora, na verdade, todas as grandes cidades americanas sofressem atrocidades a cada dia que passava). Em Inglaterra, porém, descobrira Lyn, existia uma certa reserva, típica dos britânicos, injetada na reação de indignação. E, embora a perda fosse uma atrocidade, por vezes o comentário generalizado era *“Bom, estas coisas acontecem.”*

Era como se tivesse havido muitas mais gerações naquele país, tantas pessoas cujas vidas haviam sido vividas e, mais tarde, brevemente relembradas e, depois, esquecidas. Os ingleses estavam simplesmente mais resignados à inevitabilidade da morte. Os norte-americanos, nesse sentido, eram como crianças, seguindo os passos do país natal. Lyn apercebeu-se de que, para um norte-americano, qualquer novo dano ou insulto ou atrocidade era de uma

agressividade crua e o seu sistema de saúde batalhava ferozmente para prevenir futuras afrontas.

Lyn também descobrira que a batalha entre os pacatos pacientes do SNS e aqueles que queriam melhorar o seu sistema de saúde, subscrevendo um seguro privado ou pagando do seu bolso certas consultas ou tratamentos, estava a enlamear seriamente as águas da medicina em Inglaterra. Lyn nada poderia fazer acerca daqueles perigosos atrasos ou do enredo “privado vs. público”, mas poderia melhorar o moral da sala de espera. Poderia encorajar os médicos de medicina geral a utilizarem bases de dados simples, de modo a manterem os historiais dos seus pacientes em dia, acessíveis e legíveis. Parecia-lhe inacreditável que a maioria dos médicos ainda registasse o historial dos seus pacientes com os seus famigerados gatafunhos. Não admirava que o país andasse tão doente e tão cansado. Se a isto se juntassem as comidas processadas e a obesidade à americana, pior ainda.

Desde o minuto em que fora mandado do Kansas para Inglaterra, embora estivesse “sob empréstimo” das grandes farmacêuticas, Lyn sentia-se um autêntico Super-Homem. Era capaz de voar à volta do mundo sete vezes, voltar atrás no tempo para uma época em que a tecnologia e os medicamentos e o pessoal altamente qualificado estivessem mais a par da procura e o SNS estivesse no seu auge. Ajudá-los-ia a revitalizar o que pudesse ser revitalizado, a melhorar o que pudesse ser melhorado e a descartar o que fosse preciso para começar de novo.

Lyn compreendia a razão por trás da triagem e reconhecia a importância do estado de espírito. Sentia-se mais do que competente para se meter no seio da desordem e tomar decisões, pelo que até conseguia vislumbrar a recuperação de um sistema tão conturbado. Teria de começar a plantar sementes em breve para, caso o seu contrato fosse renovado, poder fazer a diferença onde fosse mesmo necessário. Pela primeira vez em anos, Lyn sentia que estava no sítio certo à hora certa. Profissional e pessoalmente.

Capítulo 11

Carolann tinha de admitir que haviam passado muitos anos desde a última vez que vira Lyn tão confiante e tão enérgico, a lutar por algo tão importante. Lembrou-se da época em que se haviam conhecido. Quer as suas recordações se tivessem modificado ao longo do tempo, quer fossem efetivamente reais, fora nessa época que ele lhe parecera mais vivo, iluminado por dentro – num celestial amarelo-dourado. A cor era tão pura que nem tinha odor (para Carolann, raramente uma existia sem a outra). Naquela época, a carreira de Lyn era ainda desafiante, o seu entusiasmo era intenso e contagiante. E, apesar de então Carolann ser ridiculamente ingénua e jovem e frágil, sabia, mesmo naquele momento, que também ela representava um grande desafio para Lyn.

No início da sua relação, Carolann e Lynn faziam um belo par. Azul real com um brilho prateado e aquele amarelo esplendoroso. Mesmo que mais ninguém conseguisse ver as suas cores, eles conseguiam certamente senti-las.

A mudança para Inglaterra provocara os seus estragos em ambos. Carolann sabia que haveria de amadurecer rapidamente após o ensino secundário, conhecia todos os cheiros e todas as cores dos eventos que a haviam moldado na altura, mas não conseguia recordar-se com precisão da forma como assegurara o seu próprio crescimento. Não poderia ter sido apenas o casamento e a maternidade a trazerem-lhe maturidade e compreensão. Com certeza, ela teria tido um papel ativo no seu próprio crescimento. Se ao menos soubesse qual, talvez pudesse desempenhá-lo novamente.

Teria de voltar atrás no tempo em busca dos vestígios. Lyn não aprovaria tal coisa – ele queria que certas portas permanecessem fechadas. Mas se ela não olhasse para o passado no presente, como iriam eles lidar com o iminente amadurecimento de Chip?

Lyn insistia que já tinha toda a conversa preparada. Em breve, Chip teria dezasseis anos e Lyn quereria dizer-lhe a verdade. Carolann compreendia por que motivo o seu marido se sentia confortável com os factos, mas não com os pormenores. Nenhum

homem quereria imaginar a sua esposa com outra pessoa, independentemente dos benefícios que isso pudesse trazer à sua união. Mas ali, longe do Kansas, Carolann apercebera-se de que o momento se aproximava mais rapidamente do que haviam planeado. E, na realidade, Carolann nunca compreendera, nem concordara plenamente com a conversa que Lyn queria ter com o filho. Mas teria de aceitar a ideia. Um passo, um acontecimento de cada vez. E depois ajudaria o marido a fazer o mesmo. Ou assim esperava.

Carolann tinha dezassete anos quando acordou com o peso de uma ressaca e uma consciência latejante. O álcool era novo para ela, mas aprendera a sua lição. O ácido encheu o seu estômago inchado com um amarelo opaco de gema de ovo. A sua cabeça latejava em tons avermelhados e de beringela. A dor esmurrava-lhe o crânio, os ossos brancos e frágeis na abrasadora luz azul da manhã. Carolann sabia que o stress e a fadiga provocavam sensações mais intensas. Depois da noite que tivera, os seus sentidos estavam obviamente enfurecidos. Só queria ligar para o seu emprego de verão e dizer que estava doente.

Se Buck já estivesse em casa, acordado, estaria a pensar na melhor forma de lhe ligar, que era através da telefonista do hospital. Buck, o namorado de Maryann. Antigo namorado. Buck, o novo namorado de Carolann. Buck Roberts.

Contorceu-se ao tentar sentar-se. A cama vazia da irmã fitava-a. Sentia-se como se se tivesse numa pedra dura.

Pelo menos, Buck finalmente sabia que Carolann gostava mais dele do que Maryann. Gostava mais dele do que dos seus pais, que a matariam se soubessem o que fizera. Gostava mais de Buck do que de Deus, que sabia de tudo o que ela fizera e de tudo o que pensara em fazer. Gostava mais de Buck do que de si própria, que estava destinada ao Inferno. Passaram-se oito horas no hospital e Buck não ligara.

Um ano antes, o Padre Hugh perguntara destemidamente às meninas do Grupo de Estudo da Bíblia: o que acontece se

fornicarem com um adolescente? Resposta: nada. (*Se tiverem sorte*, murmurou Maryann).

Carolann terminou o seu turno e não conseguia ir para casa encarar os pais. Ou a ausência da irmã. Levou o Oldsmobile do seu pai para o estacionamento do bar mais próximo. Não tinha um bilhete de identidade falso, mas sentia-se velha. Porque diriam as pessoas que beber não era a resposta? Obviamente, desconheciam a pergunta.

O que realmente esperava ela de Buck? Talvez ele pudesse tê-la chamado pelo nome certo quando estavam no carro, talvez ele pudesse tê-la beijado uma vez mais antes de os pneus do seu carro lhe atirarem cascalho para cima e de ter desaparecido tão rapidamente, as luzes traseiras do carro a iluminarem as suas voltas de vergonha, a gritaria de negação no seu despertar. *Não fizemos isto. Eu não fiz isto*. Frequente e ruidosamente, a imagem voltava a aparecer-lhe, linhas vermelhas de luz e *acid rock*.

O bar escuro zumbia com um fulgor vermelho néon. Aquele vermelho áspero que trazia más recordações. O ar condicionado cuspia uma aragem bolorenta para dentro da sala – três sofás de vinil vazios e uma fila de bancos em frente ao bar, um deles ocupado. Carolann desfilou por ali adentro e plantou os cotovelos no bar. O homem que estava sentado no banco parecia fitá-la. Teria percebido que ela não tinha idade para lá estar? Não era enfermeira. Não era virgem.

Carolann tinha o braço preso num remendo de resíduo acastanhado. Examinou atentamente as garrafas iluminadas e inalou o ar repugnante daquele sítio. Cyrus haveria de gostar do ar condicionado antigo. *Se funciona, não mexas*. A frase preferida do seu pai e que lhe salvava o dinheiro dos clientes.

O homem que estava sentado no banco limpou a garganta. Carolann concentrou-se nas garrafas e esfregou os seus ombros nus. Maryann não era apenas sua irmã, era sua irmã gémea. E se, de alguma forma, ela já soubesse? Onde estava o maldito empregado?

Deveria manifestar o seu arrependimento em voz alta? Seria possível que a confissão atenuasse o pecado de um católico, tornando-o um simples erro? Um erro de apreciação, como a vizinha

maluquinha tentara argumentar. E que interessava que Deus perdoasse os nossos pecados? Não é Ele que volta para casa do treino da claque para dormir na cama ao lado. A eventual ida de Carolann para o céu, ou a rejeição da sua entrada nele, nada tinha que ver com o facto de partilhar todos os dias o quarto com Maryann.

Um grande homem com barba saiu da arrecadação do bar e começou a empilhar bases para copos. Um Big Foot em calças de ganga e t-shirt.

"Um whisky-cola, por favor. Old Granddad e Tab", especificou Carolann. "Duplo."

"Sem BI, não há duplo, nem meio-duplo." O homem ficou a olhar para Carolann.

"Vá lá, você sabe que tenho idade para beber." Se ela pudesse fazer deslizar pelo bar uma nota de cem dólares, como faziam nos filmes, seria servida, com certeza. Mas só tinha vinte e gastar um tostão a mais ia de tal forma contra a essência da sua educação que mais facilmente sorveria whisky de uma pedra.

O empregado virou-lhe as costas.

"A sério?", perguntou-lhe o homem sentado ao seu lado.

Carolann virou-se e ficou alarmada ao reconhecer o homem. Parecia Buck.

"Estiveste na minha palestra hoje."

Ela assentiu. Eram os mesmos olhos e o mesmo cabelo e a mesma boca. Ele pedira-lhe informações durante a hora de almoço, enquanto ela se passeava vagarosamente pelos corredores do hospital, por já não conseguir estar sentada. Carolann indicara-lhe a sala onde decorreria a palestra, mantendo-se depois afastada enquanto ele falava com os enfermeiros sobre asma. Ele teria provavelmente registado a faísca de reconhecimento que chamejava em Carolann, a qual se ia extinguido à medida que ela se apercebia de que, obviamente, ele não era Buck. Era uma maldição ver, em todos os homens, o rosto do namorado da irmã.

"Informação médica", disse o homem ao empregado. "É certo que uma enfermeira trabalhadora merece uma bebida e eu estou em dívida para com ela, Jack."

“Não me chamo Jack. Pedes uma bebida para ti e depois o que lhe acontecer a ela é problema teu.”

O homem que não era Buck virou-se para Carolann. “O teu veneno é o bourbon?”

“Qualquer coisa.” Teria de ser ela a contar a Maryann. Buck não o faria.

“Vamos beber uns shots então.” O homem deu uma pancadinha no bar. “E uma Tab.”

Carolann contorceu-se no banco. Aquele tipo era ainda mais velho do que Enrique, o auxiliar que ela beijara no elevador umas semanas antes, no início do verão, o seu primeiro beijo, e uma outra vez na arrecadação das limpezas, verde e turquesa com cheiro a pinho químico. A mão do homem repousava sobre o rebordo almofadado do bar. Os seus dedos eram pequenos e as suas unhas pareciam presas com cola (mais tarde viria a admitir que havia reparado imediatamente nas mãos dele).

“Dá lá cabo de ti, doutor.” O emprego pousou os copos. “Ou dela.”

Carolann entrara no bar para tomar uma bebida, mas agora apetecia-lhe tomar várias. Não havia palavras para contar a Maryann. Buck mal sabia soletrar, quanto mais escolher as palavras certas...

O homem riu-se. “Ainda podes vir a aprender uma ou duas coisas sobre bom whisky. Diz-me que tens vinte e um anos.”

Carolann esboçou um pequeno sorriso firme. Não um sorriso forçado, frouxo e com dentes bem visíveis, como faziam os adolescentes. Mas um sorriso de adulto. O peso embriagado da memória era, no mundo dos adultos, um mal para o dia seguinte. Dispensar-se dos seus deveres para assistir à palestra deste homem era uma estratégica típica de adultos. Claro que tinha vinte e um anos. Tinha quarenta.

“Cheira só a turfa.” O homem pegou no primeiro whisky, os dedos, atarracados como os de um anão, no copo. “Inspira bem.”

Cheirava a musgo. Azul-marinho. Terra, lama, bolor e sexo. Como o chão onde ela e Buck haviam caído juntos perto do carro dele, de joelhos, desleixados pelo desejo, enquanto a Mágica Maryann gritava para um megafone a dois estados de distância.

Talvez alguém os tivesse visto a sair da festa. Num movimento longo e fluido, Carolann engoliu o shot.

“Agora uma bebida fraca.” Ele deu-lhe a Tab.

O whisky queimava-lhe a garganta e estremecia-lhe com os ombros. O travo da bebida chiava-lhe nas entranhas.

Tinha de dizer a Maryann que tipo de homem era realmente o seu namorado, tinha de lhe contar das suas insistências e investidas. Nem sabia se havia gostado. Mal se lembrava do que sentira, ele em cima dela no carro. As únicas palavras que lhe ocorriam eram *invasivo* e *zonza*. E *dourado*. Se o fizesse de novo, provavelmente saber-lhe-ia bem. Talvez à terceira ou quinta vez. As pessoas gostavam. Se a Igreja aconselhava a evitá-lo era porque as pessoas o desejavam. Carolann pensou na t-shirt branca de Buck, no seu cheiro a futebol-limão, na lua enigmática que iluminava o carro. Nas investidas. E ela desejava tudo isso.

Carolann tragou o refrigerante. Queria mais refrigerante, era tudo o que queria para o resto da vida. Quantas bebidas horríveis teria ela de engolir antes de ter direito a outro refrigerante?

“Mais um?” O homem segurava outro shot.

Carolann bebericou o segundo shot e fechou os olhos. *Os rapazes vão tentar levar os seus sapos a visitar os vossos nenúfares*, avisou-as a mãe certa vez. *Mas vocês não são um hotel, aberto a visitas. Só os sapos dos vossos maridos podem visitar os vossos nenúfares*. Carolann engoliu o shot. O sapo de Buck era gigante e, no fim, ele roncara como um anfíbio.

“O sabor é diferente, não?”, perguntou o homem. “Em que estás a pensar?”

Ele era bonito. Carolann sorriu-lhe, consciente das suas pestanas, do rubor acalorado do whisky no seu rosto. “Bem...” Olhou para a fila de garrafas iluminadas que cintilavam por trás do bar. A luz sibilava no vidro escuro como rubis e safiras. Carolann sabia que o brilho das pedras preciosas se refletia nos seus olhos e tudo era como a mais escura das ametistas, como quando tudo começara com Buck. E Enrique, antes de ser despedido. “Gostava de...” Lambeu o lábio inferior e observou a maçã de Adão do homem a mexer-se para cima e para baixo. Ele terminaria a frase dela como

eles haviam feito, Buck e Enrique, e fá-la-ia esquecer o passado. Iria debruça-se e beijá-la.

Mas o Sr. Doutor ficou sentado em silêncio. Talvez não tivesse um sapo.

Ela engoliu em seco. “Se tiver tempo para falar, até precisava de uns conselhos.”

Ele acenou na direção dos sofás.

Carolann deslizou do seu banco. Sentiu que os joelhos lhe fraquejavam e agarrou-se ao bar até se sentir segura.

“Vá lá.” Lyn pegou-lhe no braço e sorriu. “Eu ajudo-te.”

Capítulo 12

Da janela, Chip viu o autocarro escolar branco da Mercedes passar a sua casa e apanhar os miúdos ao fim da rua. A estrada estava molhada e brilhante, como habitualmente acontecia nas manhãs inglesas, mas no céu o sol subia, acentuando todos os contrastes, como num calendário com fotografias brilhantes do mês de outubro. Folhas amarelas e húmidas, verde e laranja, e ramos negros carregando ainda o chuvisco da manhã. Faíscas de luz refletida. Chip sabia que, mal abrisse a porta, o ar frio traria o odor de mil camadas de outono, o mesmo todos os anos, século após século.

Voltou à cozinha e olhou rapidamente para o relógio. Sete minutos até o motorista voltar para trás e o apanhar. Tempo suficiente para acabar de tomar o pequeno-almoço, enquanto a sua mãe estava na cozinha de roupão, de mãos nas ancas.

Chip comeu uma colherada de Cheerios. Os Cheerios ingleses tinham mais açúcar do que os americanos. Carolann talvez ainda não tivesse descoberto a diferença. Ela raramente comia cereais ao pequeno-almoço.

Henrik sentava-se sempre atrás no autocarro e, quando Chip entrava, já os miúdos do fundo da rua haviam ocupado todos os lugares. Chip não sabia como pedir a Henrik que lhe guardasse um lugar, por isso tinha sempre de se sentar junto do motorista. No Kansas, não faria diferença. Se se sentasse no autocarro ao lado de miúdos, isso só faria com que, no domingo seguinte, a ida à igreja fosse mais divertida. Mas a viagem de autocarro em Inglaterra era uma agonia matinal. Ao sentar-se a doze lugares de distância do melhor jogador de râguebi da escola, desperdiçava todos os dias uma oportunidade social incrível. Mais valia que Chip chegasse à escola num balão de ar quente envergando um fato de palhaço. Dava-lhe no mesmo.

Afundou a colher no leite doce dos cereais e sorveu-o ruidosamente. Na verdade, a única amizade que conquistara até então era a de Ticia. E, independentemente das suas fantasias noturnas, perguntava-se se ela estaria apenas a seguir as diretrizes escolares ao ser simpática com os novos alunos.

“Já terminaste?”, perguntou Carolann. “Põe a tigela no lava-louça.”

Chip levantou-se. Carolann era como uma chefe militar em piloto automático, perigosa na sua severidade, pelo menos até se vestir. Durante um certo período, muito breve, ela parecia ter relaxado, mas agora Chip apercebia-se de que estava a piorar, como se lutasse para controlar até as ninharias – talvez devido a questões mais significativas, como não compreender o sotaque dos comerciantes britânicos, ou não conseguir abrir uma conta bancária, ou conduzir do lado esquerdo. Tudo isso a transcendia. As suas instruções para a colocação da tigela no lava-louça haviam-se tornado uma rotina diária. E imutável. Chip não podia levantar o seu prato até que ela o relembrasse de o fazer, pois, se assim não fosse, o delicado equilíbrio que tentava manter desmoronar-se-ia. Naquela manhã, disse-o quando faltavam dois minutos para o autocarro passar. Chip agarrou na mochila, deu um beijo à mãe e abriu a porta.

“Já aqui está”, gritou ele. Olhou de relance para o grande relógio da entrada. Estava acertado pelo relógio da cozinha. Tempo Médio de Greenwich. A sua mãe tinha um problema qualquer com relógios.

“Hoje é dia de visita de estudo para o 4.º ano. Li no boletim.” Carolann consertou o colarinho de Chip, como sempre fazia. “Os miúdos do 4.º ano não estão no autocarro, por isso a viagem é mais rápida esta manhã. Mas o autocarro pode esperar. Só devia passar aqui às 7:40.”

“Isso é ridículo. Já está aqui.” Chip olhou para o autocarro. Henrik estava sentado atrás, como habitual, e não havia ninguém ao seu lado. “São dois minutos.”

“Dois minutos hoje, dez minutos amanhã. Os horários existem por uma razão.” O seu maxilar estava tenso.

Chip agarrou as suas próprias coxas e apertou-as. Todos os assentos próximos de Henrik pareciam estar vagos, mas, se não se apressasse, os miúdos que estavam no autocarro ainda ganhavam vida. Como pequenos balões, encher-se-iam de ar e arruinariam as hipóteses de Chip. “Mãe, vou andando.”

“Vai”, assentiu ela.

Chip correu para o autocarro, cumprimentou o motorista e sentou-se do outro lado do corredor, alinhando-se com Henrik. Levantou a cabeça para o cumprimentar e Henrik fez o mesmo.

O autocarro começou a afastar-se da casa de Chip. Conseguia ver o contorno da silhueta da sua mãe por trás da cortina de renda branca, vendo-o partir, como de costume. Viu a sua mão a acenar-lhe, mas decidiu não acenar de volta. Hoje não.

“Então”, disse Henrik, “que tal é ser o novo esfregão?”

“Ser o quê?”

“O novo esfregão da *Tease-ya*.” O sorriso de Henrik inclinava-se numa curva ardilosa.

“Da Ticia?”

“Não achas que ela te anda a provocar?” Henrik sacudiu a cabeça. “Ingénuo.”

“Vai-te lixar.” Chip falou mais depressa do que pretendia. Que grande início de amizade.

“Estou só a avisar-te...” Henrik encolheu os ombros.

“Ela é minha amiga, ok?” Aparentemente a única amiga, pensou Chip. Porque seria ele tão assertivo? Também no Kansas lhe diziam isso.

“Sem ofensa, mas ela é uma provocadora”, disse Henrik. “Pergunta ao Maarten ou ao Axel ou ao Jonas ou a cem outros gajos que tipo de miúda é a *Tease-ya* Olague. Ela já te levou a pescar? Ou já pescou alguma coisa? Pergunta ao Carlo.”

“Não preciso das opiniões deles”, disse Chip. Carlo até parecia um tipo decente e Maarten também. E o que Ticia fazia à porta fechada era problema dela.

“É só um aviso amigável, já que és novo por aqui. Devias aparecer no domingo para jogar basquetebol.”

“Domingo não é um bom dia.” Chip engoliu. “Outro dia qualquer.” Mas porque haveria a sua mãe de insistir em levar a família a lojas de antiguidades todos os fins de semana?

“É pena. Jogamos sempre ao domingo. Vês os nossos jogos de râguebi? O Maarten é o melhor médio de formação, tipo, na história da escola. O gajo é grande.”

“Eu sei que é.” Maarten parecia usar proteções de futebol americano por baixo da roupa. Grande maxilar e estranhíssimo

redemoinho. Maarten seria assustador se não tivesse um olhar tão amável.

“Ele quer conhecer-te”, disse Henrik.

“A mim?” Talvez as subtilezas da língua estivessem a fazer das suas. Mesmo vivendo em Inglaterra há anos, o inglês continuava a ser a segunda língua de Henrik e, portanto, propenso a enganos. Não havia sequer um jogador de râguebi que conhecesse Chip. “O Maarten disse que me queria conhecer?”

“O ensaio que o Neame quer para semana... bem, o inglês não é propriamente o forte do Maartens. E é óbvio que aquele hippie neoconservador te adora, pá.”

“Não me parece.” Neame não adorava Chip. Definitivamente. “Queres que eu reveja o ensaio do Maarten?”

“Mais ou menos isso”, respondeu Henrik.

“Qual é o tema?”

“Fala com ele. Ele paga-te.”

“Paga-me para o ajudar com a gramática? Eu ajudo-o de graça. Como um corretor ortográfico humano.” Chip estaria assim a investir na sua comunidade multicultural – Neame iria adorar tal coisa. Chip já imaginava, caso ajudasse Maarten com a gramática, as bandeiras do diploma internacional de estudos secundários a acenarem em seu nome.

“Fala com ele”, disse Henrik. “Aproveita e pergunta-lhe o que ele acha da tua nova namorada, a *Tease-ya* Olague.”

“Ela não é minha namorada.”

“Ah, certo. És só o esfregão”, disse Henrik. “És o gajo que lhe segura o cabelo e limpa o vómito.”

“Ó...” Chip imaginou como seria agarrar, com uma mão cheia, o negro cabelo de Ticia.

“O que quero dizer é que talvez te calhe na rifa muito mais do que imaginas.”

“Se isso acontecer, podes sempre dizer que me avisaste.” Chip esticou-se para apertar a mão a Henrik, fechando o negócio.

“Yep”. Henrik deu-lhe um aperto de mão rápido.

Um aperto de mão frouxo, hesitante! Como era possível? O gesto pegajoso de Henrik não coincidia com o seu rosto ou a sua voz ou as suas clássicas respostas monossilábicas. Não coincidia

com os seus lábios, nem com as suas suecas e cinzeladas maçãs do rosto.

O autocarro encaminhou-se para a entrada da escola, convergindo com quarenta autocarros escolares idênticos, e, após uma longa, lenta fila, passou na segurança. Subitamente, Henrik estava de pé, a mochila sobre o ombro largo, sem sequer olhar para trás para Chip.

Chip saltou do autocarro atrás do seu novo amigo e gritou "Até logo, Henrik!"

O sueco grandalhão olhou para trás, como que surpreendido por Chip saber falar. Acenou-lhe e desapareceu entre a multidão de atletas.

"Diz-me que não andas a dar-te com aquele gajo." Ticia apanhou o passo a Chip. "Só porque ele 'tá no teu autocarro."

"Ele é fixe." Chip observou o grupo de atletas virar em direção ao ginásio, carregando as esperanças dele no seu encalço. Qualquer pessoa seria capaz de ajudar Maarten com a gramática. Chip provavelmente nunca mais ouviria falar no assunto.

"O gajo fede a peidos de cão. Detesto-o, foda-se. Não o consigo expressar sem usar estas palavras."

"Também não me parece que ele goste muito de ti." Chip sorriu. "Mas o nosso vocabulário é tão extenso, não devias ter de recorrer a essas palavras."

"Eles estavam juntos no râguebi e ele disse ao Andrew para não namorar comigo, que eu só lhe ia dar problemas, porque o meu pai é vice-diretor da escola. Como se eu não tivesse opinião própria. Ou o meu pai. Como se ele não conseguisse tomar uma decisão por si mesmo. Por favor, foda-se."

Estavam juntos há dois minutos e já Ticia usara, por várias vezes, aquela palavra. E mencionara o namorado. "O teu pai parece boa pessoa", disse Chip.

"E é. Toda a gente adora o meu pai. Mas aquele parvalhão disse ao Andrew para escolher entre mim e ele. Um ultimato, vê! Como se estivéssemos no início do secundário! Claro que o Andrew me escolheu a mim." Fez uma vénia.

"Claro que escolheu." Pelo menos o aperto de mão de Ticia combinava com a sua aparência e a sua conduta. Mesmo assim, um

rapaz também precisa de amigos e alguém poderia ensinar Henrik a dar melhores apertos de mão.

“Porque os meus broches são melhores.” Riu-se como uma bruxa estridente e deu uma pancada nas costas de Chip, talvez com mais força do que pretendia.

“Ei!” Chip tossiu. Porque haveria uma miúda de querer fazer tal coisa? “Estava, estava...” Tentou, uma vez mais, mudar de assunto. “Estava a pensar que nos podíamos encontrar na sexta-feira para estudar – tu e eu.”

“Não vai dar.” Ticia atirou uns beijos a umas amigas que estavam junto à fonte da União das Nações. “Sexta-feira vou tomar conta das crianças.”

Antes Ticia o tivesse esmurrado. Sentia-se um autêntico falhado: não tinha amigos em país algum e nenhuma miúda se interessava por ele. Nem mesmo uma miúda que fazia broches e o anunciava a todos. Nem sequer tinha amigos na sua terra natal, a menos que contasse com os miúdos a quem ensinava catequese, e uma rapariga como Ticia Olague era areia a mais para a sua camioneta. Mesmo assim... tomar conta de crianças? “Podias simplesmente dizer que não estás interessada.”

“O quê?” Ticia fitou-o. “Ok, pá, não estou interessada. Nunca dei a entender que estivesse ou dei? Mas acabaste de me convidar para estudar e eu sei que a tua média vai ser, tipo, a melhor da escola e, se eu estivesse livre, claro que ia estudar contigo, foda-se, mas vou mesmo tomar conta de crianças. Todas as terças, às vezes sextas e outras vezes sábados, para a minha vizinha de quem te falei, que é uma relações públicas super ocupada. A Sr.ª Jamison.”

“Ah”, disse Chip. “Ela.”

“Não interessa...” Ticia agarrou no braço de Chip e puxou-o para baixo até que ele se curvasse. Então, deu-lhe um beijo na face. “Não *dessa* forma, porque não te quero confundir, mas já te disse que te vais apaixonar perdidamente por mim?”

“Já.” Chip riu-se e olhou para o relógio. “Acho que, há dez horas, me disseste isso.”

“Então pronto.” A mão de Ticia escorreu pelo braço de Chip abaixo. Entrelaçou os seus dedos nos dele. A mão dela era pequena, mas elétrica. Ela afastou a mão, desenterrou um arroto

bem lá do fundo e deu uma pancada no peito. “Ahh. Mamei entremeada ao pequeno-almoço.”

Chip abanou a cabeça. Queria que ela voltasse a dar-lhe a mão. Sem ela sentia-se despido. Será que as pessoas tomavam a decisão de se apaixonar ou seria a paixão a total ausência de escolha? Talvez o amor exigisse, antes de mais, uma certa ausência. Como um buraco negro ou um vácuo. A mudança de Chip para Inglaterra criara um novo vazio, um novo nada, que lhe permitia (forçava a?) apaixonar-se.

Tinha de falar com o pai sobre essa nova teoria científica. Pelo menos obteria uma resposta ponderada. O homem parecia saber muito sobre o amor, sobre como fazê-lo dar certo apesar das adversidades – mais de catorze anos de casamento com Carolann Field Cooper. Chip pegou na mão de Ticia e agarrou-a com força.

“Eras capaz de fazer tudo por mim, não eras?”, riu-se Ticia. Uma outra vez, expeliu um longo e alto *staccato*. Ligeiramente horrorizado, Chip apercebeu-se de que ela arrotara palavras. “Tu já me amas.”

Capítulo 13

Aquilo de que Carolann não não dera conta era que olhar para trás seria como abrir a caixa de Pandora. Uma vez aberta, assim permaneceria. E muito mais havia dentro dessa caixa. Carolann não tinha um emprego das 9 às 5 que mantivesse a sua mente ocupada, não tinha pessoas da Igreja de Deus Coração da América que precisassem dela para tratar de assuntos urgentes. Não tinha sequer as conversas sobre o gratinado de espinafres. *Parmesão por cima? Certo! E pão ralado*.

Em vez disso, tinha agora todos os seus mundanos pertences espalhados pela casa nova, depois de um grupo de homens, que não parava de trazer caixas, as ter aberto, evidentemente, nos lugares errados. O problema era que Carolann só via lugares errados. Os utensílios de cozinha pertenciam à cozinha, mas, além disso, nada parecia bater certo. O sofá era muito grande. As suas cadeiras de jantar pareciam monstruosas. A sua cama com dossel, de mogno americano, nem sequer coubera no quarto de cama até retirarem os dosséis. As pessoas referiam-se aos EUA e a Inglaterra como dois países diferentes divididos pela mesma língua – se é que era mesmo isso que diziam – mas outras diferenças pareciam abrir um fosso ainda maior. Nas lojas de roupa, um tamanho que seria pequeno nos EUA correspondia a um médio na Europa. As mudanças não eram excitantes, como todos haviam prometido. Eram irritantes.

Evidentemente, Carolann tinha saudades de casa. Ao organizar todas as suas coisas, enquanto Chip estava na escola e Lyn no trabalho, era-lhe impossível não revisitar tudo o que realmente deixara para trás. Sem sequer se aperceber, analisou tudo, até mesmo as histórias coloridas que, um dia, havia lacrado, convencendo-se a si própria de que já haviam passado a preto e branco.

Nunca se sentira tão indesejada na igreja como naquele domingo dos seus dezassete anos. Sentou-se escrupulosamente no banco de pinho, transferindo o seu peso de um lado para o outro, ora exaltando o ardor que sentia entre as pernas, ora extinguindo as chamas furiosas. A sua mente também se exasperava com a dupla humilhação do que se passara com Buck e do que se passara na noite seguinte, ao desembuchar tudo sobre a sua vida ao tal doutor no bar. Como é óbvio, Deus conseguia ler os seus pensamentos a qualquer momento, mas, na igreja, tinha a impressão de que pensava através de um megafone.

A mãe de Buck, Kim Roberts, viera sozinha. Envergava um fato amarelo ranúnculo, com decote em forma de coração, que deveria ser novo. O lugar dela cheirava a zimbro. Todas as subtis variações do amarelo exalavam um odor diferente. Estranhamente, a Sr.ª Roberts sentou-se três filas atrás, em vez de se sentar à frente com os Fields. Caso Buck chegasse atrasado, Carolann, mesmo de costas, seria capaz de pressentir a sua chegada. Virou-se para confirmar. Nada de Buck.

A mais embaraçosa parte do corpo de Carolann chorava lágrimas pungentes, pegajosas. Transferiu o peso do corpo para a esquerda e aproximou-se de Cyrus. Respirou o seu cheiro vencido a tabaco. Virou-se depois para a direita e aproximou-se de Barbara Ann. Pó de talco e alfazema. À vez, ficavam tensos os músculos das coxas dos seus pais, parecendo repreendê-la. Até o Padre Hugh a fixou no seu olhar. Talvez soubesse do caos que ia acontecendo na sua cabeça, talvez fosse tal o ruído que mais ninguém se conseguisse concentrar.

Barbara Ann suspirou ruidosamente.

Carolann virou-se uma outra vez. A Sr.ª Roberts olhava fixamente em frente, enquanto o seu decote cavado quase lhe revelava os seios. Não fosse o dinheiro da sua família e a sua generosidade para com a igreja, já as senhoras estariam a falar do peito de Kim Roberts.

O Padre Hugh continuou com o sermão. A sabedoria de Salomão. Carolann sabia que a sua mãe estava ansiosa por congelar o bolo de boas-vindas de Maryann e limpar as janelas. Cyrus tinha de ver o nível do óleo do carro e ligar para uma estação

de rádio do Kansas por causa do relatório de trânsito. Carolann já havia mudado as camas, mas ainda tinha de aspirar. Quanta impureza poderia uma máquina sugar?

A comichão que sentia entre as pernas e que a fazia contorcer-se disparou, atravessando-a. Como uma pedra, Carolann ali ficou – violentamente, agressivamente imóvel. Tentou concentrar-se em Salomão. Duas mães reclamavam um bebé como seu. Salomão ameaçou cortar o bebé em dois, para que as mulheres o pudessem dividir. Evidentemente, a verdadeira mãe renunciou à sua “metade”, implorando à falsa mãe que ficasse com a criança, incólume. Assim, o Rei Salomão desvendou a verdade. Carolann contorceu-se novamente no assento. E se fosse uma mãe de duas filhas a dividir-se? Em vez de dividir a mãe em duas, a filha digna e carinhosa deveria sacrificar-se. Era isso!

Barbara Ann Field poderia nunca vir a reconhecer a sua filha íntegra. Fora sempre assim com Carolann. Sacrifício pessoal honrado. E não precisava da sabedoria de Salomão para ter a certeza de que as pessoas nunca a compreenderiam. Carolann teria de guardar o segredo para si mesma, na sua mente, onde a noção da sua honra pessoal não era, infelizmente, de confiar. E roçava já a vergonha.

Cyrus Field pigarreou, numa convulsão de fleuma e catarro. Bateu violentamente com o punho no peito e, por fim, o Padre Hugh bateu palmas.

“Antes de terminarmos por hoje, oremos pelas nossas famílias que se dirigem para o aeroporto. Estamos ansiosos por ter a casa cheia no próximo domingo e pelo primeiro jogo de futebol dos Panthers, dentro de duas semanas.” Piscou o olho à mãe de Buck. “Lembremo-nos das nossas meninas que regressam de avião de Nashville. Elas depositam a sua confiança em Ti, Senhor, para que as tragas para casa em segurança. Elas estão nas Tuas mãos.”

E nas mãos dos pilotos, pensou Carolann. “Ámen.” A sua voz ecoou a da congregação.

Barbara pôs-se de pé e sorriu. O batom cor de rosa colara-se-lhe aos dentes.

Carolann tocou levemente nos seus próprios dentes.

Cyrus abanou a cabeça. “A maquilhagem é uma tolice e é cara.”

“Vamos.” Barbara Ann pendurou a mala no pulso e conduziu a família para o vestíbulo.

“Não é habitual o Buck faltar à missa”, disse Barbara Ann a Kim Roberts. “Espero que não esteja doente.”

“Ele vai estar no aeroporto.” Kim abanou a cabeça. “Carolann, és tão boa rapariga. Nunca falhas um domingo.”

Carolann tentou sorrir. Foi com vigor que sentiu o cheiro estival do quarto. Limpo e verde como folhas. Mas havia mais. Normalmente, as texturas eram fidedignas, mas, de repente, o chão parecia borracha, como se se derretesse, como se fosse lama. Aquele odor brincava com a sua noção de tempo – já não era verão. Era antecipação. Chuvas frias de outono e pés lamacentos que iriam sapatear e humedecer a carpete que Kim Roberts comprara. Bancos de pinho depois da chuva. A velha e subtil descarga de mofo da última estação. O sítio cheirava a história e a futuro e a milhares de pessoas que haviam lá estado antes dela, como o mofo, e a algo inevitável, mas nunca a Buck. Reacendeu-se o ardor entre as pernas de Carolann. Quando o reencontrasse, deveria desculpar-se?

“Aposto que estás ansiosa por ter a tua irmã em casa outra vez”, disse Kim, acariciando com os dedos o cabelo ruivo de Carolann.

“Não tão ansiosa como o Buck, com certeza.” Barbara Ann fechou a mala com um estalido e a Sr.ª Roberts largou o cabelo de Carolann.

“Sim, o Bucky está mesmo ansioso.” Kim piscou o olho a Carolann.

O verde e o castanho-lama desapareceram, deixando o dourado. O chão macio estabilizou-se instantaneamente sob os seus pés. Carolann quase conseguia sentir o calor do corpo de Buck em cima dela. Os seus ossos. O seu cabelo. O triturar da sua pélvis. O estômago de Carolann rodopiou de alegria, de uma alegria revoltante e de um amarelo decididamente dourado. Não conseguia fugir àquela sensação, nem mesmo na igreja, nem mesmo à conversa com a mãe de Buck.

“Tenho muito que fazer”, disse Barbara Ann, conduzindo Carolann para o adro da igreja. “Dia ocupado, dia ocupado.”

“Não me interessa que o estacionamento de longa duração seja mais barato”, disse Barbara Ann, ofegante, ao apressar-se por entre os corredores do aeroporto. “Fica longíssimo.” Baixou a testa para limpar o suor ao ombro da sua blusa. “No passeio tinha sido de graça.”

Cyrus teve um acesso de fúria. “Tem vergonha. Parar no passeio é ilegal e uma multa custa dinheiro!” Tossiu e bateu no peito enquanto andava. “A nossa família é um exemplo para todos.”

Barbara Ann deu um jeito no cabelo e sorriu à medida que se aproximava da multidão na zona das chegadas.

Buck estava lá. Segurava um conjunto de balões roxos e prateados e envergava o seu equipamento de futebol. Os seus colegas de equipa e as chefes de claques zumbiam à sua volta como moscas. Ele parecia enorme. Carolann queria meter-se por baixo da blusa dele, explorar os mistérios e os contornos do seu equipamento e da sua pele. Já havia percorrido com os seus dedos o sulco das suas costas, portanto porque não poderia fazê-lo novamente, quando bem lhe apetecesse? Queria que ele os abandonasse a todos, como fizera na festa, e que viesse falar com ela.

“Devem estar quase a chegar”, Kim Roberts deu um breve abraço à mãe de Carolann.

Buck ficou onde estava e Carolann conseguia sentir o cheiro das pessoas que o rodeavam. Perfume e pulverizadores corporais. Flores e pimenta preta, citrinos e testosterona química. Sentiu ainda um horrível e perverso fedor a óleo negro. Querosene, o combustível que trazia as chefes de claque de volta, e sentiu-se enjoada.

A precedência criava expetativas, não era assim? A bainha da blusa de Buck abriu uma fenda na sua zona lombar. A mão de Carolann caberia ali perfeitamente, se ele o permitisse. Evidentemente, ele não o permitiria.

Cyrus dirigiu-se para o ecrã para ler a informação de voo. Carolann via-o bater levemente no maço de tabaco que trazia na palma da mão. Havia estado uma hora atrás do volante, o calor e a

poeira da estrada a soprarem entre a corrente de ar que se fazia sentir no Oldsmobile. Obviamente, o seu pai precisava de um cigarro.

O barulho da multidão deu lugar a um zumbido de fundo. Carolann observava Buck. Ele é que havia começado. Ele é que se havia debruçado na sexta-feira à noite, beijando-a. Ela limitara-se a responder. Uma decisão embriagada, mas importante. Porém, tudo o resto avançava a uma velocidade estonteante na sua mente, o carro e as roupas e o choque entre os seus corpos. Carolann contraiu-se. Havia sido ela a deter o controlo sobre quase tudo. E o que aconteceria a seguir, com a sua irmã, teria de ser ainda mais cuidadosamente controlado.

“Como gostei de ser chefe de claque”, suspirou Kim Roberts. “Quando os rapazes entram a correr pelo campo e rebentam com o cartaz... belas recordações.”

Talvez Buck tivesse ouvido a voz da sua mãe. Virou-se e retribuiu o olhar de Carolann. Manteve o contacto visual durante um instante. Era a primeira vez que olhava para ela desde que a deixara à entrada de casa. Voltou a virar-se para os seus amigos.

O avião aterrou e Carolann viu a sua irmã desembarcar, empurrando o cabelo negro para trás, entrelaçando depois os braços com os das suas duas amigas, Bonnie e Kitty. As três raparigas apressaram-se em direção aos fãs dos Panther. As pernas de Maryann estavam bronzeadas e brilhantes. Só as miúdas fáceis levavam a lâmina acima do joelho e Maryann até as coxas havia depilado.

De repente, Buck apressou-se com os seus balões, separando Maryann das suas amigas e fazendo-a rodopiar. O estômago de Carolann contraiu-se abruptamente.

Seria possível que a sua irmã já soubesse? Ou que toda a gente soubesse? O que se passara com Buck era culpa sua. Independentemente do que acontecesse, Carolann não diria nada – nada de desculpas, nada de explicações, nada de palavras – mas assumiria a culpa. Muitas vezes, Carolann sentia as emoções de Maryann com mais intensidade do que sentia as suas próprias emoções. Buck não era o namorado que fingia ser. Carolann sofria

também pela infidelidade de Buck. Ela não só assumiria a culpa, como carregaria os remorsos por todos eles.

Cyrus meteu-se entre a sua filha e Buck. “Ainda bem que estás em casa sã e salva. A tua mãe e a tua irmã sentiram a tua falta.”

“Preciso de ir à casa de banho.” Maryann pendurou-se novamente nos braços das amigas e o grupo afastou-se.

Carolann seguiu-as. Por muita água que bebesse, não conseguia livrar-se da infeção.

“Preciso de um penso”, gritou a voz de Maryann de dentro de um dos cubículos.

Carolann encontrou um na sua mala e entregou-o à irmã por baixo da porta. Kim Roberts havia seguido as raparigas para a casa de banho e fixou Carolann.

“Nunca mais adivinhava que vocês estavam em sincronia.” Parou em frente ao espelho para pôr o seu batom roxo, *Pantera*. “Fazer parte de uma claque é como fazer parte de uma irmandade. E com estas miúdas é mesmo assim, claro. Às vezes esqueço-me de que vocês são gémeas. Irmãs de verdade.”

“Que nojo.” Kitty e Bonnie estavam de pé ao lado do lavatório e trocaram um olhar rápido.

“Não somos idênticas”, respondeu Carolann.

Maryann saiu do seu cubículo. “Não somos nada parecidas. Ela não é chefe de claque. Nem da associação de estudantes. Tem medo de correr riscos.”

“Eu corro riscos.”, disse Carolann. “Eu tenho um emprego.”

“Não tens medo.” Kim Roberts acenou. “Só não gostas de participar.”

“Eu até participava se...”

“Ó querida...”, interrompeu a mulher. “És apenas diferente.” O som da sua voz era espesso e enjoativo de tão doce. Carolann sentiu-lhe o sabor – cola quente na garganta. Um coágulo ceroso que não conseguia fazer mexer. Tinha a forma de um oito. Duas grandes bolhas ao engolir. Não conseguia respirar. As raparigas olhavam-na. Se entrasse num cubículo para vomitar, elas ouvi-la-iam. Tentou não se engasgar.

A Sr.ª Roberts pôs a mão no ombro de Carolann, cuidadosamente. “Essas parvoíces do secundário não são o teu

género.” Levantou a outra mão, mostrando o batom roxo, vulgar, saído do seu tubo. “Isto não é para ti.”

Carolann sentiu um cheiro a peru. O cheiro da cor roxa dominou-a e ela engasgou-se. Iria vomitar em frente a todas elas. Iria desmaiar. E ainda tinha de ir à casa de banho. Todas elas olhavam fixamente para Carolann. Com as mãos a tapar a boca, saiu a correr da casa de banho.

Capítulo 14

Chip viu Maarten sozinho ao pé dos autocarros. Todo o fim de semana passara sem sequer uma chamada telefónica. Nem Ticia, nem Maarten para pedir ajuda com o ensaio. Nem sequer uma chamada por engano. E passara já um dia inteiro de escola sem qualquer sucesso social. Nem o Sr. Neame chamara pelo nome de Chip na aula de História.

Além da canção azeda que começara a escrever sobre Ticia no domingo de manhã, Chip não conseguia arranjar uma rima há dias. O seu único amigo parecia ser a enorme borbulha que ganhava vida no seu queixo.

O contentor da sua família chegara finalmente do Kansas e todos os seus pertences lhe eram estranhos e indesejados. Até a sua mãe, que andara desesperada para ter as suas coisas, parecia desamparada e traída por cada tapete, por cada fronha e por cada bugiganga. Já nada daquilo lhe trazia qualquer conforto.

Chip caminhou em direção a Maarten, esperando que a história das explicações que Henrik mencionara não fosse uma piada. Em todo o caso, agora que Ticia desaparecera da face da terra, Chip tinha de conhecer novas pessoas.

Maarten virou-se para Chip e sorriu. “O Henrik diz que talvez me possas ajudar.” Rapidamente virou a sua atenção para a equipa de futebol, que estava a correr na pista.

O inglês de Maarten parecia suficientemente fluente. “Talvez. Eu sou o Chip.” Esticou a mão e Maarten ficou a olhar para ela, imóvel. A borbulha no seu queixo era uma coisa... mas estaria a sua mão também a gerar algo repulsivo? Então, rapidamente, Maarten deu a Chip um aperto de mão firme, como seria de esperar.

“És rápido?”, perguntou Maarten.

“Não sei.” Teria Chip de competir também com aquele grandalhão holandês?

“É para segunda-feira”, disse Maarten.

“Também tenho de entregar o meu trabalho nesse dia. Uma semana deve dar, dependendo de quando me podes mostrar o que tens.”

Maarten acenou. Levou a mão os olhos como se a luz do sol o cegasse e desesperasse por encontrar outros amigos nas ardentes

areias do deserto. Ou então procurava um oásis.

Estranhamente, as vias de cimento que conduziam ao parque dos autocarros continuavam desertas. “Talvez pudesses apanhar o meu autocarro e levar o teu trabalho para minha casa amanhã.”

“Levar o meu trabalho?”

“Sim, aquilo que escreveste, para eu te ajudar a polir o inglês. O Henrik disse que era disso que precisavas.” Chip olhou o céu, cinzento e frio. As nuvens haviam silenciado todas as cores da tarde e Chip só queria enfiar a cabeça no colarinho do seu casaco e falar baixinho.

“Qual é o tema do nosso trabalho?”

“Nosso?”

“Cinco páginas, espaço duplo, são 20 mocas. Se fores bom. O Henrik diz que és.” Maarten enfiou as mãos, bem fundo, nos bolsos.

“Ele disse isso?” Grupos de estudantes começaram a dirigir-se para os autocarros e Chip sabia que alguns pormenores estavam a tornar-se prementes. Mas quais? Isso escapava-lhe. Como folhas de outono que tivesse de apanhar no ar, intactas, separadas por cor e tamanho, antes que o vento as dispersasse.

Ticia não aparecera na escola de manhã. Chip só a vira à distância depois do almoço, mas ela nem reparara nele. E ele estaria provavelmente a deixar escapar neurónios para a enorme pústula que conquistava um lugar no seu queixo. Não admirava que não conseguisse pensar com clareza. “O Henrik disse que eu era bom?”

“Não me interessa o tema, mas parece-me que ‘direitos da mulher’ é meio...”

Chip sorriu. “Apaneleirado.”

Marten riu-se. Pelo menos tinha sentido de humor.

“Então, queres ir comigo para minha casa amanhã?” Chip engoliu em seco. Mesmo depois do seu comentário, Chip parecia estar a convidar Maarten para um encontro.

“Preferia que me trouxesses o trabalho amanhã ou assim, tudo certinho. Ou quase tudo. Desde que eu possa continuar a jogar râguebi.”

Chip examinou Maarten com muita atenção. “Não, tu é que vais escrever o trabalho, meu”, disse ele. “Eu só ajudo a corrigir os erros

ortográficos. Amanhã.” Mas quem estaria Chip a personificar? *Meu* era a expressão utilizada por Ticia. Ela parecia ter entrado na sua mente, dominando-a para, depois, a abandonar. Talvez Henrik tivesse razão em relação a ela.

Maarten encolheu os ombros e deu meia volta. Pôs-se a andar até à pista. No mesmo instante, Ticia saltou até Chip, segurando um grande envelope.

“Onde é que andaste?”, perguntou Chip.

“Isso querias tu saber!”, riu-se ela. “Lembras-te do meu trabalho de *babysitting*?” A Sr.ª Jamison fez umas coisas para a Dido.”

“Ok...”

“A Sr.ª Jamison, relações públicas, super ocupada?” Ticia olhou para ele como se nada se tivesse passado. “O teu amiguinho adorado é que a lançou, praticamente, sabias? Ainda são amigos.”

“Somos?” Chip olhou fixamente para o envelope e depois para o rosto de Ticia. Os seus olhos eram do mesmo azul de sempre, claros e ávidos. Não parecia ter estado em nenhum acidente de viação traumático, nem ter sido assolada por *skinheads*, nem ter-se juntado à Frente Nacional ou escorregado na banheira e partido o pescoço. Mas todo o fim de semana?

“Foi mais rápido do que esperávamos”, disse ela. “Chegou enquanto eu estava em Amsterdão. Foi lá que estive, ok? Perdoas-me?”

“Desculpa lá se estava preocupado contigo.” Chip pegou no envelope.

“Já te disse que vais apaixonar-te por mim?”

“Uma ou duas vezes.” Chip levou a mão ao queixo. “Mas devias ter-me ligado e avisado sobre Amsterdão.”

“Ainda não abri o envelope, mas deve ser coisa boa. A Jamison não brinca em serviço.” O envelope estava endereçado a Chip, ao cuidado de Ticia Olague. Chip olhou para a morada.

“Meu, se eu te tivesse dito que ia para o Torneiro de Futebol de Escolas Internacionais, tu ias ficar preocupado. E eu tenho alguns interesses que não partilhamos, certo?”

“Futebol? Mas eu gosto de futebol. Também se joga futebol no Kansas, sabias...? E eu até tenho um passaporte.”

“Epá, fui ver o Andrew. Foi uma estratégia. De qualquer forma, os teus pais não te deixavam ir. Acabadinhos de chegar, iam deixar o filho de catorze anos ir para Amsterdão sozinho? Não me parece.”

“Os teus pais é que não deviam ter-te deixado ir.”

“Abre mas é o envelope, foda-se. Ou queres que o devolva?”

“Não”. Ainda não o abrira.

“Olha, a minha mãe teve de ir a Barcelona. O meu pai esteve numa conferência em Estocolmo. Tecnicamente, estive mesmo no meio deles. De qualquer modo, foi só um fim de semana, só umas compritas. Nada de especial. E, sinceramente, não foi grande coisa com o Andrew. Tens de me ajudar a planear o meu próximo passo.”

“Meu Deus, Ticia, não queres que namore eu com ele?” Chip enfiou o dedo por baixo da aba colada.

“Invocaste o nome de Deus em vão?”, guinchou Ticia. “Foda-se, meu, a tua mãe tem razão. Inglaterra está a mudar-te.”

Uma fotografia lustrosa caiu ao chão.

Chip sentiu o coração aos pulos. Mesmo ao contrário, mesmo com a imagem virada na direção de Ticia, Chip sabia o que estava na fotografia. Ticia colheu-a do chão e fê-la dançar de um lado para o outro na frente de Chip. Eminem. Autografada!

Ali estava ele – grande, destemido, preto e branco. As tatuagens, a bandana, as correntes, o olhar. Os bícepes e os braços cruzados ao peito. As articulações! Os dedos perfeitos, fortes. Chip pensou que iria chorar. Conseguia imaginar a mão de Eminem a segurar o marcador azul e a assinar a fotografia. *Para o Chip.*

Radiante, Ticia espreitou por cima da foto.

Chip caiu de joelhos. “Eu adoro-te. Mesmo.” Abraçou-a, segurando-a pelas ancas, e riu-se. “Adoro-te. Adoro-te. Tens razão! Estou mesmo apaixonado por ti. Verdadeiramente, loucamente, profundamente!”

Ticia riu-se. “Levanta-te lá, *cowboy*. Eu também te adoro! Até era capaz de te atirar para o chão e comer aqui mesmo se não fosse esse carbúnculo”. Tocou no seu próprio queixo.

Chip sentiu todo o seu corpo contorcer-se. “E um pequeno problema chamado Andrew.”

“Ya...”, disse ela ainda radiante. “Ainda bem que estou perdoada. Para a próxima ligo.”

“Nem penses.” Chip agarrou bem no envelope. A sua voz era firme. “Não há próxima vez.”

Capítulo 15

"Ainda bem que pôde cá vir hoje", disse Carolann a Rowan, afastando-se para a deixar entrar. "Compreendo que tenha andado ocupada."

"Não estive ocupada. Só não estava preparada. Eu..." A voz de Rowan fraquejou. Vestia a mesma camisola sem mangas que usara da primeira vez e fazia deslizar as costas das mãos na sua frente suave.

Uma mulher norte-americana teria o cuidado de não repetir uma indumentária daquelas ao encontrar-se com um novo amigo. Carolann via a vizinha acariciar o seu próprio estômago. Rowan provavelmente não seria a melhor representante da cultura inglesa.

"Chá?"

"Sim, por favor."

Carolann conduziu Rowan até à cozinha. Tirou duas canecas do armário.

"Os americanos até bebiam chá se tivessem chaleiras elétricas em casa", disse Rowan.

"É bem provável."

"Sentia falta disso quando vivia no Texas."

Carolann assentiu. Trinta e dois anos e era a primeira vez que se sentia desejosa de falar sobre sinestesia. Porém, o aparente conforto de Rowan em relação ao tema fora uma falsa promessa. "Concordo. A chaleira elétrica foi uma invenção maravilhosa." A voz dela era oca.

Rowan suspirou. "Então estamos de acordo. E ambas vemos cores na nossa comida. E..." Respirou fundo.

Carolann deu-lhe uma caneca com chá. "E ambas temos irmãs gémeas."

Os lábios de Rowan fecharam-se num sorriso dorido. "Morwenna." A sua cabeça surgiu no ar, mas logo baixou. "O nome da minha irmã." Inclinou-se sobre o chá, como se se tivesse tornado imperativo que o cheirasse. Respirou lentamente para dentro da caneca. Então, Carolann levantou a sua própria caneca para que também o pudesse cheirar. Cheirava a chá.

As sensações que Rowan experienciava com o chá – com tudo, na verdade – poderiam ser diferentes. Poderia, para ela, o chá cheirar a sabão ou a caril ou a esgotos? Poderia ser que, quando era pequena, a houvessem mandado para o quarto por causa dos cheiros que sentia? Teriam os pais de Rowan colocado o seu jantar no lixo sempre que o frango lhe sabia a azul? Carolann olhou cautelosamente para a sua vizinha, respirando calmamente sobre o chá. Tanto quanto sabia, Rowan não tinha filhos, mas havia sido casada. Estaria a memória de Rowan assolada por cenas com cores imutáveis? Carolann indagou-se sobre a possibilidade de lhe perguntar que cores atribuía ao sexo.

"Estou bem." Rowan respirou fundo. "Sentamo-nos?"

As duas mulheres dirigiram-se para a sala de estar. Talvez Rowan estivesse até mais familiarizada com a disposição da casa do que Carolann.

"A sua mobília combina bem com a sala", disse Rowan.

Carolann olhou à volta. A sua mobília não parecia combinar bem com a sala. Encolheu os ombros. Não era sobre isso que queria falar.

Subitamente, Rowan disse: "Cancro dos ovários há dois anos. Não consigo falar sobre isso. Rezei para que fosse eu. Mas Deus não faz negócios nem trocas." Fechou os olhos, apertando-os, e depois abriu-os lentamente. "Ainda não estou pronta... não..." Os seus olhos brilhavam. Levantou novamente a cabeça e as lágrimas escorreram-lhe pela cara abaixo. "Ainda não consigo falar sobre ela."

"Ó." Carolann pigarreou gentilmente. "Lamento."

Rowan baixou a cabeça até à palma da mão, levantando a outra. Um gesto silencioso para pedir um minuto.

"Não temos de falar sobre a Morwenna", disse Carolann. Nome pouco comum. Esperava tê-lo pronunciado bem.

Rowan soluçou ruidosamente, fungou ruidosamente e ainda pigarreou ruidosamente. "Teria gostado dela. Disso tenho a certeza."

"Eu e a minha irmã nunca fomos chegadas", respondeu Carolann.

"Que pena." Rowan olhou para Carolann. "Aconteceu alguma coisa entre vocês?"

Por um segundo, Carolann olhou fixamente para a sua caneca de chá. Nem se apercebera de que já havia bebido quase tudo. Com certeza que conseguiria distrair Rowan da sua própria tristeza se lhe contasse o que acontecera – o cheiro, o som, as cores. Mas Carolann não estava em condições de o dizer em voz alta. Mesmo assim, na sua cabeça, deu por si com dezassete anos, no assento traseiro do carro de Buck.

Carolann. Não se atreveu a corrigi-lo.

"Maryann", murmorou Buck novamente. A voz de bourbon dele, a respiração rouca dela, misturadas. Odorífero. Murmúrios e gemidos. Remexidos.

Carolann, Carolann. Floresceu-lhe um ódio envolto num turbilhão vermelho e puxou Buck para si. A mão dele rodeou-lhe as nádegas, agarrando-as como se fossem a traseira de um animal; um cavalo ou um porco. Puxou-a com força contra si e então as cores explodiram e chiaram no calor negro, queimado, encrostado daquele ódio. Haviam bebido tanto, tragado de tantas garrafas, que tudo se misturava agora. Com o joelho, Buck abriu caminho por entre as pernas de Carolann e fez pressão contra ela. Azul e cor de vinho. Totalmente saturados. *Amo-te*, disse ela na sua mente.

"Não há mal", sussurou ele, acariciando-lhe o rosto. Com o polegar, seguiu gentilmente os traços da face de Carolann. Como se ainda não tivesse a certeza de que ela o faria.

"Não sou a minha irmã", disse-lhe ela ao ouvido.

"Esquece-a". Beijou-a na boca.

Palavras duras. *Esquece-a*. Quase profanas. Carolann desapertou com força a sua braguilha de botões. As cores começavam a mudar. O cor de vinho bordado a preto dava lugar a um roxo pulsante e real, que tudo consumia. Estivera certa desde o início. Não era ódio. Era amor.

As mãos de Buck fizeram descer as calças de Carolann. Anca, coxa até ficarem presas às suas pernas transpiradas de verão. Lutou com elas para as tirar. E depois com as dele. E com as blusas. *Esquece-a*. As pernas dele eram musculadas e duras.

Suaves e macias com cabelos muito finos. Pernas de rapaz. Pernas de Buck! O namorado da sua irmã. Buck Roberts.

A pele molhada da barriga dele tocou, quente, na pele dela.

Carolann pontapeou os *jeans* lamacentos que rodeavam os tornozelos de ambos. Buck fez um montinho com a sua t-shirt de algodão e colocou-a por baixo da cabeça dela, como uma almofada. Estava quente. Carolann sempre soubera ao que cheiraria a t-shirt de Buck – madeira e erva e citrinos e futebol. Quantas vezes não chegara a sua irmã a casa com aquele cheiro? Buck fez o seu braço deslizar por baixo das costas de Carolann e ergueu-a, aproximando-a. Baixou a cabeça e beijou-lhe a pele bronzeada. O cabelo dele exalava um cheiro adocicado. Casca de limão e cabedal. Carolann nunca havia estado à beira-mar, mas conseguia cheirar o oceano. O sol cintilava no mar e ela nadava, no enorme, estonteante oceano. A mãe de Buck usava detergente da roupa que vinha numa garrafa. Era caro. E azul.

Levemente, Buck roçou os lábios ao longo dos ombros de Carolann. De um lado, lentamente, até ao outro. Beijou-lhe o maxilar e os músculos frementes do pescoço. Depois, apertou o seu peito contra o dela. Carolann sentia o sangue a bombear-lhe nas veias. Há dezassete anos que esperava por aquele momento.

Juntos, tornaram-se escorregadios. A língua dele, dura, empurrava a dela. A língua, esse músculo molhado, cru, primitivo. Carolann sentiu-lhe o sabor a bourbon na boca e a sal no pescoço. O carro de Buck ondulava e, a cada oscilação estonteante, ela via a sua infância a ser rebocada, irremediavelmente, juntamente com a de Buck. Ela beijou-lhe os lóbulos. Ela beijou-lhe os olhos. O carro cheirava a suor e a vapor e ao doce amargor de um mosto castanho que esguichava numa fermentação morosa. O estômago dela contorceu-se.

Carolann inalou Buck, profundamente. O sabor dele era enorme e maravilhoso. E pensou: *ele ama-me, vou fazer isto. A Maryann está enganada... sempre esteve.* Levou os seus lábios aos dele.

“Podes confiar em mim.” Buck fez descer a mão entre eles os dois, entre as pernas dela, e Carolann contorceu-se contra aquela mão, até que os dedos se fecharam dentro dela. Carolann arquejou e Buck apertou-a contra si. Deveria doer, mas não doía. Ele sabia o

que fazer para que não doesse. As cores cintilavam e chamejavam e explodiam – brilhantes e quentes – em todas as partes do seu corpo. Roxo e turquesa e dourado. Não doía.

Finalmente, a verdade. Buck amava Carolann. Esquece-a.

“Não tens de ter medo”, sussurou ele. “É impossível engravidar da primeira vez.”

“Não tenho medo.” Olhou-o bem nos olhos, para que ele tivesse a certeza de quem era aquele rosto sardento que beijava. “Eu...” Ele desviou o olhar e Carolann teve de deixar cair a última palavra. Amo-te.

“Maryann.” Ele sacudia-se e empurrava-se contra Carolann.

Aquele azul estrelado, aqueles zunidos de cores eram os mais profundos de sempre. Imediatamente depois, eram pesados e saturados, cor de beringela e cor de ardósia brilhante. Roxo de tempestade de verão.

Buck empurrou a pélvis contra Carolann, a sua respiração cada vez mais intensa. Embaciou os vidros da carrinha, estacionada a apenas uns metros da festa (linda, ele chamara-lhe linda ao entrarem no carro), enquanto o vapor do Jack Daniels difundia um luar azul a cada movimento.

Buck agarrou a mão dela, a mão de Carolann, não a de Maryann. Evidentemente que ele o sabia. Carolann tinha sardas, a sua irmã tinha lágrimas. Lágrimas falsas. Buck segurou a mão de Carolann contra as fibras de lã da manta guardada na traseira da carrinha e começou a mexer-se. No seu cabelo suave havia faixas prateadas e Buck sustinha-se acima do peito dela.

Naquele fulgor pálido, os mamilos de Carolann pareciam grandes passas. Buck podia meter uma na boca, impregnada e fermentada com bourbon. Passas escuras e carnudas, agora enrugadas pelo sumo doce, concentrado, dos frutos jovens. Ela arcou as costas. “Carolann”, disse ele em voz alta.

Buck embatia contra ela, a bacia dele, uma e outra vez, e Carolann quase conseguia sentir-se a ficar em ferida, grandes nódoas negras entre as suas coxas brancas. Ela agarrou-o pela zona lombar e contorceu-se com violência. Era isso que deveria fazer? Como é que alguém sabia o que fazer?

Carolann enlaçou as pernas à volta dele. Doeu. Todas aquelas cores intensas vibravam num verde brilhante, num vermelho vivo, num verde néon. Carolann iria rachar-se ao meio por baixo de Buck e explodir. Amarelo limão. A dor acalmou e deixou algo cru e ávido no seu lugar. Verde lima, esmeralda, azeitona, jade.

Agarrou a carne suave das nádegas dele. Não doeu. Índigo e, uma outra vez, turquesa e dourado. Os seus corpos embalavam-se um ao outro. Como iriam contar a Maryann? Azul centáurea, rosa pôr-do-sol. Faíscas prateadas e lustrosas. Durante quanto tempo ficariam na carne dela aquelas nódoas roxas?

O corpo de Buck enrijeceu. "Jesus, meu Deus."

Carolann sentiu-se inchar e enrijar. "*Jesus, meu Deus!*" Mas não invocaria o nome de Deus em vão. *Foda-se, Jesus Cristo... meu Deus*.

Buck grunhiu qualquer coisa que não era uma palavra e deixou-se cair em cima dela – acabado. Arfava ao ouvido de Carolann e a sua pulsação latejava-lhe entre as pernas. Carolann balançou-se por baixo dele, exultante e completa, ansiosa e desesperadamente faminta por mais.

Buck rolou de cima dela. Carolann colocou a mão no antebraço dele e sorriu. Ele olhou-a diretamente nos olhos. Claro que sabia qual das gémeas era ela. Ela e Maryann não eram minimamente parecidas. Buck arrancou a t-shirt de debaixo da cabeça de Carolann e esquivou-se para dentro dela. Entre as pernas, Carolann sentia-se tremeluzir. Uma luz branca e elétrica. Queria que essa luz crescesse e se incendiasse. Queria que parasse, retrocedesse, que nunca houvesse acontecido.

Demasiado bourbon. Demasiada ousadia? O que quer que fosse, começava a azedar no seu interior. Mas nada havia de errado! Era essa a verdade. Para o bem ou para o mal, ela teria aquele momento com Buck, agora, para sempre.

Ele foi protestando para a frente do carro, totalmente vestido. Carolann foi meneando a roupa interior de volta ao seu lugar e as luzes cintilantes começaram a dissipar-se. Sentia-se inchada e desleixada e o elástico lutava com ela. De um golpe, enfiou os pés nos *jeans*. A ganga prendeu-se às suas coxas húmidas. Parecera-lhe vislumbrar o outono naquela noite de fim de agosto, mais fria do

que o habitual. Parecera-lhe uma boa noite para usar *jeans*, mas era falso o vislumbre, era afinal demasiado cedo. O carro era agora apenas vapor. Calor. Deveria ter vestido calções. Pôs-se de joelhos e inclinou-se para trás para agarrar o sutiã. “Não devíamos voltar para a festa”, disse ela. “Todos...”

“Não”, respondeu ele brincando com o rádio.

“A menos que...”, calou-se.

“Não. Eu levo-te a casa.”

“Está bem.” Vestiu a blusa e observou, de trás, a cabeça sedosa de Buck, como sempre fizera na escola ou na igreja. Só que agora ele esperava por ela no seu carro. Os dois, sozinhos!

Buck aumentou o volume do rádio. Carolann sentia-se radiante. Saltou por cima do assento. Alegria pura. Não havia repulsa. Não havia aversão, nem qualquer espécie de repugnância. Cornetas e tambores e cordas e cantorias. Sentou-se ao lado dele. Sentia-se exaltada, num vermelho-dourado, excitada com aquilo que haviam começado. Ela tentou beijar-lhe o rosto, falhou, apanhou a orelha, riu-se. E ele riu-se. Haveria pormenores a tratar. Haveria outros dias. Mas, por agora, apenas a glória.

Capítulo 16

"Isto foi a campainha?" Rowan fitava Carolann.

"Não, penso que não."

Rowan pôs-se de pé. "Foi. Foi a sua campainha." Posou a caneca de chá na mesa, sem colocar uma base por baixo, e dirigiu-se para a porta de Carolann. "De qualquer maneira, tenho de ir embora." Rowan abriu a porta de Carolann e encontrou um jovem de casaco preto. Um jovem grande. "Sr.ª Cooper?", perguntou ele a Rowan.

"Ali", Rowan apontou para trás, para Carolann, e ultrapassou o jovem. "Adeusinho", gritou para a retaguarda. "Obrigada pelo chá."

Carolann avançou. Viu uma grande bicicleta preta acorrentada ao portão. A primeira vez que aquela campainha havia tocado, encontrara à porta um homem, num avental branco, que lhe queria afiar as facas. Na altura, tinha consigo uma bebida, uma bebida a sério, pelo que foi suficientemente ousada para fechar a porta na cara do homem. Da vez seguinte, tocaram à campainha para lhe pavimentarem a entrada. O homem parecia ter consigo várias bebidas. Pelo menos desta vez, Rowan também vira a cara do tipo e seria provavelmente capaz de identificá-lo. Carolann ajustou o maxilar e olhou para cima, para o jovem. " Sou eu a Sr.ª Cooper."

"Vinha falar com o Chip." Não havia profundidade na sua voz. "Suponho que ele ainda não tenha chegado."

"Deve estar a chegar", Carolann olhou para o relógio. "Se és amigo do Chip, então entra."

Quando chegou a casa, Chip reparou numa bicicleta preta acorrentada ao portão.

"Vê só quem está aqui", Carolann beijou o filho mal ele entrou em casa, arrastando o seu saco de livros. "O teu amigo Maarten. A família dele é da Holanda, onde todos os homens são altos." Carolann deu uma risadinha. "Mas suponho que isso já saibas."

O estômago de Chip contraiu-se como se tivesse sido esmurrado.

Maarten estava em pé, de ombros caídos, atrás da mãe de Chip. Tinha as mãos fechadas em frente ao corpo. "Pensei que podia vir

buscar as notas que ias emprestar-me. Disseste que talvez hoje já as tivesses...”

“Não vives fora da zona da M25?” Chip imaginou os mapas das lojas de antiguidades que a sua mãe tanto marcava. “Tipo mesmo longe?”

“Vim da escola”, respondeu Maarten. “Enfim, sempre tens as tais notas?”

Chip enfiou as mãos nos bolsos e abanou a cabeça. Mas o que esperava este tipo? Que Chip escrevesse, do nada, um ensaio e simplesmente lho entregasse? Como poderia Maarten pensar que Chip já escrevera o ensaio? Eles haviam acabado de se conhecer e não tinham chegado a nenhum acordo.

“Preparei *Rice Krispies Treats*”, disse Carolann. “É um *snack* americano. Fica para o lanche.”

Chip respirou fundo, como se estivesse a tentar marcar um lance livre em tempo de compensação. Também tinha trabalho de casa para fazer. E uma nova foto do Eminem, autografada, para admirar. Mas Maarten parecia mesmo querer a ajuda dele. “É melhor ficares para o lanche, para o jantar e talvez para o pequeno-almoço”, disse. “Temos muito trabalho para fazer.”

Carolann tossiu. “Maarten, de certeza que a tua mãe está em casa à tua espera.”

“Na...” Maarten puxou drasticamente pelas suas mãos, como se não as conseguisse soltar. “Os meus pais estão em Roterdão.”

“Deixaram-te aqui sozinho?” A mãe de Chip abanou a cabeça. Ela teria um ataque cardíaco se soubesse dos pais de Ticia.

“Está cá o meu irmão”, disse Maarten. “Ele tem 22 anos.”

“Bem, vou fazer lombo de porco assado para o jantar – o prato preferido do pai do Chip –, porque ele vai embora amanhã à noite. O jantar é às 20:00. E depois levamos-te a casa. Levamos a bicicleta no carro.”

“Mãe”, disse Chip, “vou ajudar o Maarten com gramática e sintaxe. Este ensaio que temos de...”

“História”, interrompeu ela, acenando com a cabeça. “Direitos das mulheres.”

“Mmm, pronto, direitos das mulheres...” Chip olhou para Maarten. “Seja como for, ele vai escrever tudo aqui, com a minha ajuda, por

isso pode demorar um bocado. Talvez toda a noite até.”

“Não seria melhor fazer isso em vários dias?”, perguntou Carolann.

“*Nop*. É melhor acabar já com isto.” Chip virou-se para Maarten.

“Merda.” Maarten parecia enjoado e Carolann pigarreou num volumoso ruído.

Chip olhou, impassível, para Maarten. Ele poderia simplesmente ter dito que não e ter voltado para a sua bicicleta. Não tinha de utilizar aquela linguagem em frente à sua mãe.

“Achas que consigo um *Satisfaz*?” Maarten endireitou os ombros. “Estou mais ou menos interessado no flagelo dos pobres.”

Chip encolheu os ombros. “Não sei que notas é que o Neame planeia dar. Talvez.”

Maarten voltou-se para a mãe de Chip. “Se tiver ovos no frigorífico, eu posso preparar o pequeno-almoço. Faço umas omeletes bastante boas."

Capítulo 17

Os rapazes ficaram acordados até tarde e, por muito que tentasse, Carolann não conseguia acompanhar Lyn no seu sono. Vestiu o roupão e atravessou o corredor em bicos dos pés para tentar perceber se os rapazes estavam a trabalhar. Chip era extremamente paciente em relação aos pontos fracos do seu amigo. E havia também que dar algum crédito ao outro miúdo, pois estava mais empenhado no projeto do que Carolann esperara.

Lyn tinha razão... Chip estava mesmo a crescer. O futuro – o futuro de Chip – estava a aproximar-se de Carolann cada mais depressa. Deixar o Kansas havia desordenado a dinâmica e o ritmo da sua vida, tanto no que se referia a avançar para o futuro, como no que tocava a olhar o passado. Evidentemente, Chip não seria um miúdo para sempre e Carolann sabia que um dia teria de enfrentar, com Lyn, a vida adulta do filho. Mas "um dia" parecia apenas pairar no ar, como um intruso. Carolann sempre delegara em Lyn as decisões importantes, como, segundo lhe haviam ensinado, faziam as boas esposas (ou como deveriam *parecer* fazer). No entanto, em breve, Carolann encontrar-se-ia a desbravar novo território. Não havia livros de psicologia sobre parentalidade que ajudassem. E o tema, claro, nunca o discutiria no trabalho ou na igreja. Lyn era insistente. Mas e se estivesse errado?

Sem as obrigações e a proteção que tinha em casa, Carolann cada vez mais se dava conta de que deveria ser ela a descobrir as suas próprias prioridades e os seus próprios pontos fortes. Curiosamente, quanto mais afastada estava da sua igreja, mais livre se sentia para deixar que Deus, como ela O conhecia, a guiasse nos seus esforços. Muitas vezes, Carolann sentia que a sua vida só começara realmente a partir do momento em que conhecera Lyn e se tornara sua esposa. Mas, naquele instante, subitamente, apercebera-se de que a pessoa que sempre fora afinal estava ali, ali dentro.

Carolann conhecera Lyn no Bar Topeka e confidenciara-lhe, quase de imediato, que tinha um problema mais grave do que o

simples deslindar das suas elusivas divisões entre indignidade e aturdimento. E precisava da ajuda de Lyn para resolver a questão.

A mão tremeu-lhe enquanto achatava o guardanapo contra a coxa para ler o número de telefone dele. Como é óbvio, uma rapariga sexualmente ativa precisava de um médico que não pertencesse à sua comunidade e, quer se gostasse, quer não, mesmo aos dezassete anos, era isso que ela era.

O pai de Carolann nunca confiara em linhas telefónicas que pudessem ser colocadas sob escuta – pequenas orelhinhas que brotavam como folhas numa vinha. Cyrus só pessoalmente debatia questões financeiras. E a questão de Carolann era certamente mais pessoal do que os impostos de quem quer que fosse. Carolann teria de ver Lyn pessoalmente. O melhor mesmo seria ir ao consultório dele, depois do trabalho, e pedir-lhe que ele lhe passasse uma receita. Com certeza que ele o poderia fazer.

O telefone tocou em casa de Lyn. A mãe de Carolann também raramente falava ao telefone. Os assuntos privados exigiam cadeiras, chá gelado no verão, cidra quente no inverno. O assunto de Carolann exigia um chá gelado, mas do tipo "Long Island" – e num jarro. Não fazia ideia do que precisava. Talvez Lyn tivesse de a examinar. Nenhuma outra palavra viajava tão rapidamente quanto *vadia*.

De imediato, Lyn perguntou "Então, quando te posso levar a jantar?"

"Num encontro? Carolann sentiu um cheiro a canela. Ela é que havia ligado. Não deveria ser ela a fazer as perguntas? O feminismo baralhava tudo. O velho livro da sua mãe *Economia do Lar* – evangelho, aliás, só precedido pela Bíblia na sua casa – não abordava o tema. "Em breve."

"Calma, sua leoa", riu-se ele. "Jantar italiano e cinema na sexta-feira?"

Cyrus sempre dissera que a comida estrangeira e requintada era a forma mais rápida de ir parar ao abrigo dos pobres. "Ou hambúrgueres, mais cedo?", perguntou ela.

"Os turnos diurnos terminam às seis da tarde, não é?", perguntou, por sua vez, Lyn. "Posso ir buscar-te ao hospital."

“Eu podia ir até Kansas City.” Carolann levaria o carro, encheria o depósito de gasolina e reporia o conta-quilómetros de Cyrus, como Maryann sempre fazia. No seu consultório, Lyn teria todo o material necessário, o bloco das receitas e tudo o que estava descrito no livro: tiras elásticas e espéculos. “Vou ter ao teu consultório e depois tomamos um copo rápido.”

“Eu conheço os teus copos rápidos”, riu-se Lyn. Um som de barítono explodiu num azul ondulado. “Eu vou ter contigo na sexta.” A comichão chamejava em magenta. “Está bem.” Carolann não sabia como aguentar a espera.

No momento em que parou o carro do seu pai no parque de estacionamento do hospital, já ela estava no limite – verde menta. E se aquele simpático médico fosse contar aos pais dela? Percorreu o parque de estacionamento em busca do carro de Lyn.

Seria capaz de o reconhecer? O seu coração batia como se tivesse engolido uma galinha viva com cerveja de raiz. No espelho retrovisor, o seu rosto parecia ridiculamente jovem. As suas sardas reluziam, qual roteiro da sua experiência de vida. Carolann era como um jogo de ligar os pontos, mas demasiado complicado para concluir. Era como a astronomia.

Esticou-se para alcançar o rímel que guardava na mala. Maryann tinha razão – os olhos de Carolann eram bonitos, mas o resto era horrível. O seu nariz era demasiado largo. Os seus lábios tinham uma forma estranha. As suas maçãs do rosto não eram bem definidas. E aquele cabelo ruivo também não a favorecia.

Exagerou no rímel. Nunca acertava. Ou parecia uma miúda de doze anos ou uma galdéria. Não havia ponto intermédio. Se o Sr. Doutor não lhe pudesse passar a receita sem a examinar, então teria de fazê-lo no carro ou no banco do campo de beisebol ou por trás do Dairy Queen ou no beco ao lado do Five and Dime. Provavelmente seriam apanhados. As pessoas iam àqueles lugares.

O carro de Lyn entrou no parque de estacionamento e o estômago de Carolann deu uma guinada. Nem conhecia o tipo! Anos mais tarde, quando alguém lhe pediu que explicasse a sua fé, Carolann lembrar-se-ia daquele momento. Como se Deus tivesse tomado o volante e a tivesse conduzido para a sua decisão. Não

que alguma vez tivesse explicitado os pormenores da situação, mesmo que lho tivessem pedido. Mas sabia-o.

Carolann entrou, deslizando, no carro de Lyn. O tabliê estava oleoso do produto de limpeza e ela não lhe tocou.

“Eis a sua carruagem, minha senhora”, sorriu Lyn, radiante.

“Olha, não tens de me levar a jantar. Só preciso de te pedir um favor.”

Ele ligou o carro, olhou pelo retrovisor e saiu do parque de estacionamento. As suas pequenas mãos apertavam o volante. “Nada disso”, latiu ele. “Mais tarde, haverá tempo para favores. Mas primeiro, esparguete. A conversa espirituosa é opcional.”

Carolann viu casas familiares passarem a alta velocidade. Poderia vir a acabar com um problema bem mais grave do que a infeção que apanhara de Buck. A que tipo de favores se referiria ele?

Porém, fiel à sua palavra, Lyn levou Carolann a um restaurante italiano, o mesmo que os pais dela escolhiam, todos os anos, para o jantar de família pelo seu aniversário de casamento.

Lyn comeu tudo o que tinha no prato. Carolann dividiu a sua refeição ao meio, como se para guardar metade para mais tarde, embora depois se tenha limitado a empurrar a comida com o garfo, distraída.

“Bom, vamos lá a saber”, disse Lyn. “Qual é o favor?”

Carolann retorceu-se na cadeira. Os seus pensamentos dispersaram-se como insetos numa rajada de vento, encurralando-se depois na questão central. Ela fitou-o. Tudo era de um bege ocre e esmagador e cheirava a tinta húmida e a transpiração. Não conseguia falar.

Finalmente, Lyn disse “Quando te conheci naquele bar, muita coisa se passava na tua cabeça.”

“Mais ou menos.” O cheiro a suor pendia, espesso, mas, ainda assim, Carolann conseguia ver através do bege. Apertou-se firmemente. Formigas lava-pés. “Mas o problema não está exatamente na minha cabeça.”

“É o quê então?”

Carolann pousou as mãos esticadas no tampo da mesa de fórmica. Salpicos prateados em fundo branco e lama pegajosa de

bolonhesa. Havia arranjado as unhas, opalescentes, de propósito para a festa, que agora parecia ter acontecido muitos séculos antes. As suas unhas estavam lascadas, salpicadas como a mesa, e roídas quase ao ponto de sangrarem.

"Ouve, o que eu disse foi a sério. Se houver alguma coisa em que possa ajudar..." Lyn olhou nos olhos de Carolann. Sem pestanejar. "Eu faço-o."

Carolann queria saltar por cima da mesa e aninhar-se nos braços dele. "Tenho andado a beber sumo de mirtilo e a comer iogurte, mas não está a funcionar. Deve ser do fato de banho. A minha irmã já teve. Acho que preciso de antibióticos ou algo do género. Qual é mesmo a tua especialidade?"

"Do fato de banho?"

"Ou talvez não." Engoliu em seco.

"Bom, eu médico não sou. Trabalho em Marketing. Mas continua."

"A minha mãe é que diz. Não és médico?"

Lyn olhou-a. "Disseste à tua mãe?"

"Credo, não. Preciso de um médico que trate de canalizações. Das canalizações das mulheres, sabes? E de um que não conheça os meus pais. Pensei que fosses médico."

"Fato de banho", disse ele a sorrir.

Carolann cerrou os maxilares. Qualquer pessoa poderia entrar no restaurante e vê-los.

"Vaginite", disse Lyn baixinho. "Estás preocupada com uma doença sexualmente transmissível."

"Sim." Vaginite era o termo que encontrara na biblioteca do hospital.

"Clamídia ou herpes. Sífilis. Doenças venéreas."

Carolann encolheu-se. "Talvez eu seja alérgica a alguma coisa."

"Ou a alguém", sorriu Lyn. "Ao namorado da tua irmã."

Carolann sentiu-se enjoada.

"Ouve, deve ser só uma infeção. Acontece."

Partilha de fluidos corporais, dizia o livro. Carolann ainda pior se sentiu.

Lyn disse-lhe "Podemos arranjar-te uma médica em Kansas City que te faça o papanicolau. Talvez gostes da Dr.ª Wall. É uma boa

obstetra. Ou da Dr.ª Govender. É difícil arranjar uma consulta, mas ela é excelente.”

“Papanicolau”, suspirou Carolann. O livro do hospital descrevia *a inserção de um instrumento de metal*. A ardência enfureceu-se. “Será que vai doer?”

“Não podes brincar com infeções dessas. Pode ser grave. Pode causar infertilidade”. Lyn limpou a garganta.

“Ainda bem. As crianças saem caro.”

Ele nivelou o seu olhar com o dela e pareceu deixar uma pergunta a desfalecer no ar.

Carolann conseguia cheirar a imundície que tinha entre as pernas. Na verdade, a inserção de um instrumento metálico frio até poderia vir a ser divinal.

Lyn gesticulou para a empregada, que estava do outro lado da sala, escrevendo uma conta imaginária na palma da mão. “Dizem que pode ser desconfortável, mas, no teu caso, não deve ser.”

“A sério?” Carolann imaginou o ferro de encaracolar de Maryann, enfiado em gelo. Uma bênção. Um gelado de pau! Ela trataria de ser curar a si mesma. Um tampão no congelador. “O que queres dizer com ‘no teu caso’?”

A empregada chegou à mesa num alvoroço, cafeteira numa mão e conta na outra. Inclinou a cabeça para a máquina registadora ao lado do balcão dos doces. “Quando quiserem.”

Lyn assentiu, vendo a empregada desaparecer e devolvendo depois o olhar a Carolann. “É desconfortável se estiveres apertada ou seca.”

Carolann recuou.

Lyn posou os seus dedos atarracados na mesa, como um jogador que revela o seu trunfo. “Não quero ser demasiado gráfico, querida.” Deu-lhe uma palmadinha na mão. “Para já, até é preferível assim... não és propriamente virgem.”

Capítulo 18

Chip e Maarten haviam trabalhado até altas horas e, na noite seguinte, Carolann presumiu que o filho fosse para a cama cedo. Mas já quase batia a hora a que normalmente se deitava e Chip continuava acordado. Carolann caminhou até ao quarto dele e pôs-se do outro lado da porta fechada. Quando o filho era pequeno, Carolann dobrava ali a roupa e escutava secretamente as conversas dele com os seus bonecos. Chip sempre se revelara um rapazinho correto, feliz.

Na altura, Carolann sentia necessidade de o confirmar com regularidade. Após o que acontecera com Maryann, nem todos concordariam que Carolann fosse suficientemente vigilante ou esperta ou capaz como mãe. Mas se Deus decidira presenteá-la com a maternidade, quem eram eles para discordar? Desde o início que Carolann trabalhava incansavelmente para ser uma boa mãe. E tudo o que ouvia através da porta fechada de Chip lhe parecia natural. Mas agora os miúdos conversavam através do computador. Como poderiam os pais saber o que realmente se passava?

A rapidez com que Chip teclava preocupava Carolann. Ele nunca tivera namoradas. Carolann nem conhecia Ticia, a rapariga que lhe ligava, e já estava a entrar em pânico. Seria possível que o som das teclas de Chip revelasse uma necessidade iminente de contracetivos?

Nessa noite, jantaram os dois sozinhos. Na ausência de Lyn, Carolann preocupara-se de tal forma em falar de política e do trabalho de casa de História que, quando Chip disse que queria levar a rapariga à mariscada de Rowan, Carolann ficou boquiaberta. Chip retirou imediatamente o pedido. Com alguma sorte, a mariscada de Rowan seria novamente adiada ou cancelada de vez. A família de Carolann não tinha nada de se misturar com os novos vizinhos.

Carolann rodou a maçaneta da porta do quarto de Chip. A porta rangeu e Carolann deteve-se por um momento. Evidentemente, Chip merecia um milissegundo que o avisasse de que ela estava ali.

"Eu sei que horas são." Chip fechou o portátil.

Carolann beijou a cabeça do filho, que vestia calças de pijama e uma t-shirt branca. Flanela azul escura, o mesmo que o seu pai estaria a usar no quarto de hotel em Bristol. Carolann interrogou-se se Lyn já estaria deitado ou se algum representante farmacêutico o persuadira a ir a um *pub*. Suspirou. *Public house*. Já visitara, pelo menos uma vez, todos os que existiam na rua principal e alguns dos empregados já sabiam até o que costumava pedir. Coca-Cola Diet com limão.

Chip passou pela mãe, junto à porta, para ir lavar os dentes. Carolann olhou, pela janela, a escuridão. Das poucas vezes em que Lyn se ausentava, costumava olhar para a lua e imaginar que também ele o fazia – mesmo sabendo que o marido estaria em reuniões ou jantares tardios ou bem longe de olhar o céu. Confiava plenamente em Lyn – e conhecia poucas mulheres que sentissem o mesmo em relação aos seus maridos. Assim, parecia-lhe injusto que Lyn soubesse que ela estivera com alguém antes dele. E sabia que isso o incomodava de vez em quando.

No casamento da sua irmã, enquanto tirava fotografias com os noivos, Carolann notou que, do outro lado da sala, Lyn os observava. Carolann queria tanto que ele soubesse que não sentia nada quando estava com Buck. Nada além de um vazio azul-céu. Nada havia entre eles. Nem naquele momento – nem nunca. Fizera sinal a Lyn para que se juntasse a ela e aos noivos, mas ele ficou onde estava, com o bebé. Voltaram-lhe à cabeça os tinidos que mudavam de cor, pesados, saturados, beringela e cinza-ardósia reluzente. A substância daqueles tons em nada se assemelhava à luz azul, oca, de Buck. O casamento da irmã, o facto de Buck se tornar um membro permanente da família e o próprio Lyn tornavam aquelas cores profundas ainda mais complexas. Aquela noite no carro de Buck exibia a mesma combinação de cores – roxo tempestade de verão. Mas agora essa cor era Lyn.

Chip regressou do quarto de banho e Carolann voltou-se. Tocou na tampa azul de um frasco amarelo-vivo pousado na secretária de Chip. “Bolhas de sabão?”

“Sim, o serviço de acolhimento usou-as num jogo para quebrar o gelo.”

“Lembras-te de que nunca te deixava brincar com bolhas de sabão dentro de casa?”

“Brincar? A mãe nem me deixava ter o frasco em casa.” Chip riu-se. “Porque achas que o tirei da mochila? Pensei que o quisesses pôr na garagem, com as minhas tintas.”

Carolann sorriu. “Então que jogo era esse?”

“Os recém-chegados fazem bolhas para dentro de um círculo de alunos mais antigos e a pessoa em quem a bolha acertar tem de revelar ao outro aluno informações pessoais.”

“Por exemplo?”

“O meu pai é o Ministro da Defesa de Tombuctu. Bolhas por todo o lado. Foi o caos.”

Carolann franziu o sobrolho. “E então o que revelaste tu?”

“Nada.” Chip enfiou os seus cadernos dentro da mochila e fechou-a. “Não me chegaram a acertar."

“Ótimo.” Carolann desenroscou a tampa e tirou a varinha, surpreendendo-se a si mesma, enquanto o líquido gotejava na secretária de Chip. Era apenas sabão líquido.

“Seja como for, não tenho segredos obscuros.” Chip olhou, confuso, para Carolann, que segurava a varinha no ar. “Além da espionagem, claro.”

Carolann fez uma bolha. “Serviços de contrainteligência.”

Chip agarrou a bolha no ar. “E o pai é um ladrão de diamantes e tem um carro voador.”

Então, Carolann disse “Falando a sério, estou a pensar em dedicar-me à enfermagem outra vez. Em tempo parcial.”

“O pai sabe?”, perguntou Chip.

“Não, tenho de falar com ele sobre isso. A escola precisa de ajuda com as vacinas para a meningite... não é nada de mais.” Soprou uma outra bolha e fê-la rebentar no candeeiro de teto do filho.

Chip olhou de soslaio para a fotografia de Eminem. “Podia ter dito que era *rapper*, que tinha acabado de assinar um acordo com a Def Jam Records.”

“Não mintas nunca.”

“Eu sei.” Chip suspirou. “Resolve-se um problema, mas cria-se outro maior.”

Carolann acenou. “A Def Jam teria sorte se assinasse contigo.” Disse-o como se a Def Jam fosse um tema recorrente nas suas conversas.

Chip encolheu os ombros.

“Não te limita, sabes, o facto de vires de uma terra pequena. Podes ser *rapper* – só tens de provar àqueles que duvidam de ti que estão errados. Faz isso. Não tens de mentir.”

“Suponho que não.”

Quando Carolann apresentou a sua demissão ao hospital, as suas amigas enfermeiras e os seus amigos da igreja presentearam-na com os mesmos chavões. A mudança será uma grande aventura. Saúda a mudança. Não temas o desconhecido.

Mas ninguém lhe falou na alegria de ser, ela própria, desconhecida. A sublime liberdade de entrar num supermercado Waitrose e não ter a rapariga do caixa a comentar o facto de Carolann mudar de marca de cereais ou comprar uma garrafa de Jack Daniels. A maravilhosa libertação de não conhecer a tia ou a mãe ou o patrão da rapariga do caixa, nem o padrão do linóleo da quinta da família do primeiro namorado dela, nem o sítio onde escondem a chave do armário para a espingarda. Obviamente, Carolann tinha saudades de casa – de sentir que pertencia a um lugar ou de perceber de que forma não pertencia – mas, tinha de admitir, a fresca sensação de liberdade que advinha de estar num país diferente era uma bênção.

“Mãe?” Chip observava o líquido que escorria da varinha na mão de Carolann.

“Os móveis são alugados”, riu-se ela, soprando novamente. Uma bolha cresceu no roxo anel de plástico da varinha, tomando todas as cores do quarto e girando na sua superfície iridescente – os azuis e os roxos e a luz branca sobre a sua cabeça, a lua dourada lá fora, o poste de luz pêssego pálido em frente à casa de Rowan. A bolha aterrou no ombro de Chip, demorou-se um pouco na sua t-shirt branca e depois rebentou.

Chip tocou na mancha húmida que se formara no seu ombro. “Está bem... o meu maior segredo...”

Carolann olhou cautelosamente para Chip. O rapaz tinha realmente um grande segredo, mas não o conhecia ainda. E se tudo

corresse como Carolann pretendia, continuaria sem o conhecer.

“Népia.” Chip riu-se. “Sou tão aborrecido.”

“Não, és perfeito e maravilhoso.”

Chip pegou na varinha e soprou.

Carolann viu a bolha de Chip pousar no seu pulso e lá ficar. Besuntou o líquido no braço e sentiu-o escorregadio. “Meu Deus”. Havia tomado um cocktail depois do jantar, apenas um, e parecia-lhe que o tempo se desemaranhara a si próprio. Subitamente, a sua corda de salvamento parecia uma fita intricada e fúchsia, como as que havia na loja de Maryann, enrolada numa espiral delirante. Era o problema do Jack Daniels. Por vezes, um copo poderia fazer de uma fita totalmente lisa um laço emaranhado. Carolann não gostava mesmo de imprevisibilidades. Pressionou a ponta do dedo molhado contra o seu rosto morno.

“Queres falar-me agora do roubo do diamante?”, perguntou Chip.

“Não, vou revelar-te outra coisa.” Deu uma olhadela à fotografia de Eminem. “Isto preocupa-me.”

“O Eminem é inocente.”

“A rapariga que te deu a fotografia.” Carolann franziu o sobrolho.

“A Ticia é fixe, mãe. É simpática e esperta... e bonita, mas não podes usar isso contra ela. É só uma amiga.”

Carolann acenou. Precisava de contactos. Informações sobre aquela rapariga. Era uma prostituta com certeza. Uma devassa. Uma drogada. *Ela vai partir-te o coração, meu querido menino*. Carolann tinha de conseguir aquele trabalho na escola.

“Confia em mim.” Chip fechou o frasco das bolhas de sabão. “Sei tomar conta de mim. Não sou parvo.”

Capítulo 19

Carolann folheou o guia de antiguidades que Maryann lhe enviara. Juntamente com Lyn, já havia percorrido dúzias de lojas e mercados de antiguidades, de Portobello Road a Camden, entre outras tantas feiras. Não haviam encontrado nada. A lista de lugares que vendiam antiguidades inglesas parecia interminável e elaborar um plano bem-sucedido parecia infrutífero. Mas Carolann sabia que a sua irmã ligaria a qualquer minuto para debater aquela contínua demanda.

À hora certa, duas da tarde, o telefone tocou e Carolann atendeu-o num salto.

"Acho que nem estás a procurar", acusou Maryann. "Foste aos sítios que te indiquei? Encontra mas é o raio da coisa."

"Encontra-a tu", disse Carolann. "Tu é que a partiste."

"Partimo-la juntas", latiu Maryann. "Partiu-se e o corpo do nosso pai está a comê-lo vivo à conta disso. Tu estás aí em Inglaterra a passar um bom bocado e parece-me que não tens noção de como o pai está doente."

"Surgiu mais alguma coisa?", perguntou Carolann, preocupada.

"Não sei. A mãe dá a impressão de que ele está às portas da morte. E ela provavelmente espera que assim seja."

"Ela voltou a atualizar o seguro de vida dele?"

"Ele só precisa de saldar o raio da dívida, Carolann. Não tenho a tua experiência 'médica', mas sei..."

"Estou à procura." Carolann imaginou a sua irmã a gesticular aspas para envolver a palavra "médica".

"Já foste a Petworth? Chelsea? Ao Antiquarium? É aí que vais encontrar o que queremos. Tens de ir várias vezes. Estão sempre a chegar coisas para esses vendedores. Devia ser eu aí."

"Se essa jarra existir aqui, eu vou encontrá-la." Carolann suspirou. "Deixo o meu número de telefone em todas as lojas. Eles vão ligar-me." Lyn não poderia despender mais tempo na busca. Felizmente, Rowan concordara em levá-la a Ardingly, uma grande feira de antiguidades.

"Tenho de relembrar-te, Carolann? Aquela maldita jarra é inglesa, como a maluquinha que mora ao lado dos nossos pais, e tu estás em Inglaterra. Se ainda não estiveste em Chelsea..."

“Eu estive em Chelsea.”

“Não é a mentir que vais encontrar a jarra. E também não é a vadiar pela Europa.”

Antes que Carolann pudesse responder, a sua irmã desligou o telefone. Carolann olhou para o relógio. A chamada durara dois minutos. Maryann cronometrara-a provavelmente com um temporizador para ovos. Carolann podia ligar de volta – pagar a chamada – e não deixar nada por dizer, respondendo a todas as acusações. Ou podia ir até ao *pub*. Sabia qual a melhor forma de utilizar as suas energias, portanto vestiu o casaco.

Mentiras e falsas acusações e pedidos de desculpas negados. Edith Heaney merecia, sem dúvida, um pedido de desculpas, mas Carolann não podia contrariar os seus pais. E havia outros pedidos de desculpas a concretizar, mas, também nesses casos, Carolann não se atrevia. Ei-lo, o seu pecado original: não o de ser fraca, mas o de não ser suficientemente fraca. Os médicos diziam que ela deveria realmente ter perecido e ter sido reabsorvida pelo útero.

No ar puro e livre, ao som das folhas e das pedras que se esmagavam sob os seus pés, Carolann poderia pelo menos começar a pensar com clareza.

O que fizera com Buck era pecado, evidentemente. Ou o que fizera a Buck. Ou seria fraqueza? Cedera à tentação, permitira-se levar pela tentação, contra todas as suas orações. Seria a fraqueza um pecado na sua plenitude? Seria possível que Deus tivesse uma escala móvel?

Todas aquelas lengalengas: *não nos deixeis cair em tentação*... tentação. Repetiu o “Pai Nosso” na sua mente enquanto caminhava. O ritmo das palavras suavizava sempre as distâncias.

Mas não eram só as lengalengas, eram também as aliterações – os *ss*. O seu som deslizava na missa de domingo, suavemente, um *s* resvalando para o seguinte, quais serpentes contorcidas nas suas inseparáveis espirais.

Carolann memorizara, ainda criança, o “Pai Nosso”. Sem que compreendesse o seu palavreado, tudo o que vivenciava era a incessante fileira de *ss*. *Perdoai-nos, Senhor, as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. As nossas ofensas. As nossas ofensas.* Ouvia as suas passadas

acompanhando as palavras. *Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

E Carolann cedera à tentação, apesar de tantas orações sussurradas... à primeira oportunidade, havia sido demasiado fraca para não se render. E novas fraquezas haviam guiado a sua caminhada desde então. Fraqueza e pecado.

Serpenteou por entre ruas estreitas, absorvendo o odor a folhas castanhas e a cortante ferroada do ar no seu rosto, e o branco do céu inglês e o negro dos ramos que se suspendiam sobre ela.

De cabeça fria e com uma nova resolução, voltou para casa. Se houvesse uma jarra com apicultores algures em Inglaterra, ela iria encontrá-la e entregá-la à sua irmã. Mesmo que parecesse impossível, Carolann sabia que encontrar a jarra seria, de todas, a parte mais fácil.

Capítulo 20

“Sabes que, mesmo que encontres a maldita jarra, a tua irmã vai arranjar outra coisa para mandar vir contigo.”, disse Lyn, sentando-se para jantar.

“Vamos ver.” Carolann tinha de admitir: a sua irmã, três minutos mais velha, sempre fora dominadora.

“Ela vai fazer-te comprar coisas para a loja dela.”

“Foi mesmo por causa dessa jarra que ela se meteu nas antiguidades.” Carolann fez um gesto a Chip, relembrando-o de colocar o guardanapo no colo. A razão por que o miúdo nunca se lembrava de colocar o guardanapo no colo seria um eterno quebra-cabeças.

“E porque se ressente de seres enfermeira”, disse Lyn. “Como se o trabalho dela, mais do que o teu, pudesse fazer algum bem pela saúde do teu pai. Ela não joga com o baralho todo.”

“E se a jarra existir aqui, no próximo lugar a que formos? E se, encontrando-a, conseguirmos mesmo ajudar o meu pai?”

Chip tossiu para dentro da sua mão fechada, parecendo dizer “tretas”.

Lyn sorriu, o que Carolann considerou tão chocante como a tosse de Chip. Seria de esperar que pusessem dinheiro no frasco das obscenidades mesmo que a obscenidade não fosse totalmente percetível?

“Provavelmente, a velhota vai morrer antes que consigas chegar a ela. Aliás, provavelmente já morreu”, disse Lyn.

“Ela ainda lá anda. E só temos um ano por aqui. Tenho de tentar.”

Lyn suspirou. “Pronto, a coisa era valiosa. Dá-lhe o dinheiro. Se o teu pai está assim tão doente, porque já não lhe pagou há anos? Eu pago-lhe, por amor de Deus. Quanto é?” Apalpou os bolsos por baixo da mesa e ouviu-se o tinido de moedas.

Haveria algum gesto mais depreciativo do que aquele durante uma conversa sobre valor? As grandes preocupações de Carolann não passavam de trocos para Lyn.

Carolann encarou-o. Quase se levantou para ir à cozinha tratar de alguma necessidade imaginária, mas, em vez disso, obrigou-se a ficar sentada, quieta.

Então, Chip perguntou "Posso ir a casa do meu amigo Henrik jogar basquete em vez de ir para as lojas de antiguidades? Vão lá uns tipos jogar todos os domingos. E ele vive perto."

Carolann respondeu apressadamente "Se a mãe do rapaz ligar cá para casa a convidar-te, eu penso no assunto. Referes-te ao miúdo sueco que apanha o teu autocarro?"

Chip afundou-se nos seus ombros. "A mãe dele não vai ligar, ok? Tenho catorze anos."

"Chip", Lyn falava com firmeza, "a tua mãe disse que não."

"Não, a minha mãe não disse que não."

"Desculpa?", Lyn virou-se para o seu filho.

"Porque é que eu tenho de ir sempre com vocês?", interrogou Chip. "Não tenho nada a ver com esta cena. Nem com a tensão alta do avô, nem com a coisa da jarra. Porque é que tenho de ir?"

"Pronto, não tens de ir", disse Carolann.

"Devias ter vergonha", Lyn fitava Chip. "É do teu avô que estamos a falar."

"Não, o Chip tem razão", retorquiu Carolann. "Ele não tem de vir." Olhou para o seu jantar, quase intacto no prato. Não tinha fome. Na verdade, sentia-se até aliviada, um rosa-pêssego pálido fluía. Era mais do que alívio. Era alegria, alegria de que, pelo menos, um dos membros da sua família não tivesse de ir à procura de antiguidades.

"E o Henrik?"

"Não!", disse Lyn. "Tu vens connosco. Somos uma família. Carolann, explica-lhe. Ele pode ter o seu papel, se é isso que quer."

O rosa suave dispersou-se e deixou-se substituir por um cinza gélido e transparente. As transparências eram o mais difícil de perceber. Como uma alforreca. Talvez fosse esse o significado da cor... Carolann estava debaixo de água, a nadar entre seres invertebrados que flutuavam preguiçosamente e que podiam ser letais caso se aproximasse demasiado. Então disse "Isto não tem nada a ver com Chip – mesmo que eu lhe explique tudo."

Lyn posou com força o seu copo de água e Carolann respirou profunda e rapidamente.

“Está bem”, disse ela. Pôs as mãos em cima da mesa, de cada um dos lados do prato, como se fossem talheres, perfeitamente simétricos. “Edith Heaney era uma noiva de guerra inglesa.”

“Maluquinha”, disse Chip.

Carolann encrespou-se. “Aquela senhora já passou por muito.”

“Desculpe.”

“Ela casou com um soldado americano, Sedgewick Heaney, que estava destacado em Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial.”

“Isso eu sei”, interrompeu Chip novamente.

“O regimento dele estava perto da quinta do pai da Sr.ª Heaney, em Devon. Alguns dos soldados ajudavam nas quintas enquanto treinavam para o Dia D nas praias. Todos os homens ingleses fisicamente aptos combatiam na guerra, no continente. Podes ler a história. Procura Torcross. Ou os Jardins de Trebah, na Cornualha. Já ouviste falar do desembarque em Omaha durante a Segunda Guerra Mundial?”

“Claro que já”, interrompeu Lyn. *O Resgate do Soldado Ryan*. Foi de lá que saíram de Inglaterra. Aliás, é um sítio que não me importava de visitar. Por acaso não está na lista da tua irmã ou está?”

Carolann abanou a cabeça. “Seja como for, Sedgewick Heaney era um dos soldados que ajudavam o pai de Edith e acabou por casar com ela. Eles mudaram-se para o Kansas depois da guerra.”

“Fugiram”, disse Chip.

“Não sei pormenores.”

“Um pecado.”

Carolann encolheu os ombros. “Ela nunca se integrou – o sotaque, as expressões inglesas. E trabalhava na quinta do Sr. Heaney como se fosse um filho.”

“Eles não tiveram filhos porque ela é uma bruxa. Não tem útero.”

“Isso é ridículo. Onde foste tu ouvir tal coisa? Há por aí muito boas mulheres que não têm útero. Ou filhos.” Carolann lançou um olhar incisivo ao seu marido e ao seu filho. “Ela perdeu o marido antes de eles constituírem família, mas é verdade que as pessoas a achavam estranha. Não confiavam nela. A minha mãe era uma

miúda nessa altura. Imagino que a Sr.ª Heaney não fosse muito mais velha do que ela. Dez anos talvez.”

“Fala-lhe do laboratório que ela tinha na cave”, disse Lyn.

Carolann levantou o sobrolho. Havia assuntos de que Lyn não falava e assuntos de que Carolann não falava.

“Já sei. Ela tentou matar-te a ti e à Tia Maryann quando vocês eram miúdas. Invadiram-lhe o laboratório e ela tentou envenenar-vos, porque é maluquinha.”

“Não.” Carolann abanou a cabeça.

Chip encolheu os ombros. “Foi o que eu ouvi.”

“Onde?”

“Disseram-me para aí umas vinte pessoas. *Sempre* soube desta história.”

Carolann respirou fundo. “A Sr.ª Heaney destilava derivados de plantas. Ela tinha mesas e bicos de Bunsen no laboratório. Quando Sedgewick Heaney morreu, as pessoas pensaram que ela ia voltar para Inglaterra, mas ela ficou a gerir o laboratório. Publicou artigos em revistas de ciências agrícolas e até fez um livreto para Futuros Agricultores. Mas foi rejeitado – não queriam que ela se aproximasse sequer da *juventude impressionável*. Falava-se de algo *desfavorável* em relação ao seu passado.”

“Talvez ela não devesse ter dito às pessoas que tinha fugido”, disse Chip.

Carolann abanou a cabeça. “A minha mãe dizia que era a única amiga daquela senhora. A Maryann e eu íamos a casa dela todas as semanas, enquanto a mãe ia arranjar o cabelo. Era uma época diferente, de facto. Nós chamávamos-lhe maluquinha, como toda a gente, mas, na verdade, ela era uma senhora muito querida. Fazia-nos bolachas, chá da tarde...” Carolann susteve-se por um momento.

“Como uma tia ou uma avó”, acenou Chip.

A sua Tia Maryann ou a sua avó Barbara Ann não poderiam ser como ele as imaginava. E a mãe de Lyn muito menos. Felizmente, Chip nunca a conhecera.

Carolann continuou. “Quando tínhamos sete anos, a Maryann e eu partimos o que a senhora tinha de mais precioso, aquela jarra azul e branca. Era considerada insubstituível, por isso gerámos uma

dívida que deixou, literalmente, o meu pai doente. Até hoje. Como sabes, para ele, a gestão financeira é primordial.” Carolann tivera uma sensação esquisita em relação a Edith Heaney mesmo antes de ouvir as histórias em tribunal, quando ainda era uma miúda. Era estranho tentar explicar a situação a Chip. Pôs-se de pé e voltou à cozinha.

Carolann ouviu Lyn perguntar “E isso ajuda em quê?”.

Voltou à sala de jantar com uma tigela de salada de fruta. “Ela ficou tão zangada quando lhe partimos a jarra que teve de ir dar uma volta a pé para se acalmar. Por isso, trancou-nos na cave, pensando que lá nada nos ia acontecer.”

“E não aconteceu”, acrescentou Lyn.

Carolann serviu a fruta. Era ridículo. Queria dizer que toda a família deveria ir jogar basquetebol com o miúdo sueco. “Mas os meus pais consideraram um erro muito grave ela ter-nos trancado naquele laboratório e deixar-nos lá.”

Chip encolheu os ombros. “Esta rixa já tem 20 anos ou lá o que é e, se a mãe encontrar a tal jarra insubstituível, toda a gente há de ficar feliz de repente. Não me parece. Especialmente porque os teus pais mandaram prender a Sr.ª Inocente Heaney por pôr crianças em risco.”

“O cadastro dela já está limpo.”

O silêncio instalou-se à mesa. Era evidente que Lyn não iria insistir para que Carolann entrasse em mais pormenores. Evidente também era que Chip já sabia mais do que seria desejável. Carolann conseguia ouvir a sua própria respiração.

Finalmente, Chip disse “*Eles não têm de se perguntar, eles só têm de fazer*.”

“Exatamente”, disse Lyn entre risinhos. “Realmente, adoro um pouco de Alfred Lord Tennyson com a minha salada de fruta”. Esticou-se para chegar à colher de servir. “Então, vamos todos ver antiguidades. Se a tua mãe tiver razão, e se tivermos sorte no próximo lugar aonde formos, que tal irmos marcar uns cestos no parque?”

Capítulo 21

No dia seguinte, Carolann dirigia-se para a estação dos correios quando viu Rowan a jardinar. Nunca mantivera relações muito próximas com a vizinhança em nenhum dos locais onde ela e Lyn haviam vivido, mas este caso era diferente. Mudou de rumo. Sentindo-se apenas ligeiramente desconfortável, dobrou o casaco, colocando-o debaixo do assento, e sentou-se a conversar com Rowan. “Então, sempre temos a nossa mariscada no próximo fim de semana?”

“Temos”, respondeu Rowan. “A Carolann acha que só vai ficar cá um ano, mas e se afinal forem dois ou três ou uma década? Tem de conhecer as pessoas que vivem nesta rua.”

Carolann sorriu. Inesperadamente, quase se sentia entusiasmada com a festa.

“Espero que não seja demasiado tarde para isto”. Rowan apontou para o seu balde de bolbos. “Comprei dez cores diferentes, tulipas, e misturei-as todas. Por isso, se tivermos sorte, quando chegar a primavera, vai ser um festival. Dê-lhe uma mexedela.”

“Seria incapaz.” Carolann fitava o balde de bolbos. “Misturar os bolbos! Que loucura!”

Rowan riu-se. “Mas imagino que goste tanto de tulipas como eu, porque não têm cheiro.”

“É verdade.”

“E também não gosta de ter o televisor e o rádio ligados ao mesmo tempo?”

“Mas ninguém gosta disso, pois não?” Carolann puxou o balde para si e de lá tirou um bolbo. O seu pequeno rebento branco e ceroso projetava-se já do interior do revestimento, que lembrava papel castanho. “Disse que tinha sido casada durante quanto tempo?” Empurrou gentilmente o bolbo com o polegar.

“Demasiado tempo”, respondeu Rowan. Tirou o bolbo a Carolann e plantou-o. “Porquê?”

“Li que, se um casamento durar mais de quinze anos, a probabilidade de o casal não se separar mais do que duplica. A maioria dos divórcios acontece entre os doze e os catorze anos de

casamento. Se ao menos as pessoas adiassem a decisão durante uns anos... quem sabe?”

“Se tivesse ficado com aquele sacana punheteiro mais um minuto que fosse, tinha morrido.” Rowan espetou bruscamente a sua pá pontiaguda na terra e rodou-a.

“Desculpe. Não me referia a si, claro.”

“Sacana”, repetiu Rowan.

“O Lyn e eu estamos casados há precisamente quinze anos.”

Rowan olhou-a fixamente e Carolann pôs-se de pé. “Precisa de selos ou de alguma coisa dos correios?”

“Quinze não é um número mágico, minha querida. Se fores casada com um merdas, pões-te mas é a andar – à primeira oportunidade que tiveres.”

Carolann endireitou o casaco. “Felizmente não sou.”

Capítulo 22

A estação dos correios resumia-se a um pequeno balcão com duas janelas nas traseiras de uma loja de conveniência na rua principal. Carolann viu uma fila longa, por isso parou para dar uma vista de olhos nos cartões comemorativos expostos em frente à loja. O aniversário do seu casamento celebrar-se-ia dentro de uma semana. Na sua família, os cartões eram sempre feitos à mão... comprar cartões representava uma comodidade e um desperdício. Lyn não se importaria com a escolha de Carolann, desde que ela se lembrasse do aniversário e da sorte que ambos tinham por serem casados um com o outro.

A infeção entre as pernas de Carolann desapareceu quase imediatamente, depois de Lyn a ter levado a um médico seu amigo, mas, uma semana mais tarde, ela tinha outro problema. Deu por si, de novo, no restaurante italiano com o médico simpático que afinal não era médico.

"Gosto do aspeto daquela tarte de banana", disse Lyn. "Podíamos esquecer o jantar e passar logo à sobremesa."

"Não..." Carolann sorriu. "Por uma vez, tenho de fazer as coisas na ordem certa." Falar-lhe-ia acerca do seu problema quando estivessem no carro, onde a escuridão e a distância das luzes néon lhe trariam coragem. Imaginava se, nesse momento, Lyn iria finalmente tentar beijá-la.

"A modos que as maçãs são do Kansas." A empregada colocou um prato na frente de Lyn e piscou-lhe o olho. Uma colher generosa de puré de maçã quente aninhava-se contra a costeleta, um tom de canela, dourado e brilhante, na gordura da carne de porco. A empregada virou-se para Carolann. "Já venho com o teu *espraguete*, querida."

Lyn pegou na faca e no garfo, mas pousou-os novamente, esperando.

Carolann olhou para as mãos dele. “Incomoda-te?”, perguntou-lhe. “Os teus dedos?”

“Não sei a que te referes.”

“Os miúdos eram maus para ti?” Carolann conseguia até imaginar as alcunhas: *Sr. Nozinhos, Sr. Polegar, Luvas de Canguru, Patas de Anão*.

Ele hesitou. “Não.”

“Desculpa.” Carolann olhou para o seu colo. O esparguete chegara num grande prato raso. Para poupar tempo, enfiou a faca e o garfo através da massa, bifurcando o prato.

“Sempre dividiste a comida para a partilhar com a tua irmã?” Lyn sorriu.

“É o hábito.” Carolann remexeu no prato com o garfo, misturando a massa igualmente dividida. “Sai mais barato do que duas refeições de criança. Quando disseste que não eras médico, pensei que talvez fosses psiquiatra.”

Lyn riu-se. “Os psiquiatras também são médicos.”

“Suponho que sim.” Carolann sacudiu um pouco de queijo por cima da massa. “Bom, a história com a minha irmã gémea... é que ela pesava três quilos quando nasceu e eu pesava menos de dois. Nem sabiam que eu lá estava.”

“Ainda bem que estavas.” Lyn levantou o seu copo de água numa espécie de brinde.

“Foram dizer ao Papá que a Maryann tinha nascido e, a seguir, saí eu. Pegajosa. Raquítica. O médico pensou que eu estivesse morta.”

Lyn posou o garfo.

“Eu estava roxa, acinzentada.” Carolann olhou para o prato de massa.

Lyn afastou o seu prato, a costeleta de porco também meio roxa.

“E então mexi-me e o médico disse ‘De onde saíste tu?’”

“E quem te contou isso?”

“A minha irmã.”

“Talvez tenha inventado a história.” Lyn fez subir os dedos ao longo do copo de água e a condensação marcou depois no guardanapo as suas impressões digitais.

“Não, a Mamã contou-lhe. Pensavam que eu não ia sobreviver, o que lhes teria poupado muito dinheiro ao longo dos anos.”

“Nunca vi a tua irmã.” Lyn limpou a garganta. “Pode até ser a Miss América. Ou estar prestes a descobrir a cura para o cancro e ganhar o Prémio Nobel. Não me interessa. Mas tu interessas-me.”

Carolann olhou para cima.

“Foste tu quem me tirou o fôlego naquele hospital.”

O esparguete oscilava no garfo, pairando a meio caminho.

“Ouve, nunca tive uma namorada. Nunca entraram na minha vida desta forma. Sou uma pessoa muito focada, mas quando te vi... o teu sorriso... os teus olhos verdes. Que idade tens, dezassete? Eu tenho vinte e quatro. Isto não devia acontecer a um homem na minha posição.”

Carolann comeu a garfada de esparguete. Ouvia tambores. Normalmente, a massa não lhe trazia o som de tambores. Mas, naquele momento, conseguia ouvir os batuques de uma tribo africana a troar na sua cabeça.

“E quando me contaste o que aconteceu com o Buck, quando foste sincera comigo e me deixaste ajudar-te, pensei *é isto que faz um homem sentir-se vivo*.”

“Está bem”, disse ela. E precisava mesmo da ajuda dele, não apenas de antibióticos, mas de ajuda a sério. Lyn iria sentir-se como o Super-Homem. Ou o contrário.

“Seja como for, não devias pensar mais nessa história parva”, disse ele.

“O meu pai era contabilista e eu, uma segunda rapariga, era mais uma obrigação financeira. Ele próprio mo disse. Eles tinham concordado em ter quantos rapazes quisessem – saem mais barato – mas paravam caso alguma vez tivessem duas raparigas. E lá vim eu, por isso a Mamã não pôde ter nenhum rapaz. Mais filhos. Eu estraguei tudo. Só havia orçamento para uma rapariga. Um grande casamento, todas essas coisas. A Maryann é que vai ter tudo isso, porque chegou primeiro.”

“E então?”, perguntou Lyn. “Esses disparates não têm nada a ver com o tipo de adulta que escolhes ser. É tua responsabilidade gerir as tuas próprias escolhas.”

Lyn olhava-a nos olhos. Referir-se-ia a Buck? A essa escolha? Carolann nem deveria ter cumprimentado Buck na festa. Conseguiria Lyn ler-lhe os pensamentos? Ela não deveria ter beijado Buck ou entrado no seu carro. Ou tirado as calças de gangas... ela própria havia desapertado as suas calças de ganga! Carolann não se limitara a fazer uma escolha ou a aproveitar uma oportunidade. Carolann aproveitara-se de Buck.

"Acho que és mais madura do que julgas", disse Lyn.

Carolann aproveitara-se do álcool. Aproveitara-se da ausência da sua irmã. O álcool não fazia com que as pessoas se esquecessem das coisas? Então porque haveria ela de se lembrar vividamente de cada uma das camadas, dos cheiros, das cores, a todo o momento?

Lyn disse então "E uma rapariga bonita como tu merece um casamento maravilhoso."

Carolann olhou para cima, de olhos bem abertos. "Será que devo dizer-lhe?"

"Dizer o quê a quem?"

"Dizer-lhe que eu... e se eu...? Ele não voltou a dirigir-me a palavra, mas..."

"O namorado da tua irmã?", perguntou Lyn. "Claro que ele não vai falar contigo. Ele... Carolann, estás grávida?"

Ela abanou a cabeça. Só conseguia dizê-lo no escuro, se é que iria sequer dizê-lo. Tinham de ir embora. Ela não conseguia comer. E o prato dele estava quase vazio. "Podemos ir?"

"Carolann", Lyn falava com clareza, "se estiveres grávida do Buck, deves dizer-lhe. Não tens o direito de não lho dizer."

Ela assentiu. "Ou posso voltar ao Dr. Wall e... tu sabes... será que todos os médicos... percebes?"

"Primeiro dizes ao Buck. É o filho dele. É a notícia mais importante que um homem pode ter na vida."

Capítulo 23

No domingo, Carolann passou a missa a ensaiar o que iria dizer a Buck e a contar os segundos até que terminasse o sermão. Logo

a seguir à missa, Buck iria à casa de banho dos homens e ela poderia apanhá-lo lá. Não que devesse ter de segui-lo.

O padre Hugh terminou o sermão. O coração de Carolann batia a toda a força e ela retirou-se para ir, apressadamente, atrás de Buck. O ruído dos seus saltos lembrava o efeito Doppler. Os seus saltos de madeira no cimento acolchoado com alcatifa. Carolann sabia que Buck a ouvira aproximar-se. Não haveria melhor oportunidade do que aquela.

Sentia-se como se movesse através de melaço. "Buck." Agarrou-o pela manga da camisa. Envergonhava-se da pontada de excitação que sentia ao precisar da atenção dele, ao tocar a sua camisa. Estava inundada de alfazema. "Espera."

Ele virou-se. "Sim." Olhou de cima a baixo o corredor vazio. "O que foi?"

"Estou... Estou...", gaguejou ela. "Ouve, estou atrasada."

"E então?"

Carolann olhou também ao longo do corredor. "Posso estar... acho que estou..."

Buck deu um passo atrás, afastando-se da porta de madeira prensada da casa de banho dos homens, que olhava com uma intensidade imperiosa. A figura masculina, plástica e plana, afixada à porta era mais importante do que Carolann e o bebé que carregava dentro de si.

"O meu período está atrasado." Dizer a palavra *período* a Buck Roberts era a última coisa que algum dia esperara fazer.

"Jesus, Carolann, não podias ter escolhido um sítio melhor para falarmos?"

"Não." Teria sido a primeira vez que dissera o nome dela? Carolann sentiu-o como uma oferenda. E balbuciou. "És tu... Buck, é teu..." Porque não terminava ele a frase como Lyn fizera? *É teu filho*.

"Nem pensar. Eu nunca... e então os tipos do hospital com quem te encontras nos gabinetes?"

"Um tipo. Um beijo." Como poderia ele saber disso? A única pessoa a quem falara do assunto era Maryann. "Uma vez."

"Duas vezes", disse Buck. "Pelo menos."

Ele estava com ciúmes! "Isso não significou nada. Mas isto, contigo, isto..." Mesmo assim, não conseguia dizê-lo. *Este bebé é*

teu.

“Estou muito ocupado para te apoiar.” Buck abanou a cabeça. “Não és nada parecida com a tua irmã, como sabes.”

“É verdade. O que ela sente por ti e o que eu sinto... não é o mesmo. Acho que to provei.” Pôs a mão na anca. “De qualquer forma, isto não tem nada a ver com ela.”

“Podes crer que não”, disse Buck. “Tens de ir a uma clínica.” O seu tom de voz tornou-se mais suave.

Carolann olhou o corredor. Vazio. Aparentemente, a casa de banho mais utilizada era a que ficava próxima do quarto dos acólitos. “Não é isso que te estou a perguntar.” Havia uma truta às reviravoltas nas suas estranhas, em busca de uma saída. “Pensei que talvez pudéssemos...”

“Não.” Buck bateu com a mão na porta da casa de banho e o contraplacado estremeceu. “Não sabes o que dizes.” Abriu a porta. Ia entrar na casa de banho! Mas Lyn dissera que Buck iria fazer o que fosse correto. Frascos de comida de bebé nos armários, fotografias de aniversário com ursos de peluche no Wal-Mart.

Buck golpeou com força o ombro de Carolann e, antes de entrar na casa de banho, rosnou “Nunca!”

Mais tarde, ao telefone, Lyn aconselhou Carolann a dar uma semana a Buck. A voz de Lyn era calma, mas Carolann não conseguia livrar-se do pânico. Tinha um casamento para planear, um aborto para agendar e um bilhete de comboio para comprar, direto ao Inferno.

“É uma questão de tempo”, disse ele.

“Não posso esperar”, sussurrou ela. Conseguia ouvir a respiração azul clara de Lyn ao telefone. Parecia que conseguia ouvir o coração dele a bater, como se segurasse o auscultador contra o peito, assim extraindo a angústia de Carolann para gentilmente se desfazer dela. Como o que teria de acontecer ao bebé. Se ela não se acalmasse, o seu corpo acabaria por expulsar o bebé. Carolann não conseguia explicar a desesperada angústia que sentia ao imaginar tal situação.

Capítulo 24

A espera era agonizante e Carolann não conseguia dormir. Na sexta-feira ao início da noite, a mãe chamara-a lá abaixo.

“A tua irmã diz que estás muito sensível, que dás voltas e voltas na cama e não a deixas dormir.” Barbara Ann segurou a mão de Carolann na sua. “Queres falar sobre alguma coisa?”

“Não.” Carolann puxou a mão. Mais um dia. Lyn iria buscá-la às onze da manhã e o problema ficaria resolvido.

“Carolann, eu já sei.”

Carolann ficou petrificada.

“*Síndrome do estudante pré-universitário*, eu vi na televisão. Precisas que te animem.” Apontou para a sala de jantar, para a máquina de costura que montara em cima da mesa. “Saia de cortinado.”

As cortinas que pairavam sobre o lava-louça eram brancas com uns desenhos de morangos e bules vermelhos e amarelos. Não era um tecido que Carolann quisesse para uma saia, muito menos em tamanho pré-mamã.

“Salta para a cadeira, minha menina, para tirarmos as medidas. Tira essas calças de ganga.”

Relutantemente, Carolann despiu-se e pôs-se em pé na cadeira da sala de jantar.

Barbara Ann cantarolava “*Só se corta uma vez, mas com precisão. Mede-se uma vez, depois duas, mas três é que não*.” Esticou a fita métrica à volta da cintura da filha. Barbara Ann olhou para cima e sorriu.

Carolann viu o queixo duplo da sua mãe esticar-se de tal forma que desapareceu. Daquele ângulo, ela parecia jovem e bonita, como nas fotos antigas. Talvez o bebé no ventre de Carolann fosse uma menina de dedinhos adoráveis que agarrassem firmemente o seu polegar. Tentou não pensar na pequena presença que trazia dentro de si.

“Ancas, dezassete centímetros abaixo da cintura.” Barbara Ann falava sozinha e tomava notas num quadro ao lado da máquina de costura. “Essas tuas pernas compridas.” Agarrou a anca de

Carolann e fê-la girar. “Preciso de mais tecido ou daqui a uns dias vais ter problemas com rapazes. Até as feias se metem em sarilhos com saias curtas. As feias e gordas são as que mais problemas têm. Os rapazes ruins pressentem a gratidão e a vulnerabilidade e tiram proveito disso. Tu, pelo menos, és magrinha.” Barbara Ann pressionou a fita métrica contra o cóccix de Carolann e curvou-se para a frente. “Ó!”, exclamou endireitando-se. “Mistério desvendado.”

Carolann olhou para baixo, intrigada.

Barbara Ann atirou a fita para cima da mesa. “Não é a tal síndrome que te está a deixar triste, minha menina. É só aquela coisa de mulheres. Vai mudar de cuecas. A tua praga chegou.”

Capítulo 25

Na manhã seguinte, Lyn desligou o motor do carro no parque de estacionamento do hospital. “Queres dar mais tempo ao Buck?”

Carolann não sabia como responder. “Não.” Tempo. Há dois dias apenas, ela enfrentava um grande problema. Naquele dia já não teria de o enfrentar. “O Buck não precisa de mais tempo.”

“Tens a certeza?”

“Ele odeia-me. Chama-me vómito sardento de cenoura.”

Lyn abanou a cabeça.

“Mas ele não pareceu importar-se com as minhas sardas naquela noite.” Carolann fechou os olhos. Falar com Lyn sobre Buck era como beber whisky. Ardia no início, mas depois fazia-a sentir-se quente e crescida. Vermelho cor de ameixa.

“O Buck é um idiota”, disse Lyn.

Carolann assentiu. Mas não conseguia mudar os seus sentimentos em relação a Buck. Ela e Maryann conheciam-no há uma eternidade. As raparigas haviam ficado na unidade neonatal durante algumas semanas e depois nascera Buck. Os três bebés saíram do hospital na mesma tarde. Ela conhecia-o desde sempre. Não conseguia parar de pensar no luminoso amarelo dourado da traseira do seu carro. Até se lembrar da porta da casa de banho dos homens na igreja. Mas era irresistível, como tirar uma crosta, e sempre que revisitava a ferida arriscava uma cicatriz permanente.

“Tu mereces muito melhor”, disse Lyn.

“Pois...”

“Já sabes o que acho.”

Mas ela perguntou de qualquer forma: “O que achas?”

“Quando te conheci, pensei *podia apaixonar-me por uma miúda assim*.”

Carolann não se atrevia a olhar para Lyn. Olhava fixamente o tabliê. Queria enfiar os dedos no vinil castanho com tal força que ficassem brancos. Queria empurrar o seu pé contra um travão imaginário. Fazer Lyn abrandar para que pudesse colher cada uma das suas palavras preciosas, juntá-las num fio e usá-las como um colar. Levou a mão ao abdómen. Mas o que é que Buck lhe havia

alguma vez dado? Nem sequer um incentivo. Nem sequer naquela noite. Nada.

O polegar de Lyn pressionou o botão na ponta do travão de mão. Depois, tocou, um a um, os seus dedos sardentos de Carolann. “Tu tens um problema e eu talvez tenha uma solução.”

“Não é um problema.” A mão dele era quente e forte. Roxo estrelado do anoitecer profundo.

“Claro que não é um problema. É um bebé. Podes ficar com o bebé.”

“Não, Lyn, eu...”

“Então diz a verdade”, terminou Lyn. “Nada de segredos. As cartas em cima da mesa.”

Carolann olhou a sua mão malhada na de Lyn, o seu roteiro já muito viajado.

“Eu já sei todos os teus segredos”, disse ele. “Não é verdade?”

Ela assentiu. Afinal quantos segredos poderia uma rapariga de dezassete anos ter?

Então, Lyn disse “Está bem, falo eu. Fazemos isto uma vez. Eu... bem, és a primeira, percebes? É um exagero falar sobre isto, é demasiado cedo, mas não vejo outra opção. Portanto, és a minha primeira.”

Primeira? Ele era virgem aos vinte e quatro anos? Carolann esperava não ter-se encolhido.

“Reparaste nas minhas mãos.”

“Não”, mentiu ela.

“Verdade!”, gritou Lyn. “Disseste-o aqui uma vez. Tenho os dedos deformados.” Soltou a mão dela e levantou a dele. “Quero que saibas isto. Chama-se braquidatilia. Existem sete tipos de braquidatilia, mas o meu caso não é nenhum deles. Todos os meus dedos são curtos. Não tenho membranas, nem curvaturas, nem anomalias associadas. Mas não consigo manusear uma bola de basquete. Não posso jogar futebol americano. E nunca seria um tipo como o Buck, mesmo que pudesse. Percebes?”

“Braquidatilia”, repetiu ela. Era negro como sangue seco e cheirava a matadouro.

Lyn baixou as mãos até às coxas. “Não me enquadro nos casos relatados em revistas de medicina, por isso as estatísticas são

insignificantes. Mas as hipóteses de passar a malformação são de 50/50. A minha mãe tentou esterilizar-me. Mas agora sou um homem feito e gostava de ter uma família."

"A tua mãe o quê?", Carolann olhou de relance para a porta do carro.

"Um filho ou uma filha que criasse como se fosse meu."

"As filhas saem caro", disse Carolann. A frase saiu-lhe como um palavra longa de tantas vezes que a ouvira. *Asfilhassaemcaro*.

"Um investimento", disse Lyn com um sorriso.

"Que idade tinhas quando a tua mãe...?"

"Castração química. Era pequeno ainda. Talvez dez anos. Os médicos recusaram-se, os conselheiros genéticos e os psiquiatras, mas como não era um caso comum de abuso ou negligência, não me enquadrava no sistema deles. Família rica. Ninguém sabia o que fazer comigo. O meu pai, especialmente, não sabia o que fazer comigo, ou com a minha mãe. Ela não conseguia ultrapassar a questão e ele não conseguia ultrapassar isso. Acabou mal." Lyn respirou fundo.

"Mas..." Carolann lutava para encontrar as palavras. Nenhuma mãe poderia fazer tal coisa a um filho.

"Seja como for, faço uma vasectomia."

Carolann franziu o sobrolho. Nenhum homem de vinte e quatro anos poderia querer tesouras à volta das suas partes privadas.

"Então, pensei que... Carolann, talvez o pai biológico não queira, mas eu quero... eu quero este filho."

Carolann sabia que, por vezes, as grávidas iam parar ao hospital por sangramento e que os seus bebés estavam perfeitamente bem.

"Sei que compreendes", disse ele. "Eles detestavam-me. Eles temiam-me." Lyn levantou as suas mãos atarracadas. "À conta disto, não tiveram mais filhos. À conta disto, discutiam constantemente. E depois o meu pai matou-se. Eu tinha dezasseis anos. E a minha mãe já morreu, já nada disto interessa. Eles deixaram-me dinheiro. E sabes que mais? Foram as minhas mãos que me salvaram."

"Como assim?"

"Não toco no dinheiro deles." Sacudiu a alavanca de velocidades, deslocando-a para ponto morto. "A menos que..." Olhou-a nos olhos. "É muito importante."

Mais parecia um raio de um encontro, em vez de uma boleia para um aborto. Nem haviam saído do parque de estacionamento e parecia que já se dirigiam a alta velocidade para um pedido de casamento. “Não tenho medo das tuas mãos”, disse Carolann subitamente. “Acho que qualquer criança teria sorte em ser como tu.”

“Não.” Ele abanou a cabeça. “Não é esse o acordo.”

Afinal tratava-se de um acordo, não de um encontro. Carolann virou-se e olhou pela janela. Tudo parecia falso, como no cenário de um filme, as árvores, os outros carros, a velha senhora em camisa de noite cor de rosa, curvada numa cadeira de rodas, com todos os seus anos e arrependimentos e escolhas atrás de si. Um crítico de cinema diria *muito conveniente, extremamente simbólico*.

“Sei o que estás a pensar”, afirmou Lyn. “A Maryann é que deve casar: um grande casamento e o Sr. Maravilha. E tu deves seguir uma carreira. Mas não tens tempo.” Lyn segurou gentilmente as pontas do cabelo dela, qual chama, entre os dedos. “Não tens pais que te paguem o casamento e não tens o Buck.”

Ela assentiu demoradamente.

“Usamos o dinheiro da minha mãe. Mil flores. Damas de honor. O que tu quiseres.”

As gémeas haviam folheado todas as revistas de noivas que existiam na biblioteca da igreja, fazendo sempre planos longínquos para Maryann. Carolann olhou pela janela para o céu cinzento do Kansas, um raio de luz lutava com as nuvens para brilhar através delas.

“O casamento poderia ser um presente meu para ti e, ao mesmo tempo, um presente em memória do meu pai.” Lyn pousou uma pequena peça preta no tabliê, mesmo entre eles, onde as pessoas normalmente colocavam uma imagem de Jesus ou uma rapariga de saia havaiana. Uma caixa macia, aveludada, ansiosa por ser aberta. Mas Carolann nem estava grávida, ou estava? Lyn haveria de mudar de ideias. O bloco de veludo acomodava-se, pesado, em cima do tabliê, como algo vivo, gozando-a.

“Não sei.” Carolann mal conseguia respirar.

“Olha, há dois anos, Ditrepzone era um medicamento novo, eu era uma pessoa nova, tinha acabado de sair da faculdade. Ninguém

esperava muito do Ditrepzone e ninguém esperava muito de mim. Não se aperceberam, na altura, da sua aplicação em casos de asma."

"A tua palestra no hospital."

Lyn assentiu. "Quando descobriram o potencial do medicamento, tentaram tirar-mo, mas eu sabia que aquilo era importante." Levantou as mãos. "Pensaram que eu não conseguia introduzi-lo no mercado. Que não conseguia lidar com as apresentações. Mas eu mostrei-lhes que estavam enganados. As minhas vendas foram excelentes. Carolann, eu vou ser um bom marido. Vou mostrar-*te* que é verdade."

"Mas..."

"É agora." Olhou a barriga de Carolann. "Estou aqui agora. Quero o teu bebé. Quero-te a ti."

"E se eu não estiver..." Susteve a respiração. Tinha de estar grávida.

"Estás." Lyn espreitou para dentro da caixa, abrindo-a. As mãos tremiam-lhe. "Tens de estar preparada, mesmo que sintas que não estás." Com o ranger da caixa, Carolann vislumbrou um luminoso anel de diamante piscando-lhe o olho. "Podes ficar com o anel da minha mãe, se gostares mais. Mas comprei este para ti, Carolann. O teu anel."

Carolann não conseguia pensar. E se o seu pai recusasse? E se não estivesse grávida? E se sofresse um aborto? Qual seria a opinião deste tipo sobre divórcio? Um pai suicida, psiquiatras e esterilização. Seria este o legado do seu filho?

Lyn libertou o anel da caixa e fez o diamante deslizar para o dedo de Carolann. Fogo de artifício! O seu coração rodopiava. Como é que alguma mulher, alguma vez, dissera não a um anel de diamante?

"Disseste que eu me parecia um pouco ao Buck."

Ela assentiu. Estava quente o seu dedo. Parecia ter-lhe caído em cima a brasa de uma estrela cadente. O diamante parecia reunir e refletir toda e qualquer luz, mesmo sem a luminosidade do sol. Carolann fechou os olhos. Iria esse fogo apagar-se? Desvanecer? Queimá-la? Abriu um olho e observou o anel. Cintilava.

“Por favor...?” A voz de Lyn estremeceu, como a de um ator experiente que houvesse entrado em território improvisado. “Tens um problema.” O ator confiante encontrara a sua fala. “Eu tenho uma solução. Posso ir falar com o teu pai amanhã, se tu deixares. Confia em mim, Carolann. Eu sou a resposta que tu procuras.”

Carolann olhou diretamente para Lyn, como se numa provocação. Seria ela capaz de manter um casamento, manter toda uma vida com base numa provocação? Sorriu e, pela primeira vez, Lyn beijou-a. Carolann derreteu-se num tom dourado e turquesa e azul petróleo. Não queria que ele parasse. “Tenho uma ideia.”

“Diz lá.”

Todas as partes do seu corpo pareciam como que acionadas por uma mola. Libertas. “Não achas que devíamos, sabes...” Carolann lutava novamente para encontrar as palavras. “Pelo menos criar a possibilidade de o bebé ser teu?”

“Tendo em conta que já estás grávida...” Radiante, Lyn ligou o motor. Virou-se rapidamente para ela. “Então isso é um sim?”

Carolann anuiu. “Acho que é um sim.”

Lyn dirigiu-se imediatamente para o Motel Shoshoni, em Topeka, e correu como um relâmpago para a receção. Regressou num tumulto e deixou cair a chave do quarto duas vezes antes de, finalmente, conseguir inseri-la na fechadura. Mas depois tornou-se mais cuidadoso, mais lento e mais preciso. E muito mais gentil com as suas restantes inserções. Ao contrário de Buck.

Tomaram um longo banho de imersão e falaram sobre utilizar as poupanças de Carolann para comprar o que fosse preciso para o bebé. Com a espuma do banho, Lyn fez-lhes crescer barbas e ambos se puseram de pé, rindo de si mesmos em frente ao espelho coberto de vapor. Fizeram uma lista dos objetos que poderiam comprar com os dois mil dólares de Carolann. *Berço. Carrinho. Fraldas*. Pareciam pais natais molhados e nus, anunciando presentes e mergulhando para refrescar as suas barbas à medida que a espuma ia pingando. *Saltador. Móvel muda-fraldas*. Carolann sentia-se aliviada por o lavatório esconder as outras metades dos seus corpos. Uma coisa era estar nua na banheira com um homem,

usando apenas uma barba de espuma, outra coisa era olhá-lo diretamente no espelho. E, de facto, ela não era esse tipo de rapariga.

Capítulo 26

No dia seguinte, Lyn foi pedir a Cyrus permissão para casar com a sua filha. Carolann ouvia-o secretamente através do ventilador do quarto de banho, no piso superior. A resposta do seu pai foi inesperada. Tudo o que disse foi que Carolann não era capaz de fritar frango ou virar o colarinho de uma camisa. Apeteceu-lhe correr lá para baixo e abanar com o pai. Sabia fritar frango desde os doze anos.

Então, Lyn descreveu a casa que iria comprar e disse que queria o nome da esposa na escritura, juntamente com o seu, pelo que Cyrus começou a emudecer. Carolann imaginava o olhar frio com que o seu pai estaria a fitar Lyn. O olhar que reservava para os grandes esbanjadores.

Carolann tocou na parede atrás da sanita. A tinta farinácea cor de casca de ovo estava estranhamente limpa e seca, apesar da humidade do Kansas. Sentia que a pele dos seus dedos se poderia soltar, deixando na parede impressões digitais invisíveis. Se o seu pai dissesse que “sim”, ela sairia daquela casa e tornar-se-ia a mulher de alguém. Queria deixar atrás de si as suas impressões digitais.

Cyrus falou novamente. “A irmã dela vai casar bem, mas a Carolann... porquê agora? É bom mas é que não haja sarilhos.”

“Claro que não, senhor.” Para alguém tão empenhado em dizer a verdade, Lyn parecia perfeitamente confortável ao mentir a Cyrus. Carolann susteve a respiração.

“Então porquê?”, perguntou o pai dela.

“Eu amo-a.”

Carolann arfou. Ouviu um baque, o punho do pai batendo no peito. O sal e a pimenta enrijecidos na sua barba de vários dias deveriam parecer minúsculas farpas, cacos de vidro reluzentes. Cyrus deveria estar a mexer e a remexer a boca, tentando engolir aquele sapo. “Deixa-me perguntar-te outra coisa, rapaz.”, disse ele. “Quem trata dos teus impostos?”

“Sou eu”, respondeu Lyn.

“Diz-me lá, quanto é que entregaste ao Tio Sam?”

Carolann ouvia.

“Vinte e oito por cento no ano passado”, disse Lyn. “Para o governo federal e para o estatal. Para o ano já vou ter uma hipoteca, poupo um ou dois por cento.”

“Esperto”, respondeu Cyrus. “Deixa-a fazer-te cortinas e lençóis das toalhas de mesa da boda, se insistes neste casamento finório. E nunca compres mobília nova. Vendas de imobiliárias, liquidatários de hotéis... as pessoas atiram para o lixo mobília perfeitamente boa.”

“Eu sei aonde ir”, afirmou Lyn. “Eu pago as propinas da Carolann. Sei que ela quer ser enfermeira.”

Ao cimo das escadas, Carolann estava em lágrimas, lutando para permanecer em silêncio. Imaginou Cyrus a morder o seu lábio encrespado, a calcular o custo das refeições de Carolann, os uniformes escolares, os sapatos. Lá em baixo, a transação era grosseira, como se negociassem uma mula.

“Vou ser um bom marido para a sua filha, senhor.”

“Então, pronto...” A voz de Cyrus deteve-se e Carolann recuperou o fôlego. “Um conselho. Faz os teus votos na igreja e cumpre-os”, disse ele. “Quando chegar a altura de dizer a Deus e a todos que amas a Carolann, chega-te à frente e diz isso mesmo.”

“Claro que sim.”

“E depois, por amor de Deus, cala-te com isso. As coisas mais valiosas da vida são raras, percebes? Bens, pessoas. Até, e principalmente, as palavras.”

Exatamente um mês após o dia do seu noivado, Carolann casou com Raines Charles Lynwood Cooper, na Igreja de Deus Coração da América. A dama de honor e a mãe da noiva usaram cetim lilás, a condizer com as toalhas de mesa. Carolann levou tulipas roxas, a condizer com os olhos de Maryann.

Barbara Ann Field planeara todos os pormenores da cerimónia, exceto o bolo, pois Lyn insistira que disso trataria ele. Arranjara um *bolo de sonho* especial feito por uma grande amiga, enfermeira de psiquiatria infantil, o que gerou mais do que uma simples animosidade na igreja, já que a mesma senhora havia feito bolos

para todos os casamentos, funerais e batizados dos últimos 20 anos.

Nos tempos iniciais do seu negócio de *catering*, Lyn ajudara-a a entregar os *bolos de sonho*, pelo que sabia bem o que queria. Três camadas retangulares de bolo branco com glacê cor de rosa e pequenas rosas de alfazema. Na camada inferior lia-se *ao vosso futuro*. No topo havia um lago de açúcar violeta com uma ponte de plástico transparente que cintilava. Um cavalo e uma carruagem iridescentes, que pareciam de vidro soprado, transportavam um pequeno casal de noivos, através da ponte mágica, para o seu futuro. O bolo refletia todas as cores do copo de água, rosas e roxos, fúchsia e verde pálido.

Maryann rodopiava numa espiral sibilante de cetim ametista. Juntou-se à irmã perto do bolo. Barbara Ann cosera corações de lantejoulas iguais nos corpetes das gémeas. Sorrindo, Carolann olhou à volta em busca de alguém com uma máquina fotográfica. Juntas, comporiam uma bonita imagem. Teria Maryann notado que Carolann estava finalmente bonita?

“Achas que a amiga do Lyn vai fazer o meu bolo um dia?” Maryann enfiou o dedo no *bolo de sonho*, forçou um sorriso e arrancou uma flor roxa.

Carolann latiu um “Não faças isso.”

“Dois anos”. Maryann espetou a flor na boca e pôs-se a chupá-la. “O Buck e os outros apostam em menos de um ano.”

“O quê?” Carolann virou-se bruscamente.

“Mas eu conheço-te melhor do que eles...” Maryann mexeu e remexeu com o dedo na boca. “E eu aposto em dois.” Arrancou o dedo da boca, libertando-o. “Aliás, quem diria! Acertaste na lotaria com este gajo.” Inclinou a cabeça para Lyn, que estava do outro lado da sala, sem nunca desviar o olhar.

Carolann rosnou “Não faças isso.” Levou a mão à barriga, enjoada de pânico. Carolann era agora uma mulher casada com um homem lindíssimo que acreditava que ela estava grávida e, mesmo assim, a sua irmã gémea fazia olhinhos ao seu marido. Carolann deu uma forte cotovelada em Maryann.

“Meu Deus, é um elogio!”, cuspiu Maryann. “Enfim, não sei como o agarraste, mas vais ter um trabalhão para o manter.”

Buck separou-se dos seus amigos e juntou-se às gémeas. “Tu... mmm... dás uma noiva bonita”, disse ele a Carolann. Colocou a mão no cabelo de Maryann, deixando-a depois descair até ao ombro dela.

Durante um segundo, Carolann viu o bege rosado da mão de Buck no roxo cintilante do ombro da irmã, do seu cabelo negro. E sentiu ciúmes. Mas essa sensação desapareceu tão rapidamente como surgira. Sorriu. Provavelmente haviam sido os pais de Buck a dizer-lhe que deveria cumprimentar a noiva com aquela frase feita, embora ele parecesse sincero.

Lyn atravessou a sala para cortar o bolo com a noiva. Os clarões dos *flashes* iluminaram a sala. Carolann tentou sorrir. Depois do bolo, depois do casamento, depois de a sua mãe transformar as toalhas de mesa lilases em roupa de cama, o que se seguiria? E a mais importante de todas as questões... o que seria do seu ventre desabitado?

Lyn envolveu as suas mãos nas de Carolann sobre o cabo da faca e, juntos, cortaram o bolo. Subitamente determinada pela clareza das ideias, Carolann soube o que lhe era pedido. Tinha um trabalho para fazer, um casamento para construir e uma nova vida para criar. E depressa.

Capítulo 27

Carolann observou Chip a inspecionar a mochila enquanto uma tigela cheia de Cheerios permanecia intacta à frente dele. Carolann sabia que o filho gostava dos cereais ligeiramente amolecidos, apesar de ela insistir que o facto de os deixar amolecer aumentaria provavelmente os índices glicémicos.

Chip tirou da mochila uma carta. "Sei que é repentino", disse ele. "Pediram-me que fosse suplente na equipa de debate. Isto é o pedido de autorização para o Torneio de Debates das Escolas Internacionais."

Carolann pegou no papel. "Quando é?"

"Sexta-feira", respondeu Chip, mergulhando a colher nos cereais. "Quero muito ir. É todo o dia na sexta."

"De hoje a oito?" Carolann abanou a cabeça e leu a carta. "O teu pai não vai gostar de saber disto tão em cima da hora. E não é na tua escola. É onde afinal?"

"Já têm uma equipa, desde a primavera, e já estão todos preparados. O debate é sobre proliferação nuclear e sobre se todos os países têm direito a ela. Querem-me lá porque consigo falar do assunto sem me preparar antes, dizem eles."

Carolann suspirou. "Que famílias são essas que não falam dos temas da atualidade e de história com os seus filhos? Boa parte da educação de uma criança depende dos seus pares. Eu confiava nas famílias do Kansas."

"Então posso ir?", perguntou Chip. "Eles vão na quinta à noite e voltam na sexta, já tarde."

"Durante a noite?" Carolann abanou a cabeça. "Chip, isto é ridículo. Quase nem conhecemos os vizinhos, quanto mais as pessoas que supervisionam isto. Porque não organizaram a equipa mais cedo? Tenho a certeza de que serias uma mais-valia para a equipa, mas o teu pai não vai gostar nada disto. E o nosso aniversário é na próxima quinta à noite e eu... não." Olhou para o papel. "E no sábado é a festa da Rowan."

"Se ela fizer a festa." Chip encolheu os ombros. "Mãe, eles podem mesmo ganhar o debate. E querem-me lá."

Lyn entrou na cozinha. “Fazer parte da equipa de debate é uma honra. A tua escola no Kansas não tinha uma equipa. Devias ir.”

Carolann levantou a carta para que Lyn a visse. “É na Suíça.”

“Então é melhor levares os esquis.” Lyn sorriu a Chip.

“Lyn, não sejas tonto.”

“Ficamos com famílias estrangeiras em Lausanne”, disse Chip. “Posso pedir para ficar com americanos.”

Lyn assentiu. “Voltas quando? Sábado? Talvez devêssemos livrar-nos da festa em casa da Rowan.”

“Não podemos.” Carolann fez uma pausa. “Que tipo de família americana? Não sabemos se os valores deles são os nossos. Podem ser da Califórnia.”

“É só uma noite”, disse Lyn. “Ele pode apanhar o Eurostar ou lá como se chama o comboio. Com certeza que vão todos juntos.”

“O comboio vai para Paris.” Carolann abanou a cabeça.

“Não, vamos de avião. Saímos de Gatwick. Já está tudo organizado”, explicou Chip. “Só preciso da vossa assinatura e do passaporte. O meu colega de quarto é da minha escola.” Chip inclinou a tigela de cereais e bebeu o leite que restava.

“E a entrada na Suíça? Não faz parte da União Europeia. Terias de ir para uma fila diferente da dos alunos europeus? Quem é que vai nessa viagem? A maioria da equipa é americana?”

Carolann imaginou Chip a ser enviado para outra fila, o passaporte bem apertado na mão, enquanto os outros miúdos iam gotejando diretamente para a recolha de bagagem. Ele poderia perder-se. Carolann sentiu-se acastanhada e escorregadia e afiada. Percevejos enfiados em lama. Conhecia bem aquela cor texturizada. A nervosa cor da parentalidade. E não gostava dela.

“Carolann, não podemos controlar tudo”, disse Lyn. “Ele vai ser bem supervisionado. Vai ser bom para ele.”

“Ele tem catorze anos.”

“Passei oito semanas num campo de férias quando tinha essa idade.” Lyn tirou o papel a Carolann e assinou-o.

“Os teus pais não eram propriamente modelos a seguir”, ripostou Carolann baixinho.

Lyn encarou-a. “Ele vai.”

Carolann perguntou a Chip “De que se trata? Limitação de reatores nucleares em termos de energia, de acordo com os critérios da ONU ou... qualquer coisa serve? As pessoas têm direitos, as nações têm direitos, mas cuidado com esse debate”. Fez uma pausa. “Direitos à parte, uma pessoa inteligente e digna de confiança deve impor certos limites.”

Chip fitou a mãe, mas ela não disse mais nada. Pela primeira vez desde que haviam chegado a Inglaterra, Carolann retirou-se para o andar de cima, para se vestir, e desapareceu antes que o autocarro de Chip chegasse. Nem se despediu.

Capítulo 28

Segurando um prato de bolachas, Rowan tocou à campainha de Carolann. “Tem uns minutos?”

Carolann abriu a porta. As bolachas estavam carregadas de sementes e pareciam capazes de partir um dente. “Uma nova receita sem açúcar?”

Rowan acenou. “Ainda estou a aperfeiçoá-la... mas ajudam a regular as idas à casinha.” Riu-se e entrou em casa, seguindo Carolann. “Não vou ficar muito tempo.”

Carolann colocou duas bolachas em guardanapos para acompanhar o chá. Se fosse necessário, inventaria uma alergia. “Hoje não dá para ir às antiguidades”, disse. “A minha irmã tem uma lista nova, mas ainda não a recebi.”

“Ia perguntar-lhe se queria os meus serviços de motorista na próxima semana. Estou disponível para ir aonde quiser.” Rowan tirou outra bolacha do prato e comeu-a. “Já sabe alguma coisa do trabalho de enfermagem?”

Carolann abanou a cabeça em sinal de negação. “Ser nova aqui não ajuda, penso eu.”

Rowan encolheu os ombros. “Se estiver destinado, então vão perceber que a Carolann é a candidata certa e vai conseguir o emprego. Se não estiver, não está.”

Carolann bebericou o seu chá. Era refrescante a forma como Rowan presumia que a estrutura divina estava, de algum modo, a apoiar todos os eventos predestinados. “Queria estar mais envolvida na escola de Chip, mas talvez ele não precise de mim lá todos os dias.” Carolann mal se reconhecia, com a sua recente flexibilidade e abertura de espírito.

“Sabe, se não conseguir fazer a nossa mariscada no próximo fim de semana, então já estaremos em Novembro e faço-vos um jantar de Ação de Graças.”

“Vai ter de adiar outra vez? Sabe que não tem de fazer nada disso...”

“Não, é este sábado. Embora eu adore o Dia de Ação de Graças.”

Carolann achou que Rowan esperava alguma coisa. Talvez tivesse dado a dica de que gostaria de ser convidada para o jantar de Ação de Graças dos Coopers. “Lamento, mas nós não celebramos o Dia de Ação de Graças.”

“Que tipo de americanos são vocês para não celebrarem esse dia?”

“Estragámo-lo. É uma longa história.”

“Então fico aqui.” Rowan deu uma gargalhada e acomodou-se na cadeira. “Imagino que seja uma história louca que nunca tenha contado a uma única alma.”

Carolann sorriu. “Já todos sabem desta história. Mas tem razão. Não falamos sobre ela.”

Rowan esbofeteou o relógio que trazia no pulso. “Tenho tempo.”

“A minha irmã tinha acabado de ter o bebé.” Carolann bebericou o seu chá. Detestava falar sobre ele. Era outra história, uma história que ela nunca contaria, mas aquele bebé tivera um papel importante nesta.

“O Ryan”, disse Rowan.

“Sim. Nasceu prematuro. Mas, mesmo assim, a Maryann queria organizar o jantar de Ação de Graças. Ele mal tinha saído do hospital. Eu mal o tinha conhecido. Mas não é essa a questão.”

“Continue.” Rowan serviu-se de mais uma bolacha, que se desfez ao longo do seu peito à medida que a mordia.

“Eu tinha ficado de fazer a tarte.”

“De abóbora”, interrompeu Rowan. “Adoro.”

“Sim, e de noz-pecã. Fazíamos sempre as duas.”

“Faziam?” Rowan segurava a bolacha no ar. “Está mesmo a sério. O Dia de Ação de Graças é mesmo passado para a sua família?”

Carolann assentiu. “A mãe do Buck ia fazer um guisado de feijão verde.”

“Com o creme de cogumelos e as cebolinhas fritas?” Rowan abraçou-se.

“Esse mesmo. Quer que lhe fale só da comida?”

“Sim! Não.”

Carolann continuou. “O Chip tinha três anos e estava a usar a sua melhor camisolinha. O Lyn tinha uma igual, do JC Penney. Não sei porquê, mas naquele ano estava mesmo ansiosa para que chegasse o feriado. Fomos de carro com o Lyn até lá e eu levava uma tarte quente no chão, entre os pés, e uma tarte quente no colo. Mesmo com o casaco, conseguia sentir o calor.” Carolann abanou a cabeça. “Tudo parecia bem.”

“Mas então...” Rowan olhou cautelosamente para Carolann. “Não estava tudo bem.”

Carolann abanou novamente a cabeça. Olhara para a rua através da janela do carro, ainda segurando as tartes quentes, ansiosa por ver o bebé da irmã. Revivia assim os primeiros dias de vida do seu filho, em que ele era minúsculo e delicado e ela estava igualmente frágil. Quase conseguira bloquear aquelas memórias dos mais remotos dias de Chip, em que Lyn lhe revelara factos que ela preferira não ter ouvido, aspetos da sua infância e o suicídio do seu pai. Aspetos que ele lhe revelara em troca do filho perfeito que ela lhe dera.

Essas memórias permaneciam na mente de Carolann, não em palavras completas, não em imagens visuais, mas em pequenas manchas, como sombras de giz branco num quadro negro. Quando Lyn lhe falou dos seus pais, sobre ter encontrado o corpo do pai, transferiu o fardo dessas memórias para ela. Com o nascimento do bebé Ryan, outro nascimento, outro bebé, Carolann era obrigada a admitir que a sombra das palavras de Lyn nunca se apagaria.

Carolann observara os ranchos beges, pardos, do sul de Kansas City, compactados um a um. Vivia a apenas vinte minutos, a norte, da sua irmã, na margem do Missouri. Outro extremo da mesma cidade, embora a geografia estivesse dividida por muito mais do que uma estrada. Bem mais para sul havia um outro mundo, onde as pessoas escolhiam as suas casas perfeitas por catálogo e todas tinham mobílias novas e idênticas.

“Continuando”, disse Carolann a Rowan, “a casa da minha irmã ficava numa zona nova, bem planeada. Persianas brancas de madeira nas janelas do rés do chão. Todas as casas tinham sebes e duas árvores esqueléticas em frente, consegue imaginar? Com suportes de arame e aros de borracha. A Maryann tinha um Ford

Probe azul pérola na altura. E o carro estava lá parado, ao lado do Bronco preto do Buck. Na altura, ele geria uma concessionária de automóveis e tinha bastante sucesso. O negócio era do pai dele, por isso os carros deles estavam sempre imaculados. E o Oldsmobile do meu pai também já lá estava, encaixado no seu lugar, deixando-nos o único lugar disponível."

Rowan acenou, imaginando a cena, aparentemente. Carolann gostava da estrutura daqueles carros. A solidez *made in America* dos quatro carros afigurava-se-lhe como algo absolutamente correto e fidedigno. Continuou: "O motor do carro dos meus pais ainda estava quente. Fazia o barulho de um relógio e ia repousando aos poucos. Peguei nas tartes e pensei que o carro dos meus pais ainda devia cheirar ao prato que a minha mãe tinha levado. Batatas doces, acho eu. Então, o Buck abriu a porta e deu um aperto de mão a Lyn. Todos agiam como se nada de estranho se tivesse passado."

"Porque haveria de ser estranho?", perguntou Rowan.

"Ó", Carolann sacudiu a cabeça rapidamente. "Simplesmente nunca nos identificámos uns com os outros." Carolann encolheu os ombros. "Enquanto casais." Era o que, por vezes, dizia, quando pressionada, às suas amigas enfermeiras no Kansas.

"A Maryann pegou nos nossos casacos e enxotou-me lá para baixo quando lhe disse que queria subir para ver o bebé. Claro, o Chip também queria ver o seu priminho, mas ela mandou-o lá para baixo comigo. O Chip era adorável. Queria sempre ajudar o Buck a servir os cocktails. 'Queres ajuda, Tio Buckle?' Penso que andavam a praticar na pré-escola como despejar líquidos nos copos."

"Tio Buckle", sorriu Rowan.

"Então, estávamos todos a beber, sabe como é. A Kim Roberts tinha enviuvado poucos anos antes, então tinha sempre o copo cheio e todos tínhamos cuidado com o que lhe dizíamos. Mas ela estava bem. O meu pai estava mal-humorado, como sempre. Não suporta que se dê graças aos índios, os 'malditos peles vermelhas', pela lição de sobrevivência. Para ele, todas as refeições são graças a Deus. O que é irónico, porque acredito que, no fundo, ele seja ateu."

"Bem, era isso mesmo que eu adorava no Dia de Ação de Graças quando vivia no Texas", interrompeu Rowan. "É um

sentimento maravilhoso, a gratidão, e não envolve questões religiosas, por isso ninguém é excluído. Eu adoro os americanos." Suspirou, dobrando as suas mãos rechonchudas uma na outra e deixando-as repousar na barriga.

"Aliás, foi nessa noite que lhes dissemos que nos tínhamos candidato a uma missão no estrangeiro." Carolann olhou o teto. "Já nem me lembrava. Pensávamos que podíamos ir parar à Austrália. A Maryann disse ao Lyn 'Ela não vai. Mal conseguiste levá-la à Europa na vossa lua de mel.'"

"Bom, então mostrou-lhe como estava enganada", riu-se Rowan.

"Acusaram-me de tentar esquivar-me a tomar conta do bebé quando fosse preciso." Carolann olhou para os resíduos do seu chá. Realmente não era uma história divertida. E porque estaria a despejar todos os pormenores, imparável?

"A minha mãe disse que eu e o Lyn éramos os únicos com contactos médicos e que não podíamos partir. Claro que o meu pai foi mais prático. Vão para onde houver trabalho. Dinheiro é dinheiro. Então, estávamos a comer o nosso peru com puré de batata, o bebé no piso de cima, o Chip com a sua camisolinha, a usar faca e garfo e um copo de plástico, quando ouvimos um alvoroço à frente de casa. O Buck disse-nos para ignorarmos o barulho. Eram grunhidos. Pensei que fosse um animal. O meu pai estava a falar sobre gula e a mãe do Buck gritava-lhe que fechasse a matraca e..."

Rowan interrompeu-a. "O seu marido meteu-se numa família de loucos. Deve ser mesmo um santo."

Carolann assentiu. "Seja como for, era uma rapariga a gritar para todo bairro, que era perfeito e acastanhado: 'O inútil do Buck Roberts gosta é de cantar de galo!'"

"Aí a sua irmã correu lá para fora e esmurrou-a? Adoro esta imagem que criei da sua irmã gémea."

"Não, mandou o Buck. Mas abriu as persianas, por isso vimos a cena toda. A rapariga tinha uma minissaia minúscula e botas de cowboy – nem sequer tinha collants. Estava a atirar papel higiénico para as árvores esqueléticas. Então a Kim Roberts gritou 'Outra?!', como se aquilo acontecesse constantemente. Raparigas que trabalhavam para o Buck."

"Buck, o recém-casado, recém-papá", rematou Rowan.

“Depois, a porta abriu-se num estouro... e o ar tão frio. A rapariga marchou por ali dentro, passando pela sala de jantar, como se soubesse para onde ia. E foi direitinha à casa de banho das visitas. O Buck seguiu-a e ela saiu de rompante, passando por ele na nossa direção. Parou e o seu casaco abriu-se de tão justo que estava. Via-se tudo através do tecido branco da blusa. O Lyn estava sentado mesmo em frente a ela. Deve ter-lhe visto os órgãos internos.”

Rowan deu uma gargalhada.

Carolann continuou. “Ela apresentou-se, como se a cena fosse perfeitamente natural durante um jantar de Ação de Graças. ‘Sou a Mimi. Rececionista. De certeza que já ouviram falar de mim.’ A minha irmã gritava com ela por ter levado lama para dentro de casa e ali estava a rapariga, descalça, a segurar as suas botas de cowboy, com os pés pálidos sarapintados de azul. Quando eu olhava para eles, ouvia a faca elétrica de trinchar, embora mais ninguém a ouvisse (isto, realmente, eu nunca tinha dito a ninguém). A rapariga tinha aquelas unhas nuas pintadas de um cor de vinho metálico e isso levou-me a pensar que ela parecia jovem, gelada e órfã.”

“A Maryann já tinha ouvido falar dela?” Rowan parecia confusa.

“Não. Mas tenho a certeza de que não se esqueceu dela. Ou dos anúncios que ela fez: que o Buck lhe tinha dado uma DST, que ele disse ser algo como uma ‘dívida salarial a termo’, e que ele lhe devia dinheiro.”

“O Tio Buckle estava metido numa grande alhada.” Rowan abanou a cabeça. “Mas era bom de latim.”

“Latim falso”, concordou Carolann. “Mas ele prometeu pagar à miúda, a essa tal Mimi, em retroativos, e a Maryann acreditou, ou fingiu que tinha acreditado, embora fosse bastante óbvio o que ali se passava.”

“Ninguém o pressionou?” Rowan arregalava os olhos. “Que pena. Mesmo assim, a sua vida é mais interessante do que as telenovelas.”

Carolann sacudiu a cabeça. “Sempre que alguém toma uma posição em relação a um problema que lhe diz respeito, todos nós assentimos, como num pacto. Ele falou em retroativos e a Maryann disse ‘está bem’, portanto todos nós dissemos ‘está bem’”.

Rowan tirou outra bolacha e partiu-a ao meio. “Acho que precisa de manteiga.” Comeu a bolacha. “Mas então o que aconteceu de realmente desagradável nesse dia?”

“Bem, então o Buck cometeu o erro de chamar Lili à rapariga. Ela começou a gritar ‘Mimi! Mimi! Mimi!’ e saiu de rompante. Entretanto, por algum motivo, a Maryann virou-se a mim e começou a chamar-me Sr.ª Perfeição.”

Rowan engoliu a sua bolacha rija.

“E depois virou-se ao Buck com uma cantilena qualquer como ‘Lili, Mimi, Nini’. Nesse momento, o Chip juntou-se à cantoria com uma música que tinha aprendido. ‘Nu, nuzinho, aqui e ali’. Cantava e batia com o copo de plástico na mesa. Era a música do banho. Ele costumava correr nu pelo corredor a cantar ‘nu, nuzinho, aqui e ali’. Acho que ia detestar saber que lhe contei esta história.”

Rowan sorriu.

“E então continuou a cantar ‘Mimi nua, nuazinha, aqui e ali’! A mãe do Buck ria-se como uma perdida. Já estava com os copos nessa altura. ‘Mimi nuazinha aqui e ali’. Também já o Buck cantava. E troçavam da roupa dela e das botas... e até o Lyn tentou dizer a toda a gente que eu tinha umas botas iguais nos meus tempos de galdéria, o que a Maryann achou que era uma piada sem graça, porque eu sempre fui uma puritana e sempre tive medo de arriscar no que quer que fosse.”

“O seu marido Lyn? Nos tempos de quê?”

“É uma velha provocação que ele acha engraçada.”

“Meu Deus.”

“Mas então o meu pai, que nunca acha graça a nada, atirou o guardanapo para cima da mesa e pôs-se de pé. Declarou que o Dia de Ação de Graças era um horrível desperdício de comida e que nunca mais o íamos celebrar. Nenhum de nós. E assim foi.”

As duas mulheres mantiveram-se caladas por um instante.

“Todos os anos, a minha irmã viaja para um lugar com praia para evitar o feriado. Geralmente vai para a Flórida.”

“Com o filho deles. É agradável para uma família.”

Carolann fitou Rowan. Manteve-se em silêncio.

“Bom, esperemos que eu consiga organizar a mariscada. Não queria desafiar o destino e forçar-vos a festejar o Dia de Ação de

Graças.” Rowan levantou a chávena de Carolann juntamente com a sua e levou-as para o lava-louça. “Para uma família em que não houve divórcios ou abusos, vocês são, ainda assim, bastante disfuncionais.”

“Parece-me que sim.” Carolann observou Rowan enquanto esta saía. Sentia-se esgotada, mas também, estranhamente, renovada.

Capítulo 29

Chegada a manhã de quinta-feira, Lyn passara uma semana a tentar convencer a esposa a aceitar a sua perspetiva sobre o torneio de debates. Eventualmente, ela aceitou. O castanho escorregadio de percevejo deu lugar a azul. Enquanto esperavam pelo autocarro, Carolann deu a Chip o saco com a sua roupa, depois de ter meticulosamente inspecionado o seu conteúdo. Quando o autocarro chegou, abraçou-o com força.

"Deseja-me sorte." Chip afastou-se da mãe.

"Dá cabo deles", gritou-lhe Lyn.

Carolann viu o autocarro afastar-se. "É como o primeiro dia, a primeira vez em que ele foi para escola de autocarro."

"Ele já esteve fora antes." Lyn dobrou o jornal e enfiou-o na sua mala a tiracolo.

"Não num sítio para onde tivesse de levar o passaporte", respondeu Carolann. "Mas tens razão. É bom para ele. E para nós." Esboçou um sorriso.

"E sabes o que também é bom para nós no nosso 15.º aniversário?", perguntou Lyn. "Jantar no Good Earth. Ainda não tivemos uma noite só para nós."

Carolann concordou. Ainda não fora àquele restaurante, embora tivesse um bar à entrada. Mas já avaliara a ementa. Cozinha pan-asiática. E serviam sake. Sempre quisera provar sake. "Perfeito."

Lyn acrescentou "E, depois do jantar, pensei que pudéssemos convidar alguns amigos para virem cá a casa celebrar connosco."

Carolann conhecia a velha piada, as palavras de código para algo totalmente diferente. Porém, inexplicavelmente, aquelas palavras pareciam novas... talvez não fossem uma provocação. Talvez ele quisesse convidar Rowan. De qualquer forma, a resposta dela seria a mesma.

"Que amigos?"

Lyn sorriu. Era uma provocação. Evidentemente. Em Inglaterra, como, aliás, no Kansas, eles não conviviam com outras pessoas. "O Jack e a Coca-Cola." Riu-se.

Carolann sentiu um aperto no coração, mas riu-se, como habitualmente. “Claro.”

Lyn fez a sua mão deslizar para dentro do roupão da esposa, agarrando a coxa dela por um instante. Tão rapidamente como a agarrou, libertou-a. Beijou a mulher na face e saiu para o trabalho.

Capítulo 30

Na quinta-feira à tarde, Chip teria de sair mais cedo da última aula para poder acompanhar a equipa de debate, mas a sua professora de Biologia, a Sr.ª Harding, tivera de sair ainda mais cedo. O tradutor japonês só estaria disponível naquele momento para uma videoconferência importantíssima entre pais e professores. A Sr.ª Harding desculpou-se e deu a aula por terminada pouco depois de fazer a chamada. Acreditaria mesmo que os seus alunos estavam desiludidos e mereciam um pedido de desculpas? Talvez os professores fizessem, entre si, um pacto para manter a farsa.

Fosse como fosse, Chip não se importava nada de ter tempo extra para se preparar. Estava entusiasmado com a ida à Suíça, mas a sua confiança em relação ao tema do debate ainda vacilava – e ainda estava chocado com o facto de os seus pais lhe terem dado permissão para ir na viagem.

Além do saco, tivera de levar consigo os trabalhos de casa para o fim de semana. Com a carga às costas, caminhou em direção aos autocarros. O autocarro azul que seguia para o aeroporto estava estacionado perto do edifício da administração, depois dos habituais autocarros brancos que já ali aguardavam os seus passageiros. Incluindo o autocarro branco que passaria por sua casa sem ele. A sua mãe ficaria provavelmente a vê-lo passar.

Chip estava entusiasmado com a sua viagem e triste pelo seu autocarro branco e vazio. Também não tinha a certeza se já havia ou não urânio na Índia. As outras aulas ainda não haviam acabado e Chip sentia-se grato pela solidão momentânea.

De repente, do nada, Ticia apareceu-lhe num salto, tirando a mochila do ombro. “És um sacana sortudo, sabias?”

“Porque é que não estás na aula?”

“Quintas-feiras administrativas. Faço uns recados para o escritório do meu pai, entre outras coisas. Às vezes, consigo estudar, se não estiver muito ocupada. E hoje não estou. Meu, tu já sabias disso. Vê se te manténs a par.”

Chip assentiu. “Ei, se um país relativamente estável tiver acesso ao urânio enriquecido de outro país, achas que seria tão ou mais

responsável por ele como se o tivesse produzido ele mesmo?"

"Não sei, nem quero saber." Riu-se. Inclinou-se para Chip e falou-lhe para o ombro. "Pensei em ti ontem à noite."

"O quê?" Obviamente, também ele pensara nela. Talvez se a tivesse convidado para conhecer os seus pais, alguns dos seus pensamentos impróprios abandonassem a sua mente.

"A minha pergunta é: porque é que a minha linguagem te irrita, se tu adoras *rap*?"

"Era nisso que estavas a pensar ontem à noite?" Revirou os olhos. "O *rap* é satírico, mas a tua linguagem é um reflexo da tua pessoa."

"É a cultura juvenil", disse ela. "Toda a gente diz palavrões."

Chip sacudiu a cabeça. "Tu desvalorizas-te."

"O Andrew diz que é a linguagem das minorias. Pergunta a qualquer americano que tenha vivido na Europa. Todos viram boca-suja. Vais perceber isso na Suíça."

Chip encolheu os ombros. "O teu namorado vive na Áustria, onde o inglês é falado por uma minoria." Pronunciou a palavra *namorado* como se se tratasse de uma nova estirpe do vírus do ébola. "Na Suíça há quatro línguas nacionais e o inglês não é uma delas. Por outro lado, tanto quanto sei, fala-se inglês em Inglaterra. Se lá precisam de praguejar para criar uma espécie de comunidade falsa, então que seja. Mas aqui não é preciso." Olhou-a de olhos baixos.

"Mesmo assim", disse Ticia esmurrando-lhe o ombro, "o Eminem é todo *filho da puta, chupa-me a pila*."

Chip sorriu. Claro que deveria convidá-la para a festa de Rowan. E a Maarten e a Henrik e aos pais dele. Discutiriam política e Deus e iriam dar-se todos muito bem.

"Ele mete-se mesmo nas drogas. Não é satírico." Ticia olhou Chip, os seus olhos claros e azuis na tarde fresca. "E se as pessoas gostarem da mensagem? As drogas são divertidas."

"Vão ter uma overdose e haverá menos idiotas no mundo", respondeu Chip.

"Sr. Preto no Branco", disse ela. "Mal posso esperar pela primeira vez em que fizeres merda."

"Quem diz que vou fazer?"

“O Neame.” Ticia riu-se e aconchegou o cabelo atrás da orelha. “Lembras-te?”

Chip assentiu. Os professores saíam em fila do jardim de infância e as crianças seguiam-nos também em fila, como patinhos, os sacos e os guarda-chuvas pendurados nelas. O maior desafio daquelas crianças seria lembrarem-se das suas luvas sem dedos. Mas, agora, até os professores lançavam ameaças veladas e elogios sub-reptícios. As pessoas pediam o que não queriam e desculpavam-se por ações de que não se arrependiam. Mentiam em nome da verdade e enganavam em honra da decência. Chip suspirou como um homem velho. Provavelmente nenhum novo país deveria ter energia nuclear.

“Merda, quase me esquecia.” Ticia tirou um grande envelope da mochila. Parecia o envelope da fotografia de Eminem. “Foi uma decisão difícil, mas quero dar-te isto agora. Leva contigo. Eu confio em ti.”

O coração de Chip quase parou. “Outro autógrafo?”

“*Ya*, estou a juntá-los todos. Will Smith, Kurtis Blow, Doug E. Fresh. O gangue de Sugarhill...” Ticia agarrou-lhe o ombro. “Estou a brincar.” Empurrou o ombro de Chip para baixo, abriu-lhe o saco e enfiou à força o envelope entre os livros. “Preciso da tua opinião. Não abras o envelope em público. Não quero isto à solta no mundo digital. É mais seguro enviar isto contigo para a Suíça num envelope. Tens de me dizer o que achas o mais rapidamente possível.” Levantou-se e deu-lhe um apertão no braço. “Conteúdo restrito.”

Os dedos de Ticia eram eletrizantes – pequenos mas poderosos, fulminaram Chip mesmo através da camisola. Aquela mexicanazinha era como uma arma imobilizadora.

“Olha, a nossa vizinha vai dar uma festa no sábado. Depois de amanhã. Queres ir?”, perguntou Chip subitamente. O seu sentido de oportunidade era terrível, mas, como dizia o seu pai, as oportunidades surgem quando surgem.

“Sim. Podes devolver-me isso nessa altura. Estou ansiosa por conhecer a tua mãe.”

“Os meus pais vão adorar-te.” Chip engoliu em seco.

“Mano, olha que às vezes não adoram. Tenho muitos brincos.” Levantou o cabelo preto acima da orelha. “Já para não falar das tatuagens que tenho no rabo.”

Ao longe, um motorista abriu a porta do autocarro azul destinado à equipa de debate.

“Tenho de ir.” Chip imaginou uma serpente enrolada à volta da nádega nua de Ticia.

“Queres saber o que é, não queres?”, provocou ela.

“Não, quero saber se te vais comportar quando estiveres com os meus pais. Agora tenho mesmo de ir.”

“Vá lá, usa a tua imaginação, meu docinho.” Ticia riu-se. “A menos que te preocupes em invadir a minha privacidade.”

“Talvez nem haja festa”, disse Chip. “Já foi adiada umas cem vezes.”

Os membros da equipa de debate começaram a colocar a bagagem nos compartimentos do autocarro.

“Agora vê lá se perdes essa porra.” Ticia deu uma palmada na mochila de Chip. “‘Conteúdo restrito’ e tu nem pestanejas. Adoro isso em ti. Os teus princípios estão bem definidos. É por isso que preciso da tua opinião. Liga-me mal abras isso. Podes ligar-me da Suíça?”

“Ticia”, Chip sacudiu a cabeça, “estou mas é a pensar em urânio enriquecido.”

Ela pegou-lhe na mão. “Ninguém tem a tua determinação, mano. Vais rebentar com aquilo tudo. Eu acredito mesmo que tu... que tu vais ser pioneiro de um novo género musical. Sem palavrões. Rap festivo.”

Chip correu em direção ao autocarro e gritou-lhe “Talvez lhe chame *crap*.”

Capítulo 31

Carolann já limpara a cozinha depois do jantar e até já reorganizara as canecas de café. Era-lhe inevitável observar a rua calma à espera do regresso de Chip. “Devíamos ter ido ao aeroporto. Se estivéssemos em casa, era isso que teríamos feito.”

“Podes afastar-te da janela?”, sugeriu Lyn. “Se o voo estivesse atrasado, teríamos recebido uma chamada.”

O eco azul-céu da voz de Lyn enchia a sala e, por isso, Carolann sentia-se agradecida.

Ao fundo da rua, viu a claridade de uns faróis balançando os seus feixes de luz. Por fim, um autocarro devolveu-lhe o filho.

“Deste cabo deles?” Lyn pegou nos sacos de Chip.

“Conta-me tudo.” Carolann abraçou Chip, que ainda não conseguira entrar em casa. “O debate, as pessoas com quem ficaste, o que te deram de comer? Provaste fondue?”

Chip abanou a cabeça. “Nem sequer entrei no debate.” As palavras saíram-lhe numa correria, como se fossem uma só, no murmúrio cansado, mal-humorado que os adolescentes empregam quando querem que os deixem em paz.

“Não precisaram do suplente?”, perguntou Lyn. “Que pena.”

“Pois, foi uma boa experiência na mesma, suponho. Pediram-me que escrevesse o artigo para o boletim, o que é fixe.”

“Como era a família? De onde era?”

“Não sei. Algures da costa leste. Pensilvânia talvez. Eram porreiros.”

Ansiosa por mais pormenores, Carolann conduziu Chip para a sala de estar. “Queres comer alguma coisa? Tens sede?”

“Comi no avião. Talvez beba um pouco de água e depois subo.” Chip bocejou.

Carolann observou-o cautelosamente. O seu bocejo parecia-lhe ensaiado. Estaria ele ansioso por ir para o quarto por não querer falar sobre algo que tivesse acontecido?

Lyn foi à cozinha e encheu um copo de água para Chip.

“Havia miúdos da tua idade nessa família?”

“Não. Tinham uma menina chinesa adotada. Era bastante engraçada. E um filho mais velho que já está na faculdade, por isso fiquei no quarto dele.”

“E o outro rapaz que foi contigo? Ficaram no mesmo quarto?”

“Não, ele ficou no quarto de hóspedes. A casa deles era bastante grande. Tinha um abrigo nuclear. Como todas as casas na Suíça.” Chip pontuava todas as suas frases com um gole de água. “Se não se importam, vou para a cama.” Pôs-se de pé.

“Posso ler o artigo que escreveste?”, perguntou Carolann.

“Sim, depois de o ter escrito.”

“Amanhã contas-nos tudo”, disse Lyn. “Tenho de fazer-me à estrada cedo para aquela coisa nos hospitais de West Country e depois tenho de passar no escritório.”

Chip assentiu. “A festa da Rowan é amanhã à noite? Eu convidei a minha amiga Ticia. Mãe, disseste que não havia problema, certo?”

“Bem, eu... mmm...”

“Vai lá”, disse Lyn. “Precisamos de ti bem acordado e sociável para a mariscada. Vamos adorar conhecer a tua amiga.”

Chip passou por cima dos sacos, que ainda estavam à entrada, e subiu para o quarto. Carolann ficou à escuta de ruídos, do ranger de uma cadeira ou do som de passos, mas não ouviu nada. Chip deveria estar realmente cansado. Pouco depois, Lyn levantou-se e foi atrás dele.

“Achas que ele está bem?”, perguntou Carolann.

“Está. Se não estiver, haveremos de ficar a saber em breve.”

Em breve? Se algo se passasse, “neste minuto” seria já demasiado tarde. “Subo já”, disse ela. “Vou separar a roupa dele para lavar.” Pegou no saco de Chip.

“Ouve, não sei quanto tempo demoro amanhã, mas prometo que chego a tempo da mariscada.” Lyn desapareceu no piso de cima.

Entre as roupas de Chip, Carolann descobriu um grande envelope. Provavelmente seriam as anotações que o filho fizera durante o fim de semana. Ou talvez tivessem distribuído papelada sobre a família de acolhimento. Ele poderia ter estado em centenas de sítios. Lyn fora imprudente ao assinar aquela autorização tão rapidamente, mesmo que os seus motivos para tal, cautelosamente traçados, fizessem sentido. Na verdade, Carolann poderia ficar mais

bem informada através das anotações de Chip do que através do artigo que ele planeara escrever. Tirou o envelope do saco.

Chip voltara da sua viagem tão calado, tão diferente de si mesmo, que Carolann se sentiu obrigada a invadir a sua privacidade. Enquanto mãe, não tinha outra opção que *não* a de ler as anotação. Ter um filho adolescente transtornava qualquer espécie de equilíbrio. Chip já não era uma criança, sem direito à sua privacidade e sem assuntos privados para proteger. Mas também não era ainda maduro. Era ainda necessário impor certas regras, agora mais do que nunca, especialmente se Chip começava agora a deparar-se com determinadas questões importantes. E esse equilíbrio teria de ter definido por Lyn e Carolann, não por Chip. Carolann sabia que deveria remexer nas coisas do filho, mas não conseguia evitar sentir-se apreensiva e envergonhada pela sua avidez em fazê-lo.

Na noite anterior, durante o jantar de aniversário, bebera três pequeninos copos de *sake* aquecido. Sentira-se como que a gotejar e vira uma maravilhosa cor metálica, azul-petróleo salpicado de dourado, antes de Lyn a levar para casa e fazer amor com ela. A cor tinha o cheiro do mais rico grão de café, oleoso e fresco, eliminando todos os outros. Quase nem tivera de exagerar a sua ligeira embriaguez. E Lyn tinha razão ao dizer que já havia passado demasiado tempo.

Aliás, Lyn tinha quase sempre razão. Mas e se a sua decisão de permitir a ida de Chip à Suíça tivesse sido errada? Duas noites seguidas com uma bebida a sério. Carolann simplesmente não conseguia mexer nos objetos de Chip sem uma bebida. Verteu limonada para um copo de Jack Daniels e sentou-se com o envelope no colo.

Evidentemente, aquela bebida não era limonada. Tinha gás e era demasiado clara. Não era mesmo limonada, apesar de o rótulo assim o proclamar. Por que motivo não conseguia Carolann harmonizar os aspetos mais simples da sua vida no Kansas e da sua vida no estrangeiro? Não sabia o que esperava ler sobre a estadia de Chip fora de casa ou o que não queria ler. Teria havido álcool? Teria havido uma irmã naquela família? Uma rapariga da idade dele que tivesse entrado sorrateiramente no seu quarto à

meia-noite? Teriam os miúdos feito alguma coisa que Chip não quisesse fazer? Mesmo que assim fosse, as anotações não seriam sobre isso. Teria de ligar para a escola na segunda-feira para saber qual o ponto de situação da sua candidatura.

Talvez a escola tivesse ligado para as pessoas que Carolann indicara como referências. Fosse como fosse, o seu cadastro estava limpo. Queriam alguém que organizasse *workshops* sobre consumo de drogas e que administrasse as vacinas contra a meningite. Carolann tinha jeito para dar injeções. Dizia a verdade às crianças – vai doer, mas só durante um segundinho. Contava uma piadinha para que a criança relaxasse e depois fazia o que tinha a fazer. Dizia sempre "au!" quando enfiava a agulha e, por vezes, isso fazia com que as crianças não tivessem de o dizer. Às vezes, até se riam.

Deu um gole na sua bebida. Também agora era tempo de fazer o que tinha a fazer.

Com os seus dedos ágeis e unhas cor de vinho desfez rapidamente o laço que fechava o envelope amarelo. O diamante que trazia no dedo reluziu e Carolann conseguiu ver as veias das suas mãos, como as da sua mãe, como as da sua avó. Sentiu um papel lustroso, como papel de fotografia. Talvez não fossem as anotações de Chip. Hesitou e fez deslizar os papéis novamente para dentro do envelope. Atou o laço. Deu outro gole na sua bebida. Um papelinho esvoaçou, caindo no chão aos seus pés. Carolann resgatou-o.

"Qual é a vencedora?" perguntava o papel. A letra era minúscula, mas os seus arredondados pareciam feitos por uma rapariga, sedutores. E continuavam, as palavras em letra cada vez mais pequena. "*Qual delas te agarra pelos tomates, te deixa teso? Qual delas te fará amar-me para sempre?"*

Carolann sentiu uma camada fria de ardósia a definir o espaço que a cercava. Precisava de uma lupa para ler até ao fim. Não queria de forma alguma ler até ao fim, mas agora teria de o fazer. No piso superior tudo parecia calmo. "*Qual delas te faz pensar em igreja, altar, em ter um filho meu? Qual delas te faz pensar em mim, sentir a minha falta, ligar-me todas as noites*?" Carolann agarrou no seu cocktail. "*Sabes o que quero, Chip. A ideia foi tua, portanto...*

qual?” A assinatura era um pequeno “T” ladeado de um coração microscópico. Meu Deus.

Carolann engoliu de uma vez a sua bebida. Ideia dele? Mas ela havia estado atenta. E Lyn acreditava que Chip só seria um “homem” e só estaria pronto para o seu presente especial quando fizesse dezasseis anos. Por um segundo, Carolann imaginou Lyn com a idade de Chip, a ouvir o disparo de uma espingarda, a encontrar o pai atrás da sebe do jardim. Carolann não podia entrar nessa memória, por muito vívida que fosse a história. Não podia questionar a necessidade que Lyn sentia em dizer a Chip o que lhe queria dizer.

Mas podia descobrir o que estava a acontecer com aquela rapariga. Tinha de descobrir. Abriu novamente o envelope e tirou as fotografias.

Capítulo 32

Carolann deu voltas e voltas na cama. Estremeceu. A luz encheu o quarto e os seus sentidos foram-se aguçando um a um. Provavelmente Lyn abrira as persianas antes de sair, quando ainda estava escuro. Olhou para o relógio. Se Chip não se levantasse entretanto, Carolann vestiria o roupão e acordá-lo-ia dentro de doze minutos. Nove da manhã já era suficientemente tarde para um sábado.

O seu estômago parecia-lhe estável e a sua cabeça não latejava tanto como latejaria caso tivesse voltado à garrafa após ter visto as fotografias. Mesmo assim, sentia-se enjoada. Aquela rapariga iria à festa de Rowan. Se Carolann se houvesse afogado em Bourbon na noite anterior, quem poderia censurá-la?

Porém, de pouco ou nada serve a um pai culpado virar-se ao álcool. Carolann sabia que Lyn já estava a dormir quando ela vira as fotografias, por isso voltara a colocá-las no envelope e arrumara a garrafa. Decidira guardar a descoberta só para si. Não era a primeira vez que guardava um segredo só para si.

Um surpreendente sol inglês perfurou o ar matutino por um ângulo penetrante, alojando-se no crânio de Carolann. Era uma das raras manhãs em Inglaterra em que acordava com tamanha luz. Fez um esforço para abrir os olhos e absorver aquela luz intolerante e demasiado feliz.

Se lhe doíam os olhos, talvez não lhe doesse a cabeça. O céu azul não magoava. Como não magoavam as folhas verde-amareladas e laranja e as castanhas da índia quase maduras que pendiam da árvore alta que via da janela. Ainda não ouvira qualquer barulho vindo do quarto de Chip. Já tomara uma decisão, mas poderia ainda mudar de ideias. Talvez devesse falar com Chip sobre o assunto. Ou talvez se tratasse de uma conversa a ter de pai para filho e, quando contasse a Lyn, ver-se-ia livre dessa responsabilidade. Mas e se a ideia de Carolann ter bisbilhotado nas coisas do filho não agradasse a Lyn? Não, teria de se manter fiel à sua decisão. Haveria de lidar com a rapariga. Fosse como fosse.

Ouviu Chip a entrar no duche. Quando Maryann estava a fazer a sua formação para vir a ser professora, antes de deixar a escola e ter o filho, dissera a Carolann para cronometrar os duches de um rapaz, de modo a saber se ele já se começava a interessar por raparigas. Se, de repente, começasse a tomar duches muito longos era porque havia rapariga na mira. Meia-hora sozinho, debaixo de água corrente... e Maryann piscava o olho. Na época, Chip era ainda uma criança e Carolann não queria que a irmã piscasse o olho à custa dele. Com as fotografias ainda a deambular na cabeça, Carolann olhou para o relógio. Os duches de Chip não costumavam demorar mais de oito minutos.

Deslizou da cama e enfiou-se no roupão. Estava um dia lindo, com aquele inesperado sol inglês. Iria misturar passas nas papas de aveia de Chip. Mais tarde, armar-se-ia em corajosa, vestiria o seu fato preferido, para que parecesse ela própria, embora não se sentisse ela própria, e iria até à loja de jardinagem. Ou levaria Chip até à Waitrose e comprariam flores para a festa de Rowan. Lavou os dentes e voltou a olhar para o relógio. Chip deveria fechar a torneira dentro de três minutos.

Talvez o volume e a claridade da luz solar estivessem demasiado elevados. Porque tão raro, o sol daquela manhã de outubro parecia estar a esforçar-se demasiado, a dramatizar demasiado o seu papel secundário naquela peça. Carolann ouviu a água correr através dos canos da sua casa arrendada. Também ela estava em palco, no papel de supermãe que preparava papas de aveia com passas para o filho.

O que lhe apetecia realmente vestir era uma velha camisola de Lyn, para que se pudesse confundir com aquele dia. E queria que Lyn voltasse para casa e queria pôr o jantar na mesa, como habitualmente, e batom nos lábios e fingir que não sabia nada sobre a rapariga. Estar na festa de Rowan com ela seria horrível. Numa das fotografias, a rapariga estava seminua. Com uma guinada abrupta, o duche de Chip chegou ao fim. Oito minutos. Carolann daria conta de Ticia.

“Papas de aveia para o pequeno-almoço. Parece-te bem?”, gritou ela.

“Ótimo”. Com o cabelo ainda húmido, Chip seguiu a mãe para o piso inferior.

Carolann aproximou-se do último degrau e arfou. O envelope estava em cima da mesa, juntamente com o correio, e Chip estava poucos passos atrás dela. Teria de enfiá-lo na mochila de alguma forma. Rapidamente, colocou uma revista em cima do envelope, voltou-se com um sorriso e abraçou Chip.

“Sabes, mesmo que não tenhas participado no debate, estou orgulhosa de ti por teres ido. Como disse o Pai, é uma honra teres sido convidado.”

Chip ainda estava nas escadas, um degrau acima de Carolann, por isso ela encostou o rosto ao peito dele, abraçando-o, como fazem as netinhas com os seus avôs. Por um instante, deixou-se desvanecer dentro dele, retirando conforto da energia inocente do seu jovem filho. Cheirava a champô.

“Estás bem-disposta hoje”, riu-se Chip.

“Encontrei passas na secção de pastelaria.”

“Excelente. Depois hás de encontrar manteiga de amendoim americana e Mac&Cheese e nunca mais vais querer voltar.”

“Velveeta. Colby-Jack. Jello sem açúcar. Bolachas Graham. Nilla Wafers. Advil e Rolaids e Triaminic e Wheat Thins.” Carolann sorriu. “Se encontrar tudo isso, então falamos.”

“Aprende a conduzir do lado errado, como faz o Pai, e depois decide”, disse Chip. “Os americanos adaptam-se com facilidade, supostamente. Tu encontraste passas.”

Carolann pôs o leite ao lume e Chip ligou o televisor no noticiário da manhã. Talvez enquanto ele comesse o pequeno-almoço, Carolann conseguisse correr até lá acima com o envelope e metê-lo na mochila. Detestava ter de ser tão ardilosa. Era Inglaterra que a forçava a comportar-se daquela forma. Voltar para o Kansas teria de ser melhor do que ficar em Inglaterra. Embora a miúda das fotografias, aquela terrível Ticia, fosse americana. Uma miúda daquelas poderia estar em qualquer lugar. Uma miúda como Ticia poderia estar no Kansas. Poderia estar na Igreja de Deus Coração da América (claro que, segundo Lyn, e os pensamentos obscuros que deambulavam na mente de Carolann, ela própria poderia ter

sido, em algum momento, uma miúda como Ticia). De qualquer modo, em Inglaterra, nunca se sentiria em casa.

Por outro lado, também já não tinha a certeza de confiar na sua velha terra natal. Depois de servir o pequeno-almoço a Chip, Carolann retirou-se. Tinha assuntos para tratar e, mais importante do que isso, tinha de voltar para a cama.

Capítulo 33

Após a reunião no hospital em Bristol, Lyn conduziu durante duas horas até Surrey. Só teria mesmo tempo para passar em casa e vestir uma camisa limpa. Se iria falar com os administradores do hospital sobre práticas límpidas, deveria pelo menos vestir uma camisa passada, mesmo num sábado. *A perceção da verdade torna-se verdadeira nas suas consequências*. Se aparecesse desmazelado, poderia revelar todos os dados, falar articuladamente ou mesmo dar uma palestra envolvente que os britânicos da velha guarda nunca iriam confiar no seu conhecimento sobre a matéria. A experiência visual era um fator determinante no tratamento do paciente. A confiança do paciente no hospital era de suprema importância. Lyn iria deixar bem claro este ponto, mas a confiança dos administradores no seu discurso era também imperativa, pelo que uma camisa limpa e passada era essencial.

Por outro lado, não poderia parecer demasiado esperto ou arranjado ou acabado de sair do cabeleireiro ou rico ou demasiado americano. Os seus dentes já eram tão direitos como os de um miúdo da preparatória, além de que exalava uma autoconfiança inevitável. O seu sotaque só iria confirmar o que aqueles tipos julgavam saber. Em todas as reuniões havia percalços. E todos os dias havia dificuldades.

Lyn sabia melhor do que muitos aquilo que o esperava. Desde criança que andava em hospitais, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, e sabia quão importante era a sua mensagem. Especialmente num país com um sistema de saúde fantástico, embora ainda aquém das suas potencialidades. Era para isso que o governo britânico e a multinacional farmacêutica lhe pagavam: para ajudar o sistema nacional de saúde a limpar a sua conduta. Lyn parou o carro à entrada de casa, totalmente disposto a, mais uma vez, cumprir os seus objetivos.

Em casa reinava a calma. O casaco de Chip desaparecera, portanto deveria ter ido à loja. O carro de Carolann estava na entrada, como habitualmente, e Lyn apercebeu-se de que ela voltara para a cama. Em picos dos pés, entrou no quarto à procura

da camisa. Beijou a testa da sua mulher, para ver se estava febril. Ela mexeu-se, mas não acordou. Estava quente, mas não demasiado. Chip parecia estar a adaptar-se bem, mas, até então, a mudança para Inglaterra não havia sido fácil para Carolann.

Silenciosamente, Lyn lavou a cara, mudou de camisa e desceu as escadas. Comeria qualquer coisa perto do escritório antes da segunda reunião do dia. Também leria o jornal ou uma revista. Separou rapidamente as contas do restante correio, agarrou nas revistas e meteu-as na pasta. Mal conseguisse desfrutar de uma chávena de café e de uma breve pausa na indústria dos cuidados de saúde, poria os pés em cima da secretária e mãos à obra.

Capítulo 34

“Não encontro.” Chip pôs-se de pé sobre a mochila aberta com o telefone ao ouvido. A última coisa que queria, depois de ver as fotografias de Ticia, era ficar com elas mais tempo do que seria necessário. “Talvez tenham sido confiscadas na alfândega ou algo do género.”

“É bom que as encontres, mano.” Era frio o tom de Ticia.

“Nem olhei para elas até ao último debate, mesmo antes de virmos embora.” Recordou os poucos minutos que passara na casa de banho dos rapazes, na escola suíça, a olhar para as fotografias. E os cinco minutos que deu a si mesmo no corredor antes de voltar à sala de debate. Dir-lhe-ia que usasse a fotografia em que tinha o chapéu.

Um sol vespertino estranhamente luminoso entrara janela dentro ao fundo do corredor da escola. Um sol mais quente do que o inglês, iluminando partículas de pó que se moviam languidamente. Mesmo na quietude, mesmo no silêncio, pensou Chip, havia caos e comoção na própria fundação de uma escola. Gostaria de ter escrito algumas letras sobre aquele movimento raramente visível, aquela algazarra inaudível. De certo modo, filtraria a visão das fotografias de Ticia através daquelas partículas de pó, como metáfora. Um grupo de alunos passou pelos cacifos e Chip voltou rapidamente ao debate.

“Detestaste-as?”

“Não, claro que não. Talvez pudesses ter sido um pouco mais subtil, mas não.” Chip só conseguia sorrir. Talvez o envelope estivesse no saco, lá em baixo. “Vou encontrá-las.”

“Podias ter tirado fotocópias, se as quisesses para ti. Aquelas são para o Andrew. E queria enviar-lhe a encomenda o mais depressa possível.”

“Se a tua relação com esse Andrew Maravilha é tão frágil porque não podes esperar mais um dia? Se calhar devias era desistir e poupavas-te a esse trabalho.” Queria dizer-lhe que ela também deveria poupar a sua dignidade e não enviar a fotografia em que aparecia seminua, mas, teria de admitir, que essa talvez servisse

melhor os objetivos de Ticia. Era difícil, para qualquer rapaz adolescente, não reagir a topless.

“E porquê? Para poder estar contigo?”

“Não, obrigado”, respondeu Chip. Naquele momento, não queria mesmo estar com ela.

“Ainda queres que vá a essa coisa hoje à noite?”

“Sim.”

“Não sei.” Ticia ficou em silêncio por um instante. “Sinto que não sei nada. Ele disse que me amava. E o amor é eterno, certo? Através do tempo, da distância. Sempre. O que estou a fazer mal?”

“Nada...” Chip tê-la-ia abraçado se pudesse. “Talvez não sejas tu. Mas tu és tipo...” Parou para compor os seus pensamentos, mas eram complicados. “És tipo... és tipo...”

“Meu!” Ticia bateu com o auscultador numa superfície qualquer. “Disco riscado”. A Ticia do costume estava de volta. “Estás a evitar falar.”

“Está bem. É como se fosses fictícia”, concluiu Chip. “Como se eu te tivesse inventado. Só podes ser definida na minha cabeça. Eu prevejo o que vais dizer sobre alguma coisa, mas afinal estou completamente errado. As tuas opiniões, o que dizes e fazes... nunca é o que espero de ti. É sempre o contrário. E até pode mudar a meio caminho. É como...”

“Uma desilusão”, disse Ticia. “Uma grande e gorda desilusão. Meu, eu percebo. Provavelmente é isso que pensa o Andrew, se é que pensa em mim sequer, o sacana. Queres que eu seja aquilo que tu queres que eu seja. Mas não sou. Sou...”

“Não uma desilusão. É o contrário. És a miúda mais porreira que já conheci.”, interrompeu Chip. E estava dito. O superlativo. *A miúda mais porreira*. “Apesar desse palavreado imundo.”

“A sério?”

“Sim, a sério.”

“Que fixe, foda-se!”, riu-se ela. “Vê se descobres essas fotos, chavalo. Vemo-nos logo à noite.”

Capítulo 35

Com o envelope de Ticia colado ao peito, o pai de Chip entrou no quarto do filho.

Chip respirou fundo. “Não é o que o pai pensa.”

Sem se virar, Lyn deu um pontapé na porta, fechando-a com força. Chip estava com o coração na boca. Faltava uma hora para a festa de Rowan. Ticia deveria sair de casa a qualquer momento. Chip teria de lhe ligar a dizer que não viesse.

“Julgas saber o que eu penso?” Lyn bateu violentamente com o envelope na secretária de Chip.

“Não, senhor.”

“Muito bem. Primeiro, penso que esta rapariga é a Patricia. Tricia. Certo?”

“Ticia. Sim, senhor.”

“OK. Um ponto para o Papá na questão número um.” A sua voz fervia com sarcasmo. “Continuamos?”

“Mas não se passa nada entre mim e ela”, disse Chip. “Não tirei essas fotografias. Nem eram para mim.”

“Estão aqui na nossa casa, Chip, portanto eram para ti. Aliás, estavam juntamente com o nosso correio, que levei para o escritório. Felizmente.”

“Ah...”, a voz de Chip como que rangeu. “Então a mãe não as viu?”

“Creio que não. Ficaria devastada se pensasse que andavas envolvido com uma rapariga assim.” Lyn fitou o filho. “Queres magoar a tua mãe?”

“Não, não estamos envolvidos. Não dessa forma. Eu nunca... não podia... não estava a pensar bem.” Juntou as mãos e pousou-as no colo. De repente, a cadeira da sua secretária parecia enorme. Havia encolhido, como a Alice no País das Maravilhas. Ticia temera que Chip deixasse o envelope caído na escola suíça. Isto era pior. Os olhos de Chip encheram-se de água frustrada.

“Ouve, a tua mãe parece estar bem e tu conhece-la. Ela não esconde nada. Se ela tivesse visto estas fotografias, eu já saberia.”

“Mas porque estavam no correio?” A voz de Chip contraía-se. “Não vais contar à mãe?”

“Não. Este assunto diz-lhe tanto respeito a ela como a mim, mas, neste caso particular, não vou contar-lhe. Agora sê sincero. Qual é a

tua história com esta rapariga?”

“Não há história nenhuma. Somos amigos.” Chip apontou para o envelope. “E ela nem sequer é deste género.”

Lyn posou a mão no envelope e mexeu com os dedos para cima e para baixo, como se estivesse a discutir se deveria ou não abri-lo. “Tu dás-te com uma miúda destas, portanto é melhor que estejas preparado para assumir responsabilidades. Gostas assim tanto dela?”

“Não é assim que funciona. Ela é uma boa amiga.”

“De um momento para o outro, o que é divertido pode passar a sério. Assim.” Lyn estalou os dedos. Ergueu o envelope da secretária e desfez-lhe o laço. Tirou as fotografias. Deu uma vista de olhos no bilhete escrito por Ticia, desleixado, amarrotado, manchado e achatado. Puxou-o para o lado. “Qual delas?”, perguntou.

Chip sentiu-se enjoado, como se tivesse de proteger Ticia e tivesse de proteger a sua mãe e o seu pai e a si próprio uns dos outros. Não deveria ter tentado ajudar Ticia com os seus problemas com Andrew. Estava agora metido numa confusão. O melhor conselho que lhe poderia ter dado seria, em primeiro lugar, que deixasse Andrew. O tipo vivia em Viena. O que poderia ela esperar dele?

Lyn examinou a foto em que Ticia usava um chapéu, virou-a para Chip e depois passou-a para o fim do monte de fotografias. Concentrou-se na seguinte. Aquela em que Ticia surgia em topless na cama. Graças a Deus, não se conseguia ver tudo perfeitamente, por ela estar deitada de barriga para baixo, as costas bem arqueadas, a olhar para cima para o fotógrafo, que deveria estar escanchado nela para tirar a fotografia. Não se via tudo, mas viam-se curvas. “Mmm...” Lyn emitiu um ruído que Chip não se atreveu a decifrar. “Um ângulo bastante eficaz.”

Chip encolheu-se. O que poderia fazer para que o seu pai deixasse de olhar para a fotografia? Um homem a sério faria frente ao seu pai, se necessário. Aparentemente, Chip não era um homem a sério.

“Ela parece ter uma inclinação para a arte.” Lyn riu entredentes. “Enfâse em inclinação.”

“Pai, podemos não fazer isto?” A terceira fotografia era a pior. Não se via nada, mas a combinação dedo-língua era horrível.

“Fazer o quê?” Lyn fitou o filho. “Diz-me tu. Consegues controlar o que andas a fazer? O que te interessa fazer com esta... esta jovem?”

Chip tinha de ligar imediatamente para Ticia e cancelar o convite. Não poderia ir à festa, porque todos haviam ficado doentes. Gripe. Meningite. Vacas loucas. Febre aftosa. SARS. Malária. Cólera. Tétano. Febre tifoide. Obsessão infecciosa por pornografia protagonizada por uma convidada a desconvidar. Peste bubónica.

“Filho, é como jogar futebol com...” Lyn deteve-se. Talvez a metáfora adequada lhe tivesse escapado. “...uma mina terrestre desativada. Lembras-te da minha viagem a África? Das crianças pobres que vi? Inevitavelmente, essas coisas rebentam-te com uma perna.”

Chip assentiu. Não se tratava da escolha habitual do repertório de aforismos e de “e ses” de Lyn. Roubar um pedaço de pão para alimentar a família é considerado roubar? O que é mais importante... a perceção da verdade ou a própria verdade? *Uma árvore cai na floresta e não está lá ninguém para ouvir a queda... então quem a ouve primeiro, a galinha ou o ovo*? Talvez, pensou Chip, o seu pai não soubesse todas as respostas. Talvez, às vezes, ele nem soubesse quais as perguntas certas.

“Ela só precisava de uns conselhos. Ela não é assim.”

“A julgar por estas fotografias, talvez nem ela saiba como é realmente. Os brincos de prostituta, o chapéu bonitinho... parece-me confusa.” Lyn continuou. “Olha, se escolheres uma rapariga como ela, prepara-te para passar toda a vida com ela. E não digo que não o queiras fazer.” Levantou o sobrolho para a fotografia. “Mas miúdas como esta são de alto risco, por agora. És capaz de fazer essa escolha agora, com catorze anos? Passar o resto da tua vida com esta miúda, só com ela? O que tu fazes hoje afeta o teu amanhã. Olho para estas fotografias e questiono a tua perceção das consequências.” Lyn levantou as suas mãos atarracadas, as palmas para cima em ritmos alternados. “Causa, efeito, causa, efeito.”

“A Ticia tirou essas fotos para o namorado. Eu não... eu nunca sequer beijei uma rapariga, pai.” Chip balbuciou. “Ela não está

interessada em... as fotos não são para mim."

"Porque não?" Lyn tornou-se firme. "Qualquer rapariga teria muita sorte em estar contigo. Especialmente uma rapariga como esta Patricia."

"Ticia. Ti-ci-a."

"Que seja. Devias dizer-lhe isso enquanto podes. Antes de te envolveres demasiado."

"Ela é minha amiga." Chip abanou a cabeça. "E ela... estou a tentar ajudá-la a seguir o caminho certo. Ela tem um bom coração."

Lyn observou o filho com olhos semicerrados. "Fico feliz por a conheceres a esse ponto, por não te distraíres pelo exterior. Estou ansioso por conhecê-la logo."

"Ah, não. Acho que ela afinal não vem." Chip procurou, nos papéis que estavam na sua secretária, uma boa razão. "Acho que ela tem qualquer coisa para fazer."

Lyn acenou. Colocou as fotografias novamente no envelope e esfregou-o com círculos suaves. "É escolha é difícil, mas voto na fotografia em que ela está de chapéu."

Capítulo 36

No jardim de Rowan, uma dúzia de vizinhos rondava uma oscilante mesa de aperitivos. Chip não queria estar ali. Passou um aperitivo ao pai.

"Isso tem um cheiro fecal", murmurou Carolann.

Chip encolheu os ombros.

"E desconfia dos pacotes cor de rosa." Carolann apontou para uma tigela de aperitivos crocantes de camarão. "Os ingredientes são todos químicos alfanuméricos. Li o rótulo no supermercado. Mas afinal onde está a tua amiga Ticia? Ela costuma atrasar-se?"

"Ela não vem." Chip comeu um aperitivo crocante cor de rosa, que se dissolveu com o impacto.

"Que pena." Lyn piscou o olho. "Gostava de a conhecer."

Chip respirou fundo. Dissera a Ticia que os seus pais estavam doentes, o que não era inteiramente falso. Desde que vira as fotos, o seu pai parecia um pouco doente. Mentalmente.

"A dieta britânica." Lyn baixou a voz e levantou uma argola cor de sebo, um produto processado à base de cereais. Enfiou à força a argola no dedo mindinho e sacudiu-o – como uma promessa de crianças. "Ataque cardíaco ao virar da esquina."

"Hoje em dia cozem ou fritam tudo." Carolann fez uma careta. "Vê a BBC. Salsichas e puré de batata, feijão com torradas. E afinal o que é um *toad-in-a-hole*?"

"São também salsichas em puré de batata. Costuma haver na escola. Não é mau", disse Chip. "E *bubble-and-squeak* também."

"As pessoas culpam sempre a *fast food* dos EUA", disse Carolann. "Mas não me parece que a obesidade seja exclusiva dos americanos." Acenou na direção de Rowan e alguns outros vizinhos.

Lyn acrescentou "Aquela loja de *fish-and-chips* ao fundo da rua serve a comida em papel de jornal completamente engordurado." Abanou a cabeça.

Entre as preocupações de Lyn sobre higiene e a obsessão de Carolann por gordura, a conversa deles poderia entrar numa espiral infinita. Chip esperava que os vizinhos não conseguissem ouvir a sua família. Na escola, só os alemães pareciam não considerar que os americanos falavam demasiado alto.

“Sabes, se começares a falar de nutrição nas tuas palestras, eu posso ajudar”, disse Carolann. “*É* a minha especialidade.”

Chip elevou as sobrancelhas para o pai. Carolann ainda julgava que eles precisavam de ser relembrados da sua especialidade? O facto de acompanhar Lyn na sua missão no estrangeiro tornara-a simples bagagem? Não ouvira o que Chip aprendera na escola? Carolann era um *cônjuge acompanhante*. Havia uma definição para ela no seio da comunidade expatriada – o que deveria ajudá-la a sentir-se acomodada, mesmo que não se sentisse “em casa”.

“Não posso travar essa batalha aqui.” Lyn sacudiu a cabeça.

“Porque não? As gorduras transformadas entopem as artérias”, respondeu ela. “Sejam elas britânicas, mexicanas, vietnamitas...”

Rowan afastou-se dos canapés para se juntar à conversa. “Chinesas, japonesas... pernas obesas, vejam estas surpresas!” Levantou o avental para mostrar as suas calças e desatou a rir.

Chip e os seus pais pasmaram a olhar para ela, com sorrisos parvos na cara.

“Anda.” Rowan pegou no braço de Chip. “Ajuda-me a ver como está o buraco.”

“Vou ausentar-me por um momento”, disse Lyn. Atravessou o jardim em direção ao portão de Rowan, dirigindo-se possivelmente para a sebe que separava aquela casa da sua.

Chip observou-o, sondando o portão de Rowan no caso de Ticia decidir aparecer na festa. O seu desespero dividiu-se e seguiu duas correntes distintas. Chip queria desesperadamente que Ticia entrasse por aquele portão e queria desesperadamente que não entrasse. O desespero contraditório, ficou Chip a saber, era muito mais trepidante do que o desespero que advinha da determinação. Tinha de se concentrar. “Mãe, vens?”, perguntou abruptamente.

Rowan conduziu-os entre os vizinhos para o outro extremo do jardim. Levantou do chão o canto de uma lona vermelha-viva, libertando-se um vapor com cheiro a algas.

“Fixe”, disse Chip. “Um areal sem praia.”

“Banheira afundada.” Rowan inspirou profundamente. “Pega nesse pau.”

Chip deu-lhe o pau e Rowan fincou as pedras e as lagostas aninhadas sob as algas. Ticia tinha de ver aquela banheira – Chip

queria-a lá, afinal. E podia confiar que o seu pai não iria agir de forma estranha.

“Quase pronto.” Rowan deixou cair a lona. Os seus braços carnudos e a sua face ficaram manchados em vários tons de rosa. “Agora, no Kansas, já podes mostrar-lhes como é que isto se faz. Claro que tens de mandar buscar as amêijoas e as algas.”

Se alguém sugerisse à família de Chip no Kansas “mandar buscar” alimentos sofisticados ao estrangeiro, dar-se-iam vários ataques cardíacos ainda antes de o jantar ser servido. O avô Cyrus seria logo o primeiro. Antes do seu último suspiro, insistiria em ter como caixão um saco do lixo dentro de uma caixa de cartão, para contrabalançar a despesa ridícula com a comida.

Chip desviou-se do buraco onde estava a mariscada e viu o seu pai a correr pelo portão traseiro da casa de Rowan, trazendo consigo o motivo pelo qual aparentemente fora a casa: uma garrafa de Jack Daniels. Chip ficou petrificado.

Rowan apresentou a Carolann dois vizinhos, o Sr. e a Sr.ª Fitzsimmons. Carolann pegou conspicuamente numa batata frita, levantou-a no ar com um certo aprumo e ouviu fascinada a conversa do casal. Chip conhecia bem aquela estratégia. Deixaria cair a batata frita no chão quando ninguém estivesse a olhar. Já o seu pai havia sido travado, de garrafa na mão, por um outro vizinho. Chip aproximou-se de uma mesa com *hors d’oeuvres* e, com uma mão, tirou duas pequenas salsichas, que engoliu de uma só vez.

“O Lyn é consultor especial do Serviço Nacional de Saúde”, disse Carolann aos Fitzsimmons. “Gestão de Marketing dos Serviços de Saúde. Enviaram-no para cá para resolver alguns problemas no sistema.”

Os vizinhos estavam aborrecidos, mas Carolann parecia não ter reparado. No Kansas, ninguém reagiria de tal forma. Lyn teria de atravessar o quintal de Rowan e ser ele a explicar as suas funções. Com alguma sorte, não se faria acompanhar da garrafa.

“É especialista no modelo de rentabilidade americano.”

A Sr.ª Fitzsimmons sorriu educadamente e escapuliu-se. *Ambição nua* fora a expressão utilizada por Ticia no seu trabalho de Estudos Culturais. Se uma esposa americana se gabasse do marido, estaria ela a desnudá-lo?

“Talvez não tenha percebido que sou médico”, disse o Sr. Fitzsimmons. “Cirurgião. Preferimos que nos chamem *senhor* a *doutor*. É uma espécie de pretensiosismo invertido”, disse com um risinho.

“Então conhece bem o sistema.” Carolann comeu a batata frita cor de rosa com uma careta. “É tão desanimador.”

“Trabalho no privado”, disse o homem acenando com a cabeça. “Para mal dos meus pecados.”

“Se calhar até agradece algumas das falhas do modelo de rentabilidade do SNS. É compreensível, aliás, depois de toda a formação que os médicos têm de ter... faculdade, especialidade, internato... e então aparece-lhe um homem de negócios e diz-lhe que *o cliente tem sempre razão*. Mas o cliente pode ser um desistente do ensino secundário, um imbecil, com fibromialgia, por exemplo. Além disso, o sistema britânico de apoio ao cliente é... bem, neste caso, não sei se o cliente tem alguma vez razão”. Carolann sorriu.

“É um mal necessário, diriam as vendedoras”, assentiu o Sr. Fitzsimmons. “Fiz uma parte da minha formação em Los Angeles.”

Carolann continuou. “O Lyn ensina os médicos a verem os seus pacientes como clientes. A investirem nas suas clínicas. Um paciente e uma receita de cada vez.”

Chip examinou o aglomerado de convidados em busca do pai. Lyn diria *médico de medicina geral* em vez de *médico* simplesmente. Diria *consultório* em vez de *clínica*. E, com certeza, não se referiria aos pacientes como clientes, ainda que fosse esse o principal objetivo das suas intervenções.

“O modelo americano salva vidas”, acrescentou Carolann. “O Lyn começou a trabalhar com remédios para a asma e agora dirige a Europa.”

“Pois.”

Chip apanhou o homem a olhar para baixo e a sorrir enquanto comia uma mão cheia de amendoins. Estranhamente, sentiu-se parte de uma conspiração.

“Parece-me que uma combinação das nossas culturas é o que faz mais sentido”, disse o Sr. Fitzsimmons. “O SNS oferece algumas coisas que estão em falta nos EUA. Acesso generalizado.”

Carolann fitou-o. Entretanto, dois outros vizinhos aproximaram-se e apresentaram-se. A conversa mudou-se para as casas deles. Tijolos vermelhos, paredes de pedra, vitrais decorativos, telhados de três águas.

Chip avistou Lyn perto do portão. Já não conversava com os vizinhos. Estava agora sozinho e empunhava pelo gargalo a garrafa de whisky de que Carolann mais gostava. Na outra mão, trazia empoleirados dois copos de cocktail. Abriu a garrafa.

Chip respirou fundo e, apesar da distância, sentiu o odor profundo daquela bebida. Com um floreado circular já bem treinado, Lyn verteu o líquido cor de âmbar para dentro dos dois copos que trouxera de casa. Com o cristal, capturou a luz daquela tarde de outono, enchendo o copo de narrativas douradas, intensas e reflexivas, como o vitral de uma igreja. Como que sentindo o cheiro do whisky e seduzida por ele, Carolann virou-se.

Respirou fundo, profundamente acima das suas capacidades, como se os seus pulmões precisassem de transbordar de ar antes de o terem em quantidade suficiente. Sorriu para os vizinhos. “Dão-nos licença?”

Chip imaginou que aquele seria o equivalente respiratório das pessoas gordas que comem até ficarem com dores de tão enfartadas. A mãe dele dissera que muitos dos seus clientes tinham esse problema. Por que razão os nossos sentidos nos enviavam sinais contraditórios?

Carolann acelerou o passo.

“Acho que tinhas razão, Chip”, disse Lyn. “A Ticia deixou mensagem a dizer que não conseguia vir.” Levantou o copo dourado e virou-se para Carolann. “Mas o teu amigo Jack, meu amor, veio.”

Chip até preferia que Ticia não aparecesse, uma vez que a sua mãe iria começar a beber whisky.

Carolann pegou no copo. “Não devíamos guardar isto para depois da festa?”

Lyn sacudiu a cabeça em sinal de negação e fez tilintar o seu copo no da sua esposa. “Saúde.”

Chip engoliu em seco. Era demasiado complicado. O seu pai vira as fotos de Ticia. A sua mãe estava no escuro. Chip sentia-se como um enorme fosso que dividia os seus pais.

Subitamente, Lyn disse “Aliás, talvez a Ticia até venha. Disse alguma coisa sobre uma boleia, penso. A chamada caiu entretanto.”

Carolann gorgolejou, sorrindo depois como se estivesse a posar para uma fotografia. “Talvez ela não quisesse vir.”

Chip sentiu-se encolher. Um gole apenas e a sua mãe já estava a falar demais.

“Ela vive cá há uma eternidade e deve ter muitos amigos. O que lhe podes oferecer tu? Ela é mais velha.” Carolann encolheu os ombros.

“O Chip tem jeito para as mulheres, não é, filho? Para as pessoas.” O pai deu-lhe um aperto no ombro.

Rowan juntou-se a eles uma vez mais. “Olhem quem encontrei. Uma princesa à procura do seu príncipe encantado.”

“Ticia!” A voz de Chip fraquejou. A sua mãe não estava enganada quanto à diferença de idades.

Ticia sorriu e fez uma vénia. “Foi complicado, mas consegui. É uma longa história.”

“Vamos gostar de ouvi-la.” Carolann levantou o sobrolho.

“Prazer em conhecê-la, Sr.ª Cooper.” Ticia esticou a mão. “Ainda bem que já se sente melhor.”

Carolann enfiou a garrafa de Jack Daniels debaixo do braço e apertou a mão de Ticia. “Pena os teus pais não te terem deixado aqui mais cedo. Teria gostado de os conhecer.”

“O meu pai está a entrevistar candidatos em Bruxelas e a minha mãe foi chamada para uma reunião de orientação estratégica em Roma.”

“É advogada”, acrescentou Chip. De um modo geral, Carolann respeitava as mulheres de carreia.

“Mmm...” Carolann cruzou os braços sobre o peito. “Isso explica algumas coisas.”

Chip olhou para Ticia e sentiu que conseguia ler-lhe o pensamento. *Mas que porra?*

“Chegaste mesmo a tempo da lagosta. Vamos arranjar-te qualquer coisa para comer.” Rowan pegou-lhe na mão. “Há comida suficiente para alimentar um exército.”

Ticia olhou de soslaio para a garrafa de Jack Daniels que Carolann segurava. “O que me apetecia mesmo era uma bebida.”

Rowan olhou para a garrafa. “Sim, deves estar cheia de sede.”

“Há água ali.” Chip pegou na mão de Ticia, largando-a imediatamente a seguir. O movimento involuntário do seu corpo alarmou-o – mesmo em frente aos seus pais. “Vem comigo.”

Ticia e Chip encheram os seus pratos. Olharam para trás, para os pais de Chip, e Lyn acenou com a sua mão atarracada.

“Credo, meu. Devias ter-me falado da tua mãe.” Ticia arrancou um cubo à sua salada de batata e atirou-o à boca. “Ela podia ter, tipo, vinte e cinco anos.”

“Tem trinta e dois.”

“Porra. Acho que isso explica o Jack puro. O último vestígio da juventude dela. Casou-se já prenha, imagino.”

“Quê?”

“Tu tens catorze e ela, trinta e dois. Portanto, gravidez na adolescência.”

“Preferimos *noiva jovem*. Chip roeu um pedaço de côdea e pasmou a olhar para o prato que tinha na mão.

“Estranho.” Ticia observou-o a mastigar e bebericou a sua água. “Bem, não tenho nada contra a gravidez na adolescência. Sou mexicana, lembras-te? Se não fosse por falta de contraceção, o meu povo era quase inexistente.”

Chip avistou uma mesa-tabuleiro raquítica. Empoleiradas, uma de cada lado, estavam duas cadeiras desdobráveis. “Sentamo-nos?”

Ticia foi à frente. “Ei”, exclamou, espetando o garfo no ar. “Não guardes segredos.”

“Que segredos?”

“Ouvi falar do que fizeste pelo Maarten.”

“Ele disse-te?” Chip sentou-se e sacudiu com a cadeira para trás e para frente, procurando enfiar-lhe os pés no relvado de Rowan e estabilizá-la.

“Foi fixe, mas porque não me contaste?”

“Pensei que pudesse ser mal-interpretado.”

“Por mim?” A cadeira de Ticia balançou de um lado para o outro e ela endireitou-se, plantando os pés mesmo à frente. “Não insultes a minha inteligência. Nem deprecies o valor da nossa amizade. Merda. Ele pagou-te?”

"Não." O dinheiro não teria qualquer valor se comparado com o que Chip efetivamente ganhara ao ajudar Maarten. Agora, vários jogadores de râguebi conheciam Chip, pelo nome.

"Credo, deve ser um fardo para ti ser tão inteligente. Convencido de que o mundo que te rodeia não te consegue acompanhar. Mas vais ser um homem triste e solitário se não aprenderes a expor a verdade e a acreditar que as pessoas conseguem lidar com ela."

"Está bem." Chip pousou o prato na mesa e agarrou-se aos joelhos. "Queres saber a verdade? Aquele Andrew não te merece."

"É isso a verdade?" Ticia pousou o seu prato ao lado do de Chip. "Continua."

"Não estou a dizer que eu te mereço ou que sou a pessoa certa para ti – mas talvez até seja. Sei que te iria tratar melhor do que aquele..." Chip queria dizer *cabrão*.

"Gajo?" Ticia completou a frase, poupando-lhe o dólar que teria tido de colocar no frasco das obscenidades.

"Eu iria tratar-te melhor do que aquele gajo." Chip acenou. "É essa a verdade."

Ticia tocou a face de Chip e ele recuou. Olhou à volta para os vizinhos de Rowan, mas ninguém estava a observá-los.

"Querido, catorze não serve para dezassete", disse Ticia. "Sinceramente, é só por isso que não dá. Algum dia até podia não interessar. Eu ia ter vinte e quatro e tu, vinte e um, tipo... nem sequer havia grande diferença."

"Haveria sempre uma diferença", respondeu Chip.

Ticia encolheu os ombros. "Mano, a tua mãe tem trinta e dois anos, mas podia ser da nossa idade, se não tivesse aquele cabelo ou se não se vestisse daquela maneira. E se não tivesse aquela atitude. Que idade tem o teu pai?"

"Trinta e nove. Mas é diferente. Não estou a falar do futuro, estou a falar do presente. Aquele cara de cu não te merece *agora*." Andrew era um cara de cu. E valia bem o dólar no frasco das obscenidades.

"Lembraram-se de convidar Jesus para a vossa mesa?" Carolann apareceu com uma mão na anca e a outra no cocktail. "Não nos esqueçamos Dele."

Chip engoliu em seco. Em casa, só convidavam Jesus para o almoço de domingo.

“Fo... go”, disse Ticia. “Onde é que ele se vai sentar?”

Carolann suspirou. Chip examinou o seu prato, o interior branco das conchas das amêijoas abertas pelo vapor, as filas de pedrinhas amarelas e amanteigadas do milho em espiga. A sua mãe dissera uma vez que o âmago dos mais complexos conflitos familiares estava na cor amarela. Seria possível que o padrão de tijolinhos irregulares do milho estivesse a soletrar o fim da sua amizade com Ticia? Chip conseguia lê-lo nos grãos de milho. Era claro como o dia. Deu uma dentada na maçaroca e a manteiga escorreu-lhe queixo abaixo. Sentiu-se como uma criança, com a manteiga já a entupir os seus poros de adolescente.

“Precisamos de outra cadeira”, disse Ticia com um risinho.

Carolann pôs-se de frente para eles, as calças beges, o cinto de corrente a balançar até ao joelho, os mocassins azul-céu com os nós de borracha castanha sobre os dedos até aos calcanhares. Chip mal conseguia olhar para ela acima da cintura, mas levantou a cabeça e, com umas pinceladas de guardanapo, limpou a cara. Carolann sorria para Ticia. Apontou-lhe para o coração, deixando-lhe a marca dos dedos na camisola. “Não. Ele senta-se aqui.” Carolann piscou o olho a Ticia e deixou-os a sós, a corrente do cinto a tintilar.

“Ela está a tentar tirar-me a pinta”, disse Ticia. “Eu percebo. E eu a ela. Neste momento, somos as duas mulheres mais importantes da tua vida. Nada de especial.”

“Mas a conversa de Deus...” Chip não conseguiu terminar a frase.

“É normal. Ouve, aqui fala-se inglês, mas esta não é a vossa casa. As pessoas agarram-se ao que as faz sentirem-se seguras.”

“Como as minhas rimas, acho eu.” Chip empurrou o queixo para frente e para trás, como um pombo. “Isto não é um simples verso. As minhas rimas são as melhores do universo. Ouve só e eu...”

“Cala-te mas é!” Ticia deu-lhe um pontapé por baixo da mesa quase improvisada. “Mais tarde, ela vai querer reconciliar-se com a família que se distanciou. E o processo vai ser bem documentado. Tens mais gente na família, não tens? Psicologia. Ela vai tirar cá

para fora os álbuns de fotografias e as heranças da família, se não estiverem todas arrumadas."

Chip recordou-se dos pratos azuis e brancos que a tia colecionava. O que se fazia com as heranças da família quando não havia herdeiros?

"Por falar em fotos..." Ticia levantou o sobrolho para Chip.

"Vamos buscar o envelope a minha casa depois da festa."

Ticia assentiu. "Se não o tivesses encontrado, eu matava-te mesmo."

"Já agora, é a do chapéu." Chip sorriu. "É unânime."

"Ah sim? Tu e os teus nós dos dedos decidiram?" Ticia riu-se.

"Não. Fiz um inquérito na Internet." Chip viu que o pai falava com um grupo de homens. As pregas das suas calças cáqui inchavam à medida que se balançava sobre os calcanhares. Era tão alto como os homens ingleses, mas parecia maior. Tinha um ar de homem digno de confiança.

Lyn virou-se e agarrou num banquinho de jardim para se juntar a Chip e a Ticia. "Olhem para este bolo! Alguém quer?" Levantou no ar dois garfos de plástico.

"Só uma dentadinha", respondeu Ticia. "Depois não me deixe comer mais."

Chip observou Ticia a comer o bolo do seu pai.

"Então, já foste à Irlanda?", perguntou Lyn. "Estamos a pensar em ir ao Anel de Dingle nas próximas férias. Ou em fevereiro, se já for muito tarde. Vocês têm mais férias do que aulas."

"Adoro a Irlanda", disse Ticia. "Vê se vais beijar a pedra de Blarney."

"Acho que aqui o nosso *rapper* já teve Blarney que chegue." Lyn riu-se.

Chip viu a garrafa de Jack Daniels já vazia na mesa do *buffet*. Esperava que Carolann a tivesse partilhado ou derramado.

"Quando lá foste, traçaste a tua genealogia?", perguntou Lyn a Ticia. "Olague?"

"Na Irlanda não", riu-se ela. "Não há apóstrofo em Olague. A origem da minha família está a sul da fronteira."

"Não acredito! És uma mexicana de olhos azuis!" Lyn riu-se. "Pela primeira vez, Chip, a tua mãe acertou em alguma coisa."

Carolann aproximou-se. Trazia consigo a garrafa vazia. “O Jack foi-se”, disse ela, fazendo beicinho. Parecia ter retocado o batom pouco tempo antes. Pestanejou para Lyn.

“Bom”, Lyn levantou-se, “ia mesmo sugerir que fôssemos embora. Chip, porque não vais no autocarro com a Ticia para termos a certeza de que chega bem a casa?”

“Eu fico bem, Sr. Cooper”, disse Ticia. “Mas obrigada.”

“Não me importo de ir contigo”, disse Chip. Reparou na força com que a sua mãe apertava o gargalo da garrafa. “Vou contigo, pelo menos, até à paragem. Querias ir lá a casa primeiro?”

“Fica para outra vez”, respondeu Ticia baixinho.

“Onde está a nossa anfitriã?” Lyn pegou no cotovelo de Carolann. “Temos de agradecer.”

“Tu é que sabes.” As palavras de Carolann saíram à vez, de uma forma estranhamente robótica. “Anda, Chip. Podes convidar a tua amiguinha para ir lá a casa noutro dia. O teu pai acha que está na hora de irmos embora. Os três.”

Rowan aproximou-se. “Já vão?”

“Foi uma festa muito agradável.” Os olhos de Carolann estavam baços. “É melhor irmos embora antes que dê confusão.”

“Não seja tonta”, disse Rowan, examinando a garrafa vazia.

Chip estava de pé, as mãos nos bolsos. “Se calhar vou a casa num instante com os meus pais e já volto.”

“Olha, eu vejo-te na escola”, disse Ticia fitando Chip, como que num código secreto.

“Confusão.” Carolann repetiu-se numa espécie de transe. “Pode dar confusão.”

“Ora essa”, disse Rowan. “Eu levo a Ticia a casa quando esta gente se for embora. Podes ajudar-me a limpar, querida.”

“Claro.” Ticia assentiu. “De boa vontade.”

“Perfeito.” Carolann fez um sorriso forçado. “A Ticia já deve estar habituada. Está-lhe nos genes.”

“Vamos embora.” Lyn deu um pequeno empurrão à sua mulher e virou-a na direção de casa.

“As limpezas! A minha irmã sempre teve criadas mexicanas.” Carolann riu-se num cacarejo.

Lyn comandou a mulher para longe da festa, articulando com os lábios a palavra *desculpem* para a sua anfitriã e para Ticia.

Chip enfiou, ainda mais profundamente, as mãos nos bolsos e seguiu-os, a passo lento, como um cão atrelado, sem sequer olhar para trás. Carolann cantava agora, enquanto Lyn a empurrava para casa. Chip pontapeou o cascalho à porta de casa e deixou-se ficar para trás, enquanto Lyn fazia malabarismos para colocar a chave na fechadura e, ao mesmo tempo, segurar Carolann com o braço.

“Ela odeia-me.” Chip conseguia ouvir Ticia através das sebes, arraigando-se naquele lugar.

“Foi a bebida”, disse Rowan. “Percebo quando há problemas com a bebida. E ela tem um problema. Mas é uma mulher muito querida, no fundo.”

“Muito querida e racista. É fodido.”

“Ela não estava em si”, respondeu Rowan. “Eu conheço-a sóbria. Precisa de controlar a bebida.”

Chip queria gritar através dos arbustos, mas não sabia o que gritar.

“A família dela não está cá para ajudar, por isso ela precisa de nós. O problema da Carolann Cooper tem de ser resolvido enquanto ainda há uma mulher maravilhosa dentro dela para salvar”, disse Rowan.

“Coitado do Chip”, respondeu Ticia.

Rowan acrescentou: “Ele tem sorte em ter-te a ti.”

“Não que ele acredite nisso”, zombou Ticia.

“A Carolann precisa da minha ajuda e, minha querida, principalmente agora, acho que o Chip precisa de ti.”

Em silêncio, Chip entrou em casa. Já ouvira o suficiente.

Capítulo 37

Carolann viu Chip agarrar nos auscultadores e dirigir-se para o quarto. Ouviu a porta a bater. Provavelmente, fora longe de mais na festa de Rowan. As suas intenções eram boas, mas a sua atuação não lhe valera propriamente o prémio de Mãe do Ano.

De qualquer modo, o pedido de desculpas do dia seguinte fazia, muitas vezes, parte do espetáculo. Abriu muito os olhos, pestanejou diversas vezes e disse a Lyn “Tens noção daquilo em que ele se está a meter com aquela rapariga, não tens? Aquela...” Carolann não conseguia encontrar palavra melhor.

“Vamos subir.” Lyn procurou a mão de Carolann. “Vou buscar-te um pouco de água.”

“Vou já.” Sentou-se nas escadas e suspirou longamente. Ofensivamente. Era a melhor oportunidade que poderia ter. Estava 100% lúcida, ele julgava-a 100% desnorteada, de modo que poderia dizer-lhe tudo o que precisasse de dizer. Ouvira claramente a porta de Chip a bater e sabia que o ruído não se propagava pela escadaria sinuosa acima. Precisava de falar com Lyn já. A urgência, a carga da urgência, era esmagadora. Sem aviso, os seus olhos encheram-se de água.

Quando Carolann bebia, mesmo que fosse a fingir, era sempre uma ou a outra, num instante, e às vezes ambas. Ou seguia para o quarto de cama com o seu alegre marido ou ficava lavada em lágrimas. Quando vinham as lágrimas, as lágrimas desleixadas de uma bêbeda, ou mesmos as lágrimas falsas de uma bêbeda, tudo ia dar ao bebé. Aos dois bebés. A voz dela ficou presa na garganta e ouviu-se soluçar.

“Outra vez não”, gemeu Lyn.

“Eu não... o que eu fiz não foi...”

“Tu não lhes roubaste o filho, Carolann.” Lyn olhou de soslaio para o quarto de Chip e sentou-se ao lado dela nas escadas, acariciando-lhe as costas. “Gostava que isso ficasse esclarecido. Talvez fosse bom que voltasses a fazer caridade na igreja. Que te sentisses valorizada como enfermeira. Mas não devias precisar desse equilíbrio cósmico. És mais forte do que isso.”

“Eu só...”

“Está na hora”. Lyn repetiu: “Está mais do que na hora.”

Na hora de quê? Saberia ele do que se passava com Ticia? Teria ele visto aquelas fotografias? Estaria Lyn a dizer que queria discutir a paternidade de Chip naquele momento? A que bebé se referiria Lyn?

Sim, efetivamente, poderia ela dizer, *eu roubei-lhes o filho*. Carolann fungou.

“Esquece isso, Carolann”, incitou Lyn. “Não fizeste nada de mal. Nunca fizeste nada de mal. Finalmente estamos a viver muito longe de todos eles. Agora, tens de olhar para a situação com clareza, com distância, e esquecer.”

Carolann soluçou. Não precisava de uma única bebida para ver que as suas emoções desabavam dentro de si. Como poderia Lyn saber o que ela realmente fizera ou não fizera? Deixou que as suas palavras se aglomerassem, como as de um bêbedo lamurioso, baralhando acontecimentos, misturando memórias. “*Eu-não-sabia-o-que-estava-a-fazer-como-podia-saber? Do-álcool-ele-sabia. Ele-bebia-era-quase-uma-doença.*” O som das suas palavras escoou rapidamente numa fita de cetim amarelo, desenrolando-se. *É-uma-doença*. *Como-o-alcoolismo-como-a-violência-psicológica-física-como-a-violação. Eu-violei-o-tu-sabes-certo? E, mesmo depois disso, eu tirei-lhes o filho deles. Eu fi-lo. Eu fiz isso mesmo. Fui eu*.”

Lyn nem tentou compreender aquela sequência de palavras, nem mesmo à medida que começavam a abrandar e a desagregar-se. “Estás a destruir-te”, disse ele. “Foi difícil, eu sei, ver o Chip com o seu namorico. Viste-o a segurar-lhe a mão? O nosso filho está... confortável... com as mulheres. E isso é desconfortável para nós. Bom, para mim não, enquanto pai. Não me é desconfortável vê-lo crescer.”

“Temos de lidar com isso.” Carolann pendurou o rosto nas mãos. Havia bebido um copo. Pouco mais de um gole talvez. Mas sentia-se nervosa e desnorteada e sem fôlego.

“Ele está a crescer”, disse Lyn. “O Chip é um jovem notável. Estás a criar um jovem extraordinário. E não podes beber para esquecer que, em breve, ele será um adulto. Ele merece saber quem é, e quem não é, quando chegar o momento certo. E parece que esse momento começa a surgir no nosso horizonte.”

Chip era realmente o filho a que Lyn se referia. Chip. Ele tinha razão... era realmente possível que ela não lhes tivesse tirado aquele filho. Carolann teria de falar claramente sobre o assunto e acabar com a farsa. Respirou fundo. Tudo se tornara amarelo.

“É um presente para o Chip.” Lyn levantou a sua pequena mão e pousou-a no joelho da sua esposa. “Em breve. Ele vai compreender e vai ficar grato.”

Carolann abanou a cabeça. Deixou que o seu obstinado cabelo ruivo, que já não se deixava domesticar, lhe caísse sobre o rosto. “Ele vai querer fazer perguntas. Como é que a mãe engravidou. Vai querer perceber este sistema de *pais alternativos*.”

Lyn interrompeu-a, pedindo-lhe silêncio.

Carolann baixou a voz. “Ele vai querer pormenores. Uma placa de Petri ou um tubo de ensaio ou uma agência de adoção que lhe apresente o processo e um homem qualquer em qualquer parte do mundo com o direito de conhecer o seu próprio filho. Talvez. Então e os maneirismos desse homem, e os seus bíceps, os seus interesses, talentos especiais, o seu colesterol, as suas doenças? O Chip vai ter perguntas. E tem todo o direito a elas.” Carolann olhou atentamente para o seu marido. “E se estivermos enganados?”

“Não estamos enganados.”

“Ele pode não estar interessado nesse tipo de presente”, disse ela. “És o pai dele.” Tomou fôlego rapidamente. “És tu o presente. O único pai que ele conhece. Ele venera-te.”

“Isto é repugnante.” Uma vez mais, Lyn levantou a mão e disse com firmeza: “Odioso.”

“Não.” Carolann agarrou a mão de Lyn e beijou-lhe os dedos. “De forma alguma.” Sabia que a sua escolha de palavras fora provavelmente demasiado elaborada para uma bêbeda.

Lyn afastou a mão e fê-la deslizar para baixo das suas coxas. “Não conheceste a minha família.”

“Não”, concordou Carolann.

“Não espero que compreendas. O meu pai estava... tão bonito... o seu casaco creme. Não parecia fraco, nem perturbado. Com os seus sapatos finos. Menos os joelhos. Como ficaram os joelhos dele... estava tão bonito. Mas ele... nunca vais saber como ficou

todo torto caído no chão. As mãos dele. O cheiro do sangue dele, por minha causa. O que ele fez por minha causa."

"Não." Carolann não conseguiria nunca compreender plenamente a infância impenetrável do seu marido.

"Mas conheço o meu filho", disse Lyn. "O Chip vai compreender o presente. Não vai mudar de opinião em relação a ti. És uma mulher forte e com princípios morais. Ele não vai pôr isso em causa. Vou certificar-me de que ele não tem dúvidas sobre isso."

Carolann assentiu. A proclamação de que era uma mulher forte e com princípios morais soava-lhe sempre débil, correndo o risco de se provar falsa num segundo. Os seus anos de mãe e companheira bem-sucedida votados ao esquecimento.

Lyn envolveu o ombro de Carolann com o braço. "Tu não lhes tiraste o filho. Deste vida a um bebé que poderia não a ter tido, deste um casamento e uma família a um homem que não os teria. O Chip vai perceber a força de caráter que demonstraste ao tomar essa decisão."

Evidentemente, existia a questão do tempo. Tendo nascido um pouco mais cedo, Chip poderia ser filho de Lyn; tendo nascido um pouco mais tarde, seria filho de Buck. Chip era um bebé de tamanho perfeitamente normal. E se, de facto, não tivesse tirado Chip a ninguém? E se Chip fosse mesmo filho de Lyn? Se assim fosse, Carolann construíra um casamento com base numa mentira – na falsa crença de que havia retirado a criança ao seu pai legítimo.

Mesmo assim, a verdade é que ela havia tirado um bebé a Buck e Maryann. Sim, fora ela, Carolann. O outro menino. O outro neto dos seus pais. Ryan. Não fora intencional, mas fizera-o. E depois mentira sobre o assunto.

Deitou a cabeça no ombro do marido e ele passou-lhe os dedos pelo cabelo. O facto de ele acreditar que ela estava bêbeda era tão familiar e confortável. Mas as mentiras começavam a acumular-se, uma a uma, em camadas escorregadias, teimando em não se manter amontoadas, e Carolann não estava a conseguir manter os alicerces no seu lugar. Surgiu-lhe um horrível castanho enferrujado, verde escuro, e arestas afiadas e preto borracha estaladiço e queimado. Sentiu o toque da mão de Lyn no seu cabelo e um amarelo tremendo. Um amarelo narciso, vibrante como a luz do dia,

e marcações rodoviárias, acabadas de pintar, à luz do sol. Amarelo era a cor da sua pungência e dos seus pontos de viragem. Tinha plena noção disso.

Carolann teria de substituir as suas débeis desonestidades por uma história sólida. Cada inverdade, quando puxada cá para fora e examinada, poderia fazer tombar toda a história. Mas chegara o momento. Desta vez, ela não iria apenas pôr um ponto final na conversa, correr para a casa de banho e vomitar. Desta vez, ela não estava tão bêbeda, tão desleixada, tonta, corrompida ao ponto de ficar inconsciente, de deixá-lo levá-la para o quarto, tomar conta dela e amá-la. Desta vez, dir-lhe-ia a verdade.

"Na verdade", disse finalmente Carolann a Lyn, "eu tirei-lhes o filho. Tirei-lhe a vida."

Lyn levantou-lhe a cabeça e olhou para ela.

"A Maryann estava certa ao ligar para o Paul Mayer."

"O Paul Mayer é um idiota."

"Não é."

"Se ele não fosse colega de equipa do Buck, eles nunca teriam chamado a polícia", troçou Lyn. "A dor torna as pessoas estúpidas e ajuda a justificar o seu comportamento intratável, mas a tua irmã não tinha o direito de fazer o que fez."

"Foi o Paul que lhe disse para retirar a queixa."

"Nunca devias ter sido interrogada", disse Lyn.

"O bebé ia morrer de qualquer forma. Tu e eu sabemos isso", respondeu Carolann. "Mas eu é que lhe dei banho." Não havia qualquer emoção na sua voz, era como se estivesse num outro lugar, como se fosse outra pessoa a revelar o que fizera. Não havia mais lágrimas.

"Disseste que não tinhas sido tu."

"Mas a verdade é que fui eu. Eu dei banho ao filho do Buck e da Maryann. E eu é que o envolvi com o pano. Não sabia. Foi no jantar de Ação de Graças e o Ryan estava a dormir lá em cima, como qualquer recém-nascido. Eles nunca me disseram nada. Podia dizer que a culpa era da Maryann, por fingir que não se passava nada, mas..."

"Passou-se de tudo nesse dia de Ação de Graças", disse Lyn.

“Mas a culpa não foi dela”, insistiu Carolann. “Ela errou ao mentir-me, ao fingir que ele estava bem. Eu sou enfermeira. E asma é a tua especialidade. Nós os dois sabíamos mais do que a maioria. Mas foi... a morte dele no fundo... pode ter sido culpa minha.”

“Asma? O bebé deles não tinha asma. Os pulmões dele estavam bem. Bebeste demais, meu amor. Já não sabes o que dizes.” Com os dedos, Lyn desembaraçou o cabelo que cobria o rosto de Carolann. “Vou levar-te para o quarto.”

Mas Carolann não se deixou calar. “Eu não sabia que ele estava tão doente, que era tão frágil. Foi por isso que eles nunca me deixaram tomar conta dele. Não queriam que eu soubesse. Porque não confiaram em mim?”

“Shhh...” Lyn tentou, uma vez mais, acalmar a sua esposa. “Usaste um sabonete intenso? Pó de talco? Toxinas? Claro que não.”

“E depois chegou aquela encomenda de Inglaterra e eles quiseram que eu tomasse conta do bebé, por isso deviam ter-me contado. Saíram durante seis horas e meia. A porcaria dos pratos azuis e brancos. Aquela maldita jarra. Como se a Edith Heaney ainda a quisesse para pôr as flores amarelas.” Os narcisos, o amarelo abrasador. Carolann sentia-se arrojada. “É trágico.”

“O Chip pode ouvir-te.”

Carolann olhou para cima. Que interessava se ele a ouvisse? Era a verdade. E Lyn queria que Chip soubesse a verdade. “Lyn, eu não sabia que o Ryan estava doente. Eu é que enrolei a manta acolchoada à volta dele.”

“Acolchoada... qual era a ideia deles?” Lyn falou com firmeza. “Não é preciso ser pneumologista para perceber qual foi o problema.”

“Ele ficava tão querido enrolado na mantinha. Cheirava tão bem. Cheirava a bebé. Com a sua mechinha de cabelo e suas orelhinhas. Eu toquei-lhe naquelas orelhinhas macias e frágeis. Queria que ele conhecesse o meu toque. Que ele me conhecesse, a Tia Carolann. A outra mulher que, além da mãe dele, o iria amar para sempre. Peguei nele. Estava tão feliz! Naquele momento, amei-o como se fosse o meu próprio filho.”

Carolann viu nos olhos de Lyn que ele voltava ao passado. Uma coisa era criar o filho de Buck como se fosse o seu próprio filho. Mas ouvir da boca de Carolann que amava o outro filho de Buck como se fosse seu era ir longe demais. Mesmo assim, ela não se deteve. “Ele estava tão sossegado, só fazia uns barulhinhos. Parecia tão feliz. E, de repente, deixou de fazer os barulhinhos. Eu tirei-lhe a manta e bati-lhe levemente nas costas. Então, a minha mãe e a Maryann entraram e tiraram-no dos meus braços. Eu nem sabia que havia um nebulizador e tudo mais no guarda-fato. Eles deviam ter saído só durante umas horas, por causa da encomenda de antiguidades, mas estiveram fora o dia todo e nem sequer me ligaram a saber do Ryan. Seis horas. Deviam ter-me avisado.”

“Chegaram a casa cobertos de pó”, sussurrou Lyn a Carolann. “Foi isso. Pó, feno... tu não fizeste nada de mal.”

“Quando voltaram, a mãe gritou *Tu deste-lhe banho*! Ela gritava enquanto a Maryann esguichava líquidos para a câmara expansora e segurava a máscara de silicone verde sobre a carinha roxa e acinzentada do Ryan. A máquina zumbia e bombeava, até que ele começou a ganhar cor. E eu pensei que ele já estava bem. Pensámos todos que ele ia ficar bem. A testa enrugada estava outra vez rosada, normal. As bochechas e as orelhinhas doces com a marca do meu dedo, o ressoar repetitivo dos borrifos e a sua mãozinha a agarrar o tubo transparente, aquelas unhinhas de bebé, como se tudo tivesse já voltado à normalidade, e o ressoar e a minha irmã a registar o que a mãe gritava, acho eu, e ela berrava, rosnava como um animal, *Tu deste-lhe banho!*”

Lyn parecia devastado. Ela nunca o havia jurado, é certo. Por mais vezes que lhe houvessem perguntado, antes do funeral, depois do funeral. Todos os meses em que Maryann e Buck tentavam ter outro filho que nunca chegava, perguntavam-lhe e ela dizia que não, não lhe havia dado banho. Que mentira tão grosseira. Uma mentira que brotara do momento em que Carolann enfretara a acusação. Depois, haveria sempre de mantê-la, embora não servisse nenhum propósito. Como haveria ela de revelar qualquer outra verdade a Lyn? O que aconteceria se o futuro filho de Chip nascesse com as mãos deformadas?

“Tu mentiste.” Lyn parecia enjoado.

Carolann assentiu, passando a língua pelos dentes. Tinha a boca quase demasiado seca para falar. “Sim.”

“Estás bêbeda”, disse ele. “Tu não és assim. Quando estás bêbeda, fazes parvoíces, dizes parvoíces. Não és assim.”

“Ele era um anjinho maravilhoso prestes a voltar para a sua casa, o céu. Este mundo não era o lugar certo para aquele docinho, mas, sim, eu dei-lhe banho. Enquanto a minha mãe e a minha irmã vasculhavam caixotes empoeirados à procura daquela maldita jarra, eu dei banho àquele anjinho. E embrulhei-o na manta acolchoada. Como posso não me culpar? Eu matei-o. Eu tirei-lhes o filho. Aquele filho. Fui eu.”

Capítulo 38

Carolann susteve a respiração. Sem dizer uma palavra, Lyn levantou-se e subiu as escadas. Carolann havia admitido ter matado um bebé, portanto esperava o quê? Lyn pensava que ela bebera o Jack Daniels e, quando Carolann bebia, a noite nunca acabava num impasse. No entanto, claro está, nunca Carolann admitira ter matado alguém.

Confirmou que as portas estavam trancadas, apagou as luzes e subiu. "Não sou uma assassina", disse finalmente ao entrar no quarto frio e escuro.

A respiração de Lyn era silenciosa, tumular. O seu ritmo não refletia qualquer espécie de conforto. Nem de perdão.

Carolann sentia os pés frios. Não conseguia chegar ao calor de Lyn.

"Não mataste o bebé", disse Lyn finalmente. "Carregas um fardo incrível e injusto em relação a esse assunto. Tens de acabar com isso. Deita-te esta noite sabendo isso, de uma vez por todas. Liberta-te desse fardo."

Carolann procurou o ombro de Lyn. Ele tinha razão, mas ela não conseguia simplesmente libertar-se. Quando uma pessoa carrega tal peso durante tanto tempo, ele torna-se parte dela. A própria libertação é dolorosa. Lyn afastou-se ainda mais e fez das suas costas um muro.

"Não mataste o bebé", repetiu. "Mas não confiaste em mim, na única pessoa que partilha contigo todos os segredos, tudo. Tínhamos um pacto, mais importante do que os nossos votos matrimoniais, Carolann. Tu não mataste o bebé. Mas quebraste o nosso pacto."

Aquele perigoso pacto. Que arrogância a de Lyn ao permitir-se apresentar uma promessa mais importante do que aquela que haviam feito a Deus! E que poder teria ele para a fazer cumprir? O que aconteceria se Carolann nunca fosse capaz de enfrentar a sobranceria dele?

Até a respiração de Lyn era hostil.

"Não queria mentir, mas todos os meses a situação piorava. A Maryann culpa-se a si própria... problemas femininos, *desequilíbrio hormonal*. Mas a culpa era do Buck. Como podia eu dizer-lhe isso?

Nós sabíamos do passado do Buck. Mesmo antes daquele jantar de Ação de Graças com o Ryan.”

“Já chega, Carolann.”

Ela fitava a escuridão, desesperada por consertar a altura do teto na sua mente. Três metros acima da sua cabeça? Trinta? Não admirava que as pessoas rezassem a Deus nas Alturas. Estariam no céu todos os deuses de todas as religiões? Na terra, acendiam-se velas com o intuito de enviar preocupações mundanas lá para cima. No céu, apoderavam-se do fumo da inquietude, enviando algum conforto cá para baixo, para o coração dos crentes. Mas, naquela noite, Carolann não tinha sequer noção da altura do teto do seu quarto. Só havia escuridão. Um vazio irremediável.

“Lyn?” O seu sussurro encontrou apenas silêncio. A sua irmã não tinha filhos, pois o seu ventre infértil estava demasiado ocupado a combater uma infeção para gerar uma nova vida. Mês infecundo atrás de mês infecundo. O passado de Buck estava intimamente ligado a tudo isso. E Carolann fazia parte desse passado.

“Vê se dormes”, respondeu Lyn.

Embora sem filhos, o casamento da sua irmã parecia agora fortalecido. Mentiras e meias-verdades existam em todas as casas. Lyn acreditava que o filho que estava a criar não era seu, mas de Buck. Como poderia Carolann não se sentir responsável pela perda da irmã? Vasculhou a escuridão. Não tinha nada em que se concentrar, em que se alicerçar, em que se amparar. Tudo era escuridão. Precisava de uma rede ou de uma estrutura a que se agarrasse, mas apenas flutuava.

“Com banho ou sem banho”, disse Lyn, “tu não mataste aquele bebé. Mas talvez tenhas matado a confiança que existia entre nós. E, sem isso, não somos nada, tu e eu. Não temos nada.”

Capítulo 39

Chip sabia-se incapaz de travar aqueles acontecimentos inconfessavelmente terríveis. Durante todo o fim de semana, e não

sem vergonha, reconstituíra na sua cabeça o momento em que abandonara a festa de Rowan. Durante todo o fim de semana, deixara mensagens a Ticia, enquanto os seus pais percorriam a casa em direções opostas. Se a mãe ia para o piso de cima, o pai descia. Chip passara a maior parte do tempo no seu quarto. As conversas eram quase inexistentes e parecia que todos os cantos da casa se haviam tornado afiados. Os pratos e os copos eram cuidadosamente pousados e as portas rigorosamente fechadas. Os passos do seu pai eram pesados e firmes em cada degrau. A sua mãe, pelo contrário, andava em bicos dos pés.

Chip mal podia esperar para sair de casa e voltar à escola. Mas, chegado o dia em que esperava ter a atenção de Ticia, Chip não teve oportunidade de se desculpar. Ticia nem falava com ele.

Ao final do dia, Chip arrastou-se até ao autocarro. Viu Ticia a correr no parque de estacionamento, em direção a um velho Pontiac branco e descapotável. No assento do condutor estava uma rapariga com um rabo de cavalo a mascar pastilha elástica. Pelos vistos, Ticia não se lembrava do quão frio e húmido era o mês de outubro em Inglaterra. O carro era enorme. Seria impossível passar nas ruas inglesas sem recolher os espelhos laterais. E bem podia tratar-se de um rinoceronte saído do jardim zoológico. Nada fazia sentido. Ticia não olhou na direção de Chip e Chip não chamou por ela. De qualquer forma, ele sabia que ela tinha noção de que estava ser observada.

Ticia atirou a mochila para o assento do passageiro, virou-se e caminhou até Chip. “Recebi as tuas mensagens”, disse.

“Peço desculpa, Ti.” Não lhe apetecia discutir o assunto naquele parque de estacionamento ao ar livre. Mas, ao menos, ela estava a ouvir. Chip tirou da mochila o envelope de Ticia e entregou-lho.

“Tu tinhas-me avisado acerca da tua mãe.” Ticia encolheu os ombros. “O problema é dela. Mas, meu, tu simplesmente desapareceste depois de ela ter dito aquelas cenas. Tens de perceber que a tua família marada não te define. Tens catorze anos, por isso são mais quatro aninhos e és dono de ti próprio. E só fiquei lixada porque conheço bem o homem que tu já és. O homem aí por dentro.” Ticia colocou a palma da mão no coração de Chip. “A tua

mãe ficou super estranha e então? O que aconteceu a esse homem?”

Chip acenou. “Não sei...” Havia muitas pessoas à volta, mas ninguém perto deles. Mesmo assim, o que poderia ele dizer? Promessas vãs não faria. Da próxima vez que a sua mãe começasse a agir de forma estranha, não poderia contar com o homem dentro dele para tomar uma atitude. Chip sabia que seria capaz de se trair a si próprio tão facilmente como traíra a sua melhor amiga. E também devia alguma espécie de lealdade à sua mãe, não devia?

Ticia atravessou o parque de estacionamento com o olhar e viu a rapariga do rabo de cavalo a levantar os braços no ar, impaciente. “Seja como for, a Rowan acha que ela precisa de ajuda.”

“Caso não tenhas notado, a Rowan também é um bocado estranha.”

“A sério, querido. A tua mãe tem problemas. Quer dizer, ela tinha a minha idade quando tu nasceste, foda-se! Como podia não ter problemas?”

Chip abanou a cabeça. “Tu achas que ela bebe demais.”

“Eu acho que ela é esquisita em relação a ti, mano. Demasiado protetora. Tipo psicótica. Como se fosses frágil. Ou como se fosses o filho da rainha e ela a ama à experiência.”

“Tenho quase a certeza de que sou filho da minha mãe. Esquece isso.”

“Ótimo. E és filho do teu pai?”

“Sempre tivemos o mesmo carteiro. E o homem é preto.”

“Pode ser outra coisa. Mas há muita tensão em casa dos Coopers.” Sacudiu a cabeça. “Talvez não possas resolver esses problemas, mas tenta pelo menos perceber de onde vêm. Pelo teu bem.”

“Acho que estás a bater à porta errada”, respondeu Chip com um sorriso.

Ticia abriu o bolso do casaco e tirou uma calculadora preta com uns brilhantes que formavam uma caveira. “Não digo que tenha obrigado o teu pai a casar-se ou assim. Isso era muito *vintage*. Mas tu és do Kansas. Talvez as coisas sejam diferentes lá.”

“Antes do casamento, não há nada. É assim que são as coisas lá. Ticia, não faças da minha família o teu projeto de estimação. Eu sei que fui um parvalhão no sábado. Eu...”

“Precisamos de pistas.” Olhou de raspão para a rapariga sentada no rinoceronte. “O que se passa com as mãos do teu pai?”

Chip fitou-a.

“Parece que as unhas dele estão coladas. Parece que Deus estava a passear lá na sua fábrica e viu um gajo a ser enviado para o caixote do lixo – mãos estranhas – e então voltou a olhar e disse ‘*pera aí*. Isto é bom. Arranja-me umas unhas.”

“Credo, Ticia. Cala-te. Isto não é assunto para andares a esgravatar. Além disso, tens uma ideia errada sobre Deus.”

“Querido”, Ticia agarrou o rosto de Chip com ambas as mãos e beijou-o na boca.

Chip afastou-se, chocado.

“A tua mãe é estranha e as mãos do teu pai são estranhas. Estou a tentar perceber a ligação.”

O rinoceronte buzinou e Ticia levantou uma mão sobre a cabeça.

Chip suspirou. “Quando eu tinha uns cinco anos, perguntei à minha mãe o que lhe tinha acontecido às mãos.” Parou de falar e abriu espaço à intensa memória tátil, suave e quente: mãe e filho engomando folhas de árvores com papel vegetal. “Ela disse que ele tinha nascido assim, que se chamava braquidatilia. Não é incapacitante. Garanto-te que nunca foi motivo de tensão na família.”

“Pelo menos admites que há tensão”, disse Ticia. “Amo-te tanto que não consigo ficar zangada contigo. Não passas de um espectador inocente. Não é culpa tua. Temos de perceber o que aconteceu.”

“Amas?!”

“Faz as contas. O teu aniversário é a 14 de junho e os teus pais casaram-se em que dia de outubro?” Ticia deu-lhe a calculadora, os números cristalinos a cintilarem. Ainda trazia o calor de Ticia. “Começa por aí, chavalo. O que é que a tua mãe está a tentar esquecer com o álcool?” Ticia olhou para o Pontiac.

“Nada. Nao é assim que funciona o alcoolismo.”

“Qual é o maior rio do Egito?”

“O Nilo. Estou a perceber.” Chip devolveu-lhe a calculadora.

“Querido, o teu problema não vai desaparecer sozinho. Só vai piorar. Acredita em mim.”

Capítulo 40

Era nos *pubs* que Carolann melhor raciocinava. Graças a Deus, havia muitos na rua principal, pois ela tinha um problema grave. Na segunda-feira de manhã, Lyn saíra para trabalhar quase sem abrir a boca. Carolann levara Chip ao autocarro e caminhara até ao fim da rua para dar início ao seu dia no Jonathan Place, que abria às nove da manhã. Misturou chocolate em pó no seu cappuccino.

Normalmente, quando Lyn estava zangado, ele gritava e ela desculpava-se (se fosse caso disso) e a história acabava por aí. O silêncio obstinado do fim de semana era algo completamente novo e Carolann sentia-se perdida. Até então, nunca confessara uma mentira a Lyn, mas também nunca se apercebera de que o suposto pacto que haviam feito não era apenas a base do seu casamento, era o seu próprio casamento. Sempre lhe atribuíra mais mérito do que isso. Sempre vira o seu casamento como uma relação genuína entre um homem e uma mulher, educando um filho saudável numa base sólida. Como poderia fazer com que Lyn se apercebesse do seu verdadeiro valor? Mas e se a visão dele fosse, afinal, a correta? Talvez o casamento deles tivesse sido sempre uma farsa e ela tivesse percebido tudo mal. Carolann sorveu mais um pouco da espuma do seu cappuccino.

O Wheatsheaf só abria às 11 horas, por isso Carolann sentou-se num banco de jardim à espera, bafejando um hálito quente a café para dentro do casaco. A sessão duraria o dia inteiro: arrastar-se-ia sozinha por todos os *pubs*, sem qualquer garantia de encontrar a tão desejada lucidez. Pelo menos Lyn falava com Chip. O filho deles era, desde sempre, a sua grande preocupação.

Chip tinha apenas três quando Carolann tentou confessar-se a Lyn pela primeira vez. A memória, aquele momento, era acre como vinagre. E de cor vermelha.

O centro de dia da faculdade permitia a Carolann assistir às aulas e voltar a casa para amamentar o bebé. Os livros repousavam na sua

barriga enquanto ele se aninhava nela. Estudava e, ao mesmo tempo, memorizava as espirais de finíssimo cabelo do seu bebé. Os contornos das suas orelhas delicadas. A sua pele suave e pálida. Os seus dedinhos agarrando a sua mão, segurando gentilmente a lombada do seu livro. As suas pequenas unhas de bebé, frágeis como pequenas lascas de papel vegetal. As mãos de Chip sempre haviam sido perfeitas.

Queria que Lyn soubesse que aquele filho de mãos perfeitas poderia ser seu. Estava de pé, junto ao fogão, a mexer o molho para a massa. Já nessa altura sabia o quanto Lyn gostava de alho. Pouco sal. Orégãos não. Lyn estava sentado no sofá com o bebé. Carolann viu-o beijar os pequenos dedos de Chip, um a um. Naquele momento, pousou a colher, consciente de que o molho do tomate mancharia os seus azulejos brancos. Mas parecia importante. Parecia fácil. Parecia verdade. Disse a Lyn "É teu filho, tens noção disso? É perfeito e é teu."

O rosto de Lyn cobriu-se de uma dor oculta e Carolann viu que os músculos dos seus antebraços ficavam tensos. Os seus dedos fecharam-se no torso de Chip, debaixo dos seus pequenos braços. O bebé parecia pressentir a reação do pai e o seu corpo ficou imóvel, o seu gorgolejo cessou imediatamente. A água começou a ferver e o barulho que fazia enchia cada canto da casa. Às cegas, Carolann tirou o tacho do lume, segurando-o no ar. Não se atrevia a desviar o olhar do seu bebé. Lyn afastou Chip, como se, subitamente, se tratasse de um boneco, de algo plástico, um artifício de um pesadelo. Algo para atirar para o lixo.

Os braços de Carolann tremiam. Olhou para a água escaldante em busca de orientação. Mas não a encontrou. A expressão de Lyn assustava-a e apercebeu-se de que sustinha a respiração. Mal sabia ela, naquela primeira vez, que era realmente o melhor que fazia. Ficar em silêncio.

Subitamente, como se uma rajada de vento varresse a má recordação, o rosto de Lyn resplandeceu. Riu-se e o bebé atirou a sua cabecinha para trás, rindo-se também. "É uma dádiva, meu menino. A tua mãe, corajosa como é, deu-me um presente abençoado. Um dia contamos-te a história, porque o presente também é para ti. É especialmente para ti. E para os teus filhos. E

para os filhos dos teus filhos.” Tocou levemente na barriguinha do bebé e debaixo dos seus braços e, a cada um dos *filhos* de Lyn, irrompiam novas gargalhas. Carolann devolveu o pesado tacho ao fogão, partiu o esparguete ao meio e mergulhou-o na água. Respirou fundo e, em silêncio, continuou a preparar o jantar.

O Wheatsheaf era um *pub* escuro e acolhedor. Carolann não queria ir embora. Mas decidiu ir até ao The Bear. Lyn ficara zangado após a sua confissão. Era uma mentira tão imbecil, mas ela sabia que estava a agir corretamente, honestamente, talvez pela primeira vez na sua vida. Seriam estas as diferenças irreconciliáveis de que falavam? Nunca compreendera como duas pessoas casadas se poderiam tornar irreconciliavelmente diferentes.

Carolann passou do Rebel Henry para o The Black Sheep para comer umas azeitonas marinadas. Qual seria a reação de Lyn se se sentasse com ele e lhe dissesse outra grande verdade: que suspeitava de que o seu maravilhoso filho partilhava os genes dele? A farsa chegaria ao fim. Enfiou na boca a última azeitona. Alto teor de gordura, mas muito saudável. Algumas coisas, sabia ela bem, deviam ser vistas de dois ângulos diferentes. Carolann amava Lyn em todos os aspetos, em todos os momentos. Incluindo as suas mãos. Bêbeda ou sóbria, na saúde ou na doença. Por que razão Lyn não era capaz de aceitar que ela o amava, se ela aceitava?

Ele recusara-se a fazer terapia para casais. Se o casamento deles tivesse chegado ao fim, e se Lyn realmente tivesse consciência disso, como dissera, então seria mesmo fim. Mas ele queria uns dias para pensar. Entretanto, Carolann deveria ficar sentada à espera? Se dizer-lhe a verdade era o mais correto, como poderia a verdade acabar com o casamento deles? Carolann era uma criança quando Lyn casara com ela. E ele também, apercebera-se ela agora. De repente, Carolann amadurecera. Se o deixasse, ele continuaria a ser uma criança. Se ficasse, eles envelheceriam juntos, como haviam prometido. Evidentemente, o casamento deles não chegara ao fim. O simples facto de se terem encontrado no preciso momento em que mais precisavam um do outro era a única prova da existência de Deus de que Carolann

precisava. Deus no céu e Deus no seu coração. Teria de fazer com que Lyn compreendesse isso mesmo. Um ser humano não poderia simplesmente destruir algo que fora honrado, que fora criado por Deus.

Comeu crepes chineses na Galeria Pan-Asiática e sopa de tomate na Taverna de Afrodite. Poderia até viajar pelo mundo através dos *pubs* e restaurantes, ou mesmo através da geografia, mas os seus pensamentos e juízos continuariam com ela, inabaláveis. Como era aquela frase que Chip escrevera no trabalho de estudos multiculturais? *É aqui que acabas aonde quer que vás.* Era esse o problema de Carolann. Teria de sair de si própria e olhar para dentro, como supostamente fazem as pessoas que vivem no estrangeiro. Alcançar uma nova perspetiva.

O empregado retirou a tigela de sopa e fez um gesto com a cabeça em direção ao balcão das sobremesas. Usava bigode. “Posso tentá-la?”

Carolann assentiu. “Baclava, por favor.”

“Perdido por cem, perdido por mil”, sorriu ele.

Carolann sabia que estava a agir corretamente. Quando Lyn gritava e atirava com tudo, ela podia até tentar contradizer as suas próprias afirmações e desculpar-se. Mas iniciara esta discussão com um propósito e teria de desempenhar o seu papel até ao fim. Perdido por cem, perdido por todas as suas poupanças.

Pagou a conta e foi até à Oxfam. A loja de beneficência recebia doações e renovava a montra ao longo de todo o dia. Talvez tivesse sorte e a inatingível jarra azul e branca aparecesse por uma bagatela. Lyn poderia continuar zangado, mas tentaria, pelo menos, fazer a sua irmã e a sua mãe felizes.

Já visitara ou ligara para todas as lojas de antiguidades que Maryann mencionara. Estavam todas em estado de alerta. A velha maluquinha dissera que a peça era insubstituível e talvez fosse. Mesmo assim, ainda poderia aparecer na Oxfam e, se fosse o caso, Carolann seria uma heroína. Tanto as lágrimas de Maryann, como os gritos de Barbara Ann seriam levados por uma corrente de gratidão. Porém, e como habitual, não havia nada azul e branco na Oxfam. Nem na montra, nem na loja bolorenta. Carolann continuou o seu caminho.

Mesmo que encontrasse a jarra, o fardo da dívida poderia continuar a ser demasiado pesado para carregar. Mesmo quando as gémeas eram pequenas, a Sr.ª Heaney parecia já ter cem anos, pelo que agora deveria estar senil e nem ser capaz de reconhecer a jarra. Vinte anos mais tarde, já toda a gente na cidade tecera a história no seu imaginário. Todos conheciam os pormenores, a dívida, a busca incessante pela maldita jarra azul e branca. Se Carolann realmente a encontrasse, a comunidade fechada que envolvia a sua família talvez começasse a abrir-se.

Ao longe, Carolann viu Rowan virar da sua rua para a rua principal. De cabeça baixa, trazia o queixo enfiado num farfalhudo cachecol turquesa. Carolann sabia que Rowan iria dar por ela. Estava em falta um desconfortável pedido de desculpas, evidentemente, mas Carolann não se sentia preparada. Empurrou a porta do *pub* seguinte. O White Horse era bem mais rústico. A alcatifa manchada cheirava a cerveja velha e a homens rançosos.

“O habitual?”, perguntou-lhe o emprego, tirando uma caneca da prateleira.

Carolann assentiu, apoiando-se no balcão. A mala balançava-lhe no antebraço. Ainda bem que não arrastava consigo nenhuma peça de porcelana caríssima.

O empregado despejou duas garrafas pequenas de Coca-Cola Light numa caneca e Carolann pagou-lhe.

Um pintor emporcalhado entrou no *pub* e, num aplauso, atirou umas moedas para cima do balcão. “Epá, olha-m’*iste*”, disse observando Carolann de cima a baixo. Não havia “o” no seu “isto”. Seria possivelmente de outra zona e o seu sotaque cerrado estaria talvez instilado por algo mais forte do que Coca-Cola Light.

Carolann lançou-lhe um sorriso frio, os lábios bem apertados, e virou costas.

No espelho do bar, viu o homem imundo a olhar para o seu cabelo. Disse algo que lhe soou a “ruibarbo” ou “uvinha”.

Carolann não percebeu as palavras, mas compreendeu o tom. Seria boa ideia sair dali rapidamente, mas Rowan ainda deveria andar na rua e talvez bem perto do *pub*. Além disso, acabara de pagar pela sua bebida.

Ter-lhe-ia o empregado levantado o sobrolho? Teria, quase impercetivelmente, encolhido os ombros? Se o empregado estava decidido a ser tão britânico e subtil ao ponto de nem lhe oferecer um grunhido de consternação, então Carolann bem se poderia armar em americana rebelde, deixando-se estar ao lado de um homem duvidoso e de tom inquietante. No espelho por trás do emprego, viu o seu reflexo junto ao do homem e, através da janela atrás de si, viu o cabelo algodão doce de Rowan sacudindo-se rua acima. Carolann ficaria só o tempo de ela passar.

A porta abriu-se num sopro de ar frio vindo da rua, levantando o cheiro a mofo que repousava na alcatifa. O homem imundo sussurrou para o cabelo de Carolann. Qualquer-coisa-Hampton-qualquer-coisa.

Carolann afastou-se.

Ele aproximou-se e repetiu, mais alto: “Vou esfregar o meu Hampton nesse cu.”

“Bonito.” Carolann virou-se e viu Rowan atrás do homem, de olhos arregalados. Pousou a sua bebida no balcão. Aquele líquido escuro podia ser Guiness. Não podia censurar o homem – nem Rowan – por pensar tal coisa. “Presumo que Hampton seja o nome de um animal de estimação. Ou será que está a falar daqueles T0 pequenininhos em Hampton Court? Muito, muito pequeninos?” Levantou o indicador e o polegar. Afinal o relatório do clube feminino sobre a visita a Hampton Court viera a ter alguma utilidade.

“Hampton Court o caralho”, disse ele. “Queres em pé ou...”

“Em pé? Não consegue pô-lo em pé? Pobre homem. Que humilhação.” Carolann levantou a voz. “Tão pequenininho e nem consegue pô-lo de pé. Devia ir a um especialista.”

O empregado decidiu intervir. “Não servimos gente como tu.” Empurrou as moedas na direção do homem, que, surpreendentemente, as enfiou no bolso e saiu. O emprego mudou-se para a outra ponta do balcão sem olhar para Carolann. Talvez preferisse também não servir gente como ela. No entanto, ela já era uma cliente habitual e até se sentia bem aceite.

“Vi-a entrar aqui e não tinha a certeza se sabia que tipo de lugar...”

“Ouça”, o coração de Carolann batia forte, “devo-lhe um pedido de desculpas. Rowan, a sua festa foi encantadora e o meu comportamento foi imperdoável.”

“Foi a bebida.” Rowan inclinou a cabeça para o copo de Carolann. “O meu ex bebia. A minha irmã levou dez anos a convencer-me disso. Não espere dez anos, Carolann. Pare já. Esta primavera, quando eu for a Glastonbury Tor para agradecer à minha irmã, venha comigo. No nosso aniversário comunicamos através da montanha. O sagrado feminino.”

Carolann acenou lentamente. Se abrisse a boca, rir-se-ia a bandeiras despregadas do bizarro misticismo de Rowan.

“A sério. Aquela zona vibra com poderes femininos de cura. Poderes ancestrais. É como renascer. Talvez lá se consiga reconciliar com a sua irmã gémea. Tenho a certeza de que lhe fazia bem.”

“Eu não tenho tanta certeza.” O conflito de Carolann com Maryann era insidioso e estava já demasiado enraizado para ser resolvido por uma torre mágica em Inglaterra.

“Bom, a questão é que pode combater isto.” Rowan tocou levemente no copo de Carolann.

“Isso não é...”

“Nada de desculpas”, interrompeu Rowan. “É preciso força. STOP. Solidão, tristeza, opressão, perda. Primeiro, tem de descobrir por que motivo procura o álcool.”

“Sou enfermeira. Conheço o acrónimo”, respondeu Carolann. “E isto é Coca-Cola Light. Escolho a letra ‘S’ de ‘sede’”.

“Ainda bem que conhece o STOP.” Rowan levantou o sobrolho. “Mas em minha casa não era Coca-Cola.”

“Não, não era.”

“Existem programas. O ‘S’ também pode ser de solução. E o ‘P’ pode referir-se a... pessoas diferentes”, hesitou Rowan.

“O Lyn não bebe muito.”

“Eu reparei que ele é que foi buscar a garrafa.”

Carolann respirou fundo. “O Lyn não gosta que eu beba.”

“A codependência gera mais dependência. Mas pode combater isso. Vou dizer-lhe uma coisa... aquele sacana com quem casei era

um amargurado e a raiva dele estava a anular-me. Mas também a revelar-me, a tornar-me melhor.”

Carolann ouvia.

Rowan imitou a voz irritada do ex-marido. “Mas que porra de jantar é este? Mas que porra é que isso quer dizer? Como é que podes ser tão parva, porra?”

Carolann encolheu-se. O emprego iria pensar que se tinha metido noutra rixa.

“Ele era só ‘porra isto, porra aquilo’ e eu ia encolhendo. Os meus ombros, os meus bíceps foram perdendo milímetros, estavam cada vez mais pequenos. E eu comecei a ocupar menos espaço na presença dele. Eu era alta e, de repente, comprava roupa para pessoas pequenas.” Rowan riu-se das suas próprias palavras. “Mas, por dentro, eu não estava a desaparecer, estava a conseguir encaixar-me em espaços mais apertados.” Cerrou o punho e semicerrou os olhos. “Estava a enrijecer. Entre os insultos e a bebida, fui sendo consumida e destilada até uma espécie de pureza. Fui enrijecendo até à minha essência. Até refletir a luz ou iluminar. Acredito piamente nisto. Tornei-me eu mesma, eventualmente. Uma substância tão dura que é capaz de cortar o vidro.”

“Um diamente”, assentiu Carolann.

“Mas o truque é parar de cortar quando as facetas já estão perfeitas e a pedra ainda é tão grande quanto possível. É aí que se deve parar. Foi isso que a minha irmã me ajudou a ver, mesmo a tempo. Há dois anos e meio que se foi.”

“Gostava de ter conhecido a Morwenna. Talvez vá consigo à torre.”

“No fim de abril.” Rowan sorriu. “Ela ia gostar.”

“Entretanto, disse ao Chip que convidasse a sua amiga Ticia para jantar lá em casa de sexta a oito dias, antes do Dia de Ação de Graças. Para lhe pedir desculpa, na verdade. Não é por causa do feriado em si. Já sabe da nossa história. Vou fazer tacos de peru e tamales. Espero que venha também.”

“Comida mexicana?” Rowan levantou o sobrolho. “Para a Ticia?”

“O feijão e o arroz são fontes importantes de proteína.” Carolann sorriu.

“Lembre-se de que eu vivi no Texas. Adoro comida mexicana. Acha que aquela miúda adorável vai saber interpretar o seu gesto?”

“Espero que sim.” Carolann inspirou profundamente. “O importante é a apresentação, tenho a certeza.” Queria acrescentar *não sou uma bêbeda, nem sou racista*. E a amizade de Chip com a rapariga parecia genuína.

“Eu levo a sobremesa.” Rowan inclinou a cabeça na direção das garrafas atrás do balcão. “E quando quiser ser ajudada, eu ajudo.”

Capítulo 41

Na cozinha, Chip observava a mãe a desfiar alface quando a campainha tocou. Abriu a porta e, do outro lado, estava Ticia com um ramo de flores.

“São para a tua mãe”, levantou o ramo de flores, entrou em casa e abraçou Chip. “E também trouxe outras coisas.” Tocou levemente na sua mala.

“Nada relacionado com ADN, espero.” Chip olhou para trás, para a cozinha. A qualquer momento, o seu pai estaria a sair de lá, esfregando as mãos num pano da louça. “Não vamos fazer isso.”

“Eu é que vou fazer”, disse ela. “É o meu presente para ti, querido.”

“A minha família não é um projeto teu. Pensei que já tivesses arranjado outro.”

“Olá de novo, Sr. Cooper.” Ticia deu um passo em frente ao ver o pai de Chip sair da cozinha. “Feliz fim de semana antes do Dia de Ação de Graças.” Cumprimentou o pai de Chip com um beijo, como se ela e Lyn fossem da mesma idade e tivessem amigos em comum. Chip não conseguia não ficar pasmado.

“Lyn”, disse o pai de Chip. “Trata-me por Lyn, por favor.”

Carolann apareceu com duas grandes tigelas de tomate picado e alface desfiada, uma em cada mão. Não havia como se cumprimentarem com um beijo. Chip sentiu-se aliviado. Parecia-lhe que a sua mãe não iria apreciar a desafogada “maturidade” de Ticia.

“Olá, Sr.ª Cooper.” Ticia fechou as mãos à frente, o que lhe deu um ar estranho e mais consentâneo com a sua idade. Talvez os homens encaminhassem as raparigas para a vida adulta, enquanto as mulheres as mantinham na linha como crianças.

“Ainda bem que vieste. Comecemos pelo princípio: quero pedir desculpa. O que eu disse em casa da Rowan foi inapropriado.”

Ticia encolheu os ombros. “Esqueça lá isso.”

“Garanto-te que não esqueci, nem vou esquecer, mas és muito amável. Fica à vontade, por favor.” Içou as duas tigelas num gesto de boas-vindas verde e vermelho.

Chip estava boquiaberto. Dissera a Ticia que o jantar serviria como um pedido de desculpas, mas presumira que o mesmo permanecesse implícito. Ou que, na melhor das hipóteses, fosse apenas murmurado. Chip tinha ainda muito a aprender sobre a forma como os adultos cometiam erros e tentavam depois colmatá-los.

Estava ainda a tentar interpretar o azedo silêncio que se instalara entre os seus pais desde a festa de Rowan. Esse silêncio acompanhara-os ao longo das férias, vagueando pelas ruas de Dublin, pelo Anel de Kerry, pelo Anel de Dingle. Não fosse a Murphy's Irish Stout e o guitarrista no O'Leary's Pub, que era ainda melhor do que Bob Dylan, talvez tivessem passado toda a semana num silêncio de morte. No entanto, e como era habitual, a tensão entre os seus pais aliviara depois de ambos beberem um copo. Mesmo assim, Chip tinha ainda muito mais a aprender sobre como navegar as confusas águas da vida adulta.

"Posso ajudar com alguma coisa?", perguntou Ticia. "Podia pôr as flores numa jarra."

Nesse momento, Rowan entrou em casa, abraçando uma enorme tigela com um inchado manjar branco que era, na verdade, cor de rosa. "Queria fazer uma sobremesa mexicana, mas a única receita que encontrei foi de gelado de canela frito. Horrível! Acho que nem os escoceses são capazes de fritar gelado."

Ticia riu-se. "Eu, lá de vez em quando, adoro um chocolate Mars frito."

"Sim! E pizza frita! Mas eu gosto é de comer, não é de engordar. Embora não pareça." Rowan riu-se. "Se eu reencarnar, volto escocesa. Mas hoje trouxe um belo pudim inglês para o nosso jantar multicultural." Passou a Lyn a tigela com os insuflados picos cor de rosa. "A Morwenna queria sempre..." deteve-se por um segundo e respirou fundo. "Era a sobremesa preferida da minha irmã."

"E é bem cor de rosa!", riu-se Carolann.

"Sim, mas o sabor é..." Rowan olhou para a tigela que Lyn segurava. "Azul esbranquiçado."

Ninguém se manifestou.

"E a saxophone." Rowan piscou o olho a Carolann.

“Uau! O que será que pôs nesse pudim!” Ticia encolheu os ombros para tirar o casaco. “Estou ansiosa por provar!”

Chip reparou na camisola de Ticia. Nela lia-se *Carpe Diem*. Mas afinal quando é que ela não tirava máximo partido do dia? Chip pendurou o casaco dela no armário e ajudou-a a procurar uma jarra para as flores. Ticia usou a tesoura de cozinha de Carolann para cortar a base dos caules e depois, então, colocar as flores em água fria. Chip já vira a sua mãe a fazer o mesmo. Talvez todas as mulheres soubessem como mexer em flores de corte. Agora que observara o processo, estaria a sua masculinidade diluída? Com certeza que Henrik e Maarten não sabiam merda nenhuma sobre flores. Era apenas mais informação que guardaria só para si.

“Vamos lavar as mãos.” Ticia guiou Chip até à casa de banho da entrada, onde ficaram, lado a lado, a ensaboar as mãos. Chip tinha de lembrar-se constantemente de que dois outros amigos de Ticia haviam vivido naquela casa, pelo que ela conhecera a sua disposição muito antes dele. “Queres salvar o casamento dos teus pais ou não?”, perguntou ela. “Estou é a fazer-te um grande favor, puto.”

“Não. Hoje não.”

“Só estás aqui durante um ano. Podes entrar na vida adulta como um homem funcional e equilibrado. E levar para casa uma família feliz como recordação de Inglaterra.”

Chip secou as mãos. “Ou uma catástrofe.”

Mal se sentaram à mesa, tocou o telefone. “Não atendas”, disse Carolann. “Hão de ligar mais tarde.”

“Deve ser a tua irmã com mais lojas de antiguidades”, disse Lyn.

O telefone tocou novamente.

“Foi por isso que disse para não atenderes.” Carolann esboçou um sorriso rápido e tenso, “Vai para o atendedor e ela vai ficar felicíssima por eu ter de lhe ligar de volta. Poupo-lhe um dólar.”

“E fica felicíssima se não atender a tua chamada, porque, nesse caso, és salva pelo atendedor de chamadas dela.”

“Sim.”, disse Carolann fitando Lyn.

Chip explicou: “A mensagem do correio de voz da minha Tia Maryann é uma passagem da Bíblia. E, depois, ela diz ‘louve a Deus, deixe mensagem’. Às vezes, quando ela usa uma das suas

passagens preferidas, e acha que a devemos ouvir, escreve-nos um email a pedir para lhe ligarmos.”

Rowan deu uma risada.

O telefonou uma outra vez. Quem quer que fosse era mais persistente do que Maryann.

Ticia esperou meio toque para ver se alguém iria atender a chamada. Ninguém foi. “A minha mãe também tem uma irmã louca”, disse. “Bem, não é louca. Alias, está longe de ser louca. É psiquiatra. Elas adoram-se e competem muito uma com a outra. Deve ser o típico amor-ódio entre irmãs.”

“Pensava que a tua tia tinha um rancho com lamas”, disse Chip. O telefone tocou uma última vez e parou. O silêncio parecia ressoar. “No centro da Califórnia, longe da civilização.”

“E tem”, respondeu Ticia. “Os lamas cospem, mas, pelos vistos, a interação com animais ajuda a estabilizar as pessoas desequilibradas. Ela fica furiosa por a minha família não ter um cão ou iguanas ou qualquer coisa. Ela nem sequer tem filhos, mas está sempre a dizer à minha mãe como agir.”

“Sei o que é ...” Carolann olhou para cima. “Irmãs.”

Chip observou Rowan, que estava invulgarmente silenciosa. Ter-se-iam esquecido de que a sua querida irmã gémea estava morta?

Ticia continuou: “A minha família costuma brincar com isso. Dizem que, se eu fizer asneira, me mandam para o rancho dos lamas. Sem Internet. Sem TV por cabo. Eles nem televisor têm.”

“Não há Internet?” Chip encolheu os ombros. “Isso não é uma brincadeira, é um pesadelo.”

Rowan pegou na sua faca e virou-a. “Carolann, cheira muito bem. Seria muito presunçoso da minha parte oferecer-me para dar graças? Vocês costumam agradecer antes das refeições?”

“Claro que sim”, Lyn piscou o olho a Chip. “Se não nos esquecermos.”

Ticia juntou as mãos, fechou os olhos e baixou o queixo. Rowan ergueu o seu copo, enquanto os três membros da família Cooper baixaram as cabeças, ainda que tenham continuado a observar Rowan.

“À família. A velha e a nova.” Rowan pousou o copo. “Obrigada, Deus.”

Ticia pegou num taco, inclinou a cabeça e deu uma dentada. Beijou os seus dedos. “*Muy rico*.”

“Muchas gracias”, disse Carolann entre risinhos.

Rowan acenava e mastigava, acenava e mastigava. Chip apercebeu-se de que a sua mãe ou era muito corajosa ou era muito tola, por chegar ao ponto de preparar tacos para uma rapariga mexicana e para uma mulher que vivera no Texas. Finalmente, Rowan recostou-se na cadeira e, dando umas palmadinhas no seu amplo estômago, disse: “Estou maravilhada.”

“Quem quer café?” Carolann levantou-se, contou os dedos de uma mão e escapuliu-se para a cozinha.

De repente, Ticia disse “Sr. Cooper, aliás, Lyn, calhou-me Medicina Dentária para o Dia das Profissões. O Chip não lhe disse?”

“Não”, latiu Chip.

“Tenho de arranjar uns modelos de dentes de adultos antes da reunião que tenho amanhã com o dentista. Especialmente dos dentes posteriores e das gengivas. Também preciso de um esfregaço bucal. A minha mãe não está cá e precisava de, pelo menos, mais um voluntário. Pensei que...”

Carolann espetou a cabeça pela porta da cozinha. “O Dia das Profissões é só em março.”

Chip arfou. Como é que ela sabia quando era o Dia das Profissões? “Não, não é”, disse ele. “Não é em março.”

Ticia olhou para Chip, o mentiroso mais incompetente do mundo, respondendo ao mesmo tempo que Carolann: “É, sim, em março.”

Carolann continuou. “Li no boletim da semana passada. Lyn, esqueci-me de te dizer que te inscrevi para Cuidados de Saúde. Não sabia que havia Medicina Dentária.”

“Fixe”, disse Ticia. “E o Conselho Executivo que pensa que ninguém lê os boletins.”

Lyn esticou a mão sobre a mesa. “Tenho a tal conferência sobre o SNS em março, Carolann. Preferia que me tivesses perguntado.”

Chip observou os seus pais. Continuava a não fazer ideia do que espoletara a recente tensão que se mantinha entre eles. A última coisa de que precisavam era de um novo conflito.

“Se tivesse perguntado, podias ter dito que não.” Carolann entrou na sala e parou ao pé da mesa. “Os miúdos de hoje em dia

precisam de um maior envolvimento dos pais. Faz isso pelo Chip. É mesmo antes das férias da Páscoa. Eu ajudo-te a preparar os slides e tudo o que for preciso. É no dia 23 de março.”

O telefone tocou de novo. O toque era, obviamente, o mesmo, mas soava mais insistente no silêncio. Ninguém se mexeu.

“É exatamente um mês antes do meu aniversário”, disse Rowan. “Não se esqueça de Glastonbury.”

Carolann assentiu enquanto o telefone continuava a tocar.

“A escola vai atribuir um intermediário a cada projeto. É o que estou a fazer com o Dr. Sales. Ele é o meu dentista. Vou fazer o PowerPoint para o ajudar com a apresentação antes de lhe atribuírem um aluno para o projeto oficial. E vou encontrar-me com ele amanhã, por isso... posso fazer o meu exame a fingir num de vocês?”

Carolann voltou para a cozinha.

“Faz em mim, querida.” Rowan içou-se a custo da cadeira. “Ficamos felizes com o teu envolvimento na escola. Queres que me deite no chão?” No mesmo instante, já Rowan estava estirada na carpete.

Chip ouviu a mãe a atender o telefone na cozinha.

“Para dizer a verdade”, disse Ticia a Rowan, “era melhor que fosse um dos pais do Chip, porque, se depois precisar de mais dados, só tenho de pedir ao Chip. Além disso, tenho de trabalhar com pessoas da comunidade escolar. Eles dão importância a isso.” Ticia olhou para Lyn. Chip reconheceu no seu olhar uma expressão idêntica à das suas fotografias em topless. À da fotografia de que o seu pai havia gostado particularmente.

Rowan sentou-se, o estômago repousando sobre as suas pernas abertas. “Não há problema”, riu ela, “também nunca gostei de ir ao dentista.”

Lyn passou a língua pelos dentes. “Posso só inclinar a cabeça para trás?”

Ticia tirou uma mão cheia de cotonetes de dentro da sua mala. “Claro.” Espalhou várias zaragatoas e colocou uma pequena espátula plástica em cima da mesa. “Não sei bem o que conseguem ver com estas amostras, mas eles lá sabem.”

"As bactérias provocam cáries." Rowan encolheu os ombros. Levou uma braçada de pratos para a cozinha.

"Chip, espero que isto seja benéfico para ti. Não sei se vou estar disponível em março."

Ticia segurou o queixo do pai de Chip. "Como se costuma dizer", e Ticia parecia mesmo uma higienista, "não vai sentir nada."

O facto de Ticia ter encontrado um laboratório de análises de ADN e de ter comprado um *kit* de recolha de amostras deixava Chip em estado de choque. Aquilo deveria ser caro. Nem conseguia acreditar que estava a ver a sua amiga a raspar vestígios de comida da boca do seu pai. Os resultados poderiam ser afetados pelo manjar branco... o relatório nomearia Chip como descendente de gelatina.

Em bicos dos pés, Rowan voltou para a sala de jantar.

Pálida, Carolann saiu da cozinha. "Infelizmente, tenho más notícias. O meu pai está muito doente. Não sabem bem o que é. Eles querem-me lá para... bem, para estar lá enquanto ele *durar*... como disse a Maryann."

"Vá", disse Rowan. "Apanhe o primeiro voo que conseguir. Eu levo-a a Gatwick ou a Heathrow."

"Vamos todos", disse Lyn.

Carolann abanou a cabeça.

Rowan acrescentou: "Com a saúde não se brinca. E pode ser que se entenda com a sua irmã. Tem de ir."

"Para dizer a verdade, até pode não ser nada. Ele é hipocondríaco. Mas eles estão muito preocupados. A minha mãe ligou primeiro."

"A tua mãe nunca ligou para aqui, Carolann", respondeu Lyn. "Para decidir pagar por uma chamada de longa distância é porque deve ser grave. Vamos todos."

"E eu posso faltar às aulas?", perguntou Chip. "Temos aqueles projetos de Teoria do Conhecimento."

"Nunca nos devíamos ter mudado." Carolann esfregou os braços.

"Isso é o que pensa a Maryann", disse Lyn. "Não é necessariamente verdade."

"Se o avô está a morrer, eu sei que devia..."

“Ele não está a morrer.” Carolann virou-se para Chip. “Tu não tens de ir.”

“O Chip pode ficar em minha casa”, voluntariou-se Rowan. “Como vivo mesmo aqui ao lado, o horário do autocarro é o mesmo. Assim não falta às aulas. Chip, podes ficar na minha sala de ioga. Vou mostrar-te as cordas que pus na parede. E os tapetes dão um ótimo colchão. É excelente para relaxar. Quando não estiveres a estudar.”

“Ah... mmm...”, hesitou Chip.

“Fico feliz por receber o Chip”, disse Rowan. “Fique no Kansas quanto tempo for preciso. Espero que volte a tempo de irmos a Glastonbury. É lá que está a força divina de que precisa, se não conseguir resolver-se com a sua irmã pessoalmente. Seja como for, ainda faltam umas semanas. Talvez devêssemos ir mais cedo.”

“Acho que não devia faltar às aulas, mas...” Chip já não sabia o que dizer. Definitivamente não queria ficar na sala de ioga de Rowan.

“Eles querem eu me mude para o Kansas imediatamente.” Carolann abanou a cabeça.

“Claro que querem”, disse Lyn.

“Amanhã vão fazer uns exames e acho que ele tem uma TAC, ou algo do género, para a semana. Vamos esperar pelos resultados e logo vejo o que devo fazer. A Maryann deve ter percebido tudo mal.”

“Ela é a sua única irmã. A sua irmã gémea. Carolann, tenho de levá-la a Glastonbury e é depressa”, afirmou Rowan. “Quando é que faz anos? Há outra data importante que partilhe com a Maryann? A Primeira Comunhão?”

“Não somos católicos.” Carolann fitou Rowan.

“A primeira menstruação? Foi no mesmo mês? No mesmo momento astrológico?”

Chip estava pasmado a olhar para Rowan. De forma alguma iria dormir na sala de ioga dela.

Ticia inclinou-se na direção de Chip. “Meu, ficas lá em casa. Os meus pais não se importam.”

“Comecemos pelo princípio”, disse Lyn. “E primeiro temos de saber qual é o verdadeiro estado de saúde de Cyrus Field.”

Capítulo 42

Oito semanas e muitos exames médicos mais tarde, Carolann ainda esperava por notícias definitivas. Cyrus Field não tinha cancro. Não tinha diabetes. Não sofria de epilepsia, obesidade, fibrose cística, asma, lupus ou anemia perniciosa. Num dia sentia-se ótimo, no outro não conseguia respirar, comer, sair da cama. Falou-se numa bactéria rara com origem na África subsaariana. Era muito improvável. Além disso, os exames de despiste seriam caros e inconclusivos. Carolann começou a perceber qual era o problema. Como não estava a conseguir encontrar a jarra, Barbara Ann queria a sua filha-enfermeira em casa.

Começavam a aparecer os primeiros botões de flor quando Maryann ligou à irmã a dizer-lhe que devia voltar. O pai delas estava no hospital sob vigilância permanente.

Entretanto, com a crise de saúde do seu pai, as atenções já não estavam viradas para o impasse que se vivia no seu casamento. Lyn e Carolann haviam chegado a um acordo tácito: deixar andar. Carolann não revelara outras grandes verdades ao seu marido e ele conformara-se com o que ela lhe confessara.

“Então vão ser só vocês, homens, cá em casa.” Carolann dobrou uma camisola e pô-la na mala.

“O Chip está contente”, disse Lyn. “Mas não sei se não devíamos ir todos.”

“A oferta da Rowan foi muito simpática, mas não muito prática. E tu não podes tirar dias.”

“O que achas que o teu pai tem?”

Carolann encolheu os ombros. “Acho que é um caso grave de tendência para o exagero.”

“Espero que seja só isso.” Lyn observou-a a enfiar pares de meias enrolados dentro dos sapatos.

“Devias levar o Chip a Liverpool, no tal circuito dos Beatles. Distraí-lo da sua amiguinha.” Tornara-se claro, ao longo daquelas semanas, que Ticia tinha realmente um namorado na Áustria. Mas Carolann ainda não acreditava que Chip estivesse apenas interessado na amizade dela.

“Não quero que esta viagem te cause confusão...” Lyn examinou as suas unhas. “Vais voltar ao Kansas e ainda te esqueces de onde é a tua casa.”

“Não esqueço.” Carolann perguntou-se se Lyn iria proferir o nome de Buck. Estava quase na altura de dar a Chip o seu “presente especial”, portanto Lyn deveria andar a pensar no verdadeiro pai.

“Não deixes que eles se aproveitem de ti.” Lyn passou-lhe um par de botas para colocar na mala. “Que tentem convencer-te a ficar.”

Carolann assentiu. “O meu voo de regresso está marcado para daqui a três semanas. E eu vou entrar nesse avião.”

Lyn deu um passo em frente e abraçou-a, ficando as botas esmagadas entre eles. Os saltos enfiaram-se nas costelas de Carolann. Era a primeira vez, em tantos anos de casamento, que ia aonde quer que fosse sem ele. Carolann sentiu-se reconfortada com o abraço de Lyn. “Lembras-te do momento em que me contaste sobre a tua vasectomia?”

Lyn afastou-se. “Depois de a ter feito, é isso?”

“Sim, depois. Tiveste medo de me contar?”

Lyn encolheu os ombros. “Já estava feita. Ia ter medo do quê?”

“Mas eu queria ter mais filhos.”

“Impossível.”

Carolann encaixou as botas na mala. Nenhum deles falou.

Finalmente, Lyn disse: “Carolann, vais contar à Maryann que deste banho ao Ryan?”

“Não.”

“Ainda bem. Esta viagem não é nenhuma espécie de reabilitação em que tenhas de confessar-te a toda a gente que magoaste. Não lhes deves nenhuma confissão. Não deves nada à tua irmã.”

“Certo.” Carolann fechou a mala. “Ela quer a jarra e eu ainda não a tenho. Por isso, vou ao Kansas ajudar a minha mãe a movimentar-se no hospital com o meu pai. Medir-lhe a tensão arterial, tentar conseguir um diagnóstico e um plano de ação. E depois volto para cá. Para casa.”

Lyn sentou-se na cama e olhou pela janela. “Querem que eu renove o contrato.”

“Mais um ano?”

“Por tempo indeterminado. É um bom emprego. É um excelente emprego.”

“Não.”

“Ou ano a ano. Mas a remuneração é diferente. O contrato exige tanto a minha assinatura como a tua. Nem valeria a pena pensar nisso se tu recusasses.”

“Ótimo.” Carolann enfiou o passaporte na mala. “Eu recuso.”

Lyn sacudiu o tornozelo. A sua atenção centrou-se novamente no céu cinzento.

“Não deves estar surpreendido”, disse ela. “Eu nem sequer queria vir para o estrangeiro.”

“Não devias ir para o Kansas sem mim.”

Carolann riu.

“O que disseste na festa da Rowan...”

“O quê?”, perguntou Carolann. Ele decidira falar no assunto minutos antes de ela sair do país?

“Sobre aquela noite, antes de me conheceres.”

Lá estava o amarelo. A própria noite, a experiência dessa noite, era roxa, de um roxo escuro de tempestade de verão. Mas a memória dessa noite, falando dela com Lyn, trazia o amarelo de volta.

“Usaste a palavra *violação*.”

Ela fitou-o. Cinza ardósia. Com um brilho severo, luminoso, reflexivo.

“Carolann, se foi isso que aconteceu, e se de alguma forma tinhas apagado essa memória, então vais ter de lidar com a situação agora. O motivo desta viagem é o teu pai, mas se o Buck te violou...”

“Não, não violou.”

“Talvez a distância te tenha trazido alguma lucidez.”

“Não foi isso que eu disse.”

“Sabes sequer o que disseste? A violação é humilhante e violenta. Não deixa de ser crime por o violador conhecer a sua vítima. É preto no branco.”

“E em tons de cinza às vezes. E outras cores.”

“Não, não há variantes. É cruel e invasiva e violenta.” Lyn abanou a cabeça. “Se foi isso que aconteceu e esta foi a primeira vez que tiveste noção disso, vais reviver o horror da experiência quando o voltares a ver. E presumo que o vejas.”

“Não necessariamente.” Rever Buck de pouco interessava.

“Emocionalmente, essas feridas não cicatrizam com facilidade”, continuou Lyn. “Mesmo que tenhas reprimido as memórias. Não vás hoje. Havemos de arranjar uma solução e eu vou contigo.”

Carolann sentou-se na cama e pousou o braço em cima da mala. Falou sem olhar para Lyn. O braço dele também repousava na mala, que, como uma montanha tranquilizadora, os separava. “Não foi ele”, afirmou Carolann. “Fui eu. Foi isso que tentei dizer-te. Eu aproveitei-me dele.”

“Por amor de Deus”, respondeu Lyn. “Tu eras uma adolescente. Não é assim que as coisas funcionam.”

“Então como é?”

“Ele estava bêbedo e tu estavas bêbeda. Vocês aproveitaram-se um do outro. Percebeste mal.”

“Eu tenho culpa de...”

“De nada. Como te atreves a equiparar-te a... não faz sentido. Não suporto sequer falar nisso.”

Uma mulher que seduzisse o namorado da irmã e depois criasse o filho dele sem o seu conhecimento seria uma pessoa horrível. Mas não era essa a história de Carolann. Mesmo que o seu marido julgasse que era. Lyn não a considerava uma sedutora malvada. Considerava-a uma adolescente fraca. Aliás, exigia que ela o fosse.

“Eu... eu queria tirar alguma coisa à minha irmã. Alguma coisa a que ela desse valor. Obviamente, nunca estive apaixonada pelo Buck.” Carolann olhou para Lyn. Sabia que ele gostava de ouvir tal confirmação.

Ele assentiu.

“E então surgiu uma oportunidade. Mas eu não sabia no que me estava a meter. E que não podia voltar atrás.” Seria este o dia em que Carolann lhe contaria finalmente? *O Chip é teu filho. Eu deixei que tu acreditasses numa mentira. As mãos deles são normais, mas eu acredito que o Chip é teu filho.* Não o poderia afirmar até ter a

certeza. Pois Chip poderia, de facto, ser filho de Buck. Poderia ser filho de qualquer um dos dois.

"O quê?", perguntou Lyn.

"Os homens também podem ser violados", disse ela. "Mais do que seduzidos, podem ser forçados a um encontro sexual que não desejem. Nem sempre as coisas são lineares. Tu não estavas lá."

Lyn bateu violentamente com a mão na mala e a cama ecoou. Pôs-se de pé.

"Nisto tudo, ele não foi totalmente inocente. Mas eu é que me aproveitei."

"Estás a ouvir o que estás a dizer?! Pensa naqueles que são mesmo vítimas. Pensa na luta que travam para se curar. Foram atacados, destruídos por criminosos desprezíveis. Não tens o direito de redefinir o que é uma violação. Quando distorces a realidade para a adaptar ao peso dessa tua culpa estranha, estás a vitimar todas essas mulheres outra vez." O rosto de Lyn estava vermelho e o seu pescoço latejava.

"Então é uma questão de vocabulário. Precisamos de uma palavra melhor. Mas isto também não é um debate sociológico. É entre nós dois. Tu e eu."

Lyn fitou-a com um olhar duro. "Não bebas, Carolann, enquanto estiveres em casa. Às vezes dizes estupidezes. O vocabulário que utilizas é importante. E tu andas com a cabeça no ar. Prometes?"

"Claro, até porque não vais ser tu a preparar-me as bebidas." Carolann pegou nas mãos de Lyn. "Eu prometo."

Lyn assentiu. "Naquela noite tiveste uma atitude imoral. Foste promíscua. Eu compreendo a vergonha que sentes."

Carolann sentiu uma tensão familiar sobre os seus ombros. Por vezes, Lyn utilizava adjetivos como *dada*, *fresca*, *fácil*. Carolann não gostava da trama: Lyn salvara-a da sua natureza libertina. Mas fazia os possíveis por mantê-la como verdadeira.

"Na verdade, estou-te eternamente grato pela dádiva que é o nosso filho. E pelo nosso casamento. Não queria ter tocado já no assunto da renovação do contrato, mas..."

"Um ano. Concordámos com um ano." Carolann sacudiu a cabeça.

“É um bom contrato. Pagam a escola do Chip, a casa, a água, a eletricidade, o carro...”

“Detesto conduzir aqui. O volante está do lado errado, conduz-se do lado errado da estrada e já nem falo nas rotundas. Uma pessoa engana-se e leva meia hora para se acertar.”

“Mas tu melhoraste tanto.”

“Olho para o retrovisor e nada. Procuro o travão de mão e está do outro lado. Ligo o rádio e não percebo o que dizem. Não.”

“É muito dinheiro”, disse Lyn.

“O meu pai toda a vida viveu com o lucro debaixo de olho. Eu não faço isso. A vida não é só dinheiro.”

“O trabalho é importante. Dão-me valor aqui.”

“Precisam de uma resposta até quando?” Carolann olhou atentamente para Lyn. Quando voltasse, teria algumas coisas a dizer-lhe e não fazia ideia de como ele iria reagir. Ou como ela própria iria reagir. Não ficaria casada com um homem que lhe virava as costas. Não se iria meter na cama, noite após noite, com uma parede. “Deixa-me só despedir-me do Chip e depois vamos para o aeroporto”, disse Carolann. “Neste momento só quero chegar a casa.”

Capítulo 43

"Então, como está a correr a estadia com o teu pai?", perguntou Ticia.

"É estranho." Chip bateu com a porta do cacifo para a fechar. "Não sabemos quando volta a minha mãe."

"Mas o teu avô está a morrer ou não?"

"De cansaço, talvez. A minha mãe diz que ele se foi gastando, com tantas queixas, ao ponto de os familiares se dedicarem só a ele."

"Então ele é que os foi gastando. Ao ponto de a tua família já não o suportar."

"E a minha mãe está lá a lavar a roupa de toda a gente."

"Pelo menos a máquina é grande e americana." Ticia olhou para o corredor. "Tenho de te dizer uma coisa."

O coração de Chip parou por um segundo. Já quase havia esquecido a história do ADN e a visão de Ticia a retirar amostras da boca do seu pai. "Está bem... o que é que se passa?"

"É um bocado intenso", disse ela. "Vamos para um sítio mais privado."

"Tenho furo agora."

Ticia guiou-o para o pátio da escola. Não havia ninguém sob o chuvisco frio da rua. Uma fila húmida de triciclos esperava quem os quisesse pedalar, caso o tempo melhorasse antes do intervalo da tarde. A pequena casa de brinquedos chamava por eles, escura, seca. Chip sabia que a casa teria o cheiro de pinho humedecido. Mas, em vez disso, Ticia dirigiu-se para a vedação que cercava a escola, para uma zona de reciclagem pouco utilizada, já fora do perímetro escolar. Ticia levantou a vedação, dando lugar a uma grande abertura. Gingou através dela e puxou a vedação bem para cima, para que Chip pudesse passar.

"Não podemos ir para aí." Abanou a cabeça. Do outro lado da vedação, o chão estava repleto de latas de cerveja e pacotes de leite esmagados.

"Dez minutos." Ticia levantou ainda mais a vedação. "O meu pai é vice-diretor, lembras-te? E eu tenho de falar contigo."

Chip espremeu-se por entre a brecha. Ticia pegou-lhe na mão e conduziu-o por entre dois enormes contentores de metal – um azul para o vidro transparente e um verde para o vidro verde. Ticia sentou-se num muro de pedra por trás dos contentores e tocou levemente no granito húmido ao seu lado. Chip sentou-se. Como pedrinhas pegajosas numa praia, pequenos cacos de vidro estilhaçaram-se debaixo dos seus pés. Cheirava a vinho velho.

"Finalmente aconteceu", Ticia agarrou-se aos joelhos. Os seus olhos estavam vermelhos e o seu rosto parecia inchado. Teria estado a chorar? E só agora é que Chip notara?

"O quê?"

"O Andrew, aquele cara de cu, acabou comigo. Pelo telefone."

"Ah... que treta. Estás bem?"

Ticia respirou fundo. "*Ya*... já ultrapassei a cena." Sorriu.

Chip esmagou as mãos sob as coxas e observou Ticia por um instante. Afastou-se um pouco dela para olhar à volta do grande contentor verde, em direção à escola. Talvez já estivesse alguém no pátio da escola. Um professor talvez. O Neame! "Não devíamos voltar a entrar?", guinchou Chip.

"Não. Ou já fizeste tudo o que querias fazer aqui, querido?" Ticia olhou-o nos olhos. "Tens sido muito paciente."

Chip engoliu em seco.

"Acho que finalmente chegou a tua vez, amor."

Muro de pedra frio e molhado, pontas afiadas sob as suas mãos, sob o seu corpo. *Jeans* molhados. O odor orgânico e apodrecido dos resíduos e da fermentação de cerveja e vinho. Ticia saltou do muro e pôs-se de frente para Chip, entre os joelhos dele. Inclinou-se para a frente e segurou o rosto de Chip entre as mãos. Ele barbeava-se há apenas um ano e agora as mãos de Ticia agarravam o seu maxilar. Será que ela sentia a sua barba? Chip estava fora da área da escola, distante do seu campeonato e longe de saber se o seu rosto daria a Ticia a sensação de estar a tocar na carinha de um bebé. O cabelo negro de Ticia cintilou com os salpicos da chuva e Chip ficou estático a observá-lo, tentando controlar a sua respiração.

Ela aproximou-se e pôs-se em cima dele, em cima do muro, de pernas abertas. "Estás bem?", perguntou.

Chip sabia que, se falasse, a sua voz sairia novamente num guincho, por isso acenou simplesmente. A sua mãe sempre dissera que as raparigas poderiam tentar aproveitar-se dele. As pessoas pensavam que as raparigas não faziam isso aos rapazes, mas faziam. Se olhasse para baixo, ficaria mesmo de frente para o peito de Ticia. Se olhasse para cima, ficaria mesmo de frente para os lábios dela. Ela colocara-o entre a espada e a parede – finalmente sabia o que essa expressão significava. Chip beijou-a. Encontrou os lábios dela, abertos, e empurrou gentilmente a sua língua contra a dela. E ela beijou-o. Aquele beijo era suave e firme e novo e insistente. Meu Deus! Chip estava a beijar Ticia Olague!

Ela estava no seu colo, encaixada nele. Chip colocou as mãos nas nádegas de Ticia. Enfiou a sua mão fria por baixo da blusa dela e sentiu os contornos suaves das suas costas. Afundou a outra mão no cabelo dela, espesso e suave.

“Parecia-me que estavas preparado.” Ticia afastou-se, a rir. “Mas não sabia até que ponto.”

“Foda-se, Ti, não gozes comigo. Não sirvo só para esqueceres o teu ex-namorado. Tu sabes disso.”

Ticia curvou-se e beijou-lhe o pescoço. A orelha. Novamente o pescoço.

Ele diria que sim a tudo o que ela lhe pedisse. Ela podia gozar com ele a seu bel-prazer. Foda-se! Ela bem podia usá-lo, libertá-lo, prendê-lo, encalhá-lo... ele até podia gritar, mas ela iria silenciá-lo.

Ticia deteve-se. “Não posso.”

Ah podes. Podes e deves. Chip ficou em silênico. *Podes*.

Então, ela disse-lhe ao ouvido “Mas que se fo...”

Chip puxou-a pelas ancas para junto dele e a sua língua acabou com as obscenidades dela. Tudo isto acontecia a uma velocidade assustadora, para um primeiro beijo. E com a sua melhor amiga. *Não podia*? *Podia*. Ticia contorceu-se em cima de Chip. Era demasiado velha para ele. Neame tinha o número dele. O que estava Chip a fazer? Como poderia alguém, alguma vez, dizer *não* àquela miúda? A qualquer miúda? Coito interrompido? Nem pensar.

Chip sentia-se avolumar cada vez mais. Se, subitamente, o mundo explodisse e Chip ficasse feito em pedaços... bom, qual era o problema?

Ticia afastou-se, arrancou as suas ancas às virilhas dele e olhou para baixo. “Trazes alguma coisa aí, querido?”

“O quê?” Interrompido e bem. Ticia gozava com ele. Era como se Chip fosse esmurrado em nome de toda a humanidade.

“O bebé está rechonchudinho?” Enviou a cabeça para trás, rindo.

Chip fitou-a.

“Percebeste mal, querido”, disse ela. “Estou a brincar contigo. É o que faço. Mas não estou a provocar-te.” Olhou para baixo novamente, entre as suas pernas. “Não vou apressar-te, mas quero fazer isto. E acho, e espero, que tu também.”

Chip assentiu. Ela assentava-lhe tão bem, como poderia ele resistir-lhe?

De repente, Ticia ficou imóvel. “Não te mexas”, murmurou.

Ouviram o ranger da vedação e três ou quatro passadas convictas. As passadas de um homem.

De repente, à frente deles estava um professor que Chip não conhecia. Observando-os, e sem pronunciar uma única palavra, deixou cair a sua garrafa de Coca-Cola Light dentro do contentor. A garrafa caiu no contentor de metal com um estrondo e estilhou-se. “Menina Olague”, disse ele, “o seu pai sabe que está aqui?”

“Não, a menos que lhe diga, Sr. Head. Isto é mais inocente do que parece.”

O Sr. Head olhou Chip de cima a baixo. Vocês têm consciência de que, segundo as regras, não podem sair do recinto da escola. Ou não têm?”

“Temos, sim, senhor”, respondeu Chip.

“Ele é novo na escola. E eu precisava de falar com ele em privado. Não é preciso dizer ao meu pai.”

“Quanto a si, o seu pai decidirá o que fazer. Afinal, é dele que você é filha. Quanto a este jovem, espero eu que não seja seu parente. Além disso, admitiu que conhecia as nossas regras da escola.”

“O Neame já não gosta dele e ele é um aluno de 20! Vá lá, sabe como é o Stewart Neame.”

O Sr. Head riu-se.

“O meu pai não tem sequer de saber disto. Não faz ideia do que ia provocar.”

Chip nunca vira Ticia a suplicar.

“Parece-me que você é que não faz ideia do que *já* provocou”, disse o professor. Virou costas e indicou o caminho através da brecha. “Vamos.”

Ao sair de cima de Chip, Ticia inclinou-se sobre o ombro dele e disse-lhe ao ouvido “Eu tenho noção do que provoquei.” Pôs-se a trote seguindo o professor.

Não havia nada a fazer. Chip pôs-se a andar atrás do professor em direção ao gabinete. Como que ávido da sua indiferença, Chip finalmente alcançara o tão desejado ar de miúdo duro, displicente, descontraído. Sacudiu a perna dentro dos seus *jeans*, adaptando-se a essa persona à medida que caminhava.

Ticia semicerrou-lhe os seus olhos azuis enquanto andavam. Um pedido de desculpas silencioso na sua marcha incendiária, qual Sininho de manganésio.

Mas uma vez o fogo aceso, aceso estava. Chip encolheu os ombros, como quem já estivera em piores lençóis, como quem soubesse lidar com a situação, como quem fosse um homem, como quem pudesse resolver tudo aquilo e muito mais. Chip poderia ser suspenso, expulso, macular o seu registo escolar para sempre. Mas, independentemente do que acontecesse, *valeria a pena*.

Capítulo 44

Carolann tirou da máquina de lavar um monte de camisas do seu pai e pendurou-as em cabides plásticos. Perguntou-se quando teria Cyrus analisado pela última vez o diferencial de custo entre secar a roupa na linha e secar a roupa numa máquina eficiente. As declarações do seu pai raramente eram postas em causa. E ele provavelmente teria razão – uma máquina de secar era um sugador de energia.

Os exames não haviam ainda trazido notícias concretas sobre o seu estado de saúde, embora, sempre que se falasse em dar-lhe alta, Cyrus ficasse com uma dor repentina ou com falta de ar. Acima de tudo, parecia que Barbara Ann é que estava com algum problema. E com uma vontade especial de não cuidar da sua própria casa. Carolann estava no Kansas há doze dias. Enchera os congeladores de refeições caseiras que cozinhara para os seus pais. Lavara os cortinados, desentupira os esgotos e reparara os radiadores. Zelosamente, confirmara que os valores da tensão arterial do seu pai correspondiam aos valores registados pelo pessoal do hospital.

Pouco mais havia que pudesse fazer para ajudar e não tinha dúvidas de que iria regressar no voo programado. Se Lyn a aceitasse depois das difíceis verdades que revelara, Carolann quereria ficar com ele em Inglaterra. Tratava-se de uma conclusão totalmente inesperada. Se Lyn a aceitasse.

Maryann entrou na lavandaria dos seus pais, mão na anca, e ficou a observar a irmã. “Eu até ia fazer isso”, disse ela. “Mas não sou tão rápida como tu.”

“Foi para isto que me pediste para vir de Inglaterra?”

“Pensei que, nesta altura, já me tivesses arranjado umas peças para a loja. Desde o Natal que tenho pouca coisa.”

“Não ando à procura de coisas para a tua loja.”

“Já dei por isso.”

“Se queres que compre coisas para a tua loja, tens de mo dizer.”

“Como se comprasses. Mas *afinal* o que é que tu fazes todo o dia?”

Com um estalo, Carolann tentou tirar os vincos de uma camisa.

"Bom, não te andas a esforçar como uma parva pelo teu rapazinho maravilha. Não tens experiência em ensino, por isso não é graças a ti que ele é o menino perfeito."

Carolann não queria que a irmã falasse de Chip. "Encontrei milhares de coisas azuis e brancas, se é isso que queres."

"E estavam em perfeitas condições? Será que sabes sequer o que isso é?" Maryann agarrou numa das camisas que Carolann acabara de estender e puxou-lhe as mangas amarrotadas. "Como sempre, Carolann, não percebes qual é o problema."

"A minha missão é encontrar a jarra. E pensei que me tivessem dito para vir aqui porque o estado de saúde do nosso pai é grave. Eu sou enfermeira."

"Queres vê-lo no seu leito de morte?", zombou Maryann. "Com um melanoma e problemas nos rins? Com um aneurisma? Era assim que ficavas feliz?"

"Não."

"Paragem cardíaca? Queres ver o Papá num caixão?"

"Não seja tonta."

"A sério, Carolann, eles só falam de ti, de como és maravilhosa... tinhas de vir cá, caraças! E eu sou só uma porra de uma triste, de uma gorda."

Carolann olhou para a sua irmã. Maryann tinha, de facto, engordado. E desde quando é que dizia tantas obscenidades?

"A Carolann isto e a Carolann aquilo." Maryann pressionou o tampo metálico da máquina de lavar até ele ceder e estalar. "Os colarinhos das minhas camisas nunca estão tão bem engomados como os teus. Nunca consigo fazer uma lasanha como a tua."

"Desde quando é que eles comem lasanha?"

"Desde o dia de São Nunca à tarde, ora foda-se! Estou farta de conduzir durante uma hora para chegar aqui e ouvi-los dizer que não chego aos teus calcanhares."

"Tu é que és a primogénita, sempre foste a privilegiada. Melhor do que eu em tudo."

Maryann encolheu os ombros. "Eu invejava-te. Era tudo mais fácil para ti. Não havia expectativas."

“Mas eles pagaram-te a faculdade. As atividades de verão. A colónia de *cheerleaders*. O casamento.” Carolann ouviu a sua voz a fraquejar.

“Sim, eu fiquei com o Buck. Mas tu tens o teu dinheiro. A tua independência.” A sua voz começou a definhar. “Não suporto a inveja que tenho de ti.”

“O negócio do Buck é estável. Tens uma casa linda. A tua loja...”

“O Buck é uma porra de uma carga de trabalhos. Sempre foi. Andei a conter-me, a ter de provar a merda do meu valor. Deixei-o dar em cima de outras gajas no secundário. Vadias.”

“Isso foi há muito tempo. A vida não é isso.”

“A vida *é* isso mesmo, foda-se. Sempre que eu o recusava, a Mamã dizia que era uma prova do *nosso* valor. Tu deves ter sido a única que não teve de o recusar. Ele não gostava de ti por causa do teu cabelo e das tuas sardas. E tu sempre foste esquisita e magrinha e...”

“Já chega”, disse Carolann.

“A questão é que, mesmo que tivesses nascido primeiro, mesmo que a Mamã e o Papá te tivessem prometido o casamento e as propinas e tudo isso, o Buck não ia gostar de ti. Mas eu invejo-te mesmo assim. Tiveste escolhas.”

Carolann respirou fundo. “Porque deixaste que ele fizesse o que fez?”

“Um homem tem necessidades.”

Carolann abanou a cabeça.

“Ele contou-me sempre, de todas as vezes.” Maryann sorriu. “Falou-me de todas as vadias que se apaixonaram por ele. A Melissa Brown, que tinha pêlo nas mamas.”

“Essa não era aquela snob de Chicago?”, perguntou Carolann.

Maryann continuou. “A Grace Edwards. A Becky Prestou. Essa tinha um sinal de nascença no cu.”

“A Grace Edwards?”, repetiu Carolann.

“Pensavam todas que eram as primeiras, as putas estúpidas.”

Carolann levantou o sobrolho.

“Mas ele estava só a praticar para o nosso casamento. E eu andei a aguentar-me. Não por causa de Deus ou da Mamã ou do Papá. Mas por causa do Buck. Porque queria merecê-lo.”

“Uau.” Também no casamento da irmã, o marido era mais importante do que Deus. Era de família, pelos vistos.

“Todos sabiam menos tu”, desdenhou Maryann. “Até no carro ele andou a comer uma vadia dessas. No Buick. E pensavas tu que o Buck era o menino de ouro.”

“Não”, ripostou Carolann. “Eu sabia.”

Subitamente, Maryann calou-se, observando a sua irmã gémea.

A forma como Carolann escolheria responder à pergunta da sua irmã, ou não responder, dar-lhe-ia poder.

Maryann esperou, mas Carolann manteve-se em silêncio.

“Enfim, a Mamã tinha razão.”

Carolann anuiu. Estava ansiosa por regressar a Inglaterra. No Kansas, facilmente confundiam preocupações insignificantes com problemas sérios e Carolann não via a hora de pôr tudo isso para trás das costas.

“Mas eles precisam de nós, agora mais do que nunca. A Mamã e o Papá. Tens de voltar para aqui.”

“Sinto-me honrada por eles gostarem da forma como engomo as camisas, mas...”

“Como queiras”, disparou Maryann. “Eu percebo. Se eles te tivessem tratado como me têm tratado a mim ultimamente, havias de estar a isto de cortar os pulsos.” Levantou os dedos, com as suas unhas acrílicas cor de rosa, quase tocando com o polegar no indicador.

“O suicídio é pecado.”

“Sim, sim.” Maryann dobrou os dedos imitando uma arma e simulou um disparo na têmpora. “Mas afinal porque lhes estamos a lavar a roupa? Eles deviam contratar alguém para isso, só que o nosso pai é demasiado forreta. Não sei como é que ela o atura.”

“Votos de casamento”, disse Carolann. “Já não te lembras da tua religião? Liga para o teu próprio atendedor de chamadas de vez em quando.”

“Essa porra está avariada. Votos de casamento! Olha lá, não achas que já podíamos ter pago à Sr.ª Maluquinha pela jarra – que simbolizava esses votos de casamento ou lá o que era – há mil anos? As pessoas não se deviam apegar às coisas dessa forma. Foi um favor que lhe fizemos, destruir aquela porcaria.”

“Não sei se é essa a opinião dela.”

“‘Tás a gozar? Ela esqueceu essa dívida há seculos.”

“E o pai acredita nisso?”

“Devia. A mãe e a maluquinha discutiram o assunto mesmo antes do teu casamento. Devias estar muito *gagá* para reparar...”

“Não. Eu sabia que a Edith Heaney me tinha ido levado um presente e que a mãe a tinha mandado embora. Nunca sequer soube o que era o presente.”

“Mas isso não interessa porra nenhuma. Devia ser uma porcaria de uma moldura horrível. A Mamã fechou-lhe a porta na cara e o assunto ficou encerrado, como era preciso.”

“Quer dizer, se eu encontrasse a jarra perfeita, nós nem sequer lha íamos dar?”

“Ela deve ter uns noventa e oito anos.”

“Mas e as tuas listas de vendedores? E os relatórios? Serviam só para dar algum conforto ao pai? O objetivo não era pagar a dívida? Cotswolds, Petsworth, Stoke-on-Trent.”

“Ainda bem que estás a gostar das tuas viagens exóticas. Eu lá vou aguentando o barco aqui no cu de Judas, enquanto tu vais saltitando de cidade em cidade para fazer *reiki* com a tua vizinha hippie e para ir a festas em jardins com a rainha.”

“Não sabes o que dizes.” Carolann ouviu o seu coração a esmurrar o peito, imaginando o pequeno carro de Rowan a enfiar-se entre as sebes de West Country a toda a velocidade. Viu-se ainda metida no metropolitano, trinta metros abaixo de Londres, juntamente com lixo e ratos e loucos resmungões e declarações incompreensíveis sobre bombas e evacuações.

Maryann continuou. “Tu não tens mesmo jeito nenhum para o negócio. Eu vendia aquela jarra filha da puta pelo triplo do preço. No mínimo. E tenho clientes. Pelo menos consegui uma boa carteira de clientes graças àquela porcaria.”

Carolann virou-lhe as costas e pendurou a última camisa do seu pai. “Ainda estamos em dívida para com a Sr.ª Heaney”, disse. “Nunca lhe pedimos desculpa sequer.”

“Pedir desculpa? Tu sabes porque é que ela se passou?”

“Nós destruímos um objeto de grande valor para ela.” Toda a gente no estado do Kansas sabia da história.

“Isso trouxe-lhe outras recordações...” Maryann juntou os lábios, pressionando-os. O seu batom de canela e maçã tinha um ar pegajoso. Normalmente, as mulheres inglesas usavam batons de cores mais suaves e Carolann percebeu que preferia essa subtileza.

“Ela era uma bomba-relógio. Estava prestes a explodir”, continuou Maryann. “Stress pós-traumático ou lá o que era. Tu é que és a enfermeira... como é essa maluquice que faz os soldados saltarem de prédios ou disparar para as pessoas nos centros comerciais? A maluquinha falou com a Mamã sobre Inglaterra e a guerra e esses homens.”

“Que homens?”

“Os homens que a violaram ou assim. Ou o homem.” Maryann abanou a cabeça. “Não sei. Foi durante a guerra. Coisas horríveis.”

“Nunca soube de nada disso. Havia soldados americanos lá, homens decentes, e foi assim que ela conheceu o Sedgewick Heaney, que ela amava.”

Maryann abanou a cabeça. “Talvez amasse, mas ela era desequilibrada. Era *mercadoria danificada*. Hás de perguntar à Mamã porque é que a velhota maluca fugiu de casa para se casar com o namoradinho. Isso é pecado.”

“Mexericar também é pecado”, disse Carolann. “Além disso, nós é que inventámos uma boa parte das histórias sobre a Edith Heaney. Devíamos ir pedir desculpa já.”

“Tu é que partiste a coisa.”

“Eu e tu.”

“Não posso ir”, recusou-se Maryann. “O Buck vem cedo para casa. E a Mamã não ia gostar. Liga para o hospital e diz-lhe. O Papá há de ter o aneurisma que tu tanto queres que ele tenha.”

“A nossa vizinha merece um pedido de desculpas.”

“Não vás remexer no assunto, Carolann. Ela trancou-nos no laboratório, a Mamã salvou-nos e no tribunal não se conseguiu provar nada. Por isso, esquece esse assunto.”

Carolann olhou para a sua irmã. *Nada será provado*. Aquando da morte do bebé Ryan, Maryann telefonara para Paul Mayer, um amigo que Buck fizera no futebol e que virara polícia. Paul foi a casa de Carolann fazer-lhe umas perguntas... não ligara a sirene, mas acendera as luzes... vermelho, azul, vermelho, azul... deixara-as

rodar naquele crepúsculo de estanho, enquanto falavam na entrada, para que todos vissem. Eventualmente, Paul disse a Buck e a Maryann: “Não vão para a frente com isso. Nada será provado.”

Mas corriam rumores. As pessoas calavam-se quando Carolann entrava na merceria, examinavam os filmes que ela alugava no clube de vídeo, afastavam-se dela no parque enquanto Chip brincava. Na escola, uma menina dissera a Chip que a sua mãe matava bebés. Felizmente, já nessa altura Chip sabia que Carolann Cooper era uma mulher forte e com princípios morais. E foi isso que ele disse aos colegas.

“Não digas que não te avisei”, alertou então Maryann.

Seguindo a irmã, Carolann saiu da casa dos pais para a tarde fria. Olhou para a casa da vizinha. Continuava bem pintada.

Maryann entrou no carro, bateu com a porta e baixou o vidro. O tubo de escape bombeava uma fumarada cinzenta. “Se trazes contigo uma lista de traições e pedidos de desculpas, então, lamento, mas não vou ficar para ouvir o meu.” Maryann deu uma gargalhada barulhenta, como uma hiena, recolheu a cabeça para dentro do carro e partiu.

Capítulo 45

Lyn marcou o número de telemóvel da sua esposa pela terceira vez em dez minutos. Embora não tivesse ainda ensaiado com êxito a forma como lhe iria dar as más notícias, queria falar diretamente com Carolann. Suspensão, registo escolar manchado, maturidade florescente desequilibrada por interesse pouco saudável por raparigas. Ou rapariga. Agora é que Carolann se oporia mesmo à renovação do contrato. E em relação a Chip, estava totalmente certa.

Pior do que isso, Chip parecia sentir-se orgulhoso. Ele baixava a cabeça e desculpava-se, mas depois Lyn apanhava-o a pavonear-se. Afinal o que se passava com o rapaz? Apanhado fora da escola a beijar uma rapariga. Chip nunca dera qualquer indício de que poderia comportar-se de tal forma. Mais uma vez, Lyn ligou para o telemóvel de Carolann e a chamada foi parar ao correio de voz.

Carolann estaria provavelmente no hospital a dar atenção aos sintomas inventados pelo seu pai. O sogro de Lyn poderia nunca ter estado realmente doente, mas, se soubesse o que Lyn andava a gastar em chamadas internacionais, o mais provável seria bater as botas.

Do quarto de Chip veio um enorme estrondo, mas o filho de Lyn logo baixou o volume da música. *Rap*, como habitual. Talvez Lyn devesse banir esse tipo de música. Nunca havia tido em sua casa um miúdo que tivesse sido suspenso. Ele próprio nunca havia sido suspenso. Então o que fazer? Carolann também nunca se havia metido em confusões na escola, pelo que, tal como Lyn, não saberia o que fazer. E o facto de estar noutro país também não ajudava.

Lyn olhou para o teclado do seu telefone. Haviam passado vinte segundos desde a última vez que lhe ligara. Talvez devesse ir ao quarto de Chip deixar-lhe um comentário sarcástico – isto é, pôr o rapazinho no seu lugar – ou repreendê-lo abertamente. Ou não? Chip não era uma criança a testar os palavrões que ouvira várias vezes. Chip aproximava-se a passos largos da maioridade. Precisava desesperadamente de quem o guiasse.

E Lyn precisava de saber o que se passava na cabeça do seu filho. Ou do filho de Buck. Isso explicaria as decisões erradas tomadas por Chip. Ticia fora a primeira rapariga a despertar a sua atenção e, a partir desse momento, Chip revelara-se filho de Buck. A sua libido ávida, arriscada, hiperativa... era disso que Chip era feito. Dessa libido que quase custara a Buck o seu casamento. E que, direta ou indiretamente, lhe custara um filho. Seria também esse o futuro de Chip?

Lyn massajou a cabeça. Por vezes, Carolann acusava-o de pensar demais. De deixar que as preocupações e os ciúmes o dominassem. Talvez, neste caso em particular, ela tivesse razão. Muitos homens de sucesso haviam sido suspensos, expulsos até. Ou haviam desistido de estudar. Muitos nem haviam chegado à universidade. Toda a gente descobre o seu próprio caminho para o sucesso e para o fracasso, independentemente dos planos feitos pelos seus pais.

Chip não iria necessariamente transformar-se num Buck. Mas pelo menos Buck tinha boas mãos. Buck e as suas mãos maravilhosas estariam provavelmente a poucos minutos de Carolann naquele preciso momento. Talvez estivessem no mesmo quarto. Lyn tinha mesmo de falar com a sua mulher. E tinha mesmo de a trazer para casa.

Capítulo 46

Carolann caminhou até à entrada de cascalho da casa de Edith Heaney, como as gémeas costumavam fazer todas as quintas-feiras à tarde, quando eram crianças. A entrada era mais pequena do que Carolann se lembrava.

Uma corajosa planta de açafrão atrevera-se a florescer – era roxa, daquele roxo cruel que a fazia sentir o cheiro de alcaçuz – e várias outras plantas testavam o ar com as suas folhas. Carolann enrolou os dedos no tecido fino que forrava os seus bolsos e observou o vapor da sua respiração a voar no ar frio. Seria bom conversar finalmente com Edith Heaney. Havia muito para dizer também à sua irmã, mas Carolann sabia que essas conversas de pouco serviriam. A verdade, na sua essência, tinha de ser cuidadosamente pesada antes de ser proferida.

Uns anos antes, Carolann teria descrito a casa dos Heaney como *imponente*. Agora via-a como uma quintazinha quadrada típica do Kansas, com um teto e umas janelas e tinta desbotada. Seria possível que tivesse saído dali há apenas alguns meses? Evidentemente, era a distância, mais do que o próprio tempo, que fazia com que as pessoas mudassem de perspetiva.

Tocou à campainha e, alguns minutos depois, abriu-se uma fresta ao ranger da porta. Uma senhora idosa olhou de esguelha para a rua. “Sim?”

“Sr.ª Heaney? Sou a Carolann Field, que morava aqui ao lado. Carolann Cooper agora.” Um cheiro carcomido, reciclado, escapou de dentro de casa, como um velho aspirador a precisar de um novo saco. Pó e fatiga e ambientador floral. Era um odor genuíno. “Sou uma das gémeas da casa ao lado.”

“Eu sei quem és.”

“Eu... vivo em Inglaterra agora.”

“Já ouvi dizer. Está tudo bem? Os teus pais estão bem?”

“O meu pai está no hospital, por isso é que voltei. Sou enfermeira, não sei se sabe. Mas parece que ele vai ficar bem.”

“Estou a ver.” Edith abriu a porta mais um centímetro.

O cheiro tanto era rançoso, como doce. Novelos de lã já velha, talvez, e mofo. “Acho que moramos a poucas horas do sítio onde cresceu, em Devon. Foi lá que nasceu?”

Edith ficou prostrada a olhar para Carolann. “Isso foi há muito tempo”, murmurou ela. Finalmente, abriu um pouco mais a porta, deu um passo em frente e tocou no rosto de Carolann. “Condiz contigo”. Sorriu. “Uma rosa inglesa.”

Carolann não esperava aquela reação. A mão ressequida de Edith, como ossos reduzidos a pó, na sua face. Edith baixou a mão ao encontro da de Carolann e puxou-a para dentro de casa. O cheiro era forte, mas a casa estava imaculada. Carolann sentou-se no sofá florido de Edith. “É só por um ano, mas estou a começar a acomodar-me”, disse. “Talvez fique mais tempo.”

“Às vezes acontece”, suspirou Edith. Passou a mão enrugada pelo *napperon* já puído que cobria o braço do sofá. As veias das suas mãos sobressaíam, orgulhosas e vulneráveis, como pequenos tubos roxos, na sua pele fina e delicada, sarapintada de um bege rosado.

Carolann esperava que nunca fosse preciso enfiar um tubo nas veias daquela mão tão frágil. “Imagino que não tenha lá voltado muitas vezes”, disse.

“Duas vezes”, respondeu Edith. “Quando a minha mãe morreu, que Deus a tenha, e quando morreu o meu pai. Devia ter ido quando ainda estavam vivos. Os funerais são sempre uma confusão. E o morto nunca o vai poder apreciar. Os vizinhos tiveram de me alojar em cima da hora. Se ficares a viver no estrangeiro, vem a casa mais vezes. É o meu conselho.”

Carolann anuiu.

“O interior de Inglaterra é lindo na primavera. Acho que é esse o meu outro conselho. Arranja tempo para o visitar. Eu vivia lá perto. É uma preciosidade.”

“Foi difícil para si mudar-se para cá?”, perguntou Carolann. “Hoje em dia, deve ser mais fácil ir viver para o estrangeiro, com tanta tecnologia. A senhora foi muito corajosa. E o Sr. Heaney devia ser um homem maravilhoso.”

“Era um bom partido.” Edith sorriu. “Tenho vivido com a ideia de que sou de lá e não daqui. O meu outro *eu*, o meu *eu* inglês, define-

me aqui, embora eu já quase nem saiba o que significa ser inglês. Seria tão estrangeira lá como o sou cá. Em alguns aspetos, mais ainda. Até já devo ter um sotaque americano. Não foi esta a vida que imaginei para mim. Mas podes ter a certeza, ele valia a pena."

Carolann sorriu. A Sr.ª Heaney era, de facto, diferente das pessoas em Inglaterra. Mas era também muito diferente dos americanos.

"Há muito tempo que aceitei esse outro *eu*. É como uma velha camisola de que gostamos muito e que usamos todos os dias. Mesmo quando ninguém a vê, ela está lá, junto à minha pele." A velha senhora olhou pela janela, para a casa onde Carolann passara a sua juventude.

"Lamento o que aconteceu entre nós", disse Carolann. "Com a minha família. Foi isso que vim aqui dizer-lhe."

Edith olhou atentamente para Carolann.

"Peço desculpa por termos partido aquela jarra e pela forma como nos comportámos, eu e a minha irmã. E os meus pais. E a polícia. E por tudo."

Edith assentiu. O seu olhar era penetrante e nítido.

"A minha mãe disse que, mais tarde, as coisas descarrilaram."

"Eu gostava tanto de vocês. De ambas, apesar de..."

"Foi o medo", disse Carolann. "Tivemos medo. E depois os nossos pais tiveram medo. E então o medo levou a melhor."

"Tu eras uma menina muito querida. Esperta e talentosa. Eras muito diferente da tua irmã. Mas a tua mãe não via isso e eu..."

"Eles queriam rapazes." Carolann fitou Edith Heaney. "Eu fui a segunda a nascer e as raparigas saem caro."

"O que temos é aquilo que Nosso Senhor nos dá", disse Edith. "E devemos dar valor ao que temos. Foi um erro meu, claro, dizer aquilo à tua mãe."

"Não, acho que foi... só agora fiquei a saber que... havia uma parte do seu passado que assustava os meus pais. Alguma coisa que aconteceu em Inglaterra. Nós partimos a jarra e alguma coisa..."

"A tua irmã é que a partiu. E a tua mãe nunca aceitou que fosse essa a verdade."

Carolann olhou para a Sr.ª Heaney. "Mas o seu passado... passou maus momentos durante a guerra, não passou? Não.

Esqueça que lhe perguntei isso. Não tenho nada a ver com a sua vida pessoal. Vim aqui pedir-lhe desculpa.” Carolann não sabia o que dizer, nem o que calar. A verdade era tão traiçoeira. Como poderia ela alguma vez encontrar as palavras certas para falar com Lyn? “E também queria dizer-lhe que ainda estou à procura de uma jarra para substituir a que partimos. Eu sei que aquela era a melhor do género. Mas se houver alguma em Inglaterra, eu espero encontrá-la.”

“Minha querida, isso não tem importância. A minha mãe deu-me aquela jarra antes de eu sair do país com o Sedgewick, depois de casarmos. Na primavera, ela punha sempre as flores de colza, do campo do meu pai, naquela jarra. Eu adorava aqueles campos amarelos. Foram esses campos que me levaram ao Sedge. Eu era a única filha dela, percebes? Foi um gesto lindo. Para mim, era esse o valor daquela jarra. Tentei explicar isso à tua mãe, tentei explicar porque reagi daquela forma quando a tua irmã a partiu, mas ela nem quis ouvir. Mas que passado?”

“Lamento tudo isso. A forma como a minha família reagiu.”

“O Sedge estava a trabalhar com o meu pai. Aliás, na nossa quinta, trabalhavam vários soldados americanos. Eles achavam que a produção de óleo alimentar podia dar bom lucro ao Kansas. O Sedgewick era esperto. Ele estava certo em relação ao clima. A Universidade do Kansas soube utilizar a pesquisa que ele fez – ele e o meu pai. Esse trabalho continua a ser feito hoje em dia. A tua mãe sabe disto tudo. O teu pai tratava das nossas finanças. Como tu bem sabes, o meu marido tinha um laboratório. A Barbara Ann sabia de tudo. Eu prezava muito a amizade que tinha com a tua mãe. Foi uma pena.”

Carolann estremeceu. Todas as crianças sabiam que a velha maluquinha tinha um laboratório. Mas muitas nem sabiam o verdadeiro nome dela. “Tem ódio à minha mãe?”, perguntou Carolann. Nutrir ódio à mãe de alguém parecia só poder ser o privilégio ou o fardo dos seus próprios filhos e de mais ninguém.

“Claro que não.” Edith encolheu os ombros. “O ódio tira-nos dias de vida. E eu sei lá quantos tenho pela frente. Penso na tua mãe agora e lembro-me de que o seu único neto está tão longe. Deve ser difícil para um pai aceitar que os filhos crescem e vão à sua vida.”

Carolann assentiu. Evidentemente, Edith fora também essa criança que crescera e continuara a sua vida. E provavelmente saberia alguma coisa sobre o outro neto de Barbara Ann. A cidade era pequena... mas, mesmo assim, havia tantas inverdades, tantas camadas de falsidades e de mal-entendidos entrelaçadas na sua malha.

"Às vezes pergunto-me se criticar o filho de uma mulher, ou a forma como ela está a educar os seus filhos, não será o que de mais ofensivo e doloroso uma mãe pode ouvir. Deve criar uma ferida muito profunda", rematou Edith.

"Uma mãe faz sempre o melhor que pode, imagino eu." Carolann lembrou-se da longa e abrangente lista de preocupações que Maryann fizera, ao longo dos anos, sobre Chip e a forma como ele estava a ser educado. Todas essas preocupações levaram Carolann a dedicar-se a pesquisas secretas e exaustivas. Autismo, hiperatividade, alergias, perturbações emocionais, sociopatia, infeções na garganta, má utilização do fio dental. Inteligência a mais.

"Eu disse à tua mãe que era um erro favorecer uma gémea em detrimento da outra. Eu tinha a certeza de quem tinha partido a jarra e de quem tinha mentido sobre isso."

"Ambas mentimos", admitiu Carolann calmamente.

"Os teus pais favoreceram a tua irmã. Até àquele dia, não me cabia a mim dizê-lo." Edith encolheu os ombros. "Mas não fazia ideia de que ia sair tão caro."

Carolann acenou, subjugada. Sentia-se grata e justamente defendida, mas era esmagador aperceber-se de que, de facto, existira um desequilíbrio na sua casa, na sua educação. Até a Sr.ª Heaney dera por ele.

Carolann queria saber que mais havia a Sr.ª Heaney observado. Afinal a velhota maluquinha podia até ser bem mais sensata do que se pensava. Ela bem podia ter a chave para a realidade, recuando no tempo para poder olhar para o futuro. Se Carolann se atrevesse a pedir-lhe conselhos, dir-lhe-ia ela que Carolann revelasse toda a verdade a Lyn naquele momento? Deveria Carolann falar das suas preocupações – mesmo das possivelmente infundadas? Que tipo de casamento proibiria uma mulher de se preocupar em voz alta? Que

tipo de marido exigiria que se mantivessem as falsidades polidas da vida do casal?

Carolann precisava de um sinal, de algo que lhe dissesse como proceder. Se realmente houvesse um Deus lá em cima, ele que lhe dissesse o que fazer. Obviamente, Deus estava lá. Carolann sabia que sim. Estava pronta para ouvir as Suas respostas. E não estava a confundir a sabedoria da velha maluquinha com a verdade de Deus. Mas porque é que ele não lhe dava respostas?

A Sr.ª Heaney interrompeu a linha de raciocínio de Carolann. “Minha querida menina, fizeste muito bem em vir aqui hoje. De uma forma ou de outra, eu sabia que vinhas. Ou esperava que viesses. Tentei ir ver-te no dia do teu casamento, de manhã, lembras-te?”

Carolann assentiu.

“Meu Deus, já foi há tanto tempo. Agora tens em casa um adolescente. Deves ter muito orgulho nele. Eu suspeitei que, lá no fundo, um dia, tu ias querer conversar comigo. A paciência é a chave para a maior parte dos nossos desejos. Passaram muitos anos, mas tu continuas adorável como sempre, Carolann. Obrigada, querida menina. Era apenas uma questão de tempo.”

Capítulo 47

Chip sentiu novamente a presença do seu pai à porta do quarto e, ao virar-se, viu Lyn especado, de mão na anca. Uma postura quase feminina, como se estivesse a tentar desempenhar dois papéis ao mesmo tempo. O de pai e o de mãe. Lyn parecia precisar da sua esposa. Até àquele momento, Chip nunca sentira pena do seu pai. Tudo era confuso.

Lyn transferiu o seu peso para o outro lado. “Se escreveres um pedido de desculpas formal ao conselho executivo, pode ser que eles limpem o teu registo. Deve ser mais eficaz do que um pedido verbal.”

“Até podia fazer isso, mas não quero parecer falso. Demasiado americano. Com falsos remorsos. Talvez devesse fazer o pedido verbal. Dirigir-me ao conselho executivo?” Tudo aquilo lhe parecia muito oficial e bem-intencionado, a ideia de *dirigir-se ao conselho executivo*.

“Dentro de uma hora a tua está em casa, se não se atrasar. Vamos ver qual a opinião dela.” Lyn enfiou as mãos nos bolsos e, com elas, empurrou para fora as pregas das suas calças cáqui. Desapareceu na casa.

Chip tinha mais um dia de suspensão. O seu pai começava a repetir-se. Pelo menos quando Carolann chegasse do Kansas traria novas preocupações. Talvez até lágrimas e gritos. Novas culpas e novos remorsos. E então pediria a intervenção divina. Mas Chip não se arrependia. Deitou-se na cama por fazer e pensou nos lábios de Ticia. E na língua dela. Teria de limpar o quarto antes que a mãe chegasse. Examinou-o. Não demoraria mais de dez minutos.

Mas afinal o que se passava com Ticia? Chip recebera um email dela avisando-o de que não podia falar nem enviar mensagens nem fazer sinais de fumo. A mãe estava a perder a cabeça: ligava constantemente para a sua irmã psiquiatra e inventava novas regras para família. Mas se Ticia conseguira enviar uma mensagem, porque não enviara mais? Apenas para dizer a Chip que não se arrependia, ou que se arrependia, ou que se arrependia de parte, ou que não se arrependia de nada, exceto da parte em que haviam

sido apanhados. Talvez pensasse que Chip era patético. Demasiado jovem.

Tentou livrar-se da paranóia. Chip e Ticia partilhavam uma ligação única, muito além do que se passara atrás dos contentores da reciclagem. Mesmo assim, uma simples mensagem dela poderia ajudá-lo. Levantou-se e olhou-se ao espelho. Não parecia um rapaz que tivesse beijado Ticia Olague, mas *era*. Portanto, tinha todo o direito de parecer esse rapaz. E, se eles não tivessem sido apanhados, ele teria sido um rapaz que fizera mais do que beijá-la. Ticia não lhe teria saltado para o colo se não quisesse ir mais longe.

Tirou da gaveta um lenço preto – um presente inesperado, e comprado por impulso, que Ticia lhe trouxera de Kingston quando soube de que tipo de música Chip gostava. Amarrou o lenço à cabeça uma e outra vez. Vestiu uma camisola com capuz e pôs ao pescoço uma corrente que tirara da loja de antiguidades da sua Tia Maryann. Era grossa e banhada a ouro. Trazia um pendente com uma grande margarida, que Chip arrancara com um alicate.

Riu-se de si mesmo. O avô de Chip aplaudiria a sua criatividade. Bem como o Clube Ambiental da escola. *Reduzir, reutilizar, reciclar*! Mas, naquele dia, Chip não estava com grande disposição para clubes escolares. Ticia Olague! Puxou para baixo as calças de ganga, até às ancas, para que os seus boxers aparecessem, e lembrou-se da sua mão por dentro da blusa de Ticia, as ancas dela mesmo em cima dele, e da língua dela. Pela milésima vez, teria de esfriar os seus pensamentos para evitar uma ereção crescente.

Mesmo que ela não lhe enviasse uma mensagem, Chip saberia facilmente quando e onde encontrá-la na escola. Porque estaria ela a evitá-lo? Não poderia estar arrependida.

A campainha tocou. Chip ouviu o pai a descer as escadas. A sua mãe avisara-os de que, às vezes, apareciam pessoas para vender produtos de limpeza ou para repavimentar a entrada. Ciganos, de acordo com Rowan. Chip nunca vira um cigano na vida. Talvez uma bola de cristal pudesse revelar os pensamentos de Ticia.

Percebeu que Lyn se atrapalhava com a fechadura. Por um instante, Chip sentiu-se mal por o seu pai ter usado dias de folga para ficar em casa com ele. Mas o tipo no espelho não parecia alguém que se preocupasse com a carreira do seu pai ou que se

sentisse mal pelo que quer que fosse. Chip fez uma expressão carrancuda.

“Onde é que ele está?” Era a voz de uma mulher, zangada e estrondosa. Não era com certeza uma cigana a vender esponjas para lavar a louça. “Ele saiu? Está suspenso da escola e você deixou-o sair?”

Chip ficou petrificado, pois era o único outro “ele” naquela casa. E a única pessoa “suspensa”.

A mulher levantou a voz. “Foi encontrar-se com o seu traficante? Vandalizar carros? Quantas raparigas é que ele anda a comer?”

“Espere um minuto”, a voz profunda de Lyn assumiu o controlo. “Acho que se enganou.”

“Você não é o Lyn Cooper?”

Chip correu escadas abaixo. Parou antes de chegar ao fim. Não havia dúvidas sobre a entidade daquela mulher. Era igualzinha a Ticia. Os mesmos olhos azuis e o mesmo cabelo preto. Lara Olague.

“Tu!” Apontou para Chip com um retângulo na mão. Uma cassete de vídeo...

Num ápice, Chip tirou o lenço da cabeça e puxou as calças para cima. Queria aproximar-se para lhe dar um aperto de mão. Seria a atitude mais adequada, só que agora tinha o lenço na mão.

A Sr.ª Olague abanou a cassete que trazia consigo. “Isto é culpa tua! Vocês nunca pensam nas consequências. A Ticia foi-se, percebes? Sabes o que são consequências sequer?”

“Foi-se?” A voz de Chip fraquejou. “Foi para onde?” Eles ainda tinham assuntos por resolver. Chip sentiu o seu corpo tremer, começando pelos joelhos. “O que quer dizer com *vocês*?”

“Con-se-quên-ci-as!” Lara Olague gritou cada sílaba.

“Não quer entrar?” Lyn esticou o braço num gesto grandioso.

Lara Olague bateu violentamente com a cassete na sua mão. “Não, não quero entrar. É demasiado tarde para ter aquilo que eu quero. Eu queria que a minha filha maravilhosa nunca tivesse conhecido este rapaz. Tu sabias o que ela andava a fazer, estavas a incentivá-la! As drogas, os vídeos, as experiências...”

“O quê?” Chip abanou a cabeça. “Não!” A única experiência de que ele tinha conhecimento envolvia o ADN do seu pai – um dos

tópicos da lista de assuntos por resolver.

"Tu sabias que ela estava a filmar-se!" Chip não compreendia nada do que a Sr.ª Olague estava a dizer. "Ou foste tu que filmaste?"

"O quê? Ela o quê?", gritou Chip, baixando a voz logo em seguida. Enfiou o lenço preto no bolso. "Não estou a perceber o que ela fez. Ela está bem?" Chip pensou nas fotos que a encorajara a tirar para Andrew. Talvez ela tivesse feito mais do que tirar fotos. O seu corpo enrijeceu com a adrenalina de pensamentos perigosos. Mas porque seria isso culpa de Chip? Porque haveria a Sr.ª Olague de levar o vídeo lá a casa? Seria para deixá-lo com Chip?

"E pensar que a tua mãe se candidatou a enfermeira na escola." A Sr.ª Olague sorriu desdenhosamente. "É revoltante."

"Candidatou-se?" Lyn limpou a garganta. "Bom, a Carolann é uma excelente enfermeira. O currículo dela é impecável."

"Para administrar a nova vacina da meningite e trabalhar no programa de sensibilização contra as drogas no ensino secundário. A ironia mata-me."

"Quando foi a entrevista?" Lyn parecia emperrado na linha de raciocínio errada.

"Há algum tempo, pai."

"Ela não foi selecionada?"

"Onde está a Ticia?", perguntou Chip. "O que quer dizer com *foi-se*?"

"Como se não soubesses que ela andava metida na droga." A Sr.ª Olague posou a cabeça nas suas mãos.

Chip sentiu-se enjoado. "Onde é que ela está? Ela amanhã já vai à escola, como eu, não?"

"Olá!" Carolann entrou em casa, com um ar desgastado pela viagem. Parou atrás da mãe de Ticia.

"Lá vem a enfermeira impecável." Lara Olague encarou-a furiosa.

O olhar de Carolann passou do seu marido para a mulher irada para o seu filho. "O que é que se passa aqui? O que é isso?" Apontou para o capuz de Chip e para a sua corrente.

"É... é...", gaguejou Chip.

"Pensei que finalmente quisesses ficar em casa", disse Lyn. "Candidataste-te a um emprego na escola?"

Carolann tirou o saco do ombro e deixou-o cair. O taxista colocara a sua grande mala de viagem dentro de casa e saíra em bicos dos pés.

“A Ticia não está em casa?”, perguntou Carolann. “Ela está bem?”

“Não, não está bem”, respondeu a Sr.ª Olague com desdém. “Mas, graças a esta cassete, já sei quem deve fazer o elogio fúnebre da minha filha. Só que essa pessoa não é bem-vinda.” Lara Olague pegou na mão de Carolann e atirou-lhe com a cassete para cima. “Pelos vistos, o seu filho é um poeta. E é bem capaz de deixar uma mãe completamente doente.”

Capítulo 48

O zumbido da cassete que rebobinava terminou abruptamente. Ninguém abriu a boca. Lyn desligou o leitor de vídeo.

Carolann virou-se para Chip. “Então?”

“Eu não sabia de nada! Não fazia ideia de que ela andava metida nisso.”

“Bom, vai para o teu quarto. Eu e o teu pai temos de falar sobre este assunto.”

“Quero ficar. A mãe dela julga que... eu tenho de participar na conversa.” Chip levantou-se e empurrou as mãos para dentro dos bolsos. “A mãe dela julga que eu... vocês sabem... estou implicado nisto.”

“Falamos depois.” Carolann inclinou a cabeça na direção da porta. Era óbvio que Ticia andava a fazer grandes parvoíces, mas nada sugeria que Chip estivesse envolvido no assunto. Mesmo assim, teriam de lidar com a questão da melhor forma. Carolann seguiu Chip com o olhar enquanto ele saía do quarto e contou mais uns segundos até que estivesse suficientemente afastado para não ouvir. “Um rancho com lamas na Califórnia. Como se fosse disso que a rapariga precisasse”, zumbou Carolann.

“Isto é que é a última coisa de que tu precisas, acabada de sair de um voo internacional.” Lyn acariciou as costas da sua esposa.

“Pelo menos as coisas lá no Kansas estão mais controladas. O meu pai já está em casa. E já não está de cama.” Carolann apontou para o televisor já sem imagem. “Isto é horrível”

“A psiquiatra devia estar há anos à espera de uma oportunidade como esta. De servir à irmã um *eu bem te avisei* com mão de ferro.” Lyn acrescentou “Sempre pensei que uma mãe advogada fosse um excelente exemplo para uma miúda como a Ticia.”

“Tiveram sorte por não lhe ter acontecido nenhuma desgraça. Aquela miúda anda a fazer das suas já há muito tempo.” Carolann deixou que a sua voz vacilasse. Chip poderia até não saber que Ticia andava a tomar drogas e a fazer vídeos, mas não havia dúvidas de que aquela miúda só trazia sarilhos. Carolann também poderia, ela própria, saborear o seu momento de *eu bem te avisei*,

mas sabia que isso não seria justo para Lyn, nem seria sequer inteiramente correto.

De repente, Lyn perguntou "Viste o Buck?"

"Não." Carolann ficou feliz pela mudança de assunto, qualquer que ele fosse. "Podias ter-me feito essa pergunta ao telefone. Eu disse-te o que ia lá fazer." Carolann sabia que Lyn iria querer fazer-lhe algumas perguntas, mas aquele não era o momento mais indicado: quando a melhor amiga do seu filho quase se havia matado e logo após terem visto um vídeo em que ela dizia querer que Chip fizesse o seu elogio fúnebre.

"Ele não foi com a Maryann buscar-te ao aeroporto?"

"Bem, isso sim. Já to tinha dito", respondeu ela. "Está gordo. A minha irmã também." Embora não comparasse aqueles dois homens há muitos anos, Carolann sabia que Lyn ainda o fazia. E Lyn nunca tivera problemas de peso.

"Falta de disciplina", disse ele. "Comida, bebida, tabaco, mulheres."

Carolann respirou fundo. Por norma, a frase que Lyn diria a seguir seria "aquele homem arruína-se a si mesmo". E esperava que ela concordasse – em voz alta. Mas agora havia outro assunto mais importante. A imagem de Ticia a fumar haxixe e, de seguida, a saltar da janela do seu quarto para o ramo de uma árvore, rindo-se, cheia de confiança, para a câmara, era demasiado forte para pôr de lado.

Lyn continuou. "Estava aqui a pensar se a mensagem do atendedor de chamadas da tua irmã era para ser uma mensagem profunda."

"Ela disse que o atendedor estava avariado. Ligaste para casa dela?"

"Não sei se está avariado", disse Lyn, "mas a mensagem está sempre a repetir-se."

"Quando ligaste para ela?"

"Quando o Chip se meteu em sarilhos e eu estava a tentar falar contigo."

Carolann assentiu. "Se o Chip andasse a consumir droga, haxixe ou outra coisa qualquer, nós não fazíamos o que o Steve e a Lara Olague fizeram." Precisava de se certificar de que ela e Lyn estavam ainda na mesma página no que tocava à educação do seu filho.

E se, na realidade, só nesse aspeto estivessem ainda na mesma página? A ironia deixou Carolann enjoada. Se Chip fosse mesmo filho de Lyn, então seriam ambos culpados. Mas era exatamente essa a preocupação de Carolann. Talvez ele se castigasse a si mesmo, como o seu pai fizera. A mentira embrulhava os três Coopers num pacotinho muito bonito. Uma caixa de Pandora enfeitada com um laço. Carolann conhecia bem as mantras do seu pai. *Não deixes dívidas por pagar. Não deixes incógnitas por resolver*. Mas os seus conselhos referiam-se a hipotecas com taxas de juro variáveis. Além disso, mesmo quando o assunto era dinheiro, o homem podia enganar-se.

"Nem percebi o que ela estava a fumar." Lyn abanou a cabeça. "O haxixe é pior do que a erva? Maconha? Preciso de um guia para continuar esta conversa. Mas sei que, hoje em dia, a marijuana é muito mais forte do que a que fumavam na nossa altura. Basta passar algum tempo nas urgências para saber isso." Levantou-se e voltou a sentar-se. "Mas nós não somos os Olague, graças a Deus. E a tua irmã não é uma psiquiatra com um rancho de lamas na Califórnia e uma proposta em cima da mesa."

"Aquela miúda só trazia sarilhos", disse Carolann.

"E a mãe dela acha o mesmo do Chip. Será que estamos a ser ingénuos?"

Chip voltou a entrar na sala. "Não, pai. Não estão a ser ingénuos", disse. "Eu não consumo drogas. Nem vou consumir. E não fui eu que levei a Ticia para as drogas. Se eu soubesse que ela andava metida nisso, tinha tentado ajudá-la a parar. E deve ter sido por isso que ela nunca me disse nada. Fui suspenso porque tomei uma má decisão. Saí do recinto da escola durante um furo, mas isso não é sinal de problemas mais graves. Eu não ando na droga."

Lyn anuiu. "Nós acreditamos em ti."

"Mas a mãe dela não acredita", disse Chip calmamente. Os seus lábios estremeceram. "Talvez o pai dela acredite." Num momento, elevara-se sobre os seus pais e falara como um homem. No outro, tinha catorze anos outra vez. Chip sentou-se na mesa de centro, de frente para os pais, à espera de uma resposta. Lyn e Carolann Cooper tinham sempre uma resposta.

“Dá-lhes tempo”, disse Lyn tocando na mão do seu filho. “Talvez percebam que tenham exagerado com a história do rancho de lamas.”

Carolann observava-os. Lyn era um bom pai para Chip, independentemente do ADN do rapaz. Lara Olague enviara Ticia para casa da sua irmã, porque, talvez injustamente, duvidada das suas capacidades como mãe. Carolann lembrou-se de que já tivera dúvidas sobre se deveria ser melhor mãe ou melhor esposa. Então rezou. Eventualmente, percebeu que Deus lhe dera Chip e que Deus lhe dera Lyn. Dar-lhe-ia também instruções. Carolann percebeu que, quando fazia as perguntas certas, as respostas surgiam. Mesmo que se esquecesse de fazer as perguntas, teria as respostas de que necessitava.

“Nem deixaram que ela se despedisse”, disse Chip. “Para uma escola que dá tanta importância a boas-vindas e a despedidas, seria de esperar que se despedissem decentemente dos seus alunos mais antigos. A Ticia esteve toda a vida naquela escola.”

“Tudo muda quando os miúdos se metem na droga”, respondeu Carolann. “E nem tenho a certeza se os pais dela estão mesmo a exagerar. Isto poderia ter sido muito grave. Ainda pode vir a ser.”

“Até deves estar contente por ela ter ido embora.”

Carolann sacudiu a cabeça em sinal de negação. “Contente? Não.”

“Se calhar até pediste a Deus que a tirasse da minha vida.”

“Não. Desta forma, não.”

“Graças a Deus ela não se magoou. Este foi o terceiro vídeo que ela fez. Sabe-se lá o que planeava fazer a seguir. Cair daquela árvore era o melhor que lhe podia ter acontecido. Era um pedido de ajuda eficaz”, disse Lyn.

“Um pedido de ajuda é uma tentativa de suicídio fracassada.” Chip olhou rapidamente para o seu pai. “A Ticia não é assim.”

“Mas a tua amiga precisa mesmo de ajuda. Talvez a consiga agora.”

“A cena da árvore foi uma tolice”, disse Chip. “Mas a Ticia não é uma drogada a meter heroína no meio da rua. Fez um vídeo quando estava pedrada, mas havia um interesse científico. Ela registou os resultados e cronometrou o declínio das suas capacidades motoras.

Quantas pessoas é que se lembram do preâmbulo da Constituição? Quanto mais escrevê-lo! E sóbrias. Talvez a experiência dela até possa ter algum interesse para a ciência. Ela é esperta e eu admiro-a. Ela sabe o que quer.” Chip respirou fundo. “E especificou o que queria. A escola devia fazer uma cerimónia de despedida e eu devia ler o elogio, como ela disse.”

“Mas ela não morreu”, ripostou Carolann. “A ideia do elogio fúnebre foi uma piada de mau gosto.” Ao que Lyn acrescentou: “Não critico o método dela, mas trata-se de substâncias ilegais. E acho que os pais dela não devem ter gostado de a ouvir dizer que, se caísse da árvore e morresse, queria que o Chip fizesse o elogio. Devem ter presumido que...”

“Que o quê?” interrompeu Carolann. “Iam presumir o quê? Chip, há mais alguma coisa que nos devas contar?”

“Tipo o quê? Tipo que eu a engravidei a ela e a seis amigas dela ao mesmo tempo? E que agora todos temos herpes e sífilis e SIDA?! Credo, mãe, tenho catorze anos.” Chip contorceu-se impacientemente, ainda com a corrente de velha dama à volta do pescoço. “E eu nunca consumi drogas, nem vou consumir.”

Carolann sorriu. *Tipo que eu a engravidei a ela*? Não seria com certeza uma das suas letras de *rap*. Carolann engravidara aos dezassete anos, mas a perspetiva de Chip, embora jovem, parecia-lhe anacrónica e tirada de filmes já ultrapassados. “Festa de despedida formal”, disse Carolann. “A escola devia fazer uma cerimónia em honra da Ticia, para que os amigos dela pudessem encerrar o assunto. O pai dela é vice-diretor. Devia fazer isso.”

“Falas com ele?”, perguntou Chip.

“Não. Não tenho nada com isso. Fala tu com a nova enfermeira da escola.”

“Essa é outra”, disse Lyn. “Eu sabia que estavas a pensar em concorrer, mas não sabia que tinhas, de facto, concorrido.”

“E eu é que devia ler”, insistiu Chip.

“Estou admirada por quereres fazer isso. É tão pessoal. E ler para todos os alunos da escola...” Carolann registou o alarme na expressão de Chip. Vira o poema que o filho escrevera para Ticia quando ela estava em Amsterdão. Havia-o deixado em cima da secretária. Deveria ser o mesmo que Ticia vira. Mas revelar aos

colegas de turma as suas devoções mais íntimas era algo que Chip claramente não havia ainda analisado bem.

"Pode ser um desafio interessante para ele", disse Lyn. "Como aquele emprego teria sido para ti. Talvez todos nós precisássemos de novos riscos e desafios."

Carolann fitou Lyn. "Era um trabalho a tempo parcial. Não era um risco. Não que agora faça grande diferença."

Chip continuou "Toda a gente adora a Ticia. Quer dizer, quase toda a gente. Se fizermos uma cerimónia em honra dela, e contra as drogas, acho que as pessoas vão ser respeitadoras, mesmo que eu fique nervoso e faça asneira. Pode ser um bom começo para mim."

Lyn virou-se para Chip. "És novo na escola. Talvez este seja o único ano que lá vais passar. Talvez seja melhor não andares na ribalta, filho. Se a mãe da Ticia acha que tu estás envolvido, outros podem achar o mesmo. Não devias evitar a atenção?"

"Ninguém vai pensar isso de mim", respondeu Chip, abanando a cabeça.

"Talvez agora percebas o que queríamos dizer quando falámos de reputação." Lyn desviou o olhar de Chip para Carolann. Era tão familiar aquela acusação, vinda de um passado distante, irrelevante.

Carolann olhou-o de volta até Lyn se levantar, aparentemente para pôr fim à discussão. Então, Carolann disse ao seu filho: "A Ticia queria que fosses tu a fazer o elogio. Portanto, se tu realmente o queres fazer, vai falar com o pai dela. Explica a situação e eu, pelo menos eu, vou apoiar-te."

Capítulo 49

Carolann reconhecia os rostos dos pivôs da BBC que surgiam na televisão, mas não conseguia processar quase nenhuma das suas palavras. Pareciam ter saltado de uma peça sobre a Festa da Flor de Chelsea para uma peça sobre o governo. Talvez fosse do *jet lag*. Havia poucas horas desde que chegara a casa e ainda estava a descomprimir. Olhou para o ecrã. Parlamento, eleições, cavalheiros honrados e corretos. *Trabalhistas, conservadores, ambientalistas, já lá vão os tempos da Maggie Thatcher e não nos esqueçamos do Paddy Pantsdown.* Gargalhada sentida. Uma piadinha privada que afinal todo o país percebia. Menos ela. Nada lhe dizia respeito.

Carolann saíra de casa há meio ano e já Edith Heaney tinha razão: não pertencia ao Kansas, nem se encaixava em Inglaterra. Afinal os ingleses veneravam ou injuriavam Maggie Thatcher? Carolann nunca iria compartilhar a sua história, as suas piadas, a sua capacidade de conduzir calmamente nas estradas tão, tão estreitas de Inglaterra. Além disso, com os problemas de Chip na escola, o fosso que existia no seu casamento também começava a vir ao de cima. No ecrã, voltavam as imagens da festa da flor. Rododendros lilases, salutares e atrevidos, e o orvalho nas suas pétalas, iluminado pelo sol. Carolann expirou. De flores sabia ela.

Ouvia Lyn a andar, de um lado para o outro, no quarto deles. O chão rangia sob o seu peso. Ouviu uma porta a bater. Raiva? Era difícil identificar. Carolann suspirou. A sua ideia do Kansas mudara subtil – mas irreversivelmente. Até a paisagem inglesa lhe parecia outra. Reparara nisso durante a aproximação a Gatwick. A manta de retalhos verde e cinza dera lugar a um verde e azul primaveris, que traziam consigo promessas de calor.

Carolann e Lyn haviam desfrutado de um casamento bem-sucedido durante vários anos. Porque haveria ela de se render à ideia de que esse casamento não poderia continuar? Pôs-se à escuta de novas pistas vindas do andar de cima.

Estaria Lyn a vestir o pijama? Não iria lá abaixo confirmar que as portas estavam trancadas, levando-a depois, pela mão, para o quarto? As calças do pijama dele eram pretas, de algodão, e Lyn

trouxera-as de um voo de longo curso em que viajara em executiva. Carolann imaginava que muitos dos pais dos colegas de Chip andassem com pijamas de companhias aéreas. Era uma subcultura, tantos eram os colegas de Chip cujos pais trabalhavam para empresas de alto nível. Carolann e Lyn realmente não se encaixavam naquele mundo.

Ouviu o ranger das escadas. Lyn desceu, ainda vestido. Levantou no ar uma garrafa de Jack Daniels. “Talvez te ajude a dormir melhor.”

“Não me parece.” Carolann franziu o nariz. “Já virei a página.”

“Esta história da Ticia afetou-te mesmo, não afetou?” Lyn sorriu. “Não interessa. Nós ajudamos-te a apanhar o ritmo.”

“Deixa-me dizer-te uma coisa”, afirmou Carolann, “eu não preciso disso. Se tu precisas que eu beba, então vamos falar sobre a questão.”

“O quê?” Lyn pousou a garrafa na mesa de centro. “É só um copo, Carolann. Coisa que, bem sabes, nunca recusaste no passado.”

“O meu passado...” Carolann deteve-se e pensou cuidadosamente no que ia dizer.

“O teu passado?” Lyn parecia ridicularizá-la. “O teu passado?”

“Durante muito tempo, senti vergonha. Mas, de facto, não tenho propriamente um passado, por assim dizer.”

“Um ou outro erro.” Lyn encolheu os ombros. “E corrigiste-os... és uma mulher forte e com princípios morais.”

Carolann concentrou-se no líquido castanho dentro da garrafa e no seu rótulo preto com letras de um branco inflexível. Mesmo com a tampa, Carolann conseguia, na sua mente, sentir o aroma pungente do whisky. Aquela garrafa, mesmo fechada, vertia em Carolann a sua força. “Um ou outro erro”, repetiu ela. Era preciso reformular aquela frase.

“Sabes que tivemos sorte com esta história da Ticia”, disse Lyn subitamente. “Ela foi-se, mas haverá outras raparigas na vida de Chip. Achas que aquele interesse exagerado em raparigas é... genético? Temos de nos preocupar com isso? Prevenir alguma coisa? Tu viste o Buck há pouco tempo. Sabes mais do que eu.”

“Por amor de Deus, Lyn. O teu filho não tem um interesse exagerado por raparigas!”, disse Carolann. Deveria dizê-lo novamente? *O teu filho*. “Não. O Chip é um miúdo de catorze anos. Normal, saudável, com sangue quente, como o dos americanos.”

“O Buck aproveitou-se de ti. É isso que ele traz no *seu* sangue quente americano.”

“Já tentei explicar-te que eu é que me aproveitei dele.”

“Certo. Tu violaste-o.” A voz de Lyn estava contaminada de sarcasmo.

Carolann sentia-se destemida. “E tu, Lyn, de quem te aproveitaste?”

“De ninguém.” A tensão acumulou-se nos seus maxilares. “Nunca ultrapassei um limite que fosse com uma mulher. Nunca.”

“Não me interpretes mal”. A voz de Carolann tornou-se mais suave. “Ofereceste-te para salvar uma jovem do seu lar infeliz. Ofereceste-te para criar o filho de outro homem como se fosse teu. E sempre foste um pai exemplar.”

“E marido.” Com as mãos nas ancas, Lyn virou-lhe as costas. A sua camisa xadrez era ousada. Como o era o jogo de xadrez dos seus negócios. Ousado e bem-sucedido. E com mérito. Lyn tinha aquele aperto de mão firme dos americanos e fechava sempre o negócio longe do escritório, como expectável, como merecido, com umas calças cáqui, uns mocassins e aquela camisa xadrez.

“Excelente marido”, disse Carolann. “Mas, no início, o meu *passado* apresentou-se como uma conveniência. Alguma vez me terias pedido em casamento se eu não estivesse metida numa alhada?”

Lyn virou-se para ela. “Tu eras um borracho.”

“Eu tinha dezassete anos. Tiraste partido de uma boa oportunidade.” Ela olhou-o, para se certificar de que ele havia percebido. “E ainda bem que tiraste.”

Lyn enfiou as mãos nos bolsos.

Carolann acrescentou: “E eu não teria tido coragem de dizer que sim se as circunstâncias fossem outras. Eu bebia nessa altura, Lyn. E tinha bebido naquela noite com o Buck. E bebia contigo nos primeiros tempos. Mas eu amo-te. Começou como gratidão, mas, na realidade, o nosso casamento tornou-se uma união verdadeira

quase imediatamente. Uma relação de amor e respeito. O meu dito *passado* é irrelevante. Já não sou uma miúda metida em sarilhos e tu não tens de te armar em cavaleiro andante. O que temos agora não é um conto de fadas. Mas é genuíno. E não temos de nos manipular para nos mantermos unidos. O nosso casamento é mais forte do que isso. Nós somos mais fortes do que isso. E mesmo que tu não consigas aceitar as tuas mãos como elas são, eu consigo. Eu aceito. Não preciso de beber para to provar."

Lyn olhou atentamente para a sua mulher. A sua expressão impenetrável. As suas mãos bem escondidas. Carolann observou-o. Parecia debater-se entre retirar-se para o quarto ou ficar ali. Lentamente, tirou uma mão do bolso, mas não a levantou.

Ela assentiu.

Lyn pegou na garrafa de whisky e levantou-a no ar. "Tens a certeza?"

Carolann pôs-se de pé, pegou na garrafa e pousou-a novamente na mesa. Carolann beijou a mão de Lyn. E Carolann beijou-o na boca. O resto da conversa teria de esperar.

Capítulo 50

A cozinha estava repleta de vapor e aroma a massa cozinhada. Carolann mergulhou uma colher no tacho e fez rodopiar a água que fervia. Deslocou a mão para a frigideira de saltear, verificando o calor que vinha do fogão. Estava quente. O braço de Chip passou-lhe por cima do ombro, em busca de um copo. "Então, os pais da Ticia já decidiram se te deixam fazer o elogio?", perguntou.

"Nem por isso. O Sr. Olague diz que estão relutantes, mas dispostos a deixar-me falar. Não me parece que eles estejam muito entusiasmados com a cerimónia. Uma coisa é prestar homenagem à Ticia – isso toda a gente quer fazer –, outra é publicitá-la como uma drogada. Ela sempre foi brilhante a nível académico, foi presidente dos clubes todos, é filha do vice-diretor. O consumo de drogas não fazia parte do percurso escolar dela, por isso agora é mais complicado. A irmã da Sr.ª Olague só fala em libertar os estigmas, o que quer que isso signifique."

Carolann inclinou sobre o lixo uma tábua plástica de cortar e raspou a casca e as pontas de uma cebola para dentro do balde. "Até terça-feira não tens muito tempo. Vais conseguir preparar-te?"

"Isso só vou saber quando estiver no palco." Chip respirou fundo, apertando com as mãos a extremidade do balcão. Encheu o seu copo com água da torneira e bebeu até que estivesse meio vazio.

"Terça é o aniversário da Rowan e vou com ela a Glastonbury. Os pais estão convidados para essa cerimónia? Eu posso ficar cá, em vez de ir com a Rowan."

"Eu nem sequer sei se vou discursar. Se eles decidirem fazer a cerimónia, então não tenho opção."

"Tens sempre uma opção. A Ticia está bem na Califórnia e eles já acreditam que tu não tens nada a ver com o mau comportamento dela, por isso é melhor contares com o elogio. De qualquer modo, tens sempre outra opção."

"Eu escrevo muitas coisas. Isso não quer dizer que deva... apresentá-las." Chip engoliu em seco.

"Mas tu querias tentar."

“À frente da escola toda?” Ele sacudiu a cabeça em sinal de negação.

“Não tens de o fazer. Queres que eu vá a essa cerimónia?”

“Pode correr muito mal. Eu posso fazer asneira da grossa, mesmo que vás. Se calhar nem vou ler. E a Rowan está desesperada para te levar a Glastonbury.”

“Tu és a minha prioridade, Chip.” Carolann pensou na resposta de Chip durante um instante. Talvez ele não a quisesse lá. “A Rowan pensa que, de alguma forma, eu vou reconciliar-me com a tua Tia Maryann através daquela torre pagã gigante. Dos poderes espirituais da deusa.” Agitou os dedos à frente dos olhos.

“A Rowan tinha uma boa relação com a sua irmã gémea. Acho que devias ir com ela.”

Carolann assentiu. “Ouve, quando estiveres no palco, é tudo uma questão de confiança. Estás numa idade complicada. Dá-te mais força a presença ou a ausência dos teus pais? Eu não sou especialista. Eu passei de andar a apanhar pirilampos quando tinha a tua idade para... bom, para a vida adulta. Talvez devêssemos perguntar ao teu pai. Ele tem jeito para falar em público.”

“Ele também não é nenhum especialista. Está escondido no escritório.” Chip riu-se. “Enfim, devias ir com a Rowan.”

“Se o Cristianismo, em que meio mundo acredita, não é capaz de me reconciliar com a minha irmã, não sei se as energias pagãs vão conseguir.”

“É como o Stonehenge? Pensei que Glastonbury fosse do género do Woodstock. Se calhar a Rowan só quer companhia para a viagem. Se calhar ela também anda a fumar umas coisinhas. De certeza que não é uma má influência?”

“Penso que não”, sorriu Carolann. “A Rowan é uma boa amiga.” Carolann mergulhou um tomate na água a ferver e, com uma enorme destreza, tirou-lhe a pele. Queria que Lyn entrasse na cozinha e reafirmasse que ela era uma mulher forte e com princípios morais. E que Rowan provavelmente também o seria. “Acreditas que nem um único amigo foi a casa dos meus pais enquanto eu estive lá? As mulheres da igreja foram lá levar imensa comida, mas nenhuma ficou para conversar.”

“Claro, porque ouviram dizer que viraste pagã. Provavelmente foste excomungada e nem sabes.”

Carolann riu-se. “A Maryann ficou felicíssima quando soube que eu ia Glastonbury. Ela conhece vendedores de louça azul e branca perto daquela zona.”

“Achas que posso simplesmente enfiar uma cópia do meu discurso na caixa que eles vão mandar para a Califórnia? Tipo um pergaminho? Eles vão filmar a cerimónia toda, até o homem que vai lá falar de droga. Podia pôr um ursinho de peluche na caixa. E um pergaminho, com uma fita.”

“A caixa vai estar cheia de ursos de peluche. A Ticia é uma boa amiga e, em alguns aspetos, eu enganei-me em relação a ela. O atendedor de chamadas da Maryann pôs-me a pensar.” Carolann sorriu. “*Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça*”.

“João 7: qualquer coisa. Acho que ela usa essa muitas vezes. O pai falou nisso.” Chip tirou um lustroso aro de cebola de dentro da frigideira e ficou a observar a sua mãe a mexer a massa *penne*.

“Se te sentes capaz, deves participar na cerimónia. A Ticia merece.” Carolann afastou a mão do seu filho do tacho em que estava o molho. “Vai chamar o teu pai para jantar.”

Capítulo 51

Carolann não conseguia dormir naquela noite de segunda-feira. Não queria ir a Glastonbury com Rowan. Queria ir à escola ouvir o discurso do filho na manhã seguinte. Chip queria que ela fosse com Rowan, mas afinal o que sabia um miúdo de catorze anos? Os rapazes são uns fanfarrões, só mais tarde é que se tornam realmente corajosos. Em que ponto estaria Chip? Carolann era adulta, logo mais qualificada do que ele para perceber isso mesmo.

Se Chip ia subir a um palco para recitar as suas próprias palavras, então devia contar com o apoio da mãe. Só de pensar nisso, Carolann ficava com o estômago aos saltos. Então Chip devia ter um bando de sapos na barriga. Além disso, Carolann sabia que o havia incentivado. E que poderia correr muito mal. Se assim fosse, ir para a escola representaria para ele uma humilhação diária.

Carolann poderia esgueirar-se pela porta de trás do auditório e, sem ser vista, enviar a Chip boas energias. Rowan poderia lançar-lhe um feitiço. Carolann respirou profundamente. No Kansas, as pessoas da igreja franziam o sobrolho aos horóscopos nas revistas ou a deuses falsos. E agora Carolann queria pedir à sua vizinha que lançasse um feitiço ao filho. O Deus de Carolann, que tão bem a servira ao longos dos anos, quereria que ela fizesse o quê? Carolann sabia que Ele lho diria. Ele respondia a todas as perguntas, mesmo às que não eram feitas. Pela manhã já saberia.

Tranquilizada, Carolann empurrou os cobertores e saiu da cama para ligar à sua irmã. Precisava de se certificar do nome da aldeia em Somerset. Carolann marcou o número de Maryann. Era quase meia-noite em Inglaterra, pelo que a irmã deveria estar em casa a preparar o jantar de Buck.

O telefone de Maryann tocou e Carolann teve como que uma visão da sua irmã a lamber manteiga dos dedos, pano da louça na mão, a fechar a porta do frigorífico a toda a velocidade para atender o telefone. A menos, claro, que Buck estivesse ainda a trabalhar. Nesse caso, Maryann estaria a comer três caixas de refeições pré-cozinhadas em frente à televisão. Carolann sacudiu a cabeça, grata por, tanto quanto sabia, o pai de Chip ser Lyn e não Buck. E novamente o telefone tocou. Mesmo por um breve instante, enquanto o telefone da sua irmã tocava, a recordação do que se

passara com Buck trouxe-lhe uma sensação desagradável. Não devia pensar nessa noite, nem falar sobre ela com o marido. Nunca.

O telefone de Maryann tocou e tocou, num som rítmico e constante, contrário ao toque duplo e agudo que Carolann se acostumara a ouvir em Inglaterra. O toque americano era reconfortante. E, embora detestasse admiti-lo, também o era o facto de a sua irmã não atender o telefone.

De repente, Carolann ouviu um estalo. Ninguém falou. Só ouvia estalidos, ruído. Olhou para o papel que tinha no colo. De qualquer modo, Rowan seria capaz de reconhecer o nome da aldeia. Mas, entre os estalidos, havia também um zumbido característico de uma chamada para o estrangeiro. "Maryann?" Carolann preparou o seu breve discurso, repetindo mentalmente os pormenores sobre a alfândega e os impostos sobre o consumo e todas essas tretas sobre importação e exportação. Como se o fornecedor não soubesse tratar do assunto.

Uma voz masculina, mas suave, ganhou vida do outro lado da linha telefónica. Um médico de telenovela ou um proprietário de um rancho, algures a meio do seu guião. "...*a verdade vos libertará*. João 8:32." Carolann observou o recetor. A escritura voltou a soar. "*E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*. João 8:32." Carolann sentia-se numa espécie de apanhados cristãos. A mensagem continuava a repetir-se, distribuindo a sua natureza divina. Não havia como deixar mensagem.

Desligou o telefone. *A verdade*. Carolann recostou-se no sofá. *E conhecereis a verdade*. Deveria Lyn saber a verdade? Carolann olhou para o telefone. Os desígnios de Deus são insondáveis. E o atendedor de chamadas da sua irmã debitava escrituras enlatadas, como pegajosos lembretes dedicados àqueles que não acreditavam ser capazes de se lembrar da sua própria relação com Deus. Carolann nunca fora uma dessas pessoas. Uma mensagem tão descarada como aquela acarretava um paradoxo. A mensagem não era explícita. Era irónica. Ao menos Carolann sabia exatamente o que Deus estava a tentar transmitir-lhe. Não era parva. Ia à igreja desde sempre. Ouvira sermões e frequentara as noites de estudo da Bíblia. E nunca precisara de frases explícitas. A orientação de que precisava acabara de lhe ser entregue.

Deus já sabia a verdade. Do mesmo modo, Carolann era boa para Deus e tinha consciência disso. As verdadeiras ligações do universo, divinas ou humanas, são entretecidas pela subtileza. Agora, Carolann sabia que não deveria trair nem magoar o seu adorável marido com uma “grande verdade” que ele não precisava de ouvir. Nunca.

Capítulo 52

O auditório da escola secundária estava atulhado de alunos, professores, funcionários e pais. Chip estava sentado na fila da frente, reservada aos alunos que iriam apresentar canções e prestar homenagem a Ticia, bem como ao homem que iria falar sobre consumo de drogas. Chip sentia a garganta seca. O que escrevera era extremamente pessoal. Ainda podia desistir. Talvez lesse apenas uma parte do que escrevera.

As raparigas estavam mascaradas, usavam penas rosa-choque, purpurinas, chapéus de cowboy e botas altas. As amigas de Ticia da Maratona Moonwalk estavam sentadas ao lado de Chip com os seus soutiens tingidos por cima das t-shirts, como haviam usado na maratona pelo cancro da mama em Londres. (Ainda bem que a mãe de Chip estava a dirigir-se para Glastonbury, pois não iria apreciar aqueles trajes, independentemente da causa.)

Toda a gente partilhava uma piada com Ticia, uma história com Ticia. Chip tinha menos de um ano letivo com ela. E era tudo o que tinha. Nunca haviam angariado fundos juntos ou treinado para as maratonas ou presidido a comissões. Chip não se enquadrava. De qualquer modo, Ticia já havia lido o poema. Porque haveria de querer que ele o lesse em voz alta?

Nas suas roupas habituais, Chip sentia-se como se não estivesse vestido para a ocasião. Pior, sentia-se exposto. Cruzou a perna sobre o joelho e viu o seu pé balançar-se para cima e para baixo. A sua sapatilha branca de cabedal estava demasiado limpa. Até isso atraía atenções indesejadas. Provavelmente, a sua mãe lavara as sapatilhas com lixívia. Pousou o pé no chão.

Carolann ficara a ver o autocarro de Chip afastar-se de casa, como se o filho fosse ainda uma criança. Evidentemente, Carolann queria assistir ao discurso de Chip. Mas ele já não era uma criança. Ele já não precisava da sua mamã. Seria capaz de ler o seu poema para a audiência, para a câmara, para Ticia, como ela lhe havia pedido. Diria a si mesmo que o poema fora escrito por outra pessoa e, assim, a sua língua saber-se-ia comportar. A sua garganta não se fecharia. Fosse como fosse, o seu pai estaria lá, ao fundo da sala.

Um rapaz não pode tornar-se um homem na presença da sua mãe. Mas na presença do pai é diferente. Talvez Chip devesse

tentar fazer um *rap*, como era aliás a sua intenção inicial, em vez de declamar a coisa como um anormal perdido de amores. Deveria ter pedido às miúdas dos chapéus de cowboy brilhantes que dançassem enquanto ele atuava. Mas Ticia não quereria isso. Quereria antes que ele lesse a suas palavras, a sua poesia. Desde que não tropeçasse ao subir ao palco, Chip seria capaz de fazer aquilo a que se propunha.

*

Na terça-feira de manhã, Carolann não se escondeu por trás dos cortinados da sala de jantar. Em vez disso, especou-se no centro da porta de entrada e ficou a ver o autocarro branco afastar-se com o seu filho. Era-lhe fisicamente impossível entregar-se às sombras do passado. Aquele dia era tão importante quanto o primeiro dia de escola de Chip, aos cinco anos, quando o grande autocarro amarelo e americano o levara. Carolann chorara toda a manhã, entusiasmada por ele, impressionada por ele, em nome dele. Preocupada com ele. Rowan deveria chegar em dez minutos e os colegas de Chip já deveriam estar a ocupar todo o auditório. Carolann sentiu-se enjoada.

“Para um país que se diverte à custa de piadas sobre França, até gostam muito de punhos franceses.” Lyn esticou a palma da mão, onde trazia um par de botões de punho de esmalte. “Dás-me uma ajudinha?”

Carolann tirou-lhe os botões da mão e colocou-os no punho da camisa. Lyn ficara em casa com ela na manhã em que Chip, com cinco anos, começara a escola. Naquele dia, apercebeu-se Carolann, Lyn provavelmente decidira ficar em casa para ver como ela reagiria à partida do filho, já que costumava sair antes de o autocarro chegar.

“É bom que fiques feliz por me terem oferecido botões de punho. Pelos vistos, os americanos bem-parecidos recebem botões de punho, enquanto os velhos e feios recebem canetas.”

“Eles só querem que continuemos a comprar essas novas camisas da Marks and Spencer. É um belo estratagema.” Carolann

estava a tentar parecer descontraída, mas sabia que a sua voz estava trémula.

“Estás bem?” Lyn inclinou a cabeça para a porta de entrada.

“Ele está a ficar crescido”, suspirou Carolann. “Lá vem a Rowan.” Pegou na mala, na lista com as informações dos fornecedores e numa garrafa de água para a viagem.

Lyn pegou na pasta e beijou a sua esposa, seguindo-a até à porta. Carolann viu-o entrar no carro e afastar-se. Apertou o cinto do carro de Rowan. Olhou em frente.

“Pronta?”, perguntou Rowan.

“Sim”, assentiu Carolann.

“O Chip estava bem quando foi para a escola?” Rowan ligou o seu Citroën.

“Sim.” Carolann inspirou profundamente.

“Ele vai discursar?” Rowan virou o carro na direção da rua principal. Quando chegasse ao fim da rua, viraria à direita, para a autoestrada, e não para a esquerda, para a escola de Chip. Mudou para segunda e depois para terceira, ganhando velocidade.

Carolann acenou. “Parece que sim”, respondeu baixinho. Carolann era mãe e parecia estar mais envolvida na cerimónia, a nível emocional, do que o próprio Chip. E Lyn dirigia-se para o escritório, como habitual, em vez de ir para a escola, onde também ele deveria estar a apoiar o filho. Deveria ter pedido a Lyn para ir. Chip não dissera explicitamente que lá não queria o pai. Apenas o ouvira dizer que ela não teria de ir. Mas porque é que ela não pedira a Lyn para ir?

“Está tudo bem consigo?”, perguntou Rowan, que abrandou até ao Stop e deu sinal de pisca para virar à direita. Autoestrada.

“Tudo porreiro”, disse Carolann, como se uma resposta tão jovial como aquela fosse capaz de afastar o pedregulho que trazia no peito. “Porreiríssimo”, acrescentou.

“Mentirosa.” Rowan mudou o sinal de pisca. “Vamos à escola. Ficamos mais para trás. Se o Chip nos vir e ficar zangado, bom, eu assumo as culpas.”

O pedregulho que Carolann sentia no peito deixou de o ser. Subitamente, transformou-se numa pedrinha, cinza prateada, despedaçando-se, qual supernova, em milhões de pequenos

fragmentos de areia. O pó atravessou Carolann e evaporou-se num vazio azul. Rowan conduziu-as para o trânsito, dirigindo-se para a escola de Chip. Carolann sentiu escapar-lhe uma lágrima silenciosa.

*

A cerimónia começou com um vídeo sobre autoestima, sobre a pressão provocada pelos colegas e sobre como evitar o consumo de drogas e álcool. Chip assistira a vídeos semelhantes em retiros organizados pela igreja e todos eles o haviam aterrorizado. Estranhamente, o vídeo a que agora assistia parecia-lhe absolutamente inócuo. Talvez tivesse criado imunidade às táticas de intimidação do filme, uma vez que já estava assolado com o medo de subir ao palco.

Quando o video terminou, o diretor da escola, Herbert Cupp, chamou o pai de Ticia ao palco. Chip esperava ver uma apresentação de slides, com música de fundo, em que Ticia aparecesse com os amigos em eventos escolares, festas, etc. Mas Steven Olague limitou-se a ler uma carta que a filha escrevera antes de ir para a Califórnia. Na carta, Ticia desculpava-se pelas suas más decisões. Chip achou que aquelas palavras pareciam ter-lhe sido ditadas, ainda que fossem bastante apropriadas para o evento. A intervenção do Sr. Olague terminou com um aplauso relutante. Ninguém sabia o que pensar daquela carta ou da partida repentina de Ticia ou da estranha combinação de situações que se verificava naquele auditório. Steven Olague sentou-se no seu lugar e alguém reduziu as luzes do palco. A apresentação de slides e a música iriam aliviar o desconforto. Chip percebeu que afinal havia um certo sentido naquela sequência de eventos.

“Luzes, por favor.” O Sr. Cupp subiu ao palco com o microfone. Colocou a mão por cima dos olhos, protegendo-os, e acenou à equipa responsável pela iluminação. “E agora gostaria de vos apresentar um novo aluno desta escola, relativamente novo também no círculo de amigos de Ticia, mas alguém muito importante para ela. Chip Cooper.”

Chip ouviu o seu nome e sentiu-se inundar pelo eco, que lhe enxaguou toda a confiança e o prendeu à cadeira. As pessoas

olhavam-no de todas direções. O diretor da escola olhou para ele e acenou. Chip agarrou os braços da cadeira e sentiu o seu corpo levantar-se.

“Talvez alguns de vocês saibam”, continuou o Sr. Cupp, “que, antes de a Ticia trepar para a janela de onde acabou por cair, ficando inconsciente, fez uma espécie de piada – sem qualquer graça, na verdade. Disse que, se as coisas não corressem bem, queria que fosse Chip a ler o seu elogio fúnebre. Bom, estamos gratos por as coisas terem corrido, digamos, mais ou menos bem e damos as boas-vindas ao Chip.”

As pessoas aplaudiram novamente e já com menos desconforto. Chip deu por si a subir as escadas e a atravessar o palco. Desdobrou o papel e esticou-o na sua frente, sabendo que se lembrava de todas aquelas palavras. Examinou a audiência. O seu pai estava lá no meio, sorrindo. Chip sabia que a sala só tinha capacidade para poucas centenas de pessoas, mas as luzes do palco eram tão fortes e claras que não conseguia ver lá para trás e parecia-lhe que tinha postos em si milhares de olhos.

“Eu...”, começou ele. “Eu escrevi isto quando a Ticia estava em Amsterdão e ela, tipo, esqueceu-se de me dizer que ia.” As pessoas riram-se baixinho e Chip continuou. “Por isso, tipo, durante quatro dias estive... super preocupado. Ela ligava-me várias vezes e, de repente, nesse fim de semana nunca ligou. Foi em outubro, acho eu. Mas depois eu mostrei-lhe isto. Enfim, era isto que ela queria para o seu suposto elogio fúnebre.”

Um mar de rostos estendeu-se à sua frente. Como esponjas, estavam todos ansiosos por ouvi-lo. Obviamente, era isso mesmo que Ticia queria. Que as pessoas soubessem da profundidade dos sentimentos de Chip por ela. Ficariam impressionadas, talvez sentissem inveja até, e ela iria adorar que isso acontecesse. Todas as pessoas merecem alguém que as ame loucamente. Era como areia o que Chip sentia na boca. Mas sentia-se capaz. O seu coração batia com tal força que poderia até atirá-lo ao chão. Tossiu para a mão e passou a língua nos lábios. Se desmaiasse, talvez passasse por mais louco do que gostaria.

“Os segundos amontoam-se em minutos.” Era vigorosa a sua voz.

“Hora após hora.” O microfone ajudava.

“O silêncio do outro lado”, olhou para a câmara na primeira fila.

“Aprofunda-se com a demora.” Chip deteve-se. Mas qual teria sido a sua ideia? Aquela rima era patética de tão óbvia. *Hora* com *demora*! Sentia a garganta ressequida. *Demora*, ouviu-se repetir. *D-d-demora*. Estava a gaguejar. A sua garganta fechava-se. Olhou para a audiência. Os rostos eram inexpressivos. Como a sua mente. Olhou para o papel. Estava repleto de palavras irreconhecíveis, como num pesadelo. “Aquilo que eu mais...” Repleto de gatafunhos. Os seus lábios estavam colados às gengivas. O céu da sua boca estava ressequido. E a sua língua colocara-se a ele.

“Calma, meu.”

Chip seguiu aquela voz e viu Maarten. Achou que iria chorar. Henrik sentou-se ao lado dele e acenou. Henrik, que avisara Chip sobre o que lhe poderia calhar na rifa e que poderia perfeitamente gritar para o palco *eu avisei-te, meu!* Acenou novamente. Chip passou a língua ressequida pelos dentes e inspirou.

Algumas pessoas aplaudiram, fingindo aclamar o fim do discurso de Chip e dando-lhe permissão para abandonar o palco.

Chip levantou as palmas das mãos para o público e agarrou o microfone.

“Aquilo que eu mais quero nunca vai acontecer.
Tu és tu, hoje e sempre tu,
E sempre longe do meu ser.
Tu és serena e silenciosa, como o telefone que não toca.
E estas palavras são só papéis de alguém que te provoca.
Mas tu nunca és silêncio, Ticia, e nunca és só tumulto.
És um eco colorido
Num gesto gracioso e oculto.
Minuto a minuto, as horas já são dias
Tens de jogar com o que tens, puto, não com o querias.
O telefone não toca e o silêncio mata-me o raciocínio.
A cada minuto, a minha rebelião, o meu declínio.
E a cada minuto que ela não liga sou um miserável e ela minha inimiga.

Mas eu sei que não posso, não consigo, não gostar daquela rapariga.
Cada segundo de silêncio é uma traição cruel,
Talvez ela não chegue ao telefone com a sua mão infiel.
Mas a Ticia nunca me falhou. Ela sempre me apoiou.
O que fiz eu? O que lhe aconteceu? Para onde é que eu vou?
O nunca sabe a nunca e nunca vai acontecer.
Tu és sempre tu, 'tás a ver?
Sempre longe do meu ser.
Mas esta miúda não é silêncio. Ela nunca se cala.
O meu telefone não toca, mas eu vou procurá-la.
E a minha cabeça não pensa sem pensá-la.
Ela fez de mim aquele que sou hoje,
Alguém melhor, alguém que já não foge.
Mas aquilo que eu mais quero nunca vai acontecer.
Nunca o nunca será talvez.
É sempre nunca e sempre há de ser.
Até que eu ouça de novo o teu eco, Ticia, e o telefone toque outra vez.

Chip engoliu em seco e olhou para a sua audiência. Olhou para a câmara e disse ao microfone "Ticia, põe-te boa e põe-te cá rapidamente. Temos saudades tuas." Chip fez continência, batendo na cabeça com os papéis, que se sacudiram sobre a sua orelha. Provavelmente uma atitude pouco fixe. Estavam ali dez mil olhos, cem mil ouvidos. O mundo inteiro escutava em silêncio. E, subitamente, levantou-se o mundo inteiro, aplaudindo, como num filme. Entraram cavalos a galopar, nuvens brilhantes a rastejar e bandeiras a acenar. Ou toda a gente se deixou estar sentada, mas aplaudiu calorosamente. Chip estava feliz. O seu poema não era o melhor ou mais profundo que já escrevera, mas as palavras eram para Ticia e, portanto, genuínas e muito suas. "Obrigado", disse Chip ao microfone, sorrindo para a câmara e, através do tempo e através do espaço, para Ticia.

Capítulo 53

O medo que Carolann sentia pelo seu filho era quase palpável. E o facto de se ter apercebido de que Lyn estava mesmo à sua frente só piorava a situação. Lyn não mentira, mas sem dúvida que a levara a acreditar que se dirigia para o escritório. Chip parecera-lhe outra pessoa mal começara a entrar nas suas palavras. Uma versão adulta de Chip apoderara-se do seu filho. Ele já não era o seu rapazinho de catorze anos, o seu aspirante a *rapper* branco do Kansas. Chip era um jovem adulto, um futuro presidente, um líder empresarial, um verdadeiro cavalheiro. Que tolice pensar que ele iria precisar dela! E o que poderia ela ter feito se Chip tivesse decidido não continuar depois daquele início trôpego? E o que poderia Lyn ter feito? Enquanto ouvia os estrondosos aplausos destinados a Chip, Carolann sentiu que Rowan lhe apertava o ombro.

"Quer ficar até ao fim e ir falar com o Chip ou com o Lyn? Ou devemos...?"

"Não." Carolann retirou-lhe a palavra. "A sua irmã está à espera. Vamos."

As duas mulheres saíram rapidamente do auditório, enquanto o mestre de cerimónias anunciava a apresentação seguinte, feita por um cantor que precisava de dois minutos para se preparar.

"Sr.ª Cooper?", chamou uma voz masculina. "Tem um minuto?"

Carolann e Rowan pararam em frente da escultura Paz para Todos. O bronze da estátua refletia o sol primaveril.

"Bem me parecia que era a senhora." O homem correu na direção delas. "Lembro-me de a ter conhecido, e ao seu marido, no piquenique de boas-vindas. Steve Olague. E, claro, candidatou-se ao posto de enfermeira."

"Sim", disse Carolann.

"Quanto a isso, lamento. Acabámos por ficar com a pessoa que tinha experiência no SNS..."

"Eu compreendo", respondeu Carolann. "E eu lamento por..." Inclinou a cabeça para o auditório, mas não sabia como terminar a

frase, até porque não havia motivo para apresentar condolências. Não se tratava de um funeral.

“O Chip portou-se muito bem”, interrompeu-a Steve. “A Ticia estava certa em relação a ele. E eu e a minha esposa agradecemos os conselhos que nos deu pelo telefone.”

Carolann assentiu.

“Ouça, isto chegou pelo correio e eu abri.” Tirou um envelope de dentro de uma pasta. “Não sei o que eles estavam a planear. Alguma coisa para o Dia das Profissões. Vá-se lá saber. Usaram a conta do laboratório médico da escola. Sobre isso vou falar com a Ticia. É preciso reembolsar as despesas. Eu envio-lhe a fatura. Não é...” Abanou a cabeça. “Bom, isto veio endereçado para o Chip, mas ao cuidado da Ticia, e tendo em conta...” gesticulou inclinando-se para o auditório. “Enfim, eu abri o envelope.” Sorriu e entregou-o a Carolann. “Fora isto, hoje o Chip portou-se lindamente.”

“Obrigada.” Carolann olhou para o logótipo no envelope. *Biogenics*, algures na Escócia. Manter Chip naquela escola saía bastante caro, mesmo que fosse a empresa de Lyn a pagar, portanto a última coisa que queria era que lhe cobrassem os projetos extracurriculares de Ticia. Carolann colocou o envelope na mala e pôs-se a trote ao lado de Rowan em direção ao carro.

Capítulo 54

“Dê-me aquele mapa ali do assento de trás, se faz favor”, pediu Rowan. “Todos os anos me engano na saída. Preciso que me guie.”

“Está bem.” Carolann levantou o braço acima do ombro até a um grande livro com uma lombada em argolas. O carro de Rowan era quente e confortável. Além disso, não cheirava tanto a mofo como era habitual. Carolann acreditava que isso se devia ao encerramento de capítulo que acontecera naquela manhã. Havia testemunhado uma verdadeira proeza. Um rito de passagem para o seu filho. Estava feliz por ter presenciado esse momento. E, aliás, feliz por o pai de Chip também ter lá estado.

“Da M4 para a M5 e depois deve haver uma indicação”, disse Rowan.

Carolann andou com as grandes folhas do mapa para trás e para a frente. Talvez, ao chegar a Glastonbury, abraçasse a torre e alcançasse uma inesperada sintonia cósmica com a sua irmã. E depois talvez encontrasse aquela maldita jarra, voltasse para casa e dissesse a Lyn para prorrogar o seu contrato em Inglaterra. E talvez vivessem felizes para sempre. A página que tinha à sua frente mostrava Sheffield – bem longe do seu ponto de partida e bem longe do seu destino. Carolann voltou ao início do livro.

“Então não quis falar com o Lyn depois do grande sucesso do Chip?”, perguntou Rowan.

“Não”, respondeu Carolann demasiado alto, deixando depois que o silêncio invadisse o carro.

“Sabe, a coisa mais corajosa que fiz foi divorciar-me daquele sacana horrível.” O cabelo louro arruivado de Rowan parecia envolvido numa auréola. As janelas do carro abriam em compasso, em vez de baixarem, e Rowan empurrou o vidro com o cotovelo para conseguir um pouco de ar. “As pessoas pensam que é sinal de fraqueza, mas, acredite, é preciso coragem para passar por um divórcio. E a Carolann tem a coragem de que precisa.”

“Gosto de pensar que sim.” Virou-se para o outro lado e olhou pela janela para o espelho lateral. Um autocarro Volkswagen aproximava-se delas, dirigindo-se provavelmente para um outro

local pagão. Carolann não queria divorciar-se de Lyn. E não queria que ele se divorciasse dela. “Espero nunca precisar de coragem.”

“Se ele não lhe faz bem, e você tem consciência disso, então devia ter essa coragem.”

“Acho que interpretou mal a minha situação. O seu ex-marido era alcoólico. E era cruel. A Rowan nem se refere a ele pelo nome.” Carolann observou a enorme extensão de cimento que era a M25, o rastejante para-e-arranca do trânsito da grande Londres.

“Sim”, concordou Rowan. “O comportamento dele fez com que eu me prejudicasse a mim mesma. Tinha cuidado com tudo o que dizia e fazia. Fingia ser alguém que não era.”

“Nem todos os homens são assim. O Lyn não é assim.”

“Eu não odeio os homens, não se engane. O último desejo da minha irmã era que eu atirasse aquele sacana para fora da minha vida. E eu gostava de o ter feito mais cedo. A Morwenna podia ter tido anos comigo, com a verdadeira Rowan. Ela morreu muito cedo.” Os olhos de Rowan encheram de lágrimas e ela usou o antebraço para os enxugar. O carro guinou perigosamente.

Carolann agarrou o volante e acertou a direção do carro. “Não é melhor encostarmos?” O carro parecia um brinquedo de criança. Se encostassem, Carolann teria provavelmente de girar uma manivela para voltar a ligar o carro.

“Não.” Rowan fungou. “Basta-me dizer o nome dela para ficar assim. Hoje é um dia difícil para nós, até conseguirmos conversar. Eu vou ficar bem.”

O barulho da estrada era tranquilizante.

“Com o Lyn, como em todos as relações provavelmente, há alguns fingimentos. Mas a mulher que eu finjo ser é, normalmente, aquela que eu quero ser.”

“Uma bêbeda?”

“Já não”, respondeu Carolann. “Já tratámos disso.”

“E sabe isso o que é, não sabe?”

“Já não é um problema. É passado. E também graças a si.”

“Bem, não é só com o Lyn. É com todos os homens.” Rowan olhou de soslaio para Carolann. “A grande vergonha dos homens é quererem que façamos coisas com os corpos deles que, na verdade, os enojam. O pénis e a boca... um pénis mal lavado não

devia unir-se com a boca de uma pessoa. Mas, mesmo assim, eles procuram essa ligação, desejam-na, e com frequência.” Rowan olhou novamente de soslaio para Carolann. “Eles não percebem, e não acreditam, que a boca, aquela boquinha linda, também o deseja. As mulheres estão esfomeadas!”

“Bem, não tenho a certeza se...”

“Ah sim! E se a boquinha linda o deseja, então ou a mulher é uma mentirosa, com a sua postura muito recatada, ou é uma puta. Se é mentirosa, o homem odeia-a; se é puta, o homem odeia-a. Mesmo assim, ele ama-a e o corpo dele deseja aquilo que ela – especialmente depois de um shot de tequila – está disposta ou mesmo ansiosa por fazer.”

Carolann observava a estrada. Então disse: “Não sei se todos os homens sofrem dessa vergonha. Nunca passou, por mero acaso, por um daqueles canais num hotel?”

“Pornografia? Claro. Aí está a prova. Não há vergonha nas emoções indiretas – só no ecrã. É por isso que essa indústria é tão grande. Eles querem o que querem, mas, à luz do dia, o que querem deixa-os perturbados. E o que eles querem é horrível.”

“Se a Rowan estiver certa, e não faço ideia se está, não acha que funciona para os dois lados? As mulheres não querem o mesmo... ou melhor, os homens não estão esfomeados?”

“Não é o mesmo. Para os homens, é um meio para atingir um fim. Mesmo um amante egoísta vai dar o seu melhor de vez em quando, porque assim o orgasmo da sua parceira está quase garantido.”

“Ó, eu...” Carolann conhecia o mundo da medicina. Era capaz de falar do corpo humano e da biologia humana sem hesitações. Mas a palavra *orgasmo* parecia ultrapassar algum limite.

“Com alguma sorte”, acrescentou Rowan, “alguns homens até se definem por esse sucesso.”

“Talvez seja só com os americanos. Descendemos dos Puritanos.”

“Nada disso. Toda a gente. Todas as nações.” Rowan olhou pelo espelho retrovisor e atravessou duas faixas. “Passou tanto tempo desde a última vez, que eu já percebi como tudo funciona. Sou virgem pela segunda vez. Quanto mais nos distanciamos de uma

verdade difícil, mas fácil se torna dizê-la. E eu digo-lhe: todos os homens precisam que as suas mulheres bebam."

"Bom, o Lyn não. Já não." Carolann sorriu.

"Ele ainda gosta de descrever o seu passado rebelde?", perguntou Rowan.

"O nosso casamento começou em circunstâncias invulgares e eu acho que ele não acredita em mim quando lhe digo que evoluiu para um casamento genuíno. Eu amo-o mesmo." Esta era a verdade na sua essência, mas Carolann sentia-se subjugada pela tristeza quando, ao tentar expressar essa verdade, soava insincera. Além disso, envergonhava-se da necessidade de ter o dizer em voz alta.

"Que loucura. Tem medo que ele perceba que o ama?"

"Ele acha que eu preciso dele e que lhe devo alguma coisa. E a necessidade supera o amor. Posso dizer-lhe que o amo, mas, se por alguma razão, ele pensar que eu não *preciso* dele, então, está tudo arruinado. É demasiado frágil esta situação."

"Eu amei realmente aquele sacana. Há muito tempo...", disse Rowan. "Sim, o amor é frágil." Apertou o volante com força. "Sacana."

"Quando o Lyn me pediu em casamento", disse Carolann, "ofereceu-me uma família saudável, estável. Eu precisava disso."

"Toda a gente precisa disso, mas ele trata-a como a uma criança. Você é uma mulher independente. Algumas mulheres não sabem conduzir. Nem sequer pôr gasolina no carro."

"Eu detesto conduzir aqui."

"Está bem, mas a Carolann é mais forte do que pensa. Não exagere as suas fraquezas só para lhe agradar."

"Temos uma relação estável. A estabilidade falsa há de ser melhor do que nada."

"A verdade é que é o melhor, minha querida", disse Rowan. "Conte esta história à montanha e veja lá as respostas que recebe."

Carolann suspirou. "Magia."

Rowan abanou a cabeça. "Fale primeiro com a sua irmã. Nenhum amor, nenhum casamento pode substituir o amor de um irmão gémeo. Eu tinha uma gémea e, com ou sem a Morwenna neste mundo, eu acho que compreendo a sua situação. E estou aqui para o que for preciso, quando for preciso."

Carolann olhou de soslaio para Rowan, mas não disse nada. Sentiu um espasmo no maxilar.

“Morwenna!” Rowan atirou as mãos ao ar e bateu no teto. “Não quero começar com o raio da choradeira outra vez!”

Carolann agarrou o volante, mantendo-o fixo.

Rowan estava num pranto. “Morwenna! Deixa-me dizer o teu nome sem chorar. Três anos... já passaram três anos... Morwenna, Morwenna.”

“Não é melhor ir eu a conduzir?” Carolann olhou para a estrada. Aproximavam-se de uma curva longa. A última coisa que Carolann queria era conduzir aquele Citroën a mudanças numa autoestrada com cinco faixas e com regras de ultrapassagem características de corridas de estafetas.

Rowan limpou a cara e agarrou o volante. “Estou bem.”

“Pode parar de dizer o nome dela?” Carolann escavava na sua mala à procura de um lenço.

“Estou bem agora. Ótima.”

Carolann deu um lenço a Rowan.

Rowan respirou fundo. “Enfim. Então e o Chip?”

“O Chip está ótimo, como viu.”

“Se a Carolann não for honesta consigo mesma, que exemplo está a dar? Uma mãe que se compromete ao ficar num casamento destrutivo?”

“Isso não é justo.” Carolann bateu com o mapa no tabliê. Não provocou o estrondo que desejava. Sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça.

“Pronto, casamento cómodo.”

“O Lyn é o melhor pai que pode haver.” As suas veias haviam-se invertido. “E você não sabe nada sobre isso.”

“Pronto.” Rowan fungou novamente. “Não digo mais nada. Hoje estou demasiado sensível.”

Carolann procurou outro lenço. Mas, em vez do Kleenex, agarrou o envelope que Steven Olague lhe dera. Tirou-o e abriu-o, desdobrando no colo o papel. Estava realmente endereçado a Chip, o seu nome legal escrito numa coluna. *Raines Charles Lynwood Cooper, Junior*. Carolann adorava a sonoridade imponente, solene, daquele nome. O nome de um futuro presidente – pobres dos

miúdos americanos nascidos no estrangeiro, que nunca poderiam vir a ser presidentes. Tratava-se dos resultados de uns quaisquer testes laboratoriais.

Numa outra coluna, longa e repleta de números, lia-se ADN-isto-e-ADN-aquilo e mais qualquer coisa. E outro nome, semelhante ao de Chip. *Raines Charles Lynwood Cooper – sem Junior.* Números semelhantes e algumas setas. *Esfregaço bucal*. Uma indicação do pagamento integral, de cerca de £200, e a data da amostra. Novembro. A noite dos tacos de peru. A noite da experiência dentária de Ticia, com a cabeça de Lyn inclinada para trás na cadeira, enquanto Carolann desempenhava o seu melhor papel de anfitriã.

Lyn era o pai de Chip.

E, por algum motivo, Chip e a sua amiga Ticia queriam uma prova disso. Carolann não conseguia respirar. “Não.”

“Más notícias?” Rowan tentou olhar para o papel.

Carolann baixou a cabeça. “Foda-se.” Sentiu-se melhor ao ouvir aquela palavra horrível a sair da sua boca. Um castigo e uma absolvição numa só página. “Foda-se.” Carolann tinha trinta e dois anos e, até então, nunca soubera quão agradável era blasfemar.

“O que quer que seja, conte à montanha.”

“Não posso voltar para casa. Nunca. Leve-me para aquela ponte suspensa. Quero atirar-me.”

“Essa ponte é em Bristol. Era preciso fazer um desvio. Além disso, a sua saia de balão só ia fazê-la flutuar até às margens lamacentas do rio. O que se passa?”

“Não estamos no século XIX. Dê-me arsénio. Dê-me uma forca. Dê-me...” Deteve-se para não dizer a palavra *arma*. Não iria mexer no passado de Lyn. Respirou fundo. O que poderia ter dito que despertasse a curiosidade do seu filho? Talvez Lyn tivesse dito alguma coisa... aludindo a uma futura discussão. O que teria Chip ouvido?

Rowan esperou, conduzindo muda por mais uns metros.

Finalmente, Carolann passou as mãos pelo cabelo e disse “Espero que essa deusa da sua torre mágica tenha bons conselhos.”

“Quer começar por mim?”, perguntou Rowan.

Carolann falou para o colo, baixinho. “Eu dormi com o Buck.” Esperou que Rowan se esbaforisse ou virasse o volante do carro, mas ela não falou, nem se mexeu. “O marido da minha irmã.”

“Quando?”

“No secundário. Eu seduzi-o. Aproveitei-me dele.” Carolann viu passar os campos limpos, verdes, bem cuidados.

Rowan disse-lhe “Não seja tão dura consigo mesma.”

“Foi só uma vez... a coisa com o Buck. Depois conheci o Lyn e dormi com ele, uma vez, antes de nos casarmos.”

“Um frenesim de sexo antes do casamento. É isso que a preocupa? *Vai-te para um convento*.”

Carolann olhou para baixo, para o papel que trazia no colo. Sentia que lhe haviam tirado um peso de cima para, no mesmo minuto, lhe revelarem algo mais pesado e vivo e insuportável. “Ele pensava que eu já estava grávida. Pensávamos os dois.”

Rowan esbofeteou o papel no colo de Carolann. Não era um ser vivo. Era uma coisa morta. Tinta e árvore e pasta. “Diga isso à montanha. Depois saberá o que fazer.”

Capítulo 55

No auditório da escola, Lyn colocou a mão no ombro de Chip e apertou-o. “Muito bem, filho. Assim que engrenaste, correu muito bem. Estou orgulhoso.”

“Ainda bem que vieste.” Os alunos passavam por Chip à saída do auditório e alguns davam-lhe palmadas nas costas e os parabéns.

“Falar em público é a coisa mais difícil do mundo”, disse Lyn.

“Tenho bons genes, parece-me.”

“Nada disso”, respondeu Lyn sacudindo a cabeça. “O talento é todo teu.”

“A mãe também devia ter vindo.”

“Estás a tornar-te um homem. Ela compreende.”

Chip assentiu, recordando-se da imagem da sua mãe à porta de casa, vendo-o partir.

“O mais importante para ela é que sejas bem-sucedido. Para nós os dois.”

Chip viu os seus colegas em fila na saída. Stewart Neame ainda estava ao pé da saída lateral. Mesmo assim, Chip sabia que, se continuasse a conversar com o seu pai, chegaria atrasado à aula de História. Os seus amigos inventariam uma desculpa por ele. Aliás, se Neame fosse tão vigilante como se proclamava, já saberia exatamente onde se encontrava Chip.

“Em breve, a tua vontade própria irá sobrepor-se à tua educação. Percebes o que quero dizer? As tuas ações e as tuas intenções serão mais importantes do que qualquer coisa em que eu e a tua mãe possamos interferir. Estarmos ou não a assistir será cada vez menos importante.”

“A natureza supera a educação por volta dos catorze anos?” Chip levantou o sobrolho. “Pareces a Rowan com as suas histórias da Nova Era.”

“Não, acho que a natureza e a educação só serão superadas pelo homem que tu pretendes ser e pelas escolhas que fizeres nesse sentido.”

“Tudo bem.”

"Podes tentar agradar aos teus pais, à sociedade, a Deus. O que interessa é o que vem de dentro. Em última instância, tu só tens controlo sobre ti próprio. És, em primeiro lugar, responsável perante ti próprio. E parece que isso começa a acontecer, no teu caso, por volta dos catorze anos. Estás a tornar-te um jovem brilhante, Chip. Vem comigo até ao carro."

"Tenho aula da História", disse Chip. "O Sr. Neame é o professor que..."

"O professor que *está de olho em ti*. Gostava de o conhecer."

Chip inclinou a cabeça na direção de Stewart Neame, que girava sobre si mesmo perto da saída lateral. "Ele vai estar com pressa."

"Eu não demoro." Lyn dirigiu-se para Neame. "Acredita."

Chip seguiu o pai, esperando secretamente que Neame se fosse embora. Mas o professor ficou imóvel.

"Sr. Cooper, deduzo." Neame deu um passo em frente e apertou a mão de Lyn. "Bom trabalho, Chip."

Lyn sorriu. "Uma pergunta rápida, se me permite..."

Mas porque haveria o seu pai de ir remexer na situação? Era certo que o Sr. Neame e o seu cabelo encaracolado à hippie não iriam estar na mesma onda de Lyn Cooper.

"No início do ano letivo, mesmo quando o Chip estava a tirar excelentes notas à sua disciplina – a todas, aliás –, o senhor demonstrou-se preocupado. Não me quer dizer o que o preocupava?"

Neame nivelou cautelosamente o seu olhar com o de Lyn. "Isto." Acenou na direção do palco. "Mais ou menos."

Neame estava preocupado com a possibilidade de a melhor amiga de Chip fumar haxixe, cair de uma árvore e magoar-se na cabeça? E de Chip ter de subir ao palco para fazer o elogio dela, que seria depois enviado para o rancho de lamas da tia de Ticia?

"Ouça, às vezes os miúdos que vêm de cidades pequenas dos EUA, bons miúdos, que se destacam nas suas comunidades locais... bom, chegam aqui e encontram uma oportunidade para se redefinirem a si próprios. E às vezes também perdem as suas qualidades no processo. Podem ser levados por caminhos que não queriam seguir. É muito perigoso."

“O Chip não é assim.” Lyn pousou a mão na cabeça do filho. Tinha de levantar muito o braço para o fazer.

“Deixa-me fazer-te uma pergunta.” Neame virou-se para Chip. “Usavas essas t-shirts pretas todos os dias quando estavas no Kansas? Sentavas-te nas aulas com a mesma postura relaxada e escrevias letras?”

“Mas eu estou atento nas aulas”, disse Chip orgulhosamente.

“Compreendo. Ouve, talvez não estivesses a entrar na espiral dos outros expatriados. Mas, nas primeiras semanas, usavas t-shirt coloridas e tinhas o cabelo lavado. Ao fim da terceira semana, já tinhas outro aspeto. Os miúdos até gostam que reparem neles. E é bom ter uma figura de autoridade a olhar por nós. Só isso.”

“Na nossa cidade no Kansas”, explicou Lyn, “mais do que reparar, as pessoas observam meticulosamente. Toda a gente sabe se o Chip mudou ou não de estilo e quanto custam as suas t-shirts e em que momento exatamente passou a usar o large em vez do médio. E não é só com o Chip, é com toda a gente.”

“Olha, ainda bem que já acabaste com esse ar de mauzão.” Neame acenou novamente para o palco. “Boa homenagem. Ela vai gostar.”

“Obrigado. Acho que sim.” Quando é que os professores haviam começado a usar palavras como *mauzão* em frente de um pai?

“O Chip pode ir comigo até ao carro?”, perguntou Lyn.

Neame baixou a cabeça numa reverência normalmente reservada à realeza. Os seus longos caracóis tocaram levemente as lapelas do seu casaco. Chip seguiu o pai para o exterior.

Lyn segurou a porta do auditório. “O homem é estranho, mas parece querer o melhor para ti.” Parou próximo do carro. “Chip, não há dúvidas de que vais ser um líder no futuro. Profissional e pessoalmente. Lembra-te disto. As pessoas cometem erros. Às vezes erros gigantes, que parecem imperdoáveis.”

“Ok.”

“Isto que te digo é importante. É bom que te lembres. Julga as pessoas pelas suas intenções. Infelizmente, a tua resposta poderá ter de ser diretamente proporcional ao erro e, portanto, pode parecer bastante dura. É isso a liderança. Mas lembra-te sempre das intenções.”

Capítulo 56

"Chegámos, Bela Adormecida."

Carolann sentiu que alguém pressionava gentilmente o seu ombro, que alguém a puxava. O seu corpo registou o movimento do carro, que abrandava agora, depois das altas velocidades soporíferas e do zumbido da autoestrada do West Country. Reconheceu a subtil ansiedade de estar num carro acabado de estacionar após uma longa viagem e a necessidade de se levantar e mexer.

Esfregou a cara e passou os dedos pelo cabelo, massajando o escalpe. Provavelmente dormira quase toda a viagem. A sua boca sabia a cola.

"Sorte a nossa: não me perdi. Não queria acordá-la", disse Rowan.

"Que horas são?" Carolann olhou para o relógio.

"Não havia muito trânsito." Rowan bateu levemente no joelho de Carolann. "Pronta para conhecer Avalon?"

Carolann abriu a porta do carro e saiu. O ar trazia o cheiro característico do campo. Erva bem verde e vacas. O que elas comem e digerem. No céu azul, as nuvens eram finas e dispersas. Carolann levou as mãos ao fundo das costas e esticou os ombros.

"Sei que está com dúvidas", disse Rowan, "mas isto é uma peregrinação, isolada do que se passa com a sua irmã. Se decidir honrar o sagrado que há aqui – é uma decisão – ele irá retribuir na mesma moeda." Puxou o fecho do seu amplo casaco polar até acima do peito. Parecia um urso de peluche azul à escala humana.

"Então era aqui a casa de Merlin e dos Druídas sagrados?" A pulsação de Carolann acelerava ao caminharem.

"E é onde estão os túmulos do Rei Artur e da Guinevere... e Jesus também esteve aqui." Rowan parou de repente e olhou para cima. "Contemple."

No alto de um grande monte coberto de erva, acocorava-se uma torre, como se o que restasse do topo da igreja se tivesse afundado no solo. A estrutura era quadrada, mas fálica, como que demasiado exposta. E vulnerável, pois espreitava do chão, parecendo querer

agachar-se e esconder-se. A imagem era estranhamente masculina, tendo em conta a manifestação física da deusa. Prova talvez de que no masculino há sempre feminino e vice-versa. A protuberância do rochedo lembrava Carolann da circuncisão cicatrizada do seu filho bebé.

“Era isto que esperava?”, perguntou Rowan. “Não tire conclusões precipitadas. Logo a seguir, e muito mais tarde, é que vai perceber.”

“Sabe que a minha família ainda pode cá estar no próximo ano.”

“Ainda bem.” Rowan agarrou o braço de Carolann.

Algumas pessoas pontilhavam a montanha, caminhando em direção ao topo. Outras desciam, mochilas e máquinas fotográficas atiradas para cima dos ombros.

“É em voz alta que fala com a sua irmã?” Carolann estava ofegante.

Rowan encolheu os ombros. “Às vezes. Já está a sentir, não está? O cruzamento das Linhas Ley. O poder feminino está a falar consigo.”

“Isso não sei, mas esta subida está a dar cabo de mim. E a Rowan nem ofegante está.”

“É do ioga!” Riu-se ela.

Carolann também se riu, mas estava apreensiva. Enquanto subia a montanha, apercebeu-se de que não queria nenhuma confirmação mística do divino. Não queria abandonar o seu cinismo tão saudável. Carolann gostava da sua crença pessoal em Deus. E gostava de acreditar que essa crença era uma escolha que fazia todos os dias. Não era uma fé cega, mas uma decisão ativa. Uma decisão sua.

Respirou fundo e encheu os pulmões com o ar fresco de abril. “Quando falam consigo, quando a sua irmã fala consigo... isso assusta-a?”

“Nada.” Rowan já arfava. “Está a ver aquela espécie de socalcos?”

“Jesus subiu aquilo?” Carolann tentou imaginar Jesus a subir o trilho em que se encontrava. “Se isto já era o lugar do Feminino Sagrado, ou lá como se chama, então Jesus veio cá para se encontrar com outras divindades? Será que fizeram uma festa?

Será que o Buda andava a passear pela mesa dos aperitivos enquanto a Maria e o José dançavam o tango...” Parou de subir para recuperar o fôlego.

Rowan riu-se. “Vocês americanos adoram falar quando estão nervosos. Está nervosa?”

“Adoramos?”, perguntou ela.

“Vá, vamos”, disse Rowan. “Ninguém sabe o que são realmente estes socalcos. Rampas de defesa, pastagens ou um labirinto medieval. Talvez um zodíaco. Vai ver círculos concêntricos. Quando chegarmos lá acima, vou mostrar-lhe umas coisas. Depois vai fazer as suas perguntas mentalmente e aposto que vai receber respostas a muitas outras questões.”

Carolann gostava de trilhar caminho para uma amizade verdadeira com a sua irmã, se possível, mas não queria que a torre mágica lhe respondesse a nenhuma pergunta importante. Algumas pessoas acreditavam que o homem inventara Deus, e não o contrário. Para os seres humanos, não era fácil controlar os impulsos, por isso inventaram a religião. Ou, se não tivesse sido exatamente assim, então o homem descobrira Deus de forma fortuita, para servir as suas necessidades. A questão nunca seria consensual – a galinha ou o ovo, a religião ou as pessoas que precisam dela – e, na verdade, nada disso interessava.

A visão que Carolann tinha do mundo era sólida. Deus existia. Ele sempre estivera e sempre estaria presente na sua vida. E haveria de Se expressar aos crentes da forma como entendesse. Não necessariamente da forma como um pastor no centro do Kansas se expressava em Seu nome. Não cabe aos mais profundamente filosóficos membros da humanidade resolver os mistérios coletivos do universo. Além disso, a perceção de fé é intimamente pessoal. As crenças de Carolann eram sólidas e haviam sido desenvolvidas ao longo da sua vida, pelo que não queria nenhuma deusa etérea a remexer na sua verdade.

Quando chegaram ao topo, Rowan e Carolann sentaram-se num grande círculo de pedra, quais druidas, e estudaram a paisagem verdejante. O terreno estava dividido por barreiras de sedes mudas e cor de vinho. Mil tonalidades de verde rolavam por lá fora, distantes e vastas. O céu azul suspendia-se sobre as suas cabeças

e havia finos trilhos de nuvens iluminados pelo sol. A forma como Carolann se sentia combinava na perfeição com todas aquelas cores – uma raridade.

“É impressionante, não é?” Rowan pousou a mão no ombro de Carolann. “Vou lá para dentro. Está a ver aquele banco por baixo do arco?”

“Estou.”

“Encontramo-nos lá em meia hora.”

Carolann percorreu sozinha o perímetro da montanha. *Vá, Maryann*, pensou para si mesma, *se achas que preciso de alguma mensagem divina, então esta é a tua oportunidade. Estou aqui, mana. Manda vir.*

Nada.

Não queres dizer-me nada? Carolann formulou a pergunta, palavra a palavra, na sua cabeça.

Nada.

Queres que eu te diga alguma coisa? Há alguma coisa que queiras saber? O que queres confirmar, Maryann?

E nada.

Carolann não ouvia quaisquer vozes. Não ouvia qualquer resposta nem mesmo na privacidade da sua mente.

Queres que eu volte para o Kansas e tome conta dos nossos pais? É isso que é preciso para deixar toda a gente feliz? O que é que isso resolveria?

Nada.

E se eu encontrar a jarra perfeita, o que é que vai mudar exatamente?

Absolutamente nada.

E se eu a encontrar, e se conseguir tudo isso, se a missão for cumprida... então o que teremos para conversar?

Nada.

Carolann sorriu e observou o verde ondulante que atravessava a montanha. Subitamente, sentiu uma briza a envolvê-la, embrulhando-a num vazio. Sentiu um calafrio, um vácuo, um ar gelado que parecia limpá-la de todas as emoções e de toda a história. Ficou límpida e cândida e pura. Estremeceu. E o momento passou.

Não havia mais perguntas a fazer.

Nada.

Não havia revelações que levassem a terra a estremecer, não havia tremores subtis, não havia energias de qualquer espécie. Carolann sentou-se num canto mais saliente da montanha e encolheu os ombros. Revisitou a conversa que tivera mentalmente, consciente do seu papel em ambos os lados do diálogo. Fora uma das conversas mais transparentes que tivera com a sua irmã. Sorriu e deixou-se estar sentada, decorando a paisagem. Deixou que as suas mãos repousassem na pedra fria por baixo de si. Não sentia calor, nem música, nem vibrações, nem texturas nas suas mãos, além da dureza fria, muda daquela pedra cinza áurea. Dobrou os dedos para sentir as diferentes texturas da pedra. Mesmo que fosse sagrada, divinamente feminina, a pedra não lhe dizia nada. Era sólida e segura, como provavelmente sempre fora, apanhando chuva, absorvendo o sol, estação após estação. Uma pedra apenas.

Carolann encostou a cabeça à montanha para que o sol banhasse a sua cara, mas a sua mente voltou a Surrey. Chip portara-se bem afinal. E Lyn estava lá, portando-se bem, como sempre, enquanto pai de Chip. A sua corrente de consciência transformou-se num rio. Não era a voz de uma deusa com uma mensagem para deixar. Eram apenas os seus pensamentos, perguntas e respostas, umas atrás das outras, ou todas ao mesmo tempo, numa correria.

Apercebeu-se de que, na sua vida, tivera poucas oportunidades para uma verdadeira autorreflexão, por ter vivido quase sempre num local onde todos estão demasiados ocupados em refletir sobre os outros. Aquela nova liberdade era como uma droga. Abriu os olhos para o sol e voltou a fechá-los, ficando com um vermelho vivo nas pálpebras.

Droga. Aquela pobre Ticia não era toxicodependente. Claro que Carolann o sabia, era enfermeira, mas como poderiam os pais dela enganar-se tão redondamente? Estava agora na Califórnia, a desgraçada, com uma tia psiquiatra criadora de lamas, a fazer reabilitação. Só Deus saberia que tipo de pessoas ela iria encontrar lá e o que iria aprender. Se Carolann não tivesse andado tão preocupada em proteger Chip, talvez pudesse ter ajudado a

encaminhar os pensamentos dos pais de Ticia para o destino certo. Seria tarde demais? Carolann inspirou.

Steve Olague perguntara-lhe onde errara. Lara Olague parecia mais concentrada no futuro... no que poderiam ainda salvar e na melhor forma de colocar Ticia novamente no bom caminho. Talvez por isso as crianças precisem de dois pais... um para olhar para o passado e outro para estar atento ao futuro. Mas o nosso tempo neste mundo é incerto e não segue apenas um sentido. Às vezes, apercebeu-se Carolann, dois pais nem são suficientes para cobrir todo o espetro. A família de Ticia precisava de ajuda.

“Cá está ela.” Rowan apareceu à frente de Carolann. “Quer ficar mais um bocadinho?”

“Devo ter perdido a noção do tempo”, disse Carolann. “Está tudo bem?”

Rowan abriu os braços. “Morwenna. Está a ver? Morwenna. É um presente de aniversário. E a Carolann...?”

“Bem, não...”

“Eu não lhe disse? Está tudo mais claro agora, não está? E o resto também vai ficar. Todas as suas perguntas, preocupações, dúvidas. Tocou na sua deusa interior. Agora vamos lá descobrir essa jarra para a sua irmã.”

“Vamos almoçar. Convido eu. Crepes Suzette preparados por um unicórnio em sapatilhas de balé com uma flauta mágica.”

Rowan aplaudiu. “E purpurinas! Feliz aniversário para mim e para a Morwenna! Adoro um bom flambê. As sapatilhas de balé são um bónus.”

Capítulo 57

Chip observou as filas de estudantes que se dirigiam para os vários edifícios da escola. Dez minutos antes, sentia-se extasiado. Agora, sentia um peso enorme no corpo.

“Estás bem?”, perguntou Lyn. “Posso levar-te a almoçar mais cedo?”

“É melhor não.” Neame elogiara a sua apresentação. O seu pai também. Sentira-se bem ao deixar o palco ao som de um aplauso tão entusiasta. Mas agora parecia que nem davam por ele. Henrik e Maarten haviam desaparecido.

“A consciência de si mesmo é difícil de atingir. Mas tu subiste àquele palco.”

“*Yep*...” Não conseguia pensar noutra resposta. Talvez os seus pensamentos estivessem a gotejar, através do seu corpo, para ao chão. A gravidade afastara-os da clareza e da organização da sua mente, deixando-os cair nas suas botas como chumbo ainda por solidificar. O veneno respingava e subia pelas solas dos seus pés. Olhou para o seu pai. Talvez a culpa fosse dele. Ele tinha culpa em alguma coisa, isso era certo.

“Vais sentir a falta dela”, disse Lyn. “E estás zangado.”

“Talvez.” Chip enfiou as mãos nos bolsos. Também teria chumbo nos bolsos? As suas roupas estavam carregadas de toxinas.

“A Ticia agiu mal, por isso, já cá não está. É natural que estejas desiludido.”

Chip encolheu os ombros. “Quando sentimos falta de alguém é porque temos boas recordações dessa pessoa.” Chip ouviu-se falar racionalmente, pondo a raiva de lado, para que não passasse para a conversa com o seu pai. Quando aprendera a compartimentalizar as suas emoções? “É como se ela me tivesse feito promessas que depois não cumpriu.”

“A vossa amizade ainda pode sobreviver à distância. Não te admires se isso acontecer.”

“Estava stressado com a apresentação, mas, agora que isso já está feito, apareceu um monte de outras coisas. Como se o meu cérebro tivesse bloqueado certos pensamentos.”

“Dissonância cognitiva”, disse Lyn. “Esse choque de opiniões vai começar a desaparecer.”

“Talvez.” Chip suspirou. “Mas tens razão. Estou mesmo lixado com ela.”

“Zangado. Lixado, não. Certo?”

“*Ya*.”

“Esta apresentação foi uma boa oportunidade para te desafiares em palco. A Ticia não só te deu essa oportunidade, como te empurrou para ela. A ironia é que ela tem sido uma óptima influência.”

“*Ya*...” Chip sorriu. “Isso é verdade.”

“Deixa-me fazer-te uma pergunta. Ficaste com ciúmes por ela não te ter incluído nas suas experiências?”

“Com as drogas? Nem pensar.”

“Não seria imperdoável”, disse Lyn, “que quisesses experimentar. Tomar a decisão de não o fazer é uma vitória moral. Mas é de esperar que haja um interesse, um desejo inicial.”

“Achas?!” Chip deu um pontapé no pneu do carro do seu pai. “Não.”

“Só to queria perguntar diretamente. É melhor isso do que deixar passar algo importante que devíamos discutir.”

“Eu quase nem bebo cafeína.”

“Sabes”, disse Lyn, “ninguém nos dá um livro de instruções quando saímos do hospital com um bebé. Às vezes, eu e a tua mãe fazemos perguntas que não devemos ou dizemos-te coisas que não deves ouvir, por seres muito novo, ou ensinamos-te coisas que não devemos. Às vezes, também nos enganamos.” De dentro dos seus bolsos, Lyn pressionou a chave do carro. Ao destrancar-se, o carro emitiu dois latidos.

“Não, não se enganam.” Chip lembrou-se de uma conversa que tivera com Ticia umas semanas antes sobre o suicídio do seu avô e a educação do seu pai. *Não podes mudar o passado*, dissera ela. *A única coisa que podes fazer é tentar compensá-lo, um bocadinho de cada vez. Preparas o futuro em conjunto com o teu pai. Assim, ele vai perceber que tipo de pai é que acabou por ser*. Chip olhou para Lyn. “Tu não tiveste um grande pai, mas eu tenho. És um excelente pai.”

Lyn abriu a porta do carro.

“A sério, quando um dia tiver a minha própria família, espero que seja exatamente, 100%, igual ao que tu e a mãe...”

“Não, 100% igual não.” Lyn sentou-se dentro do carro e pasmou a olhar para o tabliê.

“Estás a gozar?” Chip apoiou-se no tejadilho do carro, impedindo Lyn de fechar a porta. “Acredita em mim. Hei de ficar orgulhoso se os meus filhos forem como tu.”

Lyn ligou o carro, sem sequer olhar para o filho. “Não faças o professor esperar.” Chip deu um passo atrás. Lyn puxou a porta para a fechar e foi embora.

Capítulo 58

“Está muito desiludida ou está zangada?”, perguntou Rowan, enfiando na boca uma batata frita, gorda e dourada. “Parece zangada.”

O *pub* cheirava mesmo a batatas fritas. Décadas de gordura repousavam na alcatifa vermelha e castanha do *pub*. Carolann sentou-se em cima das mãos, incomodada pelo seu desejo de comer uma batata daquelas. “Não sei porque terá a Maryann pensado que lá havia uma jarra. Aquela loja só vende mobília. E o homem foi mal-educado.”

“Pode ter sido do seu sotaque. O dólar todo poderoso.”

“Mas o homem vende para o mercado norte-americano.” Carolann suspirou. “Tem de haver uma jarra daquelas algures por aí.”

Rowan comeu outra batata manchada de maionese.

“Parece que nunca a vou encontrar. Estou farta.”

“E realmente nunca vai encontrar até que, de repente, o *nunca* deixa de interessar. Quando o *nunca* se evaporar, as coisas vão começar a acontecer. A menos que desista primeiro.”

“A Edith Heaney disse-me que desistisse. Mas eu quero encontrar a jarra para a Maryann.”

“Pelo menos, a Carolann e o Lyn procuraram em bons sítios. Tetbury, Burford... e nós as duas já tivemos algumas aventuras.”

“Mas também não devo nada à minha irmã”, disse Carolann. “Uma irmã não serve para nos cobrar dívidas ou para nos culpar ou para igualar resultados. Talvez tenha sido isso que percebi em Glastonbury Tor. Só que ela pensa que eu nem estou à procura. E quero mostrar-lhe que está errada.”

“À nossa demanda.” Rowan levantou a sua caneca de cerveja.

“E um feliz aniversário para si e para a sua irmã.” Carolann fez tintilar o seu copo de água mineral.

“A mim e à Morwenna.” Rowan olhou para o teto de azulejos, translúcido de fumo, envelhecido da sabedoria de conversas entreouvidas ao longo de décadas. “Morwenna”, repetiu.

Se Maryann morresse, Carolann não se imaginava, três anos depois, ainda a chorar a sua morte. E muito menos por apenas pronunciar o seu nome. A aparente dicotomia entre aquelas duas relações surpreendeu-a.

Se Carolann morresse primeiro, Maryann também não haveria de chorar muito. Aliás, depois de o funeral terminar e de as pessoas irem embora, não voltaria a chorar. Maryann sempre tivera um talento especial para separar as aparências das emoções. Com ela, tudo apresentava o aspeto que deveria apresentar, independentemente da verdade subjacente. No entanto, a realidade era que não havia razão para as irmãs Field não terem uma relação como a de Rowan e Morwenna. Teria de ser Carolann a dar o primeiro passo. Para isso, teria de encontrar a tal jarra. “Reparou no anúncio da feira da ladra?”, perguntou.

Rowan assentiu. “Já há de estar tudo empacotado quando lá chegarmos.”

“É o momento certo para regatear.” Carolann encolheu os ombros.

“Tem pressa para voltar para casa?”

“Não.” Carolann lembrou-se do relatório que trazia na mala. “Nenhuma.”

Uma hora depois, Carolann estava a passar pratos antigos de um monte para outro no expositor cambaleante de um homem gordo. Numa cartolina escrita à mão lia-se “£2”. Mesmo virado ao contrário, Carolann reconheceu o padrão que procurava. “Ó!”, ouviu-se latir, enquanto virava o prato. “É o apicultor!”

“Mas é um prato”, lembrou Rowan. “A sua irmã quer é a jarra, não é?”

“Por duas libras, acho que ela ia gostar do prato. E não há manchas, nem impressões digitais, nem lascas, nem rachas, nem desvarios. Ela vai gostar disto.”

Subitamente desperto, o vendedor aborrecido lá se levantou da sua cadeira de jardim. Puxou a cintura elástica do casaco para baixo da barriga, que ficou perfeitamente aconchegada sobre as suas

pernas esqueléticas de calças cinzentas. “Esse padrão é raro, por isso não é tão barato.”

“Mas no papel diz duas libras.” Rowan abanou a cabeça.

O homem tirou o prato das mãos de Carolann, voltou a colocá-lo no monte e enfiou as mãos nos bolsos. “Vinte. É o melhor que posso fazer.”

“Duas libras”, disse Rowan apontando para a pequena cartolina. “Enfim, também não é disso que ela anda à procura.”

Carolann não queria regatear. A sua irmã pagaria cem libras, se fosse preciso. Além disso, sabia que já havia arruinado as hipóteses de negociação com a sua avidez. Rowan saberia o que dizer, com o sotaque certo.

“Ele está é a divertir-se. E não era isto que a Carolann queria. Não desperdice dinheiro.”

Carolann vivera muitos anos em casa do seu pai para não fazer uma pausa ao ouvir algo como *desperdício de dinheiro*. Mas se a intenção de Maryann era apenas vender a peça na sua loja, então ficaria encantada com o prato. Ficaria tão feliz por Carolann ter encontrado o prato – o que quer que fosse naquele padrão – que talvez a amizade delas ganhasse um novo fôlego. E essa possibilidade nunca contaria como um desperdício de dinheiro. “Eu levo.”

O homem embrulhou o prato numa folha de jornal e Carolann pagou.

“Sacana presunçoso”, protestou Rowan enquanto se afastavam. “Ele nem sabia isso o que era.”

“Mas eu sei.” Carolann abraçou o prato contra o peito. “Não é uma jarra, mas é mesmo isto que tenho de dar à Maryann. Assim ela vai perceber... eu vou provar-lhe... sabe o que eu quero dizer. Pelo menos, eu sei.”

Capítulo 59

Lyn fez deslizar o seu bilhete de comboio pelo “comedor de bilhetes” eletrónico, como Carolann gostava de lhe chamar. Esperou que as portinholas de metal se abrissem, como num *saloon* dos tempos modernos estranhamente inglês, e agarrou no bilhete ejetado ao passar para o outro lado. Correu escadas abaixo até à plataforma, as solas dos seus sapatos numa luta com o cimento, acompanhando os outros trabalhadores apressados daquele fim de manhã.

No início, Lyn não se dera bem com os bilhetes de comboio. Às vezes metia-os na máquina ao contrário. Outras vezes, dobrava-os e ficavam ilegíveis. Outras vezes ainda, usava o cartão do dia anterior. Esquecendo-se da famigerada contenção britânica, as pessoas gemiam e bufavam atrás dele. Guardas trocistas da *British Rail* tinham de o fazer passar pela zona dos deficientes, juntamente com malas de viagem e carrinhos de bebé, enquanto Lyn se desculpava. Era uma pena que, sempre que o fazia, revelasse o seu sotaque americano.

Se passasse mais um ano em Inglaterra, talvez viesse a ser capaz de pedir desculpa como os britânicos na estação de comboio, se tivesse sequer de o voltar a fazer. Um ano não era suficiente para uma pessoa se estabelecer. Precisava de mais um, no mínimo. E seria bom que o seu filho terminasse em Inglaterra o ensino secundário, agora que parecia ter acertado o passo.

“Desculpe?” Uma mulher numa gabardina bege chegou-se à frente. “Este comboio para em Clapham?”

“Não”, respondeu Lyn. “Mas para em Wimbledon.”

“Obrigada.” A mulher enviou o cachecol para cima do ombro e caminhou ao longo da plataforma.

Lyn observou-a. Estava finalmente a voltar a si mesmo. Sempre fora aquele homem a quem as pessoas pediam informações. No início da sua carreira, os seus colegas costumavam dizer que Lyn roçava o obsessivo, pela atenção que dava aos pormenores. E por se orgulhar disso.

Porém, em Inglaterra, a sua voz grave, que usava para chamar a atenção no escritório, ou mesmo num restaurante, parecia agora demasiado ruidosa. Ridícula e presunçosa. E até ter conseguido fechar as suas vogais, suavizar os seus *r* e enfiar algum calão nas suas frases, muitas vezes tivera de se repetir. Agora já sabia como as coisas funcionavam. Olhou para o horário dos comboios. Faltavam dois minutos para o próximo. Viu a mulher de gabardina a olhar para o painel eletrónico e, depois, a sorrir-lhe.

Também Chip já sabia como tudo funcionava. Onde teria ele ido buscar aquelas palavras? E as suas ideias? Mesmo quando não falava, Chip parecia ser capaz de compreender, purificar, destilar significados, de expressar a verdade não diluída, apenas com o olhar. Apenas com os seus olhos de avelã, como eram os de Lyn. E como eram os do seu tio. Por uma fração de segundo, Lyn perdeu-se numa corrente de remorsos. Chip poderia, sim, ser sangue do seu sangue.

O comboio chegou e Lyn arranjou um lugar para se sentar. Não conseguia não olhar para as suas mãos disformes segurando o jornal que fingia ler. Chip portara-se realmente bem ao ler o seu poema – o rapaz estava, de facto, a tornar-se um homem. Assim sendo, Lyn e Carolann teriam de resolver o seu grande problema. Lyn segurou bem o jornal na sua frente, protegendo os outros passageiros dos seus pensamentos caóticos e, esperava ele, encurralando-os e organizando-os naquele seu pequeno espaço privado.

Chip não teria de enfrentar uma criança com mãos disformes, nem quaisquer outros horrores da braquidatilia, como o pai de Lyn fora forçado a fazer. Talvez Chip conseguisse efetivamente aceitar o problema, mas então e a sua futura esposa? Poderia não ser capaz, como a mãe de Lyn não fora. Ninguém sabe como irá agir até ser confrontado com a própia situação. Mas Lyn sabia.

Quando era criança, assistira ao desmoronamento da relação dos seus pais, às suas discussões, cada vez mais forçadamente controladas, à mesa de jantar; vira a mobília ser arrastada cada vez mais agressivamente; ouvira as portas a fecharem-se cada vez mais alto... até ao dia em que encontrara o corpo ensanguentado do seu pai junto ao barracão atrás da garagem.

Lyn sentia-se profundamente aliviado por poupar futuros desgostos ao seu filho. Mesmo que isso significasse que não era o pai dele. Com certeza, Chip seria capaz de apreciar o presente de Lyn e Carolann. O plano havia sido concebido ainda antes do nascimento de Chip, portanto, porque estaria Carolann, de repente, tão hesitante?

O comboio começou a rolar e Lyn dobrou o jornal. Fechou os olhos e encostou a cabeça no assento almofadado. Naquele dia, o seu pai parecia estar a dormir, mas estava torto, contorcido, e vestido de forma improvável. Porque haveria de ter vestido o casaco branco do *smoking* para se matar?

Lyn aproximara-se com cautela, inconscientemente consciente do que poderia encontrar (afinal o que o levara àquele lugar? Já sabia antes de saber...), e viu as mãos mortas do seu pai, uma em cima da outra, uma mancha de sangue a escurecer no seu pulso, no mostrador do seu relógio, na manga branca do seu casaco. Era como se se tivesse alvejado no coração, para depois ver as horas. Antes que fosse demasiado tarde. O seu pai estava vestido como o James Bond e usava o seu melhor relógio. Os seus dedos viris eram fortes e longos. Normais. Lyn sentiu orgulho nele. E inveja dele e das suas mãos fortes. E sentiu-se horrorizado e traído e enjoado. E triste, terrivelmente, tragicamente triste. E ciumento e orgulhoso, mesmo pela quietude do seu pai e pelos contornos da sua pose e pelo seu sangue.

Caminhou rapidamente até casa para ir contar à mãe. Caminhou não sabendo que se ajoelhara ao lado do corpo do seu pai. Na sua cabeça, apenas o olhara de cima. Era óbvio que o homem estava morto, não havia porque se ajoelhar. No entanto, as suas calças de ganga estavam húmidas e frias. E nos joelhos e nas canelas havia manchas escuras de lama, como se outra pessoa tivesse usado as suas calças. Sentiu frio nas pernas enquanto caminhava. Estava a sofrer pelo seu pai e abrandou o passo, desesperado por dar ao homem um último momento de paz. Da paz que finalmente encontrara.

Vinte anos mais tarde, Lyn conhecia o valor do presente que ele e Carolann já haviam dado ao seu filho. Graças à assombrosa indiscrição da sua mãe, e à sua extraordinária decisão de desabafar

com um desconhecido – e de confiar na sua reação –, Lyn havia sido presenteado com a oportunidade por que tanto rezara. Deus dera-lhe essa oportunidade. Preces ouvidas.

O comboio de Surbiton arrastou-se até Londres, estalando ao atravessar uma velha ponte, já muitas vezes pintada e arranjada e repintada. O veludo do assento desgastara-se até mais não ser do que uma lona, cinzenta e brilhante, que não deixava espaço para qualquer espécie de sesta. Lyn passou os dedos pela mancha despida de veludo. O momento de presentear o seu filho com a verdade estava a aproximar-se mais depressa do que qualquer pessoa poderia imaginar.

Capítulo 60

Chip chegou da escola e preparou uma sandes de manteiga de amendoim. A mãe não estava lá para o receber e a casa parecia desabitada. Imaginou se ela teria encontrado o que procurava em Glastonbury. Iria esperar que ambos os seus pais chegassem a casa para falar sobre o poema que lera na cerimónia. Chip surpreendera-se a si mesmo. Vários miúdos, talvez uma dúzia, lhe haviam dados os parabéns quando entrara na aula de Neame. Não fazia ideia de aquelas pessoas sabiam sequer o seu nome. Antes da apresentação com certeza não saberiam.

Mas a única pessoa com quem Chip queria falar era Ticia. E Ticia estaria possivelmente agachada numa cadeira plástica na cave de uma qualquer igreja, a falar sobre toxicodependência com um monte de gente que sabia bem o que isso era. E depois iria dar comida aos lamas. Chip pasmou a olhar para o frigorífico na esperança de que alguma coisa lhe parecesse irresistível. Mas não. Fechou o frigorífico.

Chip não percebia por que motivo a mãe de Ticia estava tão certa de que a sua irmã psiquiatra saberia o que fazer. Nem de que forma a sua própria mãe se desviava de todas as críticas que a sua Tia Maryann lhe lançava. Voltou a abrir o frigorífico. Havia queijo. Havia brócolos. Havia mirtilos. Apercebeu-se do quão raro era ter a casa só para si. Era mesmo invulgar estar em casa sem a supervisão dos seus pais.

Talvez não pudesse culpar a mãe de Ticia. Ela até deveria ser uma excelente advogada, com todo o tipo de reações positivas e bónus e vitórias em tribunal. Portanto, quem poderia culpá-la sem saber que tipo de mãe era? Não havia como medir o sucesso de uma mãe, exceto talvez através da caderneta escolar dos seus filhos. E aquela filha tinha um problema com a droga. Era óbvio que tinha de enviá-la para a irmã psiquiatra no rancho de lamas.

Chip tirou do frigorífico uma tigela de mirtilos. A sua mãe ficaria feliz se ele os comesse, tendo em conta a quantidade de antioxidantes que continham. Enfiou uma mão cheia deles na boca. Se Ticia voltasse da Califórnia para o seu último ano de secundário,

Chip queria estar em Inglaterra. Sabia que o seu pai também queria ficar. Mas a mãe não. E no que tocava a assuntos domésticos, às coisas de casa, onde quer que isso fosse, Chip sabia que quem mandava era a mãe.

Capítulo 61

O carro de Rowan estremecia ao longo da autoestrada. Um silêncio quase audível instalara-se entre as duas mulheres, enquanto o prato embrulhado em papel de jornal repousava pesadamente entre os pés de Carolann.

Rowan parecia descontente por Carolann ter comprado o prato. Maryann também não deveria ficar muito impressionada. Ou então ficaria tão satisfeita com aquela peça que insistiria para que Carolann comprasse regularmente outros artigos para a sua loja, algo que Carolann não se sentia preparada para fazer.

Fosse como fosse, aquele prato não era com certeza o que Edith Heaney queria. Nem a jarra parecia ser importante para ela. Qualquer que fosse a sua história por resolver, o seu passado, Edith Heaney parecia estar em paz com as suas memórias. Carolann suspirou. Não poderia preocupar-se com aquele artigo embrulhado em papel de jornal que trazia aos seus pés. Teria de se preocupar antes com o teste laboratorial que trazia na mala.

Rowan mantinha as mãos no volante, aproximando-se de uma grande curva na autoestrada. “Estamos quase a chegar... há bocado estava a dormir, mas a vista ainda é melhor nesta direção. E a luz está ótima agora. É quase tão bom com visitar o Tor.”

Carolann ficou sem fôlego. Campos enormes de um amarelo vivo estendiam-se à sua frente, num quadriculado de tons intensos e vigorosos, divididos por vários verdes. Carolann estava sem palavras. Eram quilómetros de uma cor totalmente saturada. Um crescendo de amarelos. Pasmou a olhar pela janela. Beleza pura e inefável.

Rowan sorriu. “Ainda bem que não a acordei antes.”

Amarelo-limão, verde-maçã, ouro-vibrante, ranúnculo-ananás. O amarelo mais vívido que alguma vez vira. “Meu Deus.” De ambos os lados da estreita faixa cinzenta da auto-estrada abriam-se, sob o horizonte azul, campos incrivelmente, impossivelmente radiosos.

Para cima, um céu sem nuvens, para baixo um campo verdejante. À beira da estrada, e por todo o lado, tão longe quanto Carolann conseguia vislumbrar, um rolar de enormes campos

amarelos. Esperava agora ouvir música, mas, em vez disso, ouviu um silêncio incrivelmente puro. As lágrimas escorreram-lhe dos olhos.

"Conhece aquele artista, Christo?", perguntou Rowan. "Era no Kansas, não era? Que ele pintava os passeios desta cor?"

"Em Kansas City", respondeu Carolann enxugando os olhos. "A minha turma foi a Hoyt para ver isso. Tínhamos um professor novo, de Chicago, que nos queria *cultivar*."

"Mas isto é melhor do que cultura", riu-se Rowan. "É natureza."

"Mas o que é? Mostarda?" Carolann estava numa hipnose. "Narcisos? Não é mostarda?"

"Não."

"Açafrão?"

"Colza. Isto, minha querida, é a cor gloriosa, espetacular, que nasce dessa semente."

"Semente?", murmurou Carolann. Era uma palavra que preferia não dizer em voz alta. Nem fazia jus àquela cor divinal.

"Colza", murmurou Rowan.

"Acha que toda a gente vê estes campos como nós os vemos?"

"Acho que sim." Rowan acenou, sem virar o rosto à paisagem. "Não é preciso sofrer de um problema neurológico para ser inundado por música e emoções quando se vê esta cor."

"Talvez aqui todos sejam sinestésicos. Isto é, se o quiserem ser." Carolann nunca considerara a possibilidade de alguém querer ser sinestésico. Só essa ideia já a fazia sentir-se cintilante.

"Todas as pessoas são sinestésicas." Rowan olhou para Carolann. "De alguma forma, pelo menos. Se estiverem dispostas a dar asas à sua criatividade. Nós temos é sorte, porque já nascemos com asas."

Colza oleaginosa. Carolann estudara essa planta nas suas aulas de nutrição. Óleo de colza, utilizado na margarina ou para cozinhar. Gorduras saudáveis. O seu oximoro favorito. Até há bem pouco tempo, as pessoas não acreditavam em tal coisa. Mas o tempo e a pesquisa podem modificar qualquer crença, desde que a verdade venha ao de cima. "Acho que os italianos costumam saltear a flor de colza com alho."

“E os franceses usam o óleo de colza, como os ingleses e os americanos.”

Carolann anuiu. “Cultiva-se no Kansas também. Mas nunca tinha visto campos tão grandes. Nem tão luminosos. Aliás, conheço quem cultive colza no Kansas.”

“A sua vizinha, já me tinha contado. No laboratório.”

“Pare. Pode parar o carro?”

Rowan olhou pelo retrovisor, pôs o carro em ponto morto e deu sinal de pisca. “Às vezes paro ali, na estrada secundária ao lado da ponte, embora não seja permitido. Mas só nesta altura do ano. No meu aniversário. E só quando temos sorte, eu e Morwenna. Acho que vai gostar da vista.” Rowan parou o carro junto a uma ponte alta, sob a qual passava uma ribeira.

Carolann abriu a porta do carro e saiu para a beira da estrada. “Deve ser do clima, a qualidade desta luz do campo. Nunca vi nada assim.”

“Não posso estar aqui parada.” Rowan olhou para trás, para a autoestrada. “Não podemos ficar muito tempo.”

“A minha mãe achava que a Edith tinha sido violada em Inglaterra e por isso é que tinha fugido com um estrangeiro. A Maryann dizia que tinham sido soldados e que isso a tinha deixado maluquinha.”

“Aquela senhora querida com quem esteve agora no Kansas?”

“O trauma... ela nunca foi instável, nem por isso, mas a minha mãe pensava... que mal-entendido, estes anos todos. Que desperdício.” Carolann respirou fundo. O ar era fresco e limpo.

“Nenhum ser humano é capaz de compreender plenamente os seus pais”, disse Rowan. “Na maioria das vezes, nem nos entendemos a nós mesmos.”

Carolann sorriu. Os campos dourados acalmavam-na, organizavam os seus pensamentos. Faziam-na sentir-se inteira e cheia de energia. Toda ela era confiança e determinação. “É inacreditável.”

“Temos de ir”, disse Rowan.

Colza. Aquele dourado esplêndido era colza. Evidentemente, nem tudo era preto e branco. Ou em tons de cinzento. Às vezes, em circunstâncias muito particulares, mesmo as piores recordações

poderiam tomar a cor incrível do sol. Subitamente, Carolann soube como lidar com a verdade, soube o que fazer com aquele pedaço de papel que espreitava da sua mala.

A verdade, percebeu, tinha muitas faces, ao contrário do que lhe ensinara a sua religião, ao contrário da verdade que lhe havia sido ensinada. Compreendia agora que a verdade não era necessariamente a cura para todos os males, que não era sempre a resposta. A verdade tinha de ser examinada, compreendida, cuidadosamente purificada e destilada, até se chegar não só ao que é verdadeiro, mas ao que é correto. A reconciliação com o passado poderia nem sempre ser útil. Em determinados momentos, essa reconciliação não serviria nem o futuro. Recebeu a enorme vastidão daquela magnífica luz amarela e soube. “Só mais um minuto.”

Rowan voltou a sentar-se no banco do condutor. Carolann pegou no prato embrulhado em papel de jornal. Rasgou o papel e correu até à beira da ponte. Olhou para a ribeira, que corria limpa e azul e verde-garrafa sobre as rochas luzidias de safira e cinza metálico. Havia bolhas brancas e pequenos picos e sulcos na água, luz solar e diamantes. A própria ribeira parecia cantar. Carolann segurou no prato branco e azul sobre a música da água corrente.

Acenou, sem sequer se aperceber, mas confirmando, de alguma forma, as suas intenções, enquanto olhava para o prato azul e branco que tinha na mão. Num instante, deixou-o ir.

Capítulo 62

Carolann rodou a chave na fechadura e entrou em casa. Se tudo corresse como habitualmente, Lyn chegaria dentro de uma hora. Chip já deveria estar em casa. E a meio da caixa de mirtilos, se bem conhecia o seu filho. Pendurou o casaco no bengaleiro e foi até à pequena secretária que havia na entrada. Aquele ato, aquele momento, aquele meio minuto poderia definir toda a sua vida.

Mesmo no escuro, seria capaz de encontrar o papel que procurava. Três jornais, duas pilhas de cupões, um envelope volumoso das finanças e, impecavelmente agrafado, um conjunto de onze páginas intitulado *Renovação de Contrato*. Folheou o contrato até à última página, referente à família. De repente, Carolann era John Hancock, ainda que ele aspirasse à independência face a Inglaterra e Carolann estivesse a subscrever o oposto. Tirou da gaveta um marcador azul vivo e assinou o seu nome no contrato de Lyn.

Foi até à cozinha.

"Então...?", disse ela, sentando-se à mesa ao lado de Chip. "Estás feliz por teres decidido fazer o discurso?"

"Correu bem", respondeu Chip acenando. "No início foi difícil, mas depois..."

Carolann terminou a frase: "Quando recomeçaste, a tua voz estava suave e equilibrada. Nem gaguejaste."

"Sim, foi isso." Chip olhou a mãe.

Ela respirou fundo. "Eu estive lá."

"Estiveste?"

"Eu percebo porque não querias que eu fosse. Falar em público é a coisa mais difícil do mundo, especialmente se o assunto for pessoal. Sinceramente, respeitei a tua opinião, mas... confesso que..."

Chip interrompeu-a com uma gargalhada e abanou a cabeça. "O pai também esteve lá."

"Eu viu-o", assentiu Carolann.

Chip encolheu os ombros. "Suponho que os pais têm o direito de não agir sempre como os filhos querem."

“Frase interessante. E familiar.” Carolann sorriu. “Estou muito orgulhosa de ti, Chip. Eu e o teu pai. E a Rowan.”

“A Rowan também esteve lá?” Chip voltou a abanar a cabeça e comeu outro mirtilo. “Como correram as coisas em Glastonbury?”

“Foi maravilhoso.” Carolann encheu uma mão de mirtilos e comeu um de cada vez. “A Rowan teve uma boa conversa com a sua irmã.”

“E a mãe falou com a Tia Maryann?”

Carolann disse que não com a cabeça. “Estava um bocado distraída, por causa de uma coisa que o Steve Olague me deu esta manhã.” Carolann colocou o relatório em cima da mesa, ao lado da tigela de mirtilos, e esticou-o com as mãos. “É para ti, aliás.”

Era frio o tampo da mesa metálico por baixo do papel. Carolann cheirou o travo doce dos mirtilos. Virou o papel para Chip. Totalmente consciente do seu toque, da sua audição, esperou que o seu filho reconhecesse o relatório.

“Foi um...” Chip afastou o papel. “Foi um projeto escolar. Tipo uma experiência científica. Claro que eu sabia que o pai era... a intenção não era...” Deteve-se novamente, virou o papel e leu-o rápida, mas atentamente. “Ele sabe que fizemos isto?”

Carolann inspirou.

Antes que conseguisse articular uma palavra, Chip falou de novo: “Quer dizer, claro que sou filho dele. Fui concebido na vossa lua de mel. Eu sei isso. Foi amor à primeira vista. Eu sei isso tudo. Eu sabia.”

“Não foste concebido na nossa lua de mel.”

“Meu Deus! Não me digas!”

“Quando eu e o teu pai casámos, eu já estava grávida.”

“Tenho TPC para fazer. Eu... isto é muita informação.” Olhou atentamente para os mirtilos. “A vossa vida pessoal não é nada com...”

“Foste concebido no nosso primeiro encontro, mais ou menos.”

Chip pôs-se de pé e levantou uma mão, como que para a deter. “Tenho trabalho de casa de História.”

“Senta-te.” Uma vez mais, Carolann pressionou o papel com a mão. “Não estavas muito longe da verdade.”

“O Neame deu-nos *montes de* coisas para ler.” Chip levantou a cabeça e olhou para a sua mãe. “Não muito longe como?”

“O teu pai pensava que eu já estava grávida quando me conheceu.”

“Pensava...?” A voz de Chip fraquejou.

“Pensa. Ainda pensa.”

“Ainda pensa o quê...?” Chip fitou Carolann.

Ela assentiu lentamente.

“Ele pensa que é um herói, que te salvou? A pobre miúda grávida do cu de Judas? Ele pensa que eras uma desgraçada, é isso?”

“É complicado”, respondeu ela.

“São boas notícias”, disse Chip. “Não somos uns desgraçados, somos uma família a sério. Podemos pôr no lixo o papel do laboratório.”

“Não é assim tão simples.” Carolann contorceu-se. “Ele... por causa das suas...”

“Mãos”, concluiu Chip. “Estou a perceber.”

“Ele nunca teve a certeza, mas eu agora tenho. Ele vai ficar desolado. Mas tenho de te falar sobre a forma como foste concebido.”

“Ó, mãe, a sério? Podemos parar com... isso é entre vocês. Posso ir para o meu quarto?”

Carolann continuou. “Sempre pensámos que ia chegar o dia em que tivéssemos de te dizer o contrário: que não corrias esse risco a nível genético.”

“Então quem é o meu pai?”, perguntou Chip repentinamente. “Quer dizer, quem era o meu pai?”

“O teu pai é o teu pai”, disse Carolann, abanando a cabeça.

“Então aquelas piadas do pai...” Chip apertou os lábios. “Estiveste com muitos homens?”

“Não”, respondeu. “Foi só uma vez. Foi um erro. Era uma pessoa que conhecia do hospital. E que só tinha lá estado naquele verão. Isto realmente é muita informação, Chip. És um jovem maduro, mas isto é demais. Seja como for, não o conheces. Eu mal o conhecia.” Era uma mentira que se justificava.

“Não estou a julgar-te. Não tenho nada com isso. Eu também não sou perfeito.”

“Sim, és”, riu-se Carolann. “Mas eu pensava que estava grávida. O teu pai apaixonou-se por mim e pelo meu futuro bebé ao mesmo tempo, digamos assim. Mas aconteceu que o bebé afinal era filho dele. Ele tem tanto orgulho em ti.”

“Mas eu não sou perfeito. Mesmo.” Chip respirou fundo.

“Ele encontrou o corpo do pai.” Carolann abanou a cabeça. “Nunca vamos conseguir compreender aquilo por que ele passou. Mas tu... tu, para ele, vais ser sempre o que de mais importante há no mundo, mesmo que ele descubra que as coisas não aconteceram bem como ele imaginava. Eu digo-lhe.” Bateu levemente no papel.

“Porquê?” Chip tirou-lhe o papel da mão e segurou-o com força. “Isso ia destruir o pai.”

“E se o resultado tivesse sido outro? Ficavas *tu* destruído?”

“Talvez. Mais ou menos. Mas o resultado é esse que está aí. Por isso não sei responder a essa pergunta.”

“Mas tiveste dúvidas e procuraste a verdade. E, por isso, eu tenho de lhe dizer a verdade.”

“Eu não tive dúvidas. A Ticia é que teve. Eu nunca quis fazer nada disto. Eu pensava que estava tudo bem. O envelope vem em meu nome, por isso é meu. A decisão é minha. O pai não tem dúvidas. Ele não está à procura da verdade. Vamos mas é queimar isto.” Chip rasgou o papel ao meio e depois em quartos. Carolann observou os seus dedos longos, normais, rasgando o papel.

“Para.” Carolann pousou a mão na mão de Chip. Ele sempre fora muito corajoso. E ingénuo, como ela era. “Um dia, vais ver, a questão pode voltar a surgir.”

“E então? Um dia é daqui a muito tempo”, ripostou Chip. “Posso escorregar na banheira e morrer amanhã. Posso ser estéril ou nem sequer querer ter filhos. Posso fazer uma esterilização e assim não temos de voltar a pensar no assunto. Fazem esterilizações a menores? Com medicamentos ou cirurgia ou lá como é? Deves ter de assinar alguma coisa.”

“Nem pensar”, disse Carolann.

“Se o pai quisesse, eu fazia.”

“Não.”

“Bem, talvez a minha mulher venha com tudo incluído, tipo viúva com dois filhos. Talvez eu nem me queira casar.” Atirou as mãos ao ar e olhou a mãe nos olhos. “Talvez seja gay.”

Carolann pestanejou. “E és gay?”

“Não... não me parece que seja.”

Carolann imaginou-o atrás dos contentores da reciclagem, sentado no muro de pedra. Foi pena o miúdo ter sido apanhado. Aquele tipo de recordações devia ser privado. Ou, pelo menos, não devia ser comunicado à mãe do miúdo por um professor. “Eu fico com isto.” Carolann puxou para si os pedaços de papel e juntou-os como num puzzle. “Eu percebo que queiras proteger o teu pai. E a mim também.”

“E a mim. As coisas estão bem como estão. É só um teste parvo. A Ticia já não está cá e, portanto, não vai falar nisso. Ela nem tem Internet. Ninguém sabe de nada. Não deixes o pai zangado. Não lhe digas.”

“Não te cabe a ti proteger a família, querido. Tens catorze anos. Vais ter de deixar-me ser o pai, o protetor. Confia em mim, mesmo que não concordes comigo. Vou guardar bem isto, num lugar seguro.”

Capítulo 63

“Guardar o quê?” Lyn entrou na cozinha e deixou cair a pasta no chão.

Carolann puxou os pedaços de papel para o colo. “Estás em casa”, disse ela num guincho.

“Não digas o quê ao pai?”, repetiu Lyn, encarando Chip.

“Nada”, respondeu ele rapidamente. “Não foi isso que eu disse. Eu... nada.”

“Não foi bem nada...”, afirmou Carolann. “Aliás, eu acho que foi alguma coisa e bastante importante.”

Lyn virou a sua atenção para Carolann.

“Eu disse que *talvez* ficasses zangado, não disse que tinha a certeza”, disse Chip. “Há quanto tempo estás a...?”

Bisbilhotar era a palavra que Carolann queria usar para completar a frase (totalmente falsa) do seu adorável filho em dificuldades. Mas não se atreveu. “O que o Chip deve querer saber é há quanto tempo estás aí e o que ouviste.” A palavra não pronunciada vibrava na sua mente. *Bisbilhotar*. Deveria ela confrontá-lo?

“Pronto”, gritou Chip subitamente. “Pronto, eu disse que tinha a certeza. Que tinha a certeza de que te ias zangar. E não queria que a mãe fizesse nada. Não é preciso deixar-te zangado por causa de uma estupidez. Por uma coisa que é culpa minha. Não é nada de especial, não era para ser nada de especial.”

“Chip...” Carolann tentou acalmá-lo.

“Tem calma, filho”, acrescentou Lyn.

“Ela foi lá, ok?” Chip fitou o pai. “Eu disse-lhe para ela não ir, porque sabia que ia ficar nervoso com a história de falar em público. Eu queria-te lá, mas não a queria a ela. E ela foi na mesma, com a Rowan, e viu tudo. Deve ter sido por isso que lixei tudo no início, desculpa a linguagem, mas a minha garganta fechou-se como eu sabia que ia acontecer se ela estivesse lá.” Chip arfou antes de continuar. “E ela tinha dito, tinha prometido, a mim e a ti, que não ia. Que não ia estar lá, porque respeitava a minha opinião. Mas foi! Por isso eu disse-lhe que ias ficar lixado quando desobrisses.”

“Bem, espera aí”, começou Lyn. “Pensas que me apanhaste, mas é possível que eu...”

“Estás contente agora?” Parecia que Chip ia chorar. “Estás contente por a mãe ter mentido? A nós dois? E por me ter lixado a cena mais importante que eu tentei fazer num palco?”

“Quando descobriste que ela lá esteve?”, perguntou Lyn.

“Ela acabou de me dizer. Tenho trabalho de casa. Tenho de ir para cima, mas ela disse-me para eu me sentar e então disse-me que tinha estado lá.”

Carolann viu o filho bordar o seu pequeno conto com cada vez mais ornamentos. Poderia vir a ser uma armadilha útil, mas ela tinha de deter Chip.

Lyn pousou a mão no ombro da sua esposa. “Então aquele início conturbado não pode ter sido culpa da tua mãe. Não estou zangado. Para dizer a verdade, acho que não estás a ser justo. Estavas nervoso no início, só isso. E recuperaste lindamente.”

“Não graças a ela.” Chip encarou a mãe.

Carolann queria evitar que Chip fizesse figura de parvo. Mas sabia que ele estava a tentar salvá-la, autossacrificando-se.

“Justo?”, interrogou Chip. “Tu ensinaste-me tudo sobre justiça. Nem sempre há justiça nos sentimentos, lembras-te? É preciso separar as coisas.” Chip olhava agora para o pai, quase desafiando-o a absorver a frase. Preparando-a para a utilizar noutra ocasião. “Bem, tenho TPC para fazer.” Abandonou a cozinha.

Lyn encheu um copo com água da torneira. “Então tu viste.”

“A Rowan e eu fomos lá antes de nos fazermos à estrada.” Carolann comeu o último mirtilo.

“Achas que ele vai ser o próximo sucesso do *rap*?”

Carolann sorriu. “Acho que ele pode ser tudo o que quiser.”

O soalho rangeu por cima das cabeças deles quando Chip se acomodou na cadeira da secretária do seu quarto.

Lyn sorveu a água e engoliu. “Mas disseste que não ias.”

“E tu disseste que não ias”, replicou ela. Os seus dedos agarraram os pedacinhos enrolados do relatório que guardava no punho fechado.

“A ele não”, respondeu Lyn. “Eu disse-lhe a verdade, ao contrário de ti. Ele tem uma certa razão para estar zangado, não tem?”

“Ouve, eu e o Chip estamos bem. Ele percebeu por que motivo fui.”

“Ele não parecia bem. Parecia...”

“Stressado”, completou Carolann. “Ele tem estado sob grande pressão ultimamente. Todos temos. O contrato, a hipótese de regressar ao Kansas. O que tu queres, o que eu quero, a história com a Ticia. Aquela miúda é o primeiro amor dele e, logo depois de se acender uma chama com ela, eles são os dois suspensos e a ela enviam-na para o consultório de uma psiquiatra noutro país. Não admira que ele esteja stressado.”

“É verdade. Só gostava que os nossos pontos de vista sobre o contrato estivessem mais alinhados. Não consigo perceber porque achas que estás sempre em dívida para com a tua irmã e os teus pais. Porque insistes em voltar já. Só esta discórdia já está a destruir o rapaz.”

Carolann abanou a cabeça. Não era assim que lhe queria dizer que gostava de ficar em Inglaterra. Essas notícias deveriam ser celebradas e não utilizadas como uma arma de arremesso.

Lyn continuou. “Fora isso, ele sabe o quanto valorizamos a verdade nesta família. Não é de admirar que tenha ficado destroçado quando pensou que tu lhe tinhas mentido, Carolann.”

“Eu não fazia tenções de ir à escola, mas a Rowan percebeu que eu estava desesperada. Então mudou de direção. E, sim, eu deixei. Foi um alívio. Será que lhe menti sobre isso? Suponho que sim. Mas, Lyn, sobre isto eu não lhe menti. Não o escondi dele.” Bateu com a mão na mesa e quatro rolos de papel transpirado fugiram do seu alcance. “E nunca te menti a ti.”

“O que é isto?” Lyn olhava fixamente para os rolos de papel. “Carolann?”

Ela acenou.

Lyn uniu as peças do puzzle e leu o papel. “Foste tu que pediste isto? Quando?” A sua voz estava trémula.

“Não, Lyn. Vê quem encomendou o teste.”

Lyn olhou para o endereço, pressionando os quatro pedaços de papel contra a mesa. Olhou para eles e voltou a olhar. Respirava pelo nariz, enquanto mantinha os dedos estáticos como pedras

sobre as pontas dos papéis. Todo o seu corpo parecia fervilhar de energia refreada. Não se mexeu. E continuou a olhar.

“Estavam a tirar amostras com aquele projeto para o Dia das Profissões”, disse Carolann.

“No Dia de Ação de Graças?” A voz de Lyn já não vacilava. Era lenta e metálica. Desumana. “Como foste capaz?”

Em pânico, Carolann sentiu-se encurralada, como aquela menina de sete anos que vira a irmã partir a estimada jarra da vizinha. As suas defesas estilhaçaram-se no chão e entrelaçaram-se, afastando-se levemente dela em afiados pedaços azuis e brancos. Queria agarrar cada um deles, metê-los nos seus dedos, nas palmas das suas mãos, mesmo que os cacos a cortassem, fizessem pingar o seu sangue vermelho vivo no chão, nas suas roupas. Queria juntar todas as peças e colá-las e tentar agarrar cada um dos motivos pelos quais nunca dissera nada daquilo a Lyn. Queria ordená-los e traçá-los metodicamente, até que a lógica soletrasse uma verdade aceitável, caco afiado a caco afiado. “Não fui.”

“Pobre rapaz.” Lyn estava com um ar angustiado, mas a sua voz era de raiva. “Aquele disparate que inventou agora mesmo... pobre rapaz.”

“Teu filho”, disse Carolann.

“Não.” Lyn abanou a cabeça e olhou para as suas mãos deformadas por cima dos papéis.

“É teu filho.”

“Eu estava orgulhoso dele”, disse Lyn baixinho. “Orgulhoso do pai que fui para ele.”

“E que és”, disse Carolann. “Ele não mudou.”

“Tudo mudou.” A cabeça de Lyn levantou-se de repente. Os seus olhos, como os de um animal, estavam cheios de raiva, reluziam de amarelo. A raiva substituíra a angústia. “É tudo. E é nada. Este casamento não é nada. Nunca foi nada.”

“Isso é absurdo! Ele é teu filho.”

“Nunca.”

“Não”, disse ela calmamente. “Ouve só, Lyn.”

“Mentiste-me desde o princípio. A história clássica de uma telenovela de campónios: enganaste-me dizendo que estavas

grávida e afinal não estavas."

"Não digas disparates. Ambos pensávamos que eu estava grávida. Não vou dizer-te que isso não me passou pela cabeça mais tarde. Mas até hoje, até ao aparecimento deste papel, eu não sabia. E eu nunca tive, e é esta a verdade, nunca tive problema nenhum com as tuas mãos. Nunca conheci o teu pai, que Deus tenha a sua alma, mas não posso concordar com o que ele fez, com aquilo a que te sujeitou."

Lyn rosnou: "Isto nunca devia ter acontecido."

"Ouve", disse ela novamente.

"Ouve?" A voz dele estava gélida de sarcasmo. "Nem consigo olhar para ti. Tu sabias. Sempre soubeste. Pobre rapaz. O que vai acontecer quando o Chip... quando ele..."

"Lidamos com isso quando e se acontecer", disse Carolann. "Ele percebe."

"Ele percebe o quê exatamente?" As mãos de Lyn largaram os papéis, que novamente saltitaram em rolos. Os seus punhos abriam-se e fechavam-se, abriam-se e fechavam-se.

"Ele percebe que o futuro é incerto." Carolann tentou pousar a mão no seu marido, mas ele afastou-a bruscamente.

"Ótimo", disse Lyn. "O futuro dele é incerto. E o nosso futuro está planeado ao pormenor, já aconteceu, já passou. Volta lá para o Kansas e leva contigo aquele desgraçado defeituoso. Mal acabe o ano letivo. Não vou precisar do consentimento do cônjuge para o contrato. Eu digo-lhes que não tenho cônjuge. Que não tenho filho nem cônjuge. Carolann, nós tínhamos tudo. Parecia que tínhamos tudo. Mas afinal não tínhamos nada. E tu sabias."

"Entretanto, eu assinei o contrato", disse Carolann.

"Não." Lyn pegou na pasta que estava no chão e virou costas.

"Vais embora?" Carolann ganiu. "Vais para onde?"

Lyn fitou-a e enfiou os braços na gabardina. Em silêncio, saiu da cozinha.

"Espera um minuto." Incendiada, Carolann pôs-se de pé. "Eu já suspeitava, mas nunca tive a certeza. Lyn, a vida é imprevisível, incerta. Eu nunca soube quais seriam as consequências da minha decisão de casar contigo. E tu também não. Mas aqui estamos."

Lyn abriu a porta da frente.

Carolann não se deteve. “E o nosso casamento tem sido abençoado. O que é que acabámos de descobrir? Pensávamos que o nosso casamento era uma construção na areia. E agora ficámos a saber que não, que é uma construção sólida.”

“Não é nada”, disse Lyn com firmeza. “É uma construção oca.”

“Se destruíres agora o que construímos durante todos estes anos, porque não era o que pensavas, então és um idiota! Tu é que tens tomado todas as decisões, Lyn. A vasectomia, a vinda para Inglaterra, a cor do bolo de casamento. Eu sempre me curvei perante ti e, mais uma vez, deixo contigo a decisão. Tu é que decides. Analisa bem o que temos, vê se é real, se é sólido, se o teu filho é ou não maravilhoso. Pensa na mulher que tens, na vida que levas... e, se não for exatamente aquilo que sempre quiseste, então tudo bem. Basta que o digas. Basta que penses bem no assunto e, se assim quiseres, eu desapareço. Eu amo-te, de facto, e respeito-te.”

Lyn abanou com a cabeça em sinal de negação.

“Não vou perseguir-te. Nem pressionar-te. Eu espero. Mas não vou andar atrás de ti. Nem vou implorar.”

Lyn saiu, batendo com a porta.

A casa estava agora num silêncio desesperante. Chip provavelmente ouvira a porta bater. Carolann sentou-se nas escadas. Ainda se sentia na sala uma lufada do ar fresco de fim de tarde. Quão envelhecida e quente estaria a sua casa quando voltasse a falar com o marido? Tentou escutar o estalido das passadas de Lyn no cascalho ou o motor do seu carro. Mas raiva era tudo o que ouvia. Viu o contrato de renovação em cima da mesa, o seu nome assinado numa vibração azul, arrojada e orgulhosa, ao fim de onze páginas. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, mas não conseguiu chorar.

Passadas ensurdecedoras percorreram o corredor do piso de cima, até que Chip desceu as escadas, aos pulos. Passou num salto pela sua mãe e abriu de um puxão a porta da frente.

“Volta aqui, parvalhão!”, gritou Chip para o pai. “Deves-me isso. Nada disto é culpa minha, foda-se!”

Num segundo, Lyn estava à porta, com as mãos nas ancas. Carolann estava de pé atrás do filho.

“Quem é que pensas que és?” Chip fervilhava. “Sais daqui e nem te despedes porque tens as mãos todas fodidas e porque o teu pai estava todo fodido e se suicidou?”

Carolann encolheu-se num choque silencioso. *Vai-te foder* eram as únicas palavras que poderiam seguir-se. E a verdade é que não queria deter Chip.

Lyn entrou em casa. “Há uma forma correta de fazer isto. Amanhã ligamos aos advogados.” Tirou o casaco.

“Como podes fazer uma coisa dessas?” Carolann abanou a cabeça. “Não podes desistir do teu filho. A culpa não é dele.”

“Ele não tem a mínima ideia das suas culpas, dos seus defeitos. Não faz ideia do que há dentro dele. Cinquenta/cinquenta, Carolann. Se calhar o que vem a seguir é pior do que aquilo que me calhou a mim. Problemas nos pés também. Sou um sortudo por só ter problemas nas mãos.”

“Abençoado”, disse ela, “não sortudo. E nós fomos abençoados com um filho saudável.” Colocou as mãos nos ombros de Chip e sacudiu-os com força.

“Eu acreditei em vocês. Confia em Deus, diz a verdade... quando é que iam dizer-me que afinal isto era tudo uma grande merda? Só invenções. Estudo da Bíblia, frasco das obscenidades... vocês... caraças.” Cuspiu a última palavra.

Lyn abanou a cabeça. “Não deixamos de ser teus pais. A tua relação com a tua mãe não mudou. Se estás zangado comigo, se as tuas palavras obscenas se dirigem a mim, então que seja.”

“Tretas!”, ridicularizou-o Chip. “Sabes que mais? Que se foda esse papel. Não sou teu filho. Tens a mania da ‘razão contra a emoção’ e daquelas merdas todas da justiça. Até posso pensar como tu, às vezes, mas de certeza que não sinto como tu. Afinal a tua emoção é só uma porra de uma mentira.”

Carolann olhou para Chip e depois disse calmamente ao marido: “Se é mesmo isso que queres, eu volto para o Kansas. Hei de criar o Chip com a esperança de que venhas a aceitá-lo. E a aceitar-me. E a aceitar o facto de que tudo o que pensavas que tinhas não era mesmo uma farsa. Era real. Quando casei contigo, prometi aceitar-te a ti e às tuas decisões em vez das minhas, se assim tivesse de

ser. Jurei-te *obediência* e hei de cumprir a minha palavra, se assim o quiseres."

"Sim, quero." Lyn assentiu, derrotado mas firme.

"Isto é tudo uma treta", repetiu Chip. "Achas que vais arranjar outra mulher que... que beba o teu Jack Daniels sempre mandes?"

Carolann acenou para Chip e articulou com os lábios as palavras *vai lá para cima*. Ele fez-lhe uma careta e Carolann acenou uma vez mais. Deixou que Chip subisse as escadas e, depois, sentou-se nos degraus. "E enganas-te em relação às probabilidades, Lyn. Cinquenta/cinquenta só se aplica aos sete tipos conhecidos de braquidatilia. E a tua não se inclui em nenhuma deles. Ninguém sabe nada ao certo sobre o teu problema. E até essas probabilidades estão desatualizadas. Lyn, estás mais envolvido na comunidade médica do que eu alguma vez estive, por isso, com certeza, já te informaste."

"Não tenho de me informar", disse ele com desdém. "Nunca vai passar de geração em geração." Lyn marchou até à cozinha, deteve-se, caminhou até à sala de jantar e depois em direção a Carolann, que continuava sentada nas escadas. Como num jogo de *pinball*, saltitou de quarto em quarto, tocando campainhas, acendendo luzes, não marcando pontos.

"Hoje em dia pode-se fazer cirurgias", disse Carolann.

"Mas que sabes tu disso?" Lyn parou a meio do seu trilho. "Tu não sabes nada."

"Há dois médicos em LA, um em Denver... já ouviste falar deles. Eu sei que sim. Na Índia fazem coisas incríveis."

"Para. Não vamos à Índia. É demasiado tarde, Carolann, para tudo. É demasiado tarde para o que quer que seja. Foi por isso que fiz a vasectomia. Para acabar com isto de vez. Devia ter deixado que a minha mãe arranjasse um médico para o fazer quando eu era pequeno."

"Já ouviste falar dos médicos que separaram os gémeos siameses aqui em Inglaterra?"

"Para o inferno com os gémeos siameses. É esse o meu problema! É que isto devia acabar comigo."

"Até já podem modificar os genes no útero. Resolver o problema antes de ele surgir."

“Eu resolvi o meu problema! Eu resolvi-o! A minha mãe devia ter-se esforçado mais!”

Lyn sentou-se nas escadas, no mesmo lugar onde Carolann confessara a sua culpa na morte do seu sobrinho bebé. Parecia ter passado uma eternidade. Carolann queria pegar na mão de Lyn, mas não se atreveu.

“O Chip falou em esterilização”, disse Carolann delicadamente.

“Eu tinha deixado que ela o fizesse. Claro que tinha. Só que ela não conseguiu encontrar ninguém que o fizesse”, disse Lyn.

“Não era para ti, era mesmo para ele”, clarificou Carolann. “Mas ele não quer isso. É saudável e sensível, o teu filho. Ia achar doentio o que a tua mãe te dez, a forma como te tratou, se soubesse. Mas disse que se deixava esterilizar se assim o quisesses. Que o fazia por ti. Eu fazia isso por ti. Nós sacrificávamos tudo por ti.”

“Ele disse isso?” Lyn agarrou a sua cabeça e fechou os olhos com força.

“Ele venera-te, como eu. Ele fazia qualquer sacrifício. Acredito que sim. E compreendo, porque eu fazia o mesmo. A nossa família é assim.”

Lyn olhou para ela.

“E vê só o que ele já alcançou.” Carolann apontou para a cozinha, onde estavam os pedaços de papel do relatório. “Sem que nos apercebêssemos sequer. Ele até devia ser capaz de ir à Internet e marcar um voo para a Polónia dentro de 24 horas, para ir a uma clínica fazer a esterilização, se soubesse que era isso que querias. Se ele achasse que assim já o aceitavas.”

“Achas que ele devia fazer isso? Não hoje, mas mais tarde, antes de se casar?”

“Não, acho que não. E, sinceramente, se achasse que o ias encorajar a fazê-lo, metia-me com o nosso filho num avião já amanhã. Para o afastar completamente desse tipo de pensamento.”

Lyn apoiou o rosto nas mãos. “Não consigo fazer isto.”

“Eu disse que ele era capaz de sacrificar tudo por ti. Eu disse que eu era capaz de sacrificar tudo por ti. Mas não o nosso filho. É ele o limite. Não sacrifico o futuro dele. És adulto e és responsável pelas tuas decisões. Mas eu serei sempre a mãe do meu filho, a sua protetora, mesmo que tenha de o proteger de ti. Mas eu sei que o

amas. E que me amas.” Olhou cautelosamente para o seu marido. “Ele é teu filho.”

Lyn levantou a cabeça. “Não consigo imaginar-me a educá-lo. Imaginar o futuro dele. Não foste tu quem encontrou o corpo do meu pai, Carolann. Não testemunhaste o sofrimento dele, a cada dia da sua vida. Não consigo fazer isto.”

“Nem tudo é preto no branco”, disse ela. “Algumas coisas são cem por cento ou cinquenta/cinquenta ou absolutamente perfeitas ou perfeitamente impossíveis. É a vida, Lyn. É mesmo assim.”

Lyn observou Carolann enquanto ela falava. Não se mexeu. Nem lhe tocou.

“Mas digo-te isto: as tuas mãos não me incomodam. Eu amo-te. E sei que amas o nosso filho. És um melhor homem e um melhor pai do que o teu alguma vez foi. Não tens nenhum problema físico que te impeça de viver a tua vida. E, mesmo que o Chip tivesse herdado um problema do género, acredito plenamente que também ele não se deixaria ir abaixo. Nem o seu filho, se ele tiver filhos, o permitirá. Ou talvez ele ou ela o permita. Mas não nos cabe a nós prevenir ou impedir tal coisa. O nosso dever, Lyn, é o mesmo de sempre: amarmo-nos e educar corretamente o nosso filho. E, independentemente das tuas mãos e daquilo que tu pensas acerca da minha moral e da minha honestidade, temos de concordar que temos feito um ótimo trabalho.”

Lyn estava pasmado. “Entretanto assinaste o contrato?” Olhou para os papéis agrafados em cima da mesa. “Queres ficar em Inglaterra? Decidiste que querias que a nossa família ficasse cá?”

“É o que nós os três precisamos.”

Gentilmente, Lyn pousou a mão no joelho de Carolann, inspirou profundamente e expirou. “Entretanto”, repetiu.

“É real.” Carolann envolveu a mão de Lyn com a sua, apertando-a gentilmente. Os músculos e os tendões da mão de Lyn começaram lentamente a descontrair. Virou a palma da mão para cima e agarrou a dela. O momento esvoaçou puro, num rosa pálido. A briza da tarde era límpida e cheirava a pôr-do-sol e a sal. O silêncio era a música. A mão de Lyn alentava a de Carolann. E sabia bem.

“Entretanto.”

Agradecimentos

Para o John, possivelmente o melhor marido da história da literatura. Este romance é ainda dedicado ao Jack e ao Edward, à Jane, ao Ron, ao Tim e à Heather Freund. À Mary Albanese, à Meg Gardiner e à Michelle Bailat-Jones, que acompanharam o crescimento deste livro e que tornaram estes dez anos muito mais divertidos. O mesmo se aplica a Adrienne Dines, Suzanne Davidovac, Tammye Huf, Kelly Gerard, Lauren Christopher, Margaret Fletcher Saine, Sophie LaRouge Knight, Iris Kuerten, Mary Wilhelm, Linda Ward O'Hara, Emma Ward Govender, Julie Borgelt Hardison, Paula Fentener Van Vlissingene e Jackie Hayden Wilson. O Paul e a Gina Bertrand devem ter em atenção que, como prometido, há uma personagem chamada Paul. Um bom rapaz. O Tim e a Stacey Mayer provavelmente também irão simpatizar com ele.

Mary Knapp Parlange, Christine Geiger, Amanda Click e Alannah Wilson tiveram a generosidade de partilhar as suas experiências pessoais de sinestesia. Estou ainda grata ao programa de Escrita Criativa da UCLA, especialmente à incomparável Carolyn See e ao Brian Moore, que me prometeram não prestar qualquer auxílio dentro da "indústria", mas que, mesmo assim, me ajudaram a garantir o meu primeiro agente na Curtis Brown e a empenhar-me numa vida dedicada à escrita. Obrigada ainda ao Pascal e ao Lavaux Literary Salon, ao Grupo de Escritores de Genebra, ao grupo American Women of Surrey Writers, aos maravilhosos e generosos instrutores e participantes do Festival de Escrita de Verão do Iowa, à Necessary Fiction e, evidentemente, à Gobreau Press.

Há trinta anos, o meu professor de Escrita Criativa do ensino secundário, Greg Vogt, disse-me que um dia veria os meus livros nas estantes da biblioteca. Foi preciso algum tempo, mas ele até tinha razão.

Sobre a autora

Nancy Freund é autora de quatro romances a publicar pela Gobreau Press, sendo especialista em “ficção sobre expatriados”. Nasceu em Nova Iorque, cresceu em Kansas City e estudou em Los Angeles. É cidadã dos EUA e do Reino Unido, vivendo atualmente na Suíça francófona.

Colaborou com a plataforma *web* Necessary Fiction em setembro de 2012, tendo as suas obras de menor dimensão sido publicadas no BloodLotus Journal, The Istanbul Review, Offshoots e na revista literária The Woolf, cuja sede é em Zurique. Em 2013, venceu a primeira edição do Prémio de Ficção de Genebra com a obra *Marcus*, selecionada pelo romancista americano Bret Lott.

***As Cores da Verdade* é o seu primeiro romance.**

Contactos:
www.nancyfreund.com
Twitter: @nancyfreund
Facebook: nancyfreundauthor
Pinterest: nancy freund
Goodreads: Nancy Freund

Guia de debate para o Grupo de Leitura

Ex-professora de Língua Inglesa, Nancy Freund acredita firmemente nos benefícios do debate sobre obras literárias, bem como no poder da literatura enquanto elo de ligação numa comunidade. Ninguém lê um romance da mesma forma. As experiências pessoais de cada um levam a que novos temas e ideias emerjam durante o debate, intensificando o entendimento de cada leitor da história em questão. As seguintes perguntas procuram espoletar algumas conversas interessantes sobre o romance *As Cores da Verdade* e as suas personagens. A Gobreau Press receberá com agrado os vossos comentários, que poderão deixar *online*, em Goodreads e noutras redes sociais dedicadas a leitores. Digam-nos então o que vos inspirou a vós e ao vosso grupo de leitura.

1. Carolann descobre vários aspetos em comum com a sua vizinha Rowan e vice-versa. Que aspetos são esses que as atraem mutuamente? Serão os mesmos? Examinando a amizade entre mulheres e irmãs, Rowan e Carolann valorizam as mesmas experiências e atributos ou a amizade delas é aprofundada pelas diferenças? Considera que a amizade masculina funciona da mesma forma?
2. Carolann parece obcecada com as minudências do tempo. De que forma são as questões relacionadas com o tempo e com a ordem crucialmente importantes para ela? E porquê?
3. A patologia neurológica de Carolann, sinestesia, altera as suas memórias e aplica às suas vivências diferentes esquemas de cores. Apesar do invulgar fenómeno cerebral de cruzamento de sentidos, o entendimento que Carolann tem das suas experiências passadas é bastante perspicaz. Considera-a uma narradora fiável ou dá por si a questionar se ela é capaz de alcançar plenamente a verdade? De que forma poderá ela ser indigna de confiança?
4. O título original do romance era *The Color of Rape* (*A Cor da Colza/Violação*), inspirado pela surpreendente imagem visual de um campo inglês de colza, bem como pelo jogo de palavras

que proporciona. Que título considera mais adequado à obra e porquê?

5. Em mais do que uma cena, Chip e Carolann surgem sentados em pedras ou muros de pedra, explorando com os dedos a textura dos mesmos. De que forma são estas cenas cruciais para o desenvolvimento das personagens? De que forma a experiência de Carolann em Glastonbury Tor é comparável à experiência de Chip junto dos contentores de reciclagem?
6. Embora Carolann Cooper seja a protagonista do romance, a personagem do seu filho Chip também segue um arco de história evolucional. De que forma as suas letras de *rap* revelam a sua personalidade? Qual das duas personagens considera vir a alcançar um entendimento mais firme da sua vida e dos seus objetivos?
7. Numa das primeiras letras de Chip, ele coloca a questão: *mas e se o que mais quero é o que já me foi dado*? Qual a importância desta frase para o romance?
8. Alguns neurocientistas defendem que todos os bebés nascem com sinestesia, a qual se vai destrinçando à medida que a criança cresce. Alguns defendem que todas as pessoas vivem com versões subtis de sinestesia. Chip não é verdadeiramente sinestésico, mas experiencia profundamente certos odores e certas cores. Em que outros aspetos se demonstra que Chip herdou os traços dos seus pais?
9. No auditório da escola, Chip sente-se “como se não estivesse vestido para a ocasião. Pior, sentia-se exposto.” De que forma é importante a questão da exposição nas vidas dos três membros da família Cooper? E como se distinguem no que respeita à postura de cada um deles relativamente à sua privacidade?
10. Carolann sente-se isolada e diferente por sofrer de sinestesia. Que mais a separa da sua irmã gémea, contribuindo para a sua solidão?
11. De que modo a ida de Carolann para o estrangeiro lhe permite olhar para a sua posição na comunidade de origem com mais clareza?
12. Stewart Neame manifesta a sua preocupação sobre a possibilidade de Chip se redefinir de uma forma perigosa, o que

designa como *espiral dos expatriados*. Terá Neame motivos para preocupações?

13. A personagem de Chip é um retrato real de um rapaz de catorze anos ou é uma caricatura? Ticia é mais ou menos real? Como é que a autora lida com os diferentes discursos destas personagens adolescentes e com as suas opiniões sobre os mesmos?
14. “Carolann não gostava da trama [...] Mas fazia os possíveis por mantê-la como verdadeira.” De que forma é que esta frase define o entendimento de Carolann relativamente ao seu casamento e à sua família? De que forma a ajuda, ou não, a tomar decisões informadas no decurso do romance?

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!